



This is a digital copy of a book that was preserved for generations on library shelves before it was carefully scanned by Google as part of a project to make the world's books discoverable online.

It has survived long enough for the copyright to expire and the book to enter the public domain. A public domain book is one that was never subject to copyright or whose legal copyright term has expired. Whether a book is in the public domain may vary country to country. Public domain books are our gateways to the past, representing a wealth of history, culture and knowledge that's often difficult to discover.

Marks, notations and other marginalia present in the original volume will appear in this file - a reminder of this book's long journey from the publisher to a library and finally to you.

### **Usage guidelines**

Google is proud to partner with libraries to digitize public domain materials and make them widely accessible. Public domain books belong to the public and we are merely their custodians. Nevertheless, this work is expensive, so in order to keep providing this resource, we have taken steps to prevent abuse by commercial parties, including placing technical restrictions on automated querying.

We also ask that you:

- + *Make non-commercial use of the files* We designed Google Book Search for use by individuals, and we request that you use these files for personal, non-commercial purposes.
- + *Refrain from automated querying* Do not send automated queries of any sort to Google's system: If you are conducting research on machine translation, optical character recognition or other areas where access to a large amount of text is helpful, please contact us. We encourage the use of public domain materials for these purposes and may be able to help.
- + *Maintain attribution* The Google "watermark" you see on each file is essential for informing people about this project and helping them find additional materials through Google Book Search. Please do not remove it.
- + *Keep it legal* Whatever your use, remember that you are responsible for ensuring that what you are doing is legal. Do not assume that just because we believe a book is in the public domain for users in the United States, that the work is also in the public domain for users in other countries. Whether a book is still in copyright varies from country to country, and we can't offer guidance on whether any specific use of any specific book is allowed. Please do not assume that a book's appearance in Google Book Search means it can be used in any manner anywhere in the world. Copyright infringement liability can be quite severe.

### **About Google Book Search**

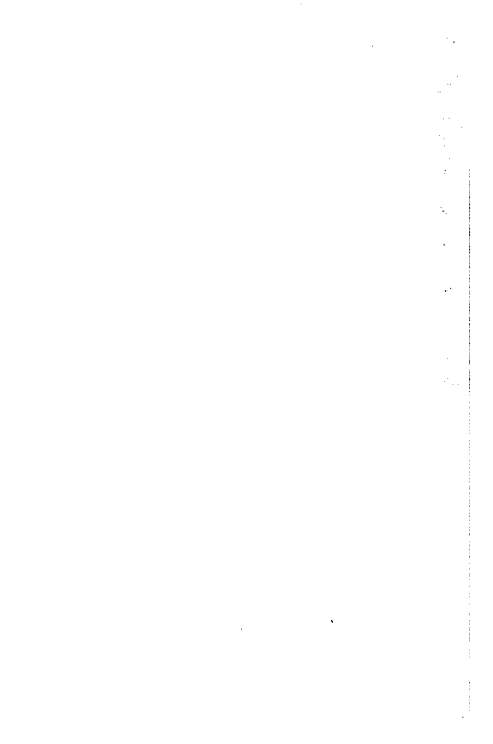
Google's mission is to organize the world's information and to make it universally accessible and useful. Google Book Search helps readers discover the world's books while helping authors and publishers reach new audiences. You can search through the full text of this book on the web at <http://books.google.com/>

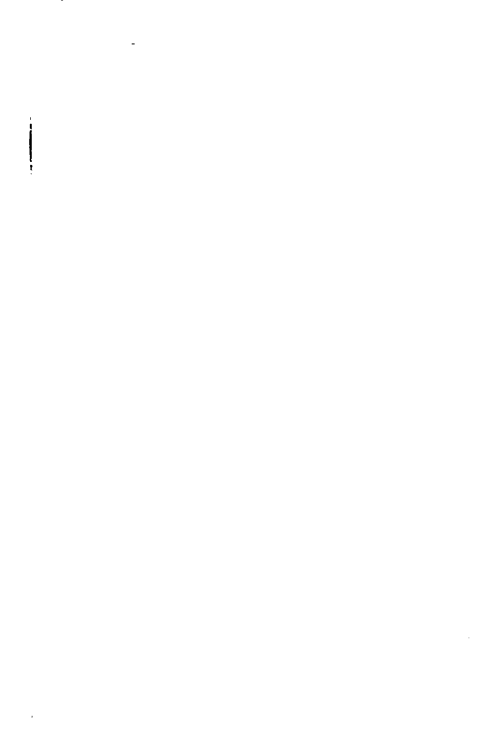


3 3433 08159962 7



NOK  
CAMOENS





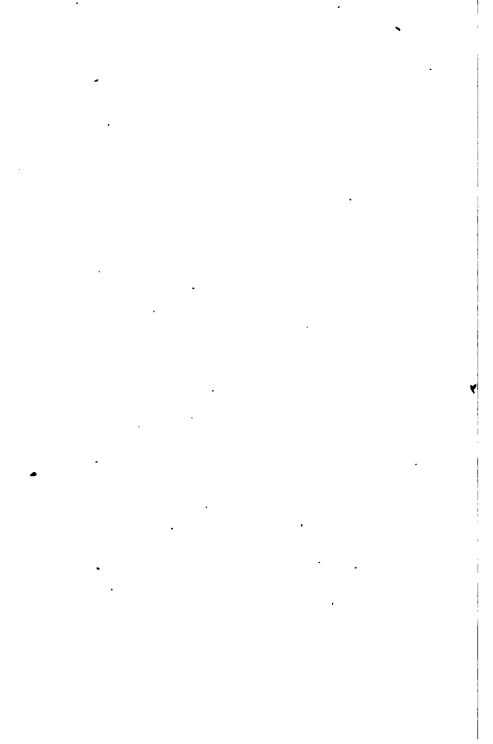


\_\_\_\_\_

XQK

~~\_\_\_\_\_~~





OS

# LUSIADAS.

Poema Epico

DE LUIS DE CAMOES.

NOVA EDIÇÃO CORRECTA, E DADA Á LUZ.

conforme a de 1817, in 4º

por

DOM JOZE MARIA DE SOUZA BOTELHO,

*Movendo de Matheus, Socio da Academia Real das Sciencias de Lisboa.*



*W. T. Py Junr.*

PARIS :

J. P. Aillaud, Quai Voltaire, N.º 21.

1823.

NOV 1950  
1950  
NOV 1950

---

# Os Lusíadas.

---

## CANTO PRIMEIRO.

### I.

As armas, e os Barões assinalados,  
Que da occidental praia Lusitana,  
Por mares nunca de antes navegados,  
Passaram ainda além da Taprobana;  
Em perigos, e guerras esforçados,  
Mais do que prometia a força humana.  
Entre gente remota edificaram  
Novo reino, que tanto sublimaram:

### II.

E também as memorias gloriosas  
Daquelles Reis, que foram dilatando  
A Fé, o imperio; e as terras viciosas  
De Africa, e de Asia, andaram devastando:  
E aquelles que por obras valerosas  
Se vão da lei da morte libertando;  
Cantando espalharei por toda parte,  
Se a tanto me ajudar o engenho, e arte.

## III.

Cessem de sabio Grego, e do Troiano,  
 Às navegações grandes que fizeram;  
 Calle-se de Alexandro, e de Trajano,  
 A fama das victorias que tiveram:  
 Que eu canto o peito illustre Lusitano,  
 A quem Neptuno, e Marte obedeceram:  
 Cesse tudo o que a Musa antiga canta,  
 Que outro valor mais alto se alevanta

## IV.

E vós, Tagides minhas, pois creado  
 Tendes em mi hum novo engenho ardente;  
 Se sempre em verso humilde celebrado  
 Foi de mi vosso rio alegremente;  
 Dai-me agora hum som alto, e sublimado;  
 Hum estylo grandiloquo, e corrente;  
 Porque de vossas aguas Phebo ordene  
 Que não tenham inveja ás de Hippocrene.

## V.

Dai-me huma furia grande, e sonora,  
 E não de agreste avena, ou frauta ruda;  
 Mas de tuba canora, e bellicosa,  
 Que o peito accende, e a cor ao gesto muda:  
 Dai-me igual canto aos feitos da famosa  
 Gente vossa, que a Marte tanto ajuda;  
 Que se espalhe, et se cante no universo;  
 Se tão sublime preço cabe em verso.

## VI.

E vós, ó bem nascida segurança  
Da Lusitana antigua liberdade,  
E não menos certissima esperança  
De augmento da pequena Christandade:  
Vós, ó novo temor da Maura lança,  
Maravilha fatal da nossa idade;  
Dada ao mundo por Deos, que todo o mande,  
Para do mundo a Deos dar parte grande:

## VII.

Vós, tenro e novo ramo florecente  
De huma arvore de Christo mais amada  
Que nenhuma nascida no Occidente,  
Cesarea, ou Christianissima chamada:  
Vede-o no vosso escudo, que presente  
Vos amostra a victoria já passada;  
Na qual vos deo por armas, e deixou  
As que elle para si na Cruz tomou:

## VIII.

Vós, poderoso Rei, cujo alto imperio  
O sol logo em nascendo vê primeiro;  
Ve-o tambem no meio do hemispherio;  
E quando desce o deixa derradeiro:  
Vós, que esperamos jugo, e vituperio  
Do torpe Ismaelita cavalleiro,  
Do Turco oriental, e do Gentio  
Que inda bebe o licor do sancto rio.

## IX.

Inclinai por hum pouco a magestade  
Que nesse tenro gesto vos contemplo ;  
Que já se mostra qual na inteira idade ,  
Quando subindo ireis ao eterno templo .  
Os olhos da Real benignidade  
Ponde no chaõ : vereis hum novo exemplo  
De amor dos patrios feitos valerosos ,  
En versos divulgado numerosos .

## X.

Vereis amor da patria , não movido  
De premio vil ; mas alto , e quasi eterno :  
Que não he premio vil ser conhecido  
Por hum pregão do ninho meu paterno .  
Ouvi ; vereis o nome engrandecido  
Daquelles de quem sois senhor superno :  
E julgareis qual he mais excellente ,  
Se ser do mundo Rei , se de tal gente .

## XI.

Ouvi ; que não vereis com vãs façanhas ,  
Phantasticas , fingidas , mentirosas ,  
Louvar os vossos , como nas estranhas  
Musas , de engrandecer-se desejosas :  
As verdadeiras vossas são tamanhas ,  
Que excedem as sonhadas , fabulosas ;  
Que excedem Rodamonte , e o vão Rugciro ,  
E Orlando , indaque fora verdadeiro .

## XII.

Por estes vos darei hum Nuno fero,  
Que fez ao Rei, e ao reino tal serviço;  
Hum Egas, e hum Dom Fuas, que de Homero  
A cithara para elles só cobiço.  
Pois pelos doze Pares dar-vos quero  
Os doze de Inglaterra, e o seu Magriço:  
Dou-vos tambem aquelle illustre Gansa,  
Que para si de Eneas toma a fama.

## XIII.

Pois se a troco de Carlos Rei de França.  
Ou de Cesar quereis igual memoria,  
Vede o primeiro Afonso, cuja lança  
Escura faz qualquer estranha gloria:  
E aquelle, que a seu reino a segurança  
Deixou co'a grande, e prospera victoria:  
Outro Joanne invicto cavalleiro;  
O quarto e quinto Afonsos, e o terceiro.

## XIV.

Nem deixarão meus versos esquecidos  
Aquelles que nos reinos lá da Aurora  
Se fizeram por armas tão subidos,  
Vossa bandeira sempre vencedora:  
Hum Pacheco fortissimo; e os temidos  
Almeidas, por quem sempre o Tejo chora;  
Albuquerque terribil, Castro forte;  
E outros em quem poder não teve a morte.



## XV.

E em quanto eu estes canto, e a vós não posso,  
Sublime Rei, que não me atrevo a tanto,  
Tomai as redeas vós do reino vosso,  
Dareis materia a nunca ouvido canto.  
Comecem a sentir o pezo grosso  
( Que pelo mundo todo faça espanto )  
De exercítos, e feitos singulares,  
De Africa as terras, e do Oriente os mares.

## XVI.

Em vós os olhos tem o Mourro frio,  
Em quem vê seu exicio affigurado:  
Só com vos ver o barbaro Gentio  
Mostra o pescoço ao jugo já inclinado:  
Tethys todo o ceruleo senhorio  
Tem para vós por dote aparelhado;  
Que affeiçoada ao gesto bello, e tenro,  
Deseja de comprar-vos para genro.

## XVII.

Em vós se vem da Olympica morada,  
Dos dous Avós as almas cá famosas;  
Huma na paz angelica dourada,  
Outra pelas batalhas sanguinosas:  
Em vós esperam ver-se renovada  
Sua memoria, e obras valerosas:  
E lá vos tem lugar no fim da idade,  
No templo da suprema eternidade.

## CANTO I.

9

### XVIII.

Mas em quanto este tempo passa lento  
De regeídes os povos, que o desejam,  
Dai vós favor ao novo atrevimento,  
Para que estes meus versos vossos sejam :  
E vereis ir cortando o salso argento  
Os vossos Argonautas ; porque vejam  
Que são vistos de vós no mar irado :  
E costumai-vos já a ser invocado.

### XIX.

Já no largo Oceano navegavam,  
As inquietas ondas apartando ;  
Os ventos brandamente respiravam,  
Das naos as velas concavas inchando :  
Da branca escuma os mares se mostravam  
Cobertos, onde as proas vão cortando  
As maritimas aguas consagradas,  
Que do gado de Proteo são cortadas.

### XX.

Quando os deoses no Olympo luminoso,  
Onde o governo está da humana gente,  
Se ajuntam em concilio glorioso,  
Sobre as cousas futuras do Oriente :  
Fizando o crystallino ceo formoso,  
Vem pela via Lactea juntamente,  
Convocados da parte de Tonante,  
Pelo neto gentil do velho Atlante.

## XXVII.

Agora vedes bem, que commettendo  
O duvidoso mar n'hum lenho leve,  
Por vias nunca usadas, não temendo  
De Africo, e Noto a força, a mais se atreve:  
Que havendo tanto já que as partes vendo,  
Onde o dia he comprido, e onde breve,  
Inclinam seu proposito, e porfia,  
A ver os berços onde nasce o dia.

## XXVIII.

Promettido lhe está do Fado eterno,  
Cuja alta lei não pode ser quebrada,  
Que tenham longos tempos o governo  
Do mar, que vê do Sol a roxa entrada.  
Nas aguas tem passado o duro inverno;  
A gente vem perdida, e trabalhada;  
Já parece bem feito, que lhe seja  
Mostrada a nova terra que deseja.

## XXIX.

E porque, como vistes, tem passados  
Na viagem tão asperos perigos,  
Tantos climas, e ceos exprimentados,  
Tanto furor de ventos inimigos;  
Que sejam, determino, agasalhados  
Nesta costa Africana, como amigos;  
E tendo guarnecida a lassa frota,  
Começarão a seguir sua longa rota.

## XXX.

Estas palavras Jupiter dizia ;  
Quando os deoses por ordem respondendo ,  
Na sentença hum do outro differia ,  
Razões diversas dando , e recebendo.  
O padre Baccho alli não consentia  
No que Jupiter disse , conhecendo  
Que esquecerão seus feitos no Oriente ,  
Se lá passar a Lusitana gente.

## XXXI.

Ouvido tinha aos fados , que viria  
Huma gente fortissima de Hespanha  
Pelo mar alto , a qual sujeitaria  
Da India tudo quanto Doris banha :  
E com novas victorias venceria  
A fama antigua , ou sua , ou fosse estranha.  
Altamente lhe doe perder a gloria  
De que Nysa celebra inda a memoria.

## XXXII.

Vê que já teve o Indo subjogado ,  
E nunca lhe tirou fortuna , ou caso ,  
Por vencedor da India ser cantado ,  
De quantos bebem a agua de Parnaso :  
Teme agora que seja sepultado  
Seu tão celebre nome em negro vaso  
Da agua do esquecimento , se lá chegam  
Os fortes Portuguezes que navegam.

## XXXIII.

Sustentava contra elle Venus bella,  
Afeiçoada á gente Lusitana,  
Por quantas qualidades via nella  
Da antigua tão amada sua Romana :  
Nos fortes corações, na grande estrella,  
Que mostraram na terra Tingitana ;  
E na lingua, na qual quando imagina,  
Com pouca corrupção cré que he a Latina.

## XXXIV.

Estas causas moviam Cytherea ;  
E mais, porque das Parcas claro entende  
Que ha de ser celebrada a clara dea,  
Onde a gente belligera se estende.  
Assi que, bum pela infamia que arrecea,  
E o outro pelas honras que pretende,  
Debatem, e na porfia permanecem ;  
A qualquer seus amigos favorecem.

## XXXV.

Qual Austro fero, ou Boreas na espessura,  
De sylvestre arvoredo abastecida,  
Rompendo os ramos vão da mata escura,  
Com impeto, e braveza desmedida ;  
Brama toda a montanha, o som murmura,  
Rompem-se as folhas, ferve a serra erguida :  
Tal andava o tumulto levantado,  
Entre os deoses no Olympo consagrado.

## XXXVI.

Mas Marte, que da deosa sustentava  
Entre todos as partes em porfia ;  
Ou porque o amor antigo o obrigava,  
Ou porque a gente forte o merecia ;  
De entre os deoses em pé se levantava :  
Merencorio no gesto parecia ;  
O forte escudo ao collo pendurado  
Deitando para traz, medonho, e irado.

## XXXVII.

A viseira do elmo de diamante  
Alevantando bum pouco, mui seguro,  
Por dar seu parecer se poz diante  
De Jupiter, armado, forte, e duro :  
E dando huma pancada penetrante,  
Co' o conto do bastão, no solio puro :  
O ceo tremeo ; e Apollo de torvado,  
Hum pouco a luz perdeo, como enfiado.

## XXXVIII.

E disse assi : Ó Padre, a cujo imperio  
Tudo aquillo obedece, que creaste ;  
Se esta gente, que busca outro hemispherio,  
Cuja valia, e obras tanto amaste,  
Não queres que padeçam vituperio,  
Como ha já tanto tempo que ordenaste ;  
Não ouças mais, pois es juiz direito,  
Razões de quem parece que he suspeito.

## XXXIX.

Que se aqui a razão se não mostrasse  
 Vencida do temor demasiado,  
 Bem fora que aqui Baccho os sustentasse,  
 Pois que de Luso vem, seu tão privado :  
 Mas esta tenção sua agora passe,  
 Porque em fim vem de estomago damnado ;  
 Que nunca tirará alheia inveja  
 O bem que os vem merece, e o Ceo deseja.

## XL.

E tu, Padre de grande fortaleza,  
 Da determinação que tens tomada,  
 Não tornes por detraz ; pois he fraqueza  
 Desistir-se da cousa começada.  
 Mercurio, pois excede em ligeireza  
 Ao vento leve, e á setta bem talhada,  
 Lhe vá mostrar a terra, onde se informe  
 Da India, e onde a gente se reforme.

## XLI.

Como isto disse, o Padre poderoso,  
 A cabeça inclinando, consentio  
 No que disse Mavorte valeroso ;  
 E nectar sobre todos esparzio.  
 Pelo caminho Lacteo glorioso  
 Logo cada hum dos deoses se partio,  
 Fazendo seus reaes acatamentos,  
 Para os determinados aposentos.

## XLII.

Em quanto isto se passa na formosa  
 Casa etherea do Olympo omnipotente,  
 Cortava o mar a gente bellicosa,  
 Já lá da banda do Austro, e do Oriente;  
 Entre a costa Ethiopica, e a famosa  
 Ilha de São-Lourenço; e o Sol ardente  
 Queimava então os deoses, que Tÿptheo  
 Co' o temor grande em peixes converteo.

## XLIII.

Tão brandamente os ventos os levavam,  
 Como quem o Ceo tinha por amigo:  
 Sereno o ar, e os tempos se mostravam  
 Sem nuvens, sem receio de perigo:  
 O promontorio Prasso já passavam,  
 Na costa de Ethiopia, nome antigo;  
 Quando o mar descobrindo lhe mostrava  
 Novas ilhas, que em torno cerca, e lava

## XLIV.

Vasco da Gama, o forte capitão,  
 Que a tamanhas emprezas se offerece;  
 De soberbo, e de altivo coração,  
 A quem fortuna sempre favorece,  
 Para se aqui deter não vê razão,  
 Que inhabitada a terra lhe parece:  
 Por diante passar determinava;  
 Mas não lhe succedeo como cuidava.



## XLV.

Eis apparecem logo em companhia  
Huns pequenos bateis, que vem daquella  
Que mais chegada á terra parecia,  
Cortando o longo mar com larga vela :  
A gente se alvoroça; e de alegria  
Não sabe mais que olhar a causa della.  
Que gente será esta, em si diziam,  
Que costumes, que lei, que rei teriam ?

## XLVI.

As embarcações eram, na maneira  
Mui veloces, estreitas, e compridas;  
As velas com que vem eram de esteira,  
D'humas folhas de palma bem tecidas :  
A gente da cor era verdadeira,  
Que Phaeton, nas terras accendidas,  
Ao mundo deo, de ousado, e não prudente :  
O Pado o sabe, e Lampetusa o sente.

## XLVII.

De pannos de algodão vinham vestidos,  
De varias cores, brancos, e listrados;  
Huns trazem derredor de si cingidos,  
Outros em modo airoso sobraçados :  
Da cinta para cima vem despidos;  
Por armas tem adagas, e terçados;  
Com toucas na cabeça; e navegando,  
Anafis sonorosos vão tocando.

## XLVIII.

Co'os pannos, e co'os braços acenavam  
Às gentes Lusitanas, que esperassem :  
Mas já as proas ligeiras se inclinavam  
Para que junto ás ilhas amainassem :  
A gente, e marinheiros trabalhavam,  
Como se aqui os trabalhos s'acabassem :  
Tomam velas; amaina-se a verga alta;  
Da ancora o mar ferido em cima salta.

## XLIX.

Não eram ancorados, quando a gente  
Estranha pelas cordas já subia;  
No gesto ledos vem, e humanamente  
O Capitão sublime os recebia.  
As mesas manda pôr em continente :  
Do licor que Lyeo prantado havia,  
Enchem vasos de vidro; e do que deitam,  
Os de Phaeton queimados nada engeitam.

## L.

Comendo alegremente perguntavam,  
Pela Arabica lingua, donde vinham;  
Quem eram; de que terra; que buscavam;  
Ou que partes do mar corrido tinham.  
Os fortes Lusitanos lhe tornavam  
As discretas respostas que convinham :  
Os Portuguezes somos do Occidente;  
Imos buscando as terras do Oriente.

## LI.

Do mar temos corrido, e navegado  
Toda a parte do Antartico, e Callisto;  
Toda a costa Africana rodeado;  
Diversos ceos, e terras temos visto:  
D'hum Rei potente somos, tão amado,  
Tão querido de todos, e bemquisto,  
Que não no largo mar, com leda fronte,  
Mas no lago entraremos de Acheronte.

## LII.

E por mandado seu, buscando andamos  
A terra Oriental, que o Indo rega:  
Por elle, o mar remoto navegamos,  
Que só dos feos phocas se navega.  
Mas já razão parece que saibamos,  
Se entre vós a verdade não se nega,  
Quem sois; que terra he esta que habitais;  
Ou se tendes da India alguns sinais.

## LIII.

Somos, hum dos das ilhas lhe tornou,  
Estrangeiros na terra, lei, e nação;  
Que os próprios, são aquelles que criou  
A natura sem lei, e sem razão.  
Nós temos a lei certa que ensinou  
O claro descendente de Abrahão;  
Que agora tem do mundo o senhorio;  
A mãe Hebreia teve, e o pai Gentio.

## LIV.

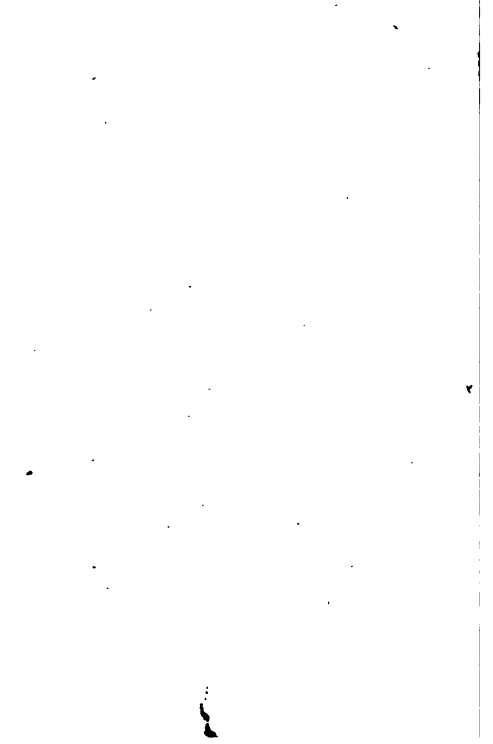
Esta ilha pequena, que habitamos,  
He em toda esta terra certa escala  
De todos os que as ondas navegamos,  
De Quiloa, de Mombaça, e de Sofala :  
E por ser necessaria, procuramos,  
Como proprios da terra, de habita-la :  
E porque tudo em fim vos notifique,  
Chama-se a pequena ilha Moçambique.

## LV.

E já que de tão longe navegais,  
Buscando o Indo Hydaspe, e terra ardente,  
Piloto aqui tereis, por quem sejais  
Guiados pelas ondas sabiamente :  
Tambem será bem feito que tenhais  
Da terra algum refresco; e que o Regente  
Que esta terra governa, que vos veja,  
E do mais necessario vos proveja.

## LVI.

Isto dizendo, o Mouro se tornou  
A seus bateis com toda a companhia :  
Do Capitão, e gente se apartou,  
Com mostras de devida cortezia.  
Nisto Phebo nas aguas encerrou,  
Co'o carro de crystal, o claro dia;  
Dando cargo á irmãa que allumiasse  
O largo mundo, em quanto repousasse.



OS

# LUSIADAS.

Poema Epico

DE LUIS DE CAMOES.

NOVA EDIÇÃO CORRECTA, E DADA Á LUZ.

conforme a de 1817, in 4º

POR

DOM JOZE MARIA DE SOUZA BOTELHO,

Mercado de Mattous, Socio da Academia Real das Sciencias de Lisboa.



PARIS:

J. P. Aillaud, Quai Voltaire, N.º 21.

1823.

## LXIII.

E mais lhe diz tambem , que ver deseja  
 Os livros de sua lei , preceito , ou fé ,  
 Para ver se conforme á sua seja ,  
 Ou se são dos de Christo , como cré .  
 E porque tudo note , e tudo veja ,  
 Ao Capitão pedia que lhe dé  
 Mostra das fortes armas de que usavam ,  
 Quando co'os inimigos pelejavam .

## LXIV.

Respondeo o valeroso Capitão ,  
 Por hum que a lingua escura bein sabia :  
 Dar-te-hei , senhor illustre , relação  
 De mi , da lei , das armas que trazia .  
 Nem sou da terra , nem da geração  
 Das gentes enojosas de Turquia ;  
 Mas sou da forte Europa bellicosa ;  
 Busco as terras da India tão famosa .

## LXV.

A Lei tenho daquelle , a cujo imperio  
 Obedece o visibil , e invisibil ;  
 Aquelle que creou todo o hemispherio ,  
 Tudo o que sente , e todo o insensibil :  
 Que padeceo deshonra , e vituperio ,  
 Soffrendo morte injusta , e insoffribil ;  
 E que do ceo á terra em fim desceo ,  
 Por subir os mortaes da terra ao ceo .

## LXVI.

Deste D'ros-Homem, alto, e infinito,  
 Os livros que tu pedes não trazia;  
 Que bem possó escusar trazer escrito  
 Em papel, o que na alma andar devia.  
 Se as armas queres ver, como tens dito,  
 Cumprido esse desejo te seria:  
 Como amigo as verás; porque eu me obrigo,  
 Que nunca as queiras ver como inimigo.

## LXVII.

Isto dizendo, manda os diligentes  
 Ministros amostrar as armaduras:  
 Vem arnezes, e peitos reluzentes,  
 Malhas finas, e laminas seguras,  
 Escudos de pinturas differentes,  
 Pelouros, espingardas de aço puras,  
 Arcos, e sagittiferas aljavas,  
 Partazanas agudas, chuças bravas:

## LXVIII.

As bombas vem de fogo, e juntamente  
 As panellas sulphureas, tão damnosas:  
 Forem aos de Vulcano não consente  
 Que dem fogo ás bombardas temerosas:  
 Porque o generoso animo, e valente,  
 Entre gentes tão poucas, e medrosas,  
 Não mostra quanto pode: e com razão;  
 Que he fraqueza entre ovelhas ser leão.



## LXIX.

Porem disto que o Mouro aqui notou,  
E de tudo o que vio, com olho attento,  
Hum odio certo na alma lhe ficou,  
Huma vontade má de pensamento:  
Nas mostras, e no gesto o não mostrou;  
Mas com risonho, e ledo fingimento,  
Trata-los brandamente determina,  
Até que mostrar possa o que imagina.

## LXX.

Pilotos lhe pedia o Capitão,  
Por, quem podesse á India ser levado;  
Diz-lhe, que o largo premio levarão,  
Do trabalho que nisso for tomado.  
Promette-lhos o Mouro, com tenção  
De peito venenoso, e tão damnado,  
Que a morte, se podesse, neste dia,  
Em lugar de pilotos lhe daria.

## LXXI.

Tamanho o odio foi, e a má vontade,  
Que aos estrangeiros subito tomou,  
Sabendo ser sequaces da verdade,  
Que o filho de David nos ensinou.  
Oh segredos daquella eternidade,  
A quem juizo algum não alcançou!  
Que nunca falte hum perfido inimigo  
Áquelles de quem foste tanto amigo!

## LXXII.

Partio-se nisto em fim co'a companhia,  
Das naos o falso Mouro despedido,  
Com enganosa, e grande cortezia,  
Com gesto ledo a todos, e fingido.  
Cortaram os bateis a curta via  
Das aguas de Neptuno; e recebido  
Na terra do obsequente ajuntamento,  
Se foi o Mouro ao cognito aposento.

## LXXIII.

Do claro assento ethereo, o grão Thebano,  
Que da paternal coxa foi nascido,  
Olhando o ajuntamento Lusitano  
Ao Mouro ser molesto, e aborrecido,  
No pensamento cuida hum falso engano,  
Com que seja de todo destruido:  
E em quanto isto só na alma imaginava,  
Comsigo estas palavras praticava.

## LXXIV.

Está do fado já determinado,  
Que tamanhas victorias, tão famosas,  
Hajam os Portuguezes alcançado  
Das Indianas gentes bellicosas:  
E eu só, filho do Padre sublimado,  
Com tantas qualidades generosas,  
Hei de soffrer que o fado favoreça  
Outrem, por quem meu nome se escureça?

## LXXV.

Já quizeram os deoses que tivesse  
O filho de Philippo nesta parte  
Tanto poder, que tudo submettesse  
Debaixo de seu jugo o fero Marte.  
Mas ha-se de soffrer que o fado desse  
A tão poucos tamanho esforço, e arte,  
Que eu co'o grão Macedonio, e co'o Romano,  
Demos lugar ao nome Lusitano?

## LXXVI.

Não será assi; porque antes que chegado  
Seja este Capitão, astutamente  
Lhe será tanto engano fabricado,  
Que nunca veja as partes do Oriente.  
Eu descerei á terra; e o indignado  
Peito revolverei da Maura gente;  
Porque sempre por via irá direita,  
Quem do opportuno tempo se aproveita.

## LXXVII.

Isto dizendo irado, e quasi insano,  
Sobre a terra Africana descendeo,  
Onde vestindo a forma, e gesto humano,  
Para o Prasso sabido se moveo :  
E por melhor tecer o astuto engano,  
No gesto natural se converteo  
D'hum Mouro em Moçambique conhecido,  
Velho, sabio, e co'o Xequé mui valido.

## LXXVIII.

E entrando assi a fallar-lhe a tempo, e horas  
Á sua falsidade accommodadas,  
Lhe diz, como eram gentes roubadoras,  
Estas que ora de novo são chegadas:  
Que das nações na costa moradoras,  
Correndo a fama veio, que roubadas  
Foram por estes homens que passavam,  
Que com pactos de paz sempre ancoravam.

## LXXIX.

E sabe mais, lhe diz, como entendido  
Tenho destes Christãos sanguinolentos,  
Que quasi todo o mar tem destruído  
Com roubos, com incendios violentos:  
E trazem já de longe engano ordido  
Contra nós; e que todos seus intentos  
São para nos matarem, e roubarem,  
E mulheres, e filhos captivarem.

## LXXX.

E tambem sei que tem determinado  
De vir por agua a terra, muito cedo,  
O Capitão dos seus acompanhado;  
Que da tenção damnada nasce o medo.  
Tu deves de ir tambem co'os teus armado,  
Espera-lo em cilada, occulto e quedo;  
Porque sabindo a gente descuidada,  
Cahirão facilmente na cilada.

## LXXXI.

E se inda não ficarem deste geito  
Destruídos, ou mortos totalmente,  
Eu tenho imaginada no conceito  
Outra manha, e ardil, que te contente :  
Manda-lhe dar piloto, que de geito  
Seja astuto no engano, e tão prudente,  
Que os leve aonde sejam destruídos,  
Desbaratados, mortos, ou perdidos.

## LXXXII.

Tanto que estas palavras acabou,  
O Mouro nos taes casos sabio, e velho,  
Os braços pelo collo lhe lançou,  
Agradecendo muito o tal conselho :  
E logo nesse instante concertou  
Para a guerra o belligero apparelho ;  
Para que ao Portuguez se lhe tornasse  
Em roxo sangue a agua que buscasse.

## LXXXIII.

E busca mais, para o cuidado engano,  
Mouro que por piloto á nao lhe maude,  
Sagaz, astuto, e sabio em todo dano,  
De quem fiar-se possa hum feito grande :  
Diz-lhe que acompanhando o Lusitano,  
Por taes costas, e mares co'elle ande,  
Que se daqui escapar, que lá diante  
Vá cahir onde nunca se alevante.

## LXXXIV.

Já o raio Apollineo visitava  
Os montes Nabatheos accendido,  
Quando Gama co'os seus determinava  
De vir por agua a terra apercebido :  
A gente nos bateis se concertava,  
Como se fosse o engano já sabido :  
Mas pode suspeitar-se facilmente ;  
Que o coração presago nunca mente.

## LXXXV.

E mais tambem mandado tinha a terra  
De antes pelo piloto necessario :  
E foi-lhe respondido em som de guerra ;  
Caso do que cuidava mui contrario.  
Por isto , e porque sabe quanto erra ,  
Quem se crê de seu perfido adversario ,  
Apercebido vai como podia ,  
Em trez bateis somente que trazia.

## LXXXVI.

Mas os Mouros , que andavam pela praia ,  
Por lhe defender a agua desejada ,  
Hum de escudo embraçado , e de azagaia ,  
Outro de arco encurvado , e setta ervada ,  
Esperam que a guerreira gente saia ;  
Outros muitos já postos em cilada ;  
E porque o caso leve se lhe faça ,  
Poem huns poucos diante por negaça.

## LXXXVII.

Andam pela ribeira alva, arenosa,  
Os bellicosos Mouros acenando,  
Com a adarga, e co'a hastea perigosa,  
Os fortes Portuguezes incitando.  
Não soffre muito a gente generosa  
Andar-lhe os cães os dentes amostrando :  
Qualquer em terra salta, tão ligeiro,  
Que nenhum dizer pode que he primeiro.

## LXXXVIII.

Qual no corro sanguino o ledo amante,  
Vendo a formosa dama desejada,  
O touro busca, e pondo-se diante,  
Salta, corre, sibila, acena, e brada :  
Mas o animal atroce nesse instante,  
Com a fronte cornigera inclinada,  
Bramando duro corre, e os olhos cerra,  
Derriba, fere, e mata e poem por terra :

## LXXXIX.

Eis nos bateis o fogo se levanta  
Na furiosa, e dura artilheria ;  
A plumbea pella mata, o brado espanta,  
Ferido o ar retumba, e assovia :  
O coração dos Mouros se quebranta ;  
O temor grande o sangue lhe resfria :  
Já foge o escondido de medroso,  
E morre o descoberto aventureoso,

## XC.

Não se contenta a gente Portugueza :  
Mas seguindo a victoria estrue, e mata  
A povoação sem muro, e sem defeza,  
Esbombardea, accende, e desbarata.  
Da cavalgada ao Mouro já lhe peza,  
Que bem cuidou compra-la mais barata :  
Já blasphema da guerra, e maldizia,  
O velho inerte, e a mãe que o filho cria.

## XCI.

Fugindo, a setta o Mouro vai tirando  
Sem força, de covarde, e de apressado,  
A pedra, o pão, e o canto arremessando;  
Da-lhe armas o furor desatinado :  
Já a ilha, e todo o mais desamparando,  
Á terra firme foge amedrontado :  
Passa, e corta do mar o estreito braço,  
Que a ilha em torno cerca, em pouco espaço.

## XCII.

Huns vão nas almadias carregadas ;  
Hum corta o mar a nado diligente ;  
Quem se affoga nas ondas encurvadas ;  
Quem bebe o mar, e o deita juntamente.  
Arrombam as miudas bombardadas  
Os pangaaios subtis da bruta gente .  
Desta arte o Portuguez em fim castiga  
A vil malicia, perfida, inimiga,



## XCIX.

O mesmo o falso Mouro determina,  
Que o seguro Christão lhe manda, e pede;  
Que a ilha he possuída da malina  
Gente, que segue o torpe Mafamede:  
Aqui o engano, e morte lhe imagina,  
Porque em poder e forças muito excede  
Á Moçambique, esta ilha que se chama  
Quiloa, mui conhecida pela fama.

## C.

Para lá se inclinava a leda frota:  
Mas a deosa em Cythere celebrada,  
Vendo como deixava a certa rota,  
Por ir buscar a morte não cuidada,  
Não consente que em terra tão remota  
Se perca a gente della tanto amada;  
E com ventos contrarios a desvia  
Donde o piloto falso a leva, e guia.

## CI.

Mas o malvado Mouro não podendo  
Tal determinação levar avante,  
Outra maldade iniqua commettendo  
Ainda em seu proposito constante,  
Lhe diz, que pois as aguas discorrendo,  
Os levaram por força por diante,  
Que outra ilha tem perto, cuja gente  
Eram Christãos com Mouros juntamente.

## CII.

Tambem nestas palavras lhe mentia,  
Como por regimento em fim levava;  
Que aqui gente de Christo não havia,  
Mas a que a Mafamede celebrava.  
O Capitão, que em tudo o Mouro cria,  
Virando as velas a ilha demandava :  
Mas não querendo a deosa guardadora,  
Não entra pela barra, e surge fóra.

## XCIII.

Estava a ilha á terra tão chegada,  
Que hum estreito pequeno a dividia;  
Huma cidade nella situada,  
Que na frente do mar apparecia;  
De nobres edificios fabricada,  
Como por fóra ao longe descobria;  
Regida por hum Rei de antigua idade,  
Mombaça he o nome da ilha, e da cidade.

## CIV.

E sendo a ella o Capitão chegado,  
Estranhamente ledó, porque espera  
De poder ver o povo baptizado,  
Como o falso piloto lhe dissera;  
Eis vem bateis da terra com recado  
Do Rei, que já sabia a gente que era :  
Que Baccho muito de antes o avisara,  
Na forma d'outro Mouro que tomara.

## CV.

O recado que trazem he de amigos;  
Mas debaixo o veneno vem coberto,  
Que os pensamentos eram de inimigos,  
Segundo foi o engano descoberto.  
Oh grandes, e gravissimos perigos!  
Oh caminho de vida nunca certo!  
Que aonde a gente poem sua esperança,  
Tenha a vida tão pouca segurança.

## CVI.

No mar tanta tormenta, e tanto dano,  
Tantas vezes a morte apercebida!  
Na terra tanta guerra, tanto engano,  
Tanta necessidade aborrecida!  
Onde pode acolher-se hum fraco humano,  
Onde terá segura a curta vida?  
Que não se arme, e se indigne o Ceo sereno,  
Contra hum bicho da terra tão pequeno.



# Os Lusíadas.

## CANTO SEGUNDO.

### I.

**J**Á neste tempo o lucido planeta,  
Que as horas vai do dia distinguindo,  
Chegava á desejada, e lenta meta,  
A luz celeste ás gentes encobrando;  
E da casa marítima secreta  
Lhe estava o deos nocturno a porta abrindo;  
Quando as fingidas gentes se chegaram  
Ás naos, que pouco havia que ancoraram.

### II.

D'entre elles hum, que traz encommendado  
O mortífero engano, assi dizia:  
Capitão valeroso, que cortado  
Tens de Neptuno o reino, e salsa via;  
O Rei que manda esta ilha, alvoroçado  
Da vinda tua, tem tanta alegria,  
Que não deseja mais que agasalhar-te,  
Ver-te, e do necessario reformar-te.

## III.

E porque está em extremo desejoso  
De te ver, como cousa nomeada,  
Te roga que de nada receoso,  
Entres a barra, tu com toda armada :  
E' porque do caminho trabalhoso  
Trarás a gente debil, e cansada,  
Diz que na terra podes reforma-la,  
Que a natureza obriga a deseja-la.

## IV.

E se buscando vás mercadoria  
Que produce o aurifero Levante,  
Canella, cravo, ardente especiaria,  
Ou droga salutifera, e prestante;  
Ou se queres luzente pedraria,  
O rubi fino, o rigido diamante;  
Daqui levarás tudo tão sobejo,  
Com que faças o fim a teu desejo.

## V.

Ao mensageiro o Capitão responde,  
As palavras do Rei agradecendo;  
E diz, que porque o Sol no mar se esconde,  
Não entra para dentro obedecendo :  
Porem que como a luz mostrar por onde  
Vá sem perigo, a frota não temendo,  
Cumprirá sem receio seu mandado,  
Que a mais por tal senhor está obrigado.

## VI.

Pergunta-lhe despois, se estão na terra  
Christãos, como o piloto lhe dizia ;  
O mensageiro astuto, que não erra,  
Lhe diz, que a mais da gente em Christo cria.  
Desta sorte, do peito lhe desterra  
Toda a suspeita, e cauta phantasia :  
Por onde o Capitão seguramente  
Se fia da infiel, e falsa gente.

## VII.

E de alguns que trazia condemnados  
Por culpas, e por feitos vergonhosos,  
Porque podessem ser aventureados  
Em casos desta sorte duvidosos,  
Manda dous mais sagazes, ensaiados ;  
Porque notem dos Mouros enganosos  
A cidade, e poder; e porque vejam  
Os Christãos, que só tanto ver desejam.

## VIII.

E por estes ao Rei presentes manda,  
Porque a boa vontade que mostrava,  
Tenha firme, segura, limpa e branda,  
A qual bem ao contrario em tudo estava.  
Já a companhia perfida, e nefanda,  
Das naos se despedia, e o mar cortava :  
Foram com gestos ledos, e fingidos,  
Os dous da frota em terra recebidos.

## IX.

E depois que ao Rei apresentaram  
Co' o recado os presentes que traziam,  
A cidade correram, e notaram  
Muito menos daquillo que queriam;  
Que os Mouros cautelosos se guardaram  
De lhe mostrarem tudo o que pediam:  
Que onde reina a malicia, está o receio  
Que a faz imaginar no peito albeio.

## X.

Mas aquelle, que sempre a mocidade  
Tem no rosto perpetua, e foi nascido  
De duas mãis; que ordia a falsidade,  
Por ver o navegante destruído;  
Estava n'hum casa da cidade,  
Com rosto humano, e habito fingido,  
Mostrando-se Christão, e fabricava  
Hum altar sumptuoso que adorava.

## XI.

Alli tinha em retrato affigurada  
Do alto e Sancto Espirito a pintura,  
A candida pombinha debuxada,  
Sobre a unica phenix Virgem pura;  
A companhia sancta está pintada  
Dos doze, tão torvados na figura,  
Como os que, só das linguas que cabiram  
De fogo, varias linguas referiram.

## XII.

Aqui os dous companheiros conduzidos,  
Onde com este engano Baccho estava,  
Poem em terra os gíolhos, e os sentidos  
Naquelle Deos, que o mundo governava.  
Os cheiros excellentes produzidos  
Na Panchaia odorifera queimava  
O Thyoneo; e assi por derradeiro  
O falso deos adora o verdadeiro.

## XIII.

Aqui foram de noite agasalhados,  
Com todo o bom e honesto tratamento  
Os dous Christãos, não vendo que enganados  
Os tinha o falso, e sancto fingimento.  
Mas assi como os raios espalhados  
Do sol foram no mundo, e n'hum momento,  
Appareceo no rubido horizonte  
Da moça de Titão a roxa fronte :

## XIV.

Tornam da terra os Mouros co'o recado  
Do Rei, para que entrassem, e consigo  
Os dous que o Capitão tinha mandado,  
A quem se o Rei mostrou sincero amigo :  
E sendo o Portuguez certificado  
De não haver receio de perigo,  
E que gente de Christo em terra havia.  
Dentro no salso rio entrar queria.



## XV.

Dizem-lhe os que mandou, que em terra viram  
Sacras aras, e sacerdote santo;  
Que alli se agasalharam, e dormiram,  
Em quanto a luz cobrio o escuro manto;  
E que no Rei e gentes não sentiram  
Senão contentamento, e gosto tanto,  
Que não podia certo haver suspeita  
N'humas mostra tão clara, e tão perfeita.

## XVI.

Com isto o nobre Gama recebia  
Alegremente os Mouros que subiam:  
Que levemente hum animo se fia  
De mostras que tão certas pareciam.  
A nao da gente perfida se enchia,  
Deixando a bordo os barcos que traziam:  
Alegres vinham todos, porque crem  
Que a presa desejada certa tem.

## XVII.

Na terra cautamente aparelhavam  
Armas, e munições, que como vissem  
Que no rio os navios ancoravam,  
Nelles ousadamente se subissem:  
E nesta traição determinavam,  
Que os de Luso de todo destruissem,  
E que incautos pagassem, deste geito,  
O mal que em Moçambique tinham feito.

## XVIII.

As ancoras tenaces vão levando,  
Com a nautica grita costumada;  
Da proa as velas sós ao vento dando,  
Inclinam para a barra abalizada.  
Mas a linda Erycina, que guardando  
Andava sempre a gente assinalada,  
Vendo a cilada grande, e tão secreta,  
Voa do ceo ao mar como huma setta.

## XIX.

Convoca as alvas filhas de Nereo,  
Com toda a mais cerulea companhia;  
Que porque no salgado mar nasceo,  
Das aguas o poder lhe obedecia:  
E propondo-lhe a causa a que desceo,  
Com todos juntamente se partia,  
Para estorvar que a armada não chegasse  
Aonde para sempre se acabasse.

## XX.

Já na agua erguendo vão com grande pressa,  
Com as argenteas caudas branca escuma;  
Doto co' o peito corta, e atravessa  
Com mais furor o mar do que costuma.  
Salta Nise, Nerine se arremessa  
Por cima da agua crespas, em força summa:  
Abrem caminho as ondas encurvadas,  
De temor das Nereidas apressadas.

## XXI.

Nos hombros de hum Tritão , com gesto acceso ,  
Vai a linda Dione furiosa ;  
Não sente quem a leva o doce peso ,  
De soberbo , com carga tão formosa :  
Já chegam perto donde o vento teso  
Enche as velas da frota bellicosa ;  
Repartem-se , e rodeam nesse instante  
As naos ligeiras que hiam por diante.

## XXII.

Poem-se a deosa com outras em direito  
Da proa capitaina , e alli fechando  
O caminho da barra , estão de geito ,  
Que em vão assopra o vento , a vela inchando :  
Poem no madeiro duro o brando peito ,  
Para detraz a forte nao forçando ;  
Outras em derredor levando-a estavam ,  
E da barra inimiga a desviavam.

## XXIII.

Quaes para a cova as providas formigas ,  
Levando o pezo grande accommodado ,  
As forças exercitam , de inimigas  
Do inimigo inverno congelado ;  
Alli são seus trabalhos , e fadigas ,  
Alli mostram vigor nunca esperado :  
Taes andavam as nymphas estorvando  
Á gente Portugueza o fim nefando.

## XXIV.

Torna para detraz a nao forçada,  
A pezar dos que leva, que gritando  
Maream velas; ferve a gente irada,  
O leme a hum bordo, e a outro atravessando,  
O mestre astuto em vão da poppa brada,  
Vendo como diante ameaçando  
Os estava hum maritimo penedo,  
Que de quebrar-lhe a nao lhe mette medo.

## XXV.

A ceceuma medonha se alevanta  
No rudo marinheiro que trabalha;  
O grande estrondo a Maura gente espanta,  
Como se vissem horrida batalha:  
Não sabem a razão de furia tanta,  
Não sabem nesta pressa quem lhe valha;  
Cuidam que seus enganos são sabidos,  
E que hão de ser por isso aqui punidos.

## XXVI.

Ei-los subitamente se lançavam  
A seus bateis veloces que traziam;  
Outros em cima o mar alevantavam,  
Saltando n'agua a nado se acolhiam:  
De hum bordo e d'outro subito saltavam,  
Que o medo os compellia do que viam;  
Que antes querem ao mar aventurar-se,  
Que nas mãos inimigas entregar-se.

## XXVII.

Assi como em selvatica alagoa  
As rãas, no tempo antigo Lycia gente,  
Se sentem por ventura vir pessoa,  
Estando fóra da agua incautamente,  
Daqui e dalli saltando, o charco soa,  
Por fugir do perigo que se sente;  
E acolhendo-se ao couto que conhecem,  
Sós as cabeças na agua lbe apparecem :

## XXVIII.

Assi fogem os Mouros; e o piloto,  
Que ao perigo grande as naos guiara,  
Crendo que seu engano estava noto,  
Tambem foge, saltando na agua amara.  
Mas por não darem no penedo immoto,  
Onde percam a vida doce e chara,  
A ancora solta logo a capitaina,  
Qualquer das outras junto della amaina.

## XXIX.

Vendo o Gama attentado a estranheza  
Dos Mouros, não cuidada, e juntamente  
O piloto fugir-lhe com presteza,  
Entende o que ordenava a bruta gente :  
E vendo sem contraste, e sem braveza  
Dos ventos, ou das aguas sem corrente,  
Que a nao passar avante não podia,  
Havendo-o por milagre, assi dizia :

## XXX.

Oh caso grande, estranho, e não cuidado!  
Oh milagre clarissimo, e evidente!  
Oh descoberto engano inopinado!  
O perfida, inimiga, e falsa gente!  
Quem poderá do mal aparelhado  
Livrar-se sem perigo sabiamente,  
Se lá de cima a Guarda soberana  
Não acudir á fraca força humana?

## XXXI.

Bem nos mostra a divina Providencia,  
Destes portos a pouca segurança;  
Bem claro temos visto na apparencia,  
Que era enganada a nossa confiança:  
Mas pois saber humano, nem prudencia,  
Enganos tão fingidos não alcança;  
Ó tu Guarda divina, tem cuidado  
De quem sem ti não pode ser guardado.

## XXXII.

E se te move tanto a piedade  
Desta misera gente peregrina,  
Que só por tua altissima bondade,  
Da gente a salvas perfida e malina;  
N'algum porto seguro de verdade  
Conduzir-nos já agora determina;  
Ou nos amostra a terra que buscamos,  
Pois só por teu serviço navegamos.

## XXXIII.

Ouvio-lhe estas palavras piedosas  
A formosa Dione; e commovida,  
D'entre as nymphas se vai, que saüdosas  
Ficaram desta subita partida.  
Já penetra as estrellas luminosas;  
Já na terceira esphera recebida,  
Avante passa; e lá no sexto ceo,  
Para onde estava o padre, se moveo.

## XXXIV.

E como hia affrontada do caminho,  
Tão formosa no gesto se mostrava,  
Que as estrellas, e o ceo, e o ar visinho,  
E tudo quanto a via, namorava.  
Dos olhos, onde faz seu filho o ninho,  
Huns espiritos vivos inspirava,  
Com que os polos gelados accendia,  
E tornava do fogo a esphera fria.

## XXXV.

E por mais namorar o soberano  
Padre, de quem foi sempre amada, e chara,  
Se lh'apresenta assi como ao Troiano,  
Na selva Idea, já se apresentara.  
Se a vira o caçador, que o vulto humano  
Perdeo, vendo Diana na agua clara,  
Nunca os famintos galgos o mataram,  
Que primeiro desejos o acabaram,

## XXXVI.

Os crespos fios d'ouro se esparziam  
Pelo collo, que a neve escurecia;  
Andando, as lacteas tetas lhe tremiam,  
Com quem amor brincava, e não se via:  
Da alva petrina flammæ lhe sabiam,  
Onde o Menino as almas accendia;  
Pelas lisas columnas lhe trepavam  
Desejos, que como hera se enrolavam.

## XXXVII.

C'hum delgado cendal as partes cobre,  
De quem vergonha he natural reparo;  
Porem nem tudo esconde, nem descobre  
O veo, dos roxos lirios pouco avaro:  
Mas para que o desejo accenda, e dobre,  
Lhe põem diante aquelle objecto raro.  
Já se sentem no ceo, por toda a parte,  
Ciumes em Vulcano, amor em Marte.

## XXXVIII.

E mostrando no angelico semblante,  
Co' o riso huma tristeza misturada;  
Como dama que foi do incauto amante  
Em brincos amorosos mal tratada,  
Que se aqueixa, e se ri, n'hum mesmo instante,  
E se torna entre alegre magoada:  
Desta arte a deosa, a quem nenhuma iguala,  
Mais mimosa que triste ao Padre falla.



## XXXIX.

Sempre eu cuidei, ó Padre poderoso,  
 Que para as cousas, que eu do peito amasse,  
 Te achasse brando, affabil, e amoroso,  
 Postoque a algum contrario lhe pezasse:  
 Mas pois que contra mi te vejo iroso,  
 Sem que to merecesse, nem te errasse,  
 Faça-se como Baccho determina;  
 Assentarei em fim que fui mofina.

## XL.

Este povo que he meu, por quem derramo  
 As lagrimas que em vão cahidas vejo,  
 Que assaz de mal lhe quero, pois que o amo,  
 Sendo tu tanto contra meu desejo:  
 Por elle a ti rogando choro, e bramo,  
 E contra minha dita em fim pelejo.  
 Ora pois, porqué o amo he mal tratado,  
 Quero-lhe querer mal, será guardado.

## XLI.

Mas moura em fim nas mãos das brutas gentes,  
 Que pois eu fui... E nisto de mimosa,  
 O rosto banha em lagrimas ardentes,  
 Como co'o orvalho fica . . fresca rosa:  
 Callada hum pouco, como se entre os dentes  
 Se lhe impedira a falla piedosa;  
 Torna a segui-la; e indo por diante,  
 Lhe atalha o poderoso, e grão Tonante.

## XLII.

E destas brandas mostras commovido,  
Que moveram de hum tigre o peito duro;  
Co'o vulto alegre, qual do ceo subido,  
Torna sereno e claro o ar escuro;  
As lagrimas lhe alimpa, e accendido  
Na face a beija, e abraça o collo puro;  
De modo que dalli, se só se achara,  
Outro novo Cupido se gerara.

## XLIII.

E co'o seu apertando o rosto amado,  
Que os saluços e lagrimas augmenta;  
Como menino da ama castigado,  
Que quem no affaga, o choro lhe accrescenta;  
Por lhe pôr em socego o peito irado,  
Muitos casos futuros lhe apresenta:  
Dos fados as entranhas revolvendo,  
Desta maneira em fim lhe está dizendo:

## XLIV.

Formosa filha minha, não temais  
Perigo algum nos vossos Lusitanos;  
Nem que ninguem comigo possa mais,  
Que esses chorosos olhos soberanos:  
Que eu vos prometto, filha, que vejais  
Esquecerem-se Gregos, e Romanos,  
Pelos illustres feitos que esta gente  
Ha de fazer nas partes do Oriente.

## XLV.

Que se o facundo Ulysses escapou  
De ser na Ogygia ilha eterno escravo ;  
E se Antenor os seios penetrou  
Illyricos, e a fonte de Timavo ;  
E se o piedoso Eneas navegou  
De Scylla e de Charybdis o mar bravo ;  
Os vossos m6res cousas attentando,  
Novos mundos ao mundo ir6o mostrando.

## XLVI.

Fortalezas, cidades, e altos muros,  
Por elles vereis, filha, edificados ;  
Os Turcos bellacissimos, e duros,  
Delles sempre vereis desbaratados ;  
Os Reis da India livres, e seguros,  
Vereis ao Rei potente subjugados :  
E por elles, de tudo em fim senhores,  
Ser6o dadas na terra leis melhores.

## XLVII.

Vereis este que agora pressuroso  
Por tantos medos o Indo vai buscando,  
Tremor delle Neptuno de medroso,  
Sem vento suas aguas encrespando.  
Oh caso nunca visto, e milagroso,  
Que trema e ferva o mar, em calma estando !  
Oh gente forte, e de altos pensamentos,  
Que tambem della h6o medo os elementos !

## XLVIII.

Vereis a terra que a agua lhe tolhia ,  
Que inda ha de ser hum porto mui decente ,  
Em que vão descançar da longa via ,  
As naos que navegarem do Occidente.  
Toda esta costa em fim , que agora ordia  
O mortifero engano , obediente  
Lhe pagará tributos , conhecendo  
Não poder resistir ao Luso horrendo.

## XLIX.

E vereis o mar Roxo tão famoso ,  
Tornar-se-lhe amarello de enfiado ;  
Vereis de Ormuz o reino poderoso ,  
Duas vezes tomado , e subjogado :  
Alli vereis o Mouro furioso ,  
De suas mesmas settas traspassado ;  
Que quem vai contra os vossos , claro veja ,  
Que se resiste , contra si peleja.

## L.

Vereis a inexpugnabil Dio forte ,  
Que dous cercos terá , dos vossos sendo ;  
Alli se mostrará seu preço , e sorte ,  
Feitos de armas grandissimos fazendo :  
Invejoso vereis o grão Mavorte  
Do peito Lusitano fero , e horrendo.  
Do Mouro alli verão que a voz extrema  
Do falso Mafamede ao ceo blasphema.

## LI.

Goa vereis aos Mouros ser tomada,  
A qual virá despois a ser senhora  
De todo o Oriente, e sublimada  
Co'os triumphos da gente vencedora:  
Alli soberba, altiva, e exalçada,  
Ao Gentio, que os idolos adora  
Duro freio porá, e a toda a terra  
Que cuidar de fazer aos vossos guerra.

## LII.

Vereis a fortaleza sustentar-se  
De Cananor, com pouca força, e gente;  
E vereis Calecut desbaratar-se,  
Cidade populosa, e tão potente:  
E vereis em Cochim assinalar-se  
Tanto hum peito soberbo, e insolente,  
Que cithara já mais cantou victoria,  
Que assi mereça eterno nome e gloria

## LIII.

Nunca com Marte instructo, e furioso,  
Se vio ferver Leucate, quando Augusto  
Nas civis Actias guerras animoso,  
O capitão venceo Romano injusto;  
Que dos povos de Aurora, e do famoso  
Nilo, e do Bactra Scythico, e robusto,  
A victoria trazia, e presa rica,  
Preso da Egyptia linda, e não pudica:

## LIV.

Como vereis o mar fervendo acceso,  
Co'os incendios dos vossos pelejando,  
Levando o Idololatra, e o Mouro preso,  
De nações differentes triumphando.  
E sujeita a rica Aurea-Chersoneso,  
Até o longinquo China navegando,  
E as ilhas mais remotas do Oriente;  
Ser-lhe-ha todo o Oceano obediente.

## LV.

De modo, filha minha, que de geito  
Amstrarão esforço mais que humano,  
Que nunca se verá tão forte peito,  
Do Gangetico mar ao Gaditano;  
Nem das Boreaes ondas ao Estreito,  
Que mostrou o aggravado Lusitano;  
Postoque em todo o mundo, de affrontados,  
Resuscitassem todos os passados.

## LVI.

Como isto disse, manda o consagrado  
Filho de Maia á terra, porque tenha  
Hum pacífico porto, e socegado,  
Para onde sem receio a frota venha:  
E para que em Mombaça aventurado  
O forte Capitão se não detenha,  
Lhe manda mais, que em sonhos lhe mostrasse  
A terra, onde quieto repousasse.

## LVII.

Já pelo ar o Cylleneo voava;  
Com as azas nos pés á terra dece;  
Sua vara fatal na mão levava,  
Com que os olhos cansados adormece:  
Com esta, as tristes almas revocava  
Do inferno, e o vento lhe obedece:  
Na cabeça o galero costumado;  
E desta arte a Melinde foi chegado.

## LVIII.

Comsigo a Fama leva, porque diga  
Do Lusitano o preço grande, e raro;  
Que o nome illustre a hum certo amor obriga,  
E faz a quem o tem, amado e charo.  
Desta arte vai fazendo a gente amiga,  
Co' o rumor famosissimo, e preclaro:  
Já Melinde em desejos arde todo  
De ver da gente forte o gesto e modo.

## LIX.

Dalli para Mombaça logo parte,  
Aonde as naos estavam temerosas,  
Para que á gente mande, que se aparte  
Da barra imiga, e terras suspeitosas.  
Porque mui pouco val esforço, e arte,  
Contra infernaes vontades enganosas:  
Pouco val coração, astucia, e siso,  
Se lá dos Ceos não vem celeste aviso.

## LX.

Meio caminho a noite tinha andado ;  
E as estrellas no ceo , co'a luz alba ,  
Tinham o largo mundo allumiado ;  
E só co'o somno a gente se recrea .  
O Capitão illustre , já cansado  
De vigiar a noite que arrecea ,  
Breve reponso então aos olhos dava ;  
A outra gente a quartos vigiava .

## LXI.

Quando Mercurio em sonhos lhe apparece ,  
Dizendo ; Fuge , fuge , Lusitano ,  
Da cilada que o Rei malvado tece ,  
Por te trazer ao fim , e extremo dano ;  
Fuge , que o vento , e o ceo te favorece ,  
Serenos o tempo tens , e o Oceano ,  
E outro Rei mas amigo , n'outra parte ,  
Onde podes seguro agasalhar-te .

## LXII.

Não tens aqui senão apparelhado  
O hospicio que o cru Diomedes dava ,  
Fazendo ser manjar acostumado  
De cavallos a gente que hospedava :  
As aras de Busiris infamado ,  
Onde os hospedes tristes immolava ,  
Terás certos aqui , se muito esperas ;  
Fuge das gentes perfidas e feras .



## LXIII.

Vai-te ao longo da costa percorrendo ,  
E outra terra acharás de mais verdade ,  
Lá quasi junto donde o Sol ardendo  
Iguala o dia e noite em quantidade :  
Alli tua frota alegre recebendo  
Hum Rei , com muitas obras de amizade ,  
Gasalhado seguro te daria ,  
E para a India certa e sabia guia.

## LXIV.

Isto Mercurio disse , e o somno leva  
Ao Capitão , que com mui grande espanto  
Acorda , e vê ferida a escura treva  
De huma subita luz , e raio santo.  
E vendo claro quanto lhe releva  
Não se deter na terra iniqua tanto ,  
Com novo espirito ao mestre seu mandava ,  
Que as velas desse ao vento que assoprava.

## LXV.

Dai velas , disse , dai ao largo vento ,  
Que o ceo nos favorece , e Deos o manda ;  
Que hum mensageiro vi do claro assento  
Que só em favor de nossos passos anda.  
Alevanta-se nisto o movimento  
Dos marinheiros , de huma e de outra banda ;  
Levam gritando as ancoras acima ,  
Mostrando a ruda força , que se estima.

## LXVI.

Neste tempo que as ancoras levavam ,  
Na sombra escura os Mouros escondidos  
Mansamente as amarras lhe cortavam ,  
Por serem , dando á costa , destruidos :  
Mas com vista de lincez vigiavam  
Os Portuguezes , sempre apercebidos :  
Elles como acordados os sentiram ,  
Voando , e não remando , lhe fugiram.

## LXVII.

Mas já as agudas proas apartando  
Hiam as vias humidas de argento ;  
Assopra-lhe galerno o vento , e brando ,  
Com suave e seguro movimento.  
Nos perigos passados vão fallando ;  
Que mal se perderão do pensamento  
Os casos grandes , donde em tanto aperto  
A vida em salvo escapa por acerto,

## LXVIII.

Tinha huma volta dado o Sol ardente ,  
E n'outra começava , quando viram  
Ao longe dous navios , brandamente  
Co'os ventos navegando , que respiram :  
Porque haviam de ser da Maura gente ,  
Para elles arribando , as velas viram :  
Hum de temor do mal que arreceava ,  
Por se salvar a gente , á costa dava.

## LXIX.

Não he o outro que fica tão manhoso ;  
Mas nas mãos vai cahir do Lusitano ,  
Sem o rigor de Marte furioso ,  
E sem a furia horrenda de Vulcano :  
Que como fosse debil e medroso  
Da pouca gente o fraco peito humano ,  
Não teve resistencia ; e se a tivera ,  
Mais damno resistindo recebera .

## LXX.

E como o Gama muito desejasse  
Piloto para a India que buscava ,  
Cuidou que entre estes Mouros o tomasse ;  
Mas não lhe succedeo como cuidava :  
Que nenhum delles ha que lhe ensinasse  
A que parte dos ceos a India estava :  
Porem dizem-lhe todos , que tem perto  
Melinde , onde acharão piloto certo .

## LXXI.

Louvam do Rei os Mouros a bondade ,  
Condição liberal , sincero peito ,  
Magnificencia grande , e humanidade ,  
Com partes de grandissimo respeito .  
O Capitão o assella por verdade ,  
Porque já lho dissera , deste geito ,  
O Cylleneo em sonhos ; e partia  
Para onde o sonho , e o Mouro lhe dizia .

## LXXII.

Era no tempo alegre, quando entrava  
 No roubador de Europa a luz Phebea;  
 Quando hum e o outro corno lhe aquentava;  
 E Flora derramava o de Amalthea.  
 A memoria do dia renovava  
 O pressuroso sol, que o ceo rodea,  
 Em que aquelle, a quem tudo está sujeito,  
 O sello poz a quanto tinha feito :

## LXXIII.

Quando chegava a frota áquella parte,  
 Onde o reino Melinde já se via,  
 De toldos adornada, e leda de arte,  
 Que bem mostra estimar o sancto dia.  
 Treme a bandeira, voa o estandarte,  
 A cor purpurea ao longe apparecia :  
 Soam os atambores, e pandeiros;  
 E assi entravam ledos, e guerreiros.

## LXXIV.

Enche-se toda a praia Melindana  
 De gente que vem ver a leda armada;  
 Gente mais verdadeira, e mais humana,  
 Que toda a d'outra terra atraz deixada.  
 Surge diante a frota Lusitana;  
 Pega no fundo a ancora pezada :  
 Mandam fóra hum dos Mouros que tomaram,  
 Por quem sua vinda ao Rei manifestaram.

## LXXV.

O Rei que já sabia da nobreza,  
Que tanto os Portuguezes engrandece,  
Tomarem o seu porto tanto preza,  
Quanto a gente fortissima merece:  
E com verdadeiro animo, e pureza,  
Que os peitos generosos ennobrece,  
Lhe manda rogar muito que sahissesem,  
Para que de seus reinos se servissem.

## LXXVI.

São offercimentos verdadeiros,  
E palavras sinceras, não dobradas,  
As que o Rei manda aos nobres Cavalleiros,  
Que tanto mar, e terras tem passadas.  
Manda-lhe mais lanigeros carneiros,  
E gallinhas domesticas cevadas,  
Com as fructas que então na terra havia;  
E a vontade á dadiva excedia.

## LXXVII.

Recebe o Capitão alegremente  
O mensageiro ledo, e seu recado;  
E logo manda ao Rei outro presente,  
Que de longe trazia aparelhado:  
Escarlata purpurea, cor ardente;  
O ramoso coral, fino e prezado,  
Que debaixo das aguas molle crece,  
E como he fóra dellas se endurece.

## LXXVIII.

Manda mais hum na pratica elegante,  
 Que co' o Rei nobre as pazes concertasse;  
 E que de não sahir naquelle instante  
 De suas naos em terra o desculpasse.  
 Partido assi o embaixador prestante,  
 Como na terra ao Rei se apresentasse,  
 Com estylo que Pallas lhe ensinava,  
 Estas palavras taes fallando orava :

## LXXIX.

Sublime Rei, a quem do Olympto puro,  
 Foi da summa justiça concedido  
 Refrear o soberbo povo duro,  
 Não menos delle amado que temido :  
 Como porto mui forte, e mui seguro,  
 De todo o Oriente conhecido,  
 Te vimos a buscar, para que achemos  
 Em ti o remedio certo que queremos.

## LXXX.

Não somos roubadores, que passando  
 Pelas fracas cidades descuidadas,  
 A ferro, e a fogo, as gentes vão matando,  
 Por roubar-lhe as fazendas cobiçadas :  
 Mas da soberba Europa navegando,  
 Imos buscando as terras apartadas  
 Da India grande e rica, por mandado  
 De hum Rei que temos, alto, e sublimado.

## LXXXI.

Que geração tão dura ha hi de gente ?  
Que barbaro costume , e usança fea ,  
Que não vedem os portos tamsomente ,  
Mas inda o hospicio da deserta area ?  
Que má tenção , que peito em nós se sente ,  
Que de tão pouca gente se arrecea ?  
Que com laços armados tão fingidos ,  
Nos ordenassem ver-nos destruidos ?

## LXXXII.

Mas tu , em quem mui certo confiamos  
Achar-se mais verdade , ó Rei benino ,  
E aquella certa ajuda em ti esperamos ,  
Que teve o perdido Ithaco em Alcino ;  
A teu porto seguros navegamos ,  
Conduzidos do Interprete divino :  
Que pois a ti nos manda , está mui claro ,  
Que es de peito sincero , humano , e raro.

## LXXXIII.

E não cuides , ó Rei , que não sahisse  
O nosso Capitão esclarecido  
A ver-te , ou a servir-te , porque visse ,  
Ou suspeitasse em ti peito fingido :  
Mas saberás que o fez , porque cumprisse  
O regimento em tudo obedecido  
De seu Rei , que lhe manda que não saia ,  
Deixando a frota , em nenhum porto , ou praia.

## LXXXIV.

E porque he de vassallos o exercicio,  
Que os membros tem regidos da cabeça,  
Não quererás, pois tens de Rei o officio,  
Que ninguem a seu Rei desobedeça:  
Mas as merces, e o grande beneficio,  
Que ora acha em ti, promette que conheça,  
Em tudo aquillo que elle e os seus puderem,  
Em quanto os rios para o mar correrem.

## LXXXV.

Assi dizia; e todos juntamente,  
Huns com outros em pratica fallando,  
Louvavam muito o estomago da gente,  
Que tantos ceos e mares vai passando.  
E o Rei illustre, o peito obediente  
Dos Portuguezes, na alma imaginando,  
Tinha por valor grande; e mui subido  
O do Rei, que he tão longe obedecido.

## LXXXVI.

E com risonha vista, e ledó aspeito,  
Responde ao embaixador, que tanto estima:  
Toda a suspeita má tirai do peito,  
Nenhum frio temor em vós se imprima:  
Que vosso preço, e obras são de geito,  
Para vos ter o mundo em muita estima;  
E quem vos fez molesto tratamento,  
Não pode ter subido pensamento.



## LXXXVII.

De não sahir em terra toda a gente,  
Por observar a usada preeminencia,  
Aindaque me peze estranhamente,  
Em muito tenho a muita obediencia.  
Mas se lho o regimento não consente,  
Nem eu consentirei que a excellencia  
De peitos tão leaes em si desfaça,  
Só porque a meu desejo satisfaça.

## LXXXVIII.

Porém como a luz crastina chegada  
Ao mundo for, em minhas almadias,  
Eu irei visitar a forte armada,  
Que ver tanto desejo, ha tantos dias:  
E se vier do mar desbaratada,  
Do furioso vento, e longas vias,  
Aqui terá, de limpos pensamentos  
Piloto, munições, e mantimentos.

## LXXXIX.

Isto disse; e nas aguas se escondia  
O filho de Latona; e o mensageiro  
Co' a embaixada alegre se partia  
Para a frota, no seu batel ligeiro.  
Enchem-se os peitos todos de alegria,  
Por terem o remedio verdadeiro  
Para acharem a terra que buscavam;  
E assi ledos a noite festejavam.

## XC.

Não faltam alli os raios de artificio ,  
Os tremulos cometas imitando :  
Fazem os bombardeiros seu officio ,  
O ceo , a terra , e as ondas stroando.  
Mostra-se dos Cyclopas o exercicio ,  
Nas bombas que de fogo estão queimando :  
Outros com vozes , com que o ceo feriam ,  
Instrumentos altisonos tangiam.

## XCI.

Respondem-lhe da terra juntamente ,  
Co' o raio volteando , com zonido ;  
Anda em gyros no ar a roda ardente ;  
Estoura o pó sulphureo escondido.  
A grita se alevanta ao ceo , da gente ;  
O mar se via em fogos accendido ;  
E não menos a terra : e assi festeja  
Hum ao outro , á maneira de peleja.

## XCII.

Mas já o ceo inquieto revolvendo ,  
As gentes incitava a seu trabalho ;  
E já a mãe de Memnon a luz trazendo  
Ao somno longo punha certo atalho :  
Hiam-se as sombras lentas desfazendo ,  
Sobre as flores da terra , em frio orvalho ,  
Quando o Rei Melindano se embarcava  
A ver a frota que no mar estava.

## XCIII.

Viam-se em derredor ferver as praias  
Da gente, que a ver só concorre leda ;  
Luzem da fina purpura as cabaias,  
Lustram os pannos da tecida seda :  
Em lugar de guerreiras azagaias,  
E do arco, que os cornos arremeda  
Da Lua trazem ramos de palmeira ;  
Dos que vencem coroa verdadeira.

## XCIV.

Hum batel grande, e largo, que toldado  
Vinha de sedas de diversas cores,  
Traz o Rei de Melinde, acompanhado  
De nobres de seu reino, e de senhores  
Vem de ricos vestidos adornado,  
Segundo seus costumes, e primores ;  
Na cabeça huma fota guarneçada,  
De ouro, e de seda, e de algodão tecida.

## XCV.

Cabaia de damasco rico, e dino,  
Da Tyria cor, entre elles estimada ;  
Hum collar ao pescoço, de ouro fino,  
Onde a materia da obra he superada ;  
C'hum resplandor reluze adamantino,  
Na cinta, a rica adaga bem lavrada ;  
Nas alparcas dos pés, em fim de tudo,  
Cobrem ouro, e aljofar ao veludo.

## XCVI.

Com hum redondo amparo alto de seda,  
N' huma alta e dourada hastea enxerido,  
Hum ministro á solar quentura veda  
Que não offenda, e queime o Rei subido.  
Musica traz na proa, estranha e leda,  
De aspero som, horrissimo ao ouvido;  
De trombetas arcadas em redondo,  
Que sem concerto fazem rudo estrondo.

## XCVII.

Não menos guarnecido o Lusitano,  
Nos seus bateis, da frota se partia  
A receber no mar o Melindano,  
Com lustrosa e honrada companhia.  
Vestido o Gama vem ao modo Hispano;  
Mas Franceza era a roupa que vestia,  
De setim da Adriatica Veneza,  
Carmesi, cor que a gente tanto preza:

## XCVIII.

De botões d' ouro as mangas vem tomadas,  
Onde o Sol reluzindo a vista cega;  
As calças soldadescas recamadas  
Do metal, que fortuna a tantos nega;  
E com pontas do mesmo delicadas,  
Os golpes do gibão ajunta, e achega;  
Ao Italico modo a aurea espada;  
Pluma na gorra, hum pouco declinada.

## XCIX.

Nos de sua companhia se mostrava,  
 Da tinta que dá o murice excellente,  
 A varia cor, que os olhos alegrava,  
 E a maneira do trajo differente.  
 Tal o formoso esmalte se notava,  
 Dos vestidos olhados juntamente,  
 Qual apparece o arco rutilante  
 Da bella nympha, filha de Thaumante.

## C.

Sonorosas trombetas incitavam  
 Os animos alegres cesonando :  
 Dos Mouros os bateis o mar coalhavam,  
 Os toldos pelas aguas arrojando.  
 As bombardas horrisonas bramavam,  
 Com as nuvens de fumo o Sol tomando ;  
 Amiudam-se os brados accendidos,  
 Tapam co' as mãos os Mouros os ouvidos.

## CI.

Já no batel entrou do Capitão  
 O Rei, que nos seus braços o levava ;  
 Elle co' a cortezia, que a razão  
 ( Por ser Rei ) requeria, lhe fallava.  
 C' humas mostras de espanto, e admiração,  
 O Mouro o gesto, e o modo lhe notava ;  
 Como quem em mui grande estima tinha  
 Gente que de tão longe á India vinha.

## CII.

E com grandes palavras lhe offerece  
Tudo o que de seus reinos lhe cumprisse,  
E que se mautimento lhe fallece,  
Como se proprio fosse lho pedisse :  
Diz-lhe mais, que por fama bem conhece  
A gente Lusitana, sem que a visse :  
Que já ouvio dizer, que n'outra terra  
Com gente de sua lei tivesse guerra.

## CIII.

E como por toda Africa se soa,  
Lhe diz, os grandes feitos q' fizeram,  
Quando nella ganharam a coroa  
Do reino, onde as Hesperidas viveram.  
E com muitas palavras apregoa  
O menos que os de Luso mereceram ;  
E o mais que pela fama o Rei sabia :  
Mas desta sorte o Gama respondia.

## CIV.

Ó tu que só tiveste piedade,  
Rei benigno, da gente Lusitana,  
Que com tanta miseria, e adversidade,  
Dos mares exprimenta a furia insana ;  
Aquella alta, e divina Eternidade,  
Que o ceo revolve, e rege a gente humana,  
Pois que de ti taes obras recebemos,  
Te pague o que nós outros não podemos.

## CV.

Tu só de todos quantos queima Apollo  
Nos recibes em paz, do mar profundo ;  
Em ti dos ventos horridos de Eolo  
Refugio achamos bom, fido, e jucundo.  
Em quanto apascentar o largo polo  
As estrellas, e o Sol der lume ao mundo,  
Onde quer que eu viver, com fama e gloria,  
Vivirão teus louvores em memoria.

## CVI.

Isto dizendo, os barcos vão remando  
Para a frota, que o Mouro ver deseja :  
Vão as naos huma e huma rodeando,  
Porque de todas tudo note, e veja.  
Mas para o ceo Vulcano fuzilando,  
A frota co'as bombardas o festeja ;  
E as trombetas canoras lhe tangiam ;  
Co' os anafis os Mouros respondiam.

## CVII.

Mas depois de ser tudo já notado  
Do generoso Mouro, que pasmava,  
Ouvindo o instrumento inusitado,  
Que tamanho terror em si mostrava ;  
Mandava estar quieto, e ancorado  
N'agua o batel ligeiro que os levava,  
Por fallar de vagar co'o forte Gama,  
Nas cousas de que tem noticia, e fama.

## CVIII.

Em praticas o Mouro differentes  
Se deleitava , perguntando agora  
Pelas guerras famosas e excellentes ,  
Co' o povo havidas , que a Mafoma adora :  
Agora lhe pergunta pelas gentes  
De toda a Hesperia ultima , onde mora ;  
Agora pelos povos seus visinhos ;  
Agora pelos humidos caminhos.

## CIX.

Mas antes , valeroso Capitão ,  
Nos conta , lhe dizia , diligente ,  
Da terra tua o clima , e região  
Do mundo onde morais , distinctamente ;  
E assi de vossa antigua geração ,  
E o principio do reino tão potente ;  
Co' os successos das guerras do começo ,  
Que sem sabe-las , sei que são de preço :

## CX.

E assi tambem nos conta dos rodeios  
Longos , em que te traz o mar irado ;  
Vendo os costumes barbaros albeios ,  
Que a nossa Africa ruda tem criado.  
Conta : que agora vem co' os aureos freios  
Os cavallos , que o carro marchetado ,  
Do novo Sol , da fria Aurora trazem ;  
O vento dorme , o mar , e as ondas jazem.



## CXI.

E não menos co' o tempo se parece  
 O desejo de ouvir-te o que contares ;  
 Que quem ha, que por fama não conhece  
 As obras Portuguezas singulares ?  
 Não tanto desviado resplandece  
 De nós o claro Sol, para julgares  
 Que os Melindanos tem tão rudo peito,  
 Que não estimem muito hum grande feito.

## CXII.

Commetteram soberbos os Gigantes,  
 Com guerra vã, o Olympo claro e puro ;  
 Tentou Pirithoo, e Theseo, de ignorantes,  
 O reino de Plutão horrendo e escuro :  
 Se houve feitos no mundo tão possantes,  
 Não menos he trabalho illustre e duro,  
 Quanto foi commetter inferno, e ceo,  
 Que outrem commetta a furia de Nereo.

## CXIII.

Queimou o sagrado templo de Diana,  
 Do subtil Ctesiphonio fabricado,  
 Herostrato, por ser da gente humana  
 Conhecido no mundo, e nomeado :  
 Se tambem com taes obras nos engana  
 O desejo de hum nome avantajado,  
 Mais razão ha que queira eterna gloria,  
 Quem faz obras tão dignas de memoria.

---

# Os Lusíadas.

---

## CANTO TERCEIRO.

### I.

**A**gora tu, Calliope, me ensina  
O que contou ao Rei o illustre Gama :  
Inspira immortal canto, e voz divina,  
Neste peito mortal, que tanto te ama.  
Assi o claro inventor da Medicina,  
De quem Orpheo pariste, ó linda dama,  
Nunca por Daphne, Clycie, ou Leucothoe,  
Te negue o amor devido, como soe.

### II.

Poem tu, Nympha, em effeito meu desejo,  
Como merece a gente Lusitana ;  
Que veja e saiba o mundo que do Tejo  
O licor de Aganippe corre, e mana.  
Deixa as flores de Pindo, que já vejo  
Banhar-me Apollo na agua soberana ;  
Senão direi, que tens algum receio,  
Que se escureça o teu querido Orpheio.

## III.

Promptos estavam todos escuitando  
 O que o sublime Gama contaria ;  
 Quando , depois de hum pouco estar cuidando ,  
 Alevantando o rosto , assi dizia :  
 Mandas-me , ó Rei , que conte declarando  
 De minha gente a grão genealogia :  
 Não me mandas contar estranha historia ;  
 Mas mandas-me louvar dos meus a gloria.

## IV.

Que outrem possa louvar esforço alheio ,  
 Cousa he que se costuma , e se deseja :  
 Mas louvar os meus proprios , arreceio  
 Que louvor tão suspeito mal me esteja ;  
 E para dizer tudo , temo e creio  
 Que qualquer longo tempo curto seja :  
 Mas pois o mandas , tudo se te deve ;  
 Irei contra o que devo , e serei breve.

## V.

Alem disso , o que a tudo em fim me obriga ,  
 He não poder mentir no que disser ,  
 Porque de feitos taes , por mais que diga ,  
 Mais me ha de ficar inda por dizer :  
 Mas porque nisto a ordem leve , e siga ,  
 Segundo o que desejas de saber ,  
 Primeiro tratarei da larga terra ,  
 Depois direi da sanguinosa guerra.

## VI.

Entre a zona que o Cancro senhorea ,  
Meta Septentrional do Sol luzente ,  
E aquella , que por fria se arrecea  
Tanto , como a do meio por ardente ,  
Jaz a soberba Europa ; a quem rodea ,  
Pela parte do Arcturo e do Occidente ,  
Com suas salsas ondas o Oceano ,  
E pela Austral , o mar Mediterraneo .

## VII.

Da parte donde o dia vem nascendo ,  
Com Asia se avisinha : mas o rio  
Que dos montes Rhipheios vai correndo ,  
Na alagoa Meotis , curvo e frio ,  
As divide : e o mar que fero e horrendo  
Vio dos Gregos o irado senhorio ;  
Onde agora de Troia triumphante  
Não vê mais que a memoria o navegante .

## VIII.

Lá onde mais debaixo está do polo ,  
Os montes Hyperboreos apparecem ,  
E aquelles onde sempre sopra Eolo ,  
E co' o nome dos sopros se ennobrecem .  
Aqui tão pouca força tem de Apollo  
Os raios que no mundo resplandecem ,  
Que a neve está contino pelos montes ,  
Gelado o mar , geladas sempre as fontes .

## IX.

Aqui dos Scythas grande quantidade  
 Vivem, que antiguamente grande guerra  
 Tiveram, sobre a humana antiguidade,  
 Co' os que tinham então a Egyptia terra :  
 Mas quem tão fóra estava da verdade,  
 ( Já que o juizo humano tanto erra )  
 Para que do mais certo se informara,  
 Ao compo Damasceno o perguntara.

## X.

Agora nestas partes se nomea  
 A Lappia fria, a inculta Noroega;  
 Escandinavia ilha, que se arrea  
 Das victorias que Italia não lhe nega.  
 Aqui, em quanto as aguas não refrea  
 O congelado inverno, se navega  
 Hum braço do Sarmatico Oceano,  
 Pelo Brusio, Suecio, e frio Dano.

## XI.

Entre este mar, e o Tanais vive estranha  
 Gente, Ruthenos, Moscos, e Livonios,  
 Sarmatas outro tempo; e na montanha  
 Hercyna, os Marcomanos são Polonios.  
 Sujeitos ao imperio de Alemanha  
 São Saxones, Bohemios, e Pannonios,  
 E outras varias nações, que o Rheno frio  
 Lava, e o Danubio, Amasis, e Albis rio.

## XII.

Entre o remoto Istro , e o claro estreito  
Aonde Helle deixou co' o nome a vida ,  
Estão os Thraces de robusto peito ,  
Do fero Marte patria tão querida ;  
Onde co' o Heimo , o Rhodope sujeito  
Ao Othomano está , que submettida  
Byzancio tem a seu serviço indino ;  
Boa injuria do grande Constantino !

## XIII.

Logo de Macedonia estão as gentes ,  
A quem lava do Axio a agua fria :  
E vós tambem , ó terras excellentes  
Nos costumes , engenhos , e ousadia ;  
Que creastes os peitos eloquentes ,  
E os juizos de alta phantasia ,  
Com quem tu , clara Grecia , o ceo penetras ,  
E não menos por armas , que por letras !

## XIV.

Logo os Dalmatas vivem ; e no seio ,  
Onde Antenor já muros levantou ,  
A soberba Veneza está no incio  
Das aguas , que tão baixa começou .  
Da terra , hum braço vem ao mar , que cheio  
De esforço , nações varias sujeitou ;  
Braço forte , de gente sublinada ,  
Não menos nos engenhos , que na espada .

## XV.

Em torno o cerca o reino Neptunino .  
 Co' os muros naturaes , por outra parte :  
 Pelo meio o divide o Apennino ,  
 Que tão illustre fez o patrio Marte.  
 Mas despois que o Porteiro tem divino ,  
 Perdendo o esforço veio , e bellica arte :  
 Pobre está já de antiga potestade ;  
 Tanto Deos se contenta de humildade !

## XVI.

Gallia alli se verá , que nomeada  
 Co' os Cesareos triumphos foi no mundo ,  
 Que do Sequana , e Rhodano he regada ,  
 E do Garumna frio , e Rheno fundo :  
 Logo os montes da Nympha sepultada  
 Pyrene se alevantam , que segundo  
 Antiguidades contam , quando arderam ,  
 Rios de ouro , e de prata então correram..

## XVII.

Eis-aqui se descobre a nobre Hespanha ,  
 Como cabeça alli de Europa toda ;  
 Em cujo senhorio , e gloria estranha  
 Muitas voltas tem dado a fatal roda :  
 Mas nunca poderá com força , ou manha ,  
 A fortuna inquieta pôr-lhe noda ,  
 Que lha não tire o esforço , e ousadia ,  
 Dos bellicosos peitos que em si cria .

## XVIII.

Com Tingitania entesta, e alli parece  
 Que quer fechar o mar Mediterraneo,  
 Onde o sabido Estreito se ennobrece  
 Co' o extremo trabalho do Thebano.  
 Com nações differentes se engrandece,  
 Cercadas com as ondas do Oceano;  
 Todas de tal nobreza e tal valor,  
 Que qualquer dellas cuida que he melhor.

## XIX.

Tem o Tarragonéz, que se fez claro  
 Sujeitando Parthenope inquieta;  
 O Navarro, as Asturias, que reparo  
 Já foram contra a gente Mahometa;  
 Tem o Gallego cauto, e o grande e raro  
 Castelhana, a quem fez o seu planeta  
 Restituidor de Hespanha, e senhor della,  
 Betis, Leão, Granada, com Castella.

## XX.

Bis-aquí, quasi cume da cabeça  
 De Europa toda, o reino Lusitano;  
 Onde a terra se acaba, e o mar começa,  
 E onde Phebo repousa no Oceano.  
 Este quiz o Ceo justo que florea  
 Nas armas contra o torpe Mauritano,  
 Deitando-o de si fóra; e lá na ardente  
 Africa estar quieto o não consente.



## XXI.

Esta he a ditosa patria minha amada;  
Á qual se o Ceo me dá, que eu sem perigo  
Torne, com esta empreza já acabada,  
Acabe-se esta luz alli comigo.

Esta foi Lusitania derivada  
De Luso, ou Lysa, que de Baccho antigo  
Filhos foram, parece, ou companheiros,  
E nella então os ineolas primeiros.

## XXII.

Desta o Pastor nasceo, que no seu nome  
Se vê que de homem forte os feitos teve;  
Cuja fama ninguem virá que dome,  
Pois a grande de Roma não se atreve.  
Esta, o velho que os filhos proprios come,  
Por decreto do Ceo, ligeiro e leve,  
Veio a fazer no mundo tanta parte,  
Creando-a reino illustre; e foi desta arte.

## XXIII.

Hum rei, por nome Afonso, foi na Hespanha,  
Que fez aos Sarracenos tanta guerra,  
Que por armas sanguinas, força, e manha,  
A muitos fez perder a vida, e a terra.  
Voando deste Rei a fama estranha,  
Do Herculano Calpe á Caspia serra,  
Muitos para na guerra esclarecer-se,  
Vinhão a elle, e á morte offerecer-se.

## XXIV.

E c' hum amor intrinseco accendidos  
Da Fé, mais que das honras populares,  
Eram de varias terras conduzidos,  
Deixando a patria amada, e proprios lares;  
Depois que em feitos altos, e subidos,  
Se mostraram nas armas singulares;  
Quiz o famoso Afonso, que obras taes  
Levassem premio digno, e dons iguaes.

## XXV.

Destes Henrique, dizem que segundo  
Filho de hum Rei de Hungria experimentado,  
Portugal houve em sorte, que no mundo  
Então não era illustre, nem prezado:  
E para mais signal d' amor profundo,  
Quiz o Rei Castelhana, que casado  
Com Teresa sua filha o Conde fosse;  
E com ella das terras tomou posse.

## XXVI.

Este depois que contra os descendentes  
Da escrava Agar, victorias grandes teve,  
Ganhando muitas terras adjacentes,  
Fazendo o que a seu forte peito deve;  
Em premio destes feitos excellentes,  
Deo-lhe o supremo Deos, em tempo breve,  
Hum filho que illustrasse o nome ufano  
Do bellicoso reino Lusitano.

## XXVII.

Já tinha vindo Henrique da conquista  
Da cidade Hierosolyma sagrada,  
E do Jordão a area tinha vista,  
Que vio de Deos a carne em si lavada;  
Que não tendo Gothfredo a quem resista,  
Depois de ter Judea subjugada,  
Muitos que nestas guerras o ajudaram,  
Para seus senhorios se tornaram.

## XXVIII.

Quando chegado ao fim de sua idade,  
O forte, e famoso Hungaro estremado,  
Forçado da fatal necessidade,  
O espirito deo a quem lho tinha dado:  
Ficava o filho em tenra mocidade,  
Em quem o pai deixava seu traslado;  
Que do mundo os mais fortes igualava;  
Que de tal pai, tal filho se esperava.

## XXIX.

Mas o velho rumor, não sei se errado,  
Que em tanta antiguidade não ha certeza,  
Conta que a mãe tomando todo o estado,  
Do segundo hymeneo não se despreza.  
O filho orpham deixava desherdado,  
Dizendo, que nas terras a grandeza  
Do senhorio todo só sua era,  
Porque para casar seu pai lhas dera.

## XXX.

Mas o príncipe Afonso, que desta arte  
Se chamava, do avô tomando o nome,  
Vendo-se em suas terras não ter parte,  
Que a mãe com seu marido as manda, e come;  
Fervendo-lhe no peito o duro Marte,  
Imagina consigo como as tome.  
Revolvidas as causas no conceito,  
Ao proposito firme segue o effeito.

## XXXI.

De Guimaraens o campo se tingia  
Co' o sangue proprio da intestina guerra,  
Onde a mãe, que tão pouco o parecia,  
A seu filho negava o amor, e a terra.  
Com elle posta em campo já se via;  
E não vê a soberba o muito que erra  
Contra Deos, contra o maternal amor;  
Mas nella o sensual era o maior.

## XXXII.

Ó Progne crua ! ó magica Medea !  
Se em vossos proprios filhos vos vingais  
Da maldade dos pais, da culpa alhea,  
Olhai que inda Teresa pecca mais.  
Incontinencia má, cobiça fea,  
São as causas deste erro principais :  
Scylla por huma mata o velho pai,  
Esta por ambas, contra o filho vai.

## XXXIII.

Mas já o Príncipe claro o vencimento  
Do padraſto, e da iniqua mãe levava;  
Já lhe obedece a terra n' hum momento,  
Que primeiro contra elle pelejava:  
Porém vencido de ira o eutendimento,  
A mãe em ferros asperos atava:  
Mas de Deos foi vingada em tempo breve:  
Tanta veneração aos pais se deve!

## XXXIV.

Eis se ajunta o soberbo Castelhana,  
Para vingar a injuria de Teresa,  
Contra o tão raro em gente Lusitano,  
A quem nenhum trabalho agrava, ou pesa.  
Em batalha cruel o peito humano,  
Ajudado da angelica defesa,  
Não só contra tal furia se sustenta,  
Mas o inimigo asperrimo affugenta.

## XXXV.

Não passa muito tempo, quando o forte  
Príncipe em Guimaraens está cercado  
De infinito poder; que desta sorte  
Foi refazer-se o imigo magoado:  
Mas, com se offerecer á dura morte  
O fiel Egas amo, foi livrado;  
Que de outra arte pudera ser perdido,  
Segundo estava mal apercebido.

## XXXVI.

Mas o leal vassallo, conhecendo  
Que seu senhor não tinha resistencia,  
Se vai ao Castelhana, promettendo  
Que elle faria dar-lhe obediencia.  
Levanta o inimigo o cerco horrendo,  
Fiado na promessa, e consciencia  
De Egas Moniz. Mas não consente o peito  
Do moço illustre a outrem ser sujeito.

## XXXVII.

Chegado tinha o prazo promettido,  
Em que o Rei Castelhana já aguardava,  
Que o Principe a seu mando submettido,  
Lhe desse a obediencia que esperava.  
Vendo Egas, que ficava fementido,  
O que delle Castella não cuidava,  
Determina de dar a doce vida,  
A troco da palavra mal cumprida.

## XXXVIII.

E com seus filhos, e mulher se parte  
A alevantar com elles a fiança;  
Descalços, e despídos, de tal arte,  
Que mais move a piedade, que a vingança.  
Se pretendes, Rei alto, de vingar-te  
De minha temeraria confiança,  
Dizia, eis-aqui venho offerecido  
A te pagar co' a vida o promettido.

## XXXIX.

Vês aqui trago as vidas innocentes  
 Dos filhos sem peccado, e da consorte;  
 Se a peitos generosos, e excellentes,  
 Dos fracos satisfaz a fera morte.  
 Vês aqui as mãos, e a lingua delinquentes;  
 Nellas sós exprimenta toda sorte  
 De tormentos, de mortes, pelo estylo  
 De Scinis, e do touro de Perillo.

## XL.

Qual diante do algoz o condemnado,  
 Que já na vida a morte tem bebido,  
 Poem no cepo a garganta; e já entregado  
 Espera pelo golpe tão temido:  
 Tal diante do Principe indignado,  
 Egas estava a tudo offerecido:  
 Mas o Rei vendo a estranha lealdade,  
 Mais pôde em fim que a ira a piedade.

## XLI.

Oh grão fidelidade Portugueza,  
 De vassallo que a tanto se obrigava!  
 Que mais o Persa fez naquella empreza,  
 Onde rosto, e narizes se cortava?  
 Do que ao grande Dario tanto peza,  
 Que mil vezes dizendo suspirava,  
 Que mais o seu Zopyro são prezara,  
 Que vinte Babylonias que tomara.

## XLII.

Mas já o Príncipe Afonso apparelhava  
 O Lusitano exercito ditoso,  
 Contra o Mouro, que as terras habitava  
 D' alem do claro Tejo delectoso:  
 Já no campo de Ourique se assentava  
 O arraial soberbo, e bellicoso,  
 Defronte do inimigo Sarraceno,  
 Postoque em força, e gente tão pequeno.

## XLIII.

Em nenhuma outra cousa confiado,  
 Senão no summo Deos que o ceo regia;  
 Que tão pouco era o povo baptizado,  
 Que para hum só cem Mouros haveria.  
 Julga qualquer juizo socegado  
 Por mais temeridade que ousadia,  
 Commetter hum tamanho ajuntamento,  
 Que para hum cavalleiro houvesse cento.

## XLIV.

Cinco Reis Mouros são os inimigos,  
 Dos quaes o principal Ismar se chama;  
 Todos exprimentados nos perigos  
 Da guerra, onde se alcança a illustre fama.  
 Seguem guerreiras damas seus amigos,  
 Imitando a formosa e forte dama,  
 De quem tanto os Troianos se ajudaram,  
 E as que o Thermodonte já gostaram.



## XLV.

A matutina luz serena, e fria,  
As estrellas do polo já apartava,  
Quando na Cruz o filho de Maria,  
Amostrando-se a Afonso o animava.  
Elle adorando quem lhe apparecia,  
Na Fé todo inflammado, assi gritava :  
Aos infieis, Senhor, aos infieis,  
E não a mi que creio o que podeis !

## XLVI.

Com tal milagre os animos da gente  
Portugueza inflammados, levantavam  
Por seu Rei natural este excellente  
Principe, que do peito tanto amavam :  
E diante do exercito potente  
Dos imigos, gritando o ceo tocavam ;  
Dizendo em alta voz : « Real, Real,  
Por Afonso alto Rei de Portugal. »

## XLVII.

Qual co' os gritos, e vozes incitado,  
Pela montanha o rabido moloso,  
Contra o touro remette, que fiado  
Na força está do corno temeroso ;  
Ora pega na orelha, ora no lado,  
Latindo, mais ligeiro que forçoso,  
Até que em fim rompendo-lhe a garganta,  
Do bravo a força horrenda se quebranta :

## XLVIII.

Tal do Rei novo o estomago accendido,  
 Por Deos, e pelo povo juntamente,  
 O barbaro commette apercebido,  
 Co' o animoso exercito rompente.  
 Levantam nisto os perros o alarido  
 Dos gritos; tocam á arma, ferve a gente,  
 As lanças e arcos tomam, tubas soam,  
 Instrumentos de guerra tudo atroam.

## XLIX.

Bem como quando a flamina, que ateadá  
 Foi nos aridos campos, ( assoprando  
 O sibilante Boreas ) animada  
 Co' o vento, o secco mato vai queimando :  
 A pastoral companhia, que deitada  
 Co' o doce somno estava, despertando  
 Ao estridor do fogo, que se atea,  
 Recolhe o fato, e foge para a aldeia :

## L.

Desta arte o Mouro attonito, e torvado,  
 Toma sem tento as armas mui depressa;  
 Não foge, mas espera confiado,  
 E o ginete belligero arremessa.  
 O Portuguez o encontra denodado,  
 Pelos peitos as lanças lhe atravessa :  
 Huns cabem meios mortos, e outros vão  
 A ajuda convocando do Alcorão.

## LI.

Alli se vem encontros temerosos,  
Para se desfazer huma alta serra;  
E os animaes correndo furiosos,  
Que Neptuno amostrou ferindo a terra.  
Golpes se dão medonhos, e forçosos;  
Por toda a parte andava accessa a guerra:  
Mas o de Luso, arnez, couraça, e malha,  
Rompe, corta, desfaz, abola, e talha.

## LII.

Cabeças pelo campo vão saltando,  
Braços, pernas, sem dono, e sem sentido;  
E d' outros as entranhas palpitando,  
Pallida a cor, o gesto amortecido.  
Já perde o campo o exercito nefando,  
Correm rios de sangue desparzido,  
Com que tambem do campo a cor se perde,  
Tornando carmesi de branco, e verde.

## LIII.

Já fica vencedor o Lusitano,  
Recolhendo os tropheos, e presa rica:  
Desbaratado, e roto o Mauro Hispano,  
Tres dias o grão Rei no campo fica.  
Aqui pinta no branco escudo ufano,  
Que agora esta victoria certifica,  
Cinco escudos azues esclarecidos,  
Em signal destes cinco Reis vencidos.

## LIV.

E nestes cinco escudos pinta os trinta  
Dinheiros , porque Deos fora vendido ;  
Escrevendo a memoria em varia tinta ,  
Daquelle de quem foi favorecido .  
Em cada hum dos cinco , cinco pinta ,  
Porque assi fica o numero cumprido ;  
Contando duas vezes o do meio ,  
Dos cinco azues , que em cruz pintando veio .

## LV.

Passado já algum tempo , que passada  
Era esta grão victoria , o Rei subido  
A tomar vai Leiria , que tomada  
Fora mui pouco havia do vencido .  
Com esta a forte Arronches subjugada  
Foi juntamente , e o sempre ennobrecido  
Scabelicastro , cujo campo ameno ,  
Tu , claro Tejo , regas tão sereno .

## LVI.

A estas nobres villas submettidas ,  
Ajunta tambem Mafra , em pouco espaço ;  
E nas serras da Lua conhecidas ,  
Sobjuga a fria Cintra o duro braço ;  
Cintra , onde as Naiades escondidas  
Nas fontes , vão fugindo ao doce laço ,  
Onde Amor as enreda brandamente ,  
Nas aguas accendendo fogo ardente .

## LVII.

E tu, nobre Lisboa, que no mundo  
Facilmente das outras es princesa,  
Que edificada foste do facundo,  
Por cujo engano foi Dardania accessa:  
Tu, a quem obedece o mar profundo,  
Obedecestes á força Portuguesa,  
Ajudada tambem da forte armada,  
Que das Boreaes partes foi mandada.

## LVIII.

Lá do Germanico Albis, e do Rheno,  
E da fria Bretanha conduzidos,  
A destruir o povo Sarraceno,  
Muitos com tenção sancta eram partidos.  
Entrando a boca já do Tejo ameno,  
Co' o arraial do grande Afonso unidos,  
Cuja alta fama então subia aos ceos,  
Foi posto cerco aos muros Ulysseos.

## LIX.

Cinco vezes a Lua se escondera,  
E outras tantas mostrara cheio o rosto,  
Quando a cidade entrada se rendera  
Ao duro cerco que lhe estava posto.  
Foi a batalha tão sanguina e fera,  
Quanto obrigava o firme presupposto,  
De vencedores asperos e ousados,  
E de vencidos já desesperados.

## LX.

Desta arte em fim tomada se rendeo,  
 Aquella que nos tempos já passados  
 Á grande força nunca obedeceo  
 Dos frios povos Scythicos ousados:  
 Cujó poder a tanto se estendeo,  
 Que o Ibero o vio, e o Tejo amedrontados;  
 E em fim co' o Betis tanto alguns puderam,  
 Que á terra de Vandalia nome deram.

## LXI.

Que cidade tão forte por ventura  
 Haverá que resista, se Lisboa  
 Não pode resistir á força dura  
 Da gente, cuja fama tanto voa?  
 Já lhe obedece toda a Estremadura,  
 Obidos, Alemquer, por onde soa  
 O tom das frescas aguas, entre as pedras,  
 Que murmurando lava, e Torres-Vedras.

## LXII.

E vós também, ó terras Transtaganas,  
 Affamadas co' o dom da flava Ceres,  
 Obedeceis ás forças mais que humanas,  
 Entregando-lhe os muros, e os poderes:  
 E tu, lavrador Mouro, que te enganas,  
 Se sustentar a fertil terra queres;  
 Que Elvas, e Moura, e Serpa conhecidas,  
 E Alcacere-do-Sal, estão rendidas.

## LXIII.

Eis a nobre cidade, certo assento  
Do rebelde Sertorio antigamente;  
Onde ora as aguas nitidas de argento  
Vem sustentar de longo a terra, e a gente,  
Pelos arcos reaes, que cento e cento  
Nos ares se alevantam nobremente:  
Obedeceo por meio e ousadia  
De Giraldo, que medos não temia.

## LXIV.

Já na cidade Beja vai tomar  
Vingança de Trancoso destruida  
Afonso, que não sabe socegar,  
Por estender co'a fama a curta vida.  
Não se lhe pode muito sustentar  
A cidade: mas sendo já rendida,  
Em toda a cousa viva a gente irada  
Provando os fios vai da dura espada.

## LXV.

Com estas subjugada foi Palmella,  
E a piscosa Cezimbra, e juntamente,  
Sendo ajudado mais de sua estrella,  
Desbarata hum exercito potente,  
(Sentio-o a villa, e vio-o a serra della!)  
Que a soccorre-la vinha diligente,  
Pela fralda da serra, descuidado  
Do temeroso encontro inopinado:

## LXVI.

O Rei de Badajoz era alto Mouro,  
Com quatro mil cavallos furiosos,  
Innumeros peões, d'armas, e de ouro  
Guarnecidos, guerreiros, e lustrosos.  
Mas qual no mez de Maio o bravo touro,  
Co'os ciumes da vacca arreceosos,  
Sentindo gente o bruto e cego amante,  
Saltea o descuidado caminhante :

## LXVII.

Desta arte Afonso subito mostrado  
Na gente dá, que passa bem segura,  
Fere, mata, derriba denodado;  
Foge o Rei Mouro, e só da vida cura.  
D'hum panico terror todo assombrado,  
Só de segui-lo o exercito procura;  
Sendò estes que fizeram tanto abalo  
No mais que só sessenta de cavallo.

## LXVIII.

Logo segue a victoria sem tardança  
O grão Rei incansabil, ajuntando  
Gentes de todo o Reino, cuja usança  
Era andar sempre terras conquistando.  
Cercar vai Badajoz, e logo alcança  
O fim de seu desejo, pelejando  
Com tanto esforço, e arte, e valentia,  
Que a faz fazer ás outras companhia.



## LXIX.

Mas o alto Deos, que para longe guarda  
 O castigo daquelle que o merece;  
 Ou para que se emende ás vezes tarda,  
 Ou por segredos que homem não conhece;  
 Se atéqui sempre o forte Rei resguarda  
 Dos perigos a que elle se offerrece,  
 Agora lhe não deixa ter defesa  
 Da maldição da mãe que estava presa.

## LXX.

Que estando na cidade que cercara,  
 Cercado nella foi dos Leonezes,  
 Porque a conquista della lhe tomara,  
 De Leão sendo, e não dos Portuguezes.  
 A pertinacia aqui lhe custa cara,  
 Assi como acontece muitas vezes,  
 Que em ferros quebra as pernas, indo acceso  
 Á batalha onde foi vencido, e preso.

## LXXI.

Ó famoso Pompeio, não te pene  
 De teus feitos illustres a ruina;  
 Nem ver que a justa Nemesis ordene,  
 Ter teu sogro de ti victoria dina:  
 Postoque o frio Phasis, ou Syene,  
 Que para nenhum cabo a sombria inclina,  
 O Bootes gelado, e a Linha ardente,  
 Temessem o teu nome geralmente;

## LXXII.

Postoque a rica Arabia, e que os feroços  
Heniochos; e Colchos, cuja fama  
O veo dourado estende; e os Cappadoces,  
E Judea que hum Deos adora e ama;  
E que os molles Sophenes, e os atroces  
Cilicios, com a Armenia, que derrama  
As agnas dos dous rios, cuja fonte  
Está n'outro mais alto, e sancto monte;

## LXXIII.

E posto em fim que deod'o mar de Atlante  
Até o Scythico Tauro, monte erguido,  
Já vencedor te vissem; não te espante  
Se o campo Emathio só te vio vencido:  
Porque Afonso verás soberbo, e ovante,  
Tudo render, e ser despois rendido.  
Assi o quiz o Conselho alto celeste,  
Que vença o sogro a ti, e o genro a este.

## LXXIV.

Tornado o Rei sublime finalmente,  
Do divino Juizo castigado,  
Despois que em Santarem soberbamente,  
Em vão dos Sarracenos foi cercado;  
E despois que do martyre Vicente  
O sanctissimo corpo venerado,  
Do sacro promontorio conhecido,  
À cidade Ulyssea foi trazido:

## LXXV.

Porque levasse avante seu desejo ,  
Ao forte filho manda o lasso velho ,  
Que ás terras se passasse d'Alemtejo ,  
Com gente, e co'o belligero aparelho.  
Sancho, d'esforço, e d'animo sobejo,  
Avante passa, e faz correr vermelho  
O rio que Sevilha vai regando,  
Co'o sangue Mauro, barbaro, e nefando.

## LXXVI.

E com esta victoria cobiçoso,  
Já não descansa o moço até que veja  
Outro estrago, como este teneroso,  
No barbaro que tem cercado Beja.  
Não tarda muito o Principe ditoso,  
Sem ver o fim daquillo que deseja.  
Assi estragado o Mouro, na vingança  
De tantas perdas poem sua esperança.

## LXXVII.

Já se ajuntam do monte, a quem Medusa  
O Corpo fez perder que teve o ceo :  
Já vem do promontorio de Ampelusa,  
E do Tinge que assento foi de Anteo.  
O morador de Abyla não se escusa;  
Que tambem com suas armas se moveo,  
Ao som da Mauritana e ronca tuba,  
Todo o reino que foi do nobre Juba.

## LXXVIII.

Entrava com toda esta companhia  
O Mir-almuminin em Portugal;  
Treze Reis Mouros leva de valia,  
Entre os quaes tem o sceptro Imperial :  
E assi fazendo quanto mal podia,  
O que em partes podia fazer mal,  
Dom Sancho vai cercar em Santarem ;  
Porém não lhe succede muito bem.

## LXXIX.

Da-lhe combates asperos , fazendo  
Ardis de guerra mil o Mouro iroso ;  
Não lhe aproveita já trabuco horrendo ,  
Mina secreta , ariete forçoso :  
Porque o filho de Afonso não perdendo  
Nada do esforço, e acordo generoso ,  
Tudo provê com animo , e prudencia ;  
Que em toda a parte ha esforço , e resistencia.

## LXXX.

Mas o velho , a quem tinham já obrigado  
Os trabalhosos annos ao socego ;  
Estando na cidade , cujo prado  
Enverdecem as aguas do Mondego ;  
Sabendo como o filho está cercado ,  
Em Santarem , do Mauro povo cego ,  
Se parte diligente da cidade ;  
Que não perde a presteza co'a idade.

## LXXXI.

E co'a famosa gente á guerra usada,  
Vai soccorrer o filho; e assi ajuntados,  
A Portugueza furia costumada  
Em breve os Mouros tem desbaratados.  
A campina, que toda está coalhada  
De marlotas, capuzes variados,  
De cavallos, jaezes, presa rica,  
De seus senhores mortos cheia fica.

## LXXXII.

Logo todo o restante se partio  
De Lusitania, postos em fugida :  
O Mir-almuminin só não fugio,  
Porque antes de fugir lhe foga a vida.  
A quem lhe esta victoria permittio,  
Dão louvores, e graças sem medida :  
Que em casos tão estranhos claramente,  
Mais peleja o favor de Deos, que a gente.

## LXXXIII.

De tamanhas victorias triumphava  
O velho Afonso, Principe subido,  
Quando quem tudo em fim vencendo andava,  
Da larga e muita idade foi vencido.  
A pallida doença lhe tocava  
Com fria mão o corpo enfraquecido ;  
E pagaram seus annos deste geito,  
Á triste Libitina seu direito.

## LXXXIV.

Os altos promontorios o choraram ;  
E dos rios as aguas saudosas  
Os semeados campos alagaram ,  
Com lagrimas correndo piedosas :  
Mas tanto pelo mundo se alargaram  
Com fama suas obras valerosas ,  
Que sempre no seu reino chamarão ,  
Afonso , Afonso , os eccos : mas em vão !

## LXXXV.

Sancho forte mancebo , que ficara  
Imitando seu pai na valentia ,  
E que em sua vida já se experimentara ,  
Quando o Betis de sangue se tingia ;  
E o barbaro poder desbaratara  
Do Ismaelita Rei de Andaluzia ;  
E mais quando os que Beja em vão cercaram  
Os golpes de seu braço em si provaram :

## LXXXVI.

Despois que foi por Rei alevantado ,  
Havendo poucos annos que reinava ,  
A cidade de Sylves tem cercado ,  
Cujos campos o barbaro lavrava :  
Foi das valentes gentes ajudado  
Da Germanica armada , que passava ,  
De armas fortes e gente apercebida ,  
A recobrar Judea já perdida.

## LXXXVII.

Passavam a ajudar na sancta empresa  
O roxo Frederico, que moveo  
O poderoso exercito em defesa  
Da cidade onde Christo padeceo;  
Quando Guido, co'a gente em sede accesa,  
Ao grande Saladino se rendeo,  
No lugar onde aos Mouros sobejavam  
As aguas, que os de Guido desejavam.

## LXXXVIII.

Mas a formosa armada, que viera  
Por contraste de vento áquella parte,  
Sancho quiz ajudar na guerra fera,  
Já que em serviço vai do sancto marte:  
Assi como a seu pai acontecera  
Quando tomou Lisboa, da mesma arte,  
Do Germano ajudado Sylves toma,  
E o bravo morador destrue, e doma.

## LXXXIX.

E se tantos tropheos do Mahometa  
Alevantando vai, tambem do forte  
Leonez não consente estar quieta  
A terra usada aos casos de Mavorte:  
Até que na cerviz seu jugo metta  
Da soberba Tui, que a mesma sorte  
Vio ter a muitas villas suas visinhas,  
Que por armas, tu Sancho, humildes tinhas.

## XC.

Mas entre tantas palmas saltando  
Da temerosa morte, fica herdeiro  
Hum filho seu, de todos estimado,  
Que foi segundo Afonso, e Rei terceiro.  
No tempo deste aos Mauros foi tomado  
Alcacere-do-Sal, por derradeiro;  
Porque d'antes os Mouros o tomaram,  
Mas agora estruidos o pagaram.

## XCI.

Morto depois Afonso, lhe succede  
Sancho segundo, manso e descuidado;  
Que tanto em seus descuidos se desmede,  
Que de outrem, quem mandava, era mandado.  
De governar o reino, que outro pede,  
Por causa dos privados, foi privado;  
Porque, como por elles se regia,  
Em todos os seus vicios consentia.

## XCII.

Não era Sancho, não, tão deshonesto  
Como Nero, que hum moço recebia  
Por mulher, e depois horrendo incesto  
Com a mãe Agrippina commettia;  
Nem tão cruel ás gentes, e molesto,  
Que a cidade queimasse onde vivia;  
Nem tão mau como foi Heliogabalo,  
Nem como o molle Rei Sardanapalo.



## XCIII.

Nem era o povo seu tyrannisado,  
Como Sicilia foi de seus tyrannos;  
Nem tinha como Phalaris achado  
Genero de tormentos inhumanos :  
Mas o reino de altivo, e costumado  
A senhores em tudo soberanos,  
A Rei não obedece, nem consente,  
Que não for mais que todos excellente.

## XCIV.

Por esta causa o reino governou  
O Conde Bolonhez, depois alçado  
Por Rei, quando da vida se apartou  
Seu irmão Sancho, sempre ao ocio dado.  
Este que Afonso o bravo se chamou,  
Depois de ter o Reino segurado,  
Em dilata-lo cuida; que em terreno  
Não cabe o altivo peito tão pequeno.

## XCV.

Da terra dos Algarves, que lhe fora  
Em casamento dada, grande parte  
Recupera co'o braço, e deita fóra  
O Mouro mal querido já de Marte.  
Este de todo fez livre e senhora  
Lusitania, com força, e bellica arte;  
E acabou de opprimir a nação forte,  
Na terra que aos de Luso coube em sorte.

## XCVI.

Eis depois vem Diniz, que bem parece  
Do bravo Afonso estirpe nobre e dina;  
Com quem a fama grande se escurece  
Da liberalidade Alexandrina.

Com este o Reino prospero florece,  
(Alcançada já a paz aurea divina)  
Em constituições, leis, e costumes,  
Na terra já tranquilla claros lumes.

## XCVII.

Fez primeiro em Coimbra exercitar-se  
O valeroso officio de Minerva;  
E de Helicon as Musas fez passar-se  
A pizar de Mondego a fertil herva.  
Quanto pode de Athenas desejar-se,  
Tudo o soberbo Apollo aqui reserva:  
Aqui as capellas dá tecidas de ouro,  
Do baccharo, e do sempre verde louro.

## XCVIII.

Nobres villas de novo edificou,  
Fortalezas, castellos mui seguros;  
E quasi o Reino todo reformou,  
Com edificios grandes, e altos muros.  
Mas depois que a dura Atropos cortou  
O fio de seus dias já maduros,  
Ficou-lhe o filho pouco obediente,  
Quarto Afonso; mas forte e excellente.

## XCIX.

Este sempre as soberbas Castelhanas  
 Co'o peito desprezou firme e sereno;  
 Porque não he das forças Lusitanas,  
 Temer poder maior, por mais pequeno.  
 Mas porém quando as gentes Mauritanas  
 A possuir o Hesperico terreno  
 Entraram pelas terras de Castella,  
 Foi o soberbo Afonso a soccorre-la.

## C.

Nunca com Semiramis gente tanta  
 Veio os campos Hydaspicos enchendo;  
 Nem Attila, que Italia toda espanta,  
 Chamando-se de Deos açoute horrendo,  
 Gotthica gente trouxe tanta, quanta  
 Do Sarraceno barbaro estupendo,  
 Co'o poder excessivo de Granada,  
 Foi nos campos Tartessios ajuntada.

## CI.

È vendo o Rei sublime Castelhanao  
 A força inexpugnabil, grande e forte,  
 Temendo mais o fim do povo Hispano,  
 Já perdido huma vez, que a propria morte;  
 Pedindo ajuda ao forte Lusitano,  
 Lhe mandava a charissima consorte,  
 Mulher de quem a manda, e filha amada  
 Daquelle a cujo reino foi mandada.

## CII.

Entrava a formosissima Maria  
Pelos paternaes paços sublimados;  
Lindo o gesto, mas fóra de alegria,  
E seus olhos em lagrimas banhados :  
Os cabellos angelicos trazia  
Pelos eburneos hombros espalhados :  
Diante do pai ledo, que a agasalha,  
Estas palavras taes chorando espalha :

## CIII.

Quantos povos a terra produzio  
De Africa toda, gente fera e estranha,  
O grão Rei de Marrocos conduzio,  
Para vir possuir a nobre Hespanha :  
Poder tamanho junto não se vio,  
Despois que o salso mar a terra banha :  
Trazem ferocidade, e furor tanto,  
Que a vivos medo, e a mortos faz espanto.

## CIV.

Aquelle que me déste por marido,  
Por defender sua terra amedrontada,  
Co'o pequeno poder, offerecido  
Ao duro golpe está da Maura espada;  
E se não for contigo soccorrido,  
Vér-me-has delle, e do reino ser privada;  
Viuva, e triste, e posta em vida escura,  
Sem marido, sem reino, e sem ventura-

## CV.

Por tanto, ó Rei, de quem com puro medo  
 O corrente Mulucha se congela;  
 Rompe toda a tardança; acude cedo  
 Á miseranda gente de Castella:  
 Se esse gesto que mostras claro e ledô,  
 De pai o verdadeiro amor assella,  
 Acude, e corre pai; que senão corres,  
 Pode ser que não aches quem soccorres.

## CVI.

Não de outra sorte a tímida Maria  
 Fallando está, que a triste Venus, quando  
 A Jupiter seu pai favor pedia,  
 Para Eneas seu filho navegando;  
 Que a tanta piedade o commovia,  
 Que cahido das mãos o raio infando,  
 Tudo o clemente Padre lhe concede,  
 Pezando-lhe do pouco que lhe pede.

## CVII.

Mais já co'os esquadrões da gente armada  
 Os Eborenses campos vão coalhados;  
 Lustra co'o Sol o arnez, a lança, a espada:  
 Vão rinchando os cavallo jaezados.  
 A canora trombeta embandeirada  
 Os corações á paz acostumados  
 Vai ás fulgentes armas incitando,  
 Pelas concavidades retumbando.

## CVIII.

Entre todos no meio se sublima,  
Das insignias Reaes acompanhado,  
O valeroso Afonso, que por cima  
De todos leva o collo alevantado;  
E somente co'o gesto esforça, e anima  
A qualquer coração amedrontado:  
Assi entra nas terras de Castella,  
Com a filha gentil, Rainha della.

## CIX.

Juntos os dous Afonsos finalmente,  
Nos campos de Tarifa, estão defronte  
Da grande multidão da cega gente,  
Para quem são pequenos campo e monte.  
Não ha peito tão alto, e tão potente,  
Que de desconfiança não se affronte,  
Em quanto não conheça, e claro veja,  
Que co'o braço dos seus Christo peleja.

## CX.

Estão de Agar os netos, quasi rindo  
Do poder dos Christãos fraco e pequeno;  
As terras como suas repartindo  
Antemão entre o exercito Agareno,  
Que com titulo falso possuindo  
Está o famoso nome Sarraceno;  
Assi tambem com falsa conta, e nua,  
Á nobre terra alheia chamam sua.

## CXI.

Qual o membrudo e barbaro Gigante,  
 Do Rei Saul com causa tão temido,  
 Vendo o Pastor inerme estar diante,  
 Só de pedras, e esforço apercebido;  
 Com palavras soberbas, e arrogante  
 Despreza o fraco moço mal vestido,  
 Que rodeando a funda, o desengana  
 Quanto mais pode a fé, que a força humana :

## CXII.

Desta arte o Mouro perfido despreza  
 O poder dos Christãos, e não entende,  
 Que está ajudado da alta fortaleza,  
 A quem o inferno horrifico se rende :  
 Com ella o Castelhana, e com destreza,  
 De Marrocos o Rei commette, e offende :  
 O Portuguez, que tudo estima em nada,  
 Se faz temer ao reino de Granada.

## CXIII.

Eis as lanças, e espadas retiniam  
 Por cima dos arnezes : bravo estrago !  
 Chamam, segundo as leis que alli seguiam,  
 Huns Mafamede, e os outros Sanct-Iago.  
 Os feridos com grita o ceo feriam,  
 Fazendo de seu sangue bruto lago,  
 Onde outros meios mortos se affogavam,  
 Quando do ferro as vidas escapavam.

## CXIV.

Com esforço tamanho estrue, e mata,  
O Luso ao Granadil, que em pouco espaço,  
Totalmente o poder lhe desbarata,  
Sem lhe valer defeza, ou peito de aço.  
De alcançar tal victoria, tão barata,  
Inda não bem contente o forte braço,  
Vai ajudar ao bravo Castelhana,  
Que pelejando está co' o Mauritano.

## CXV.

Já se hia o Sol ardente recolhendo  
Para a casa de Thetis; e inclinado,  
Para o Ponente o vespero trazendo,  
Estava o claro dia memorado:  
Quando o poder do Mauro grande e horrendo  
Foi pelos fortes Reis desbaratado,  
Com tanta mortandade, que a memoria  
Nunca no mundo vio tão grão victoria.

## CXVI.

Não matou a quarta parte o forte Mario,  
Dos que morreram neste vencimento,  
Quando as aguas co' o sangue do adversario  
Fez beber ao exercito sedento:  
Nem o Peno, asperrissimo contrario  
Do Romano poder, de nascimento,  
Quando tantos matou da illustre Roma,  
Que alqueires tres de anneis dos mortos toma.



## CXVII.

E se tu tantas almas só pudeste  
 Mandar ao reino escuro de Cocyto,  
 Quando a sancta Cidade desfizeste  
 Do povo pertinaz no antigo rito;  
 Permissão, e vingança foi celeste,  
 E não força de braço, ó nobre Tito;  
 Que assi dos Vates foi prophetizado,  
 E depois de Jxsv certificado.

## CXVIII.

Passada esta tão prospera victoria,  
 Tornado Afonso á Lusitana terra,  
 A se lograr da paz com tanta gloria,  
 Quanta soube ganhar na dura guerra;  
 O caso triste, e digno da memoria,  
 Que do sepulchro os homens desenterra,  
 Aconteceo da misera, e mesquinha,  
 Que depois de ser morta foi Rainha.

## CXIX.

Tu só, tu puro Amor, com força crua,  
 Que os corações humanos tanto obriga,  
 Dêste causa á molesta morte sua,  
 Como se fora perfida inimiga.  
 Se dizem, fero Amor, que a sede tua  
 Nem com lagrimas tristes se mitiga,  
 He porque queres, aspero e tyranno,  
 Tuas aras banhar em sangue humano.

## CXX.

Estavas, linda Ignez, posta em socego,  
De teus annos colhendo doce fruto,  
Naquelle engano da alma, ledo e cego,  
Que a fortuna não deixa durar muito;  
Nos saudosos campos do Mondego,  
De teus formosos olhos nunca enxuto,  
Aos montes ensinando, e ás hervinhas,  
O nome que no peito escripto tinhas.

## CXXI.

Do teu Principe alli te respondiam  
As lembranças que na alma lhe moravam;  
Que sempre ante seus olhos te traziam,  
Quando dos teus formosos se apartavam;  
De noite em doces sonhos, que mentiam,  
De dia em pensamentos que voavam;  
E quanto em fim cuidava, e quanto via,  
Eram tudo memorias de alegria.

## CXXII.

De outras bellas senhoras, e Princezas,  
Os desejados thalamos engeita;  
Que tudo em fim, tu puro amor, desprezas,  
Quando hum gesto suave te sujeita.  
Vendo estas namoradas estranbezas  
O velho pai sesudo, que respeita  
O murmurar do povo, e a phantasia  
Do filho, que casar-se não queria:

## CXXIII.

Tirar Ignez ao mundo determina,  
Por lhe tirar o filho que tem preso;  
Crendo co' o sangue só da morte indina,  
Matar do firme amor o fogo acceso.  
Que furor consentio que a espada fina,  
Que ponde sustentar o grande peso  
Do furor Mauro, fosse alevantada  
Contra huma fraca dama delicada?

## CXXIV.

Traziam-na os horrificos algozes  
Ante o Rei, já movido a piedade,  
Mas o povo com falsas, e ferozes  
Razões, á morte crua o persuade.  
Ella com tristes, e piedosas vozes,  
Sahidas só da magoa, e saudade  
Do seu Principe, e filhos, que deixava,  
Que mais que a propria morte a magoava:

## CXXV.

Para o ceo crystallino alevantando  
Com lagrimas os olhos piedosos;  
Os olhos, porque as mãos lhe estava atando  
Hum dos duros ministros rigorosos:  
E depois nos meninos attentando,  
Que tão queridos tinha, e tão mimosos,  
Cuja orphandade como mãe temia,  
Para o avó cruel assi dizia:

## CXXVI.

Se já nas brutas feras , cuja mente  
Natura fez cruel de nascimento ;  
E nas aves agrestes , que somente  
Nas rapinas aerias tem o intento ;  
Com pequenas crianças vio a gente  
Terem tão piedoso sentimento ,  
Como co'a mãe de Nino já mostraram ,  
E co'os irmãos que Roma edificaram :

## CXXVII.

Ó tu , que tens de humano o gesto , e o peito ,  
( Se de humano he matar huma donzella  
Fraca e sem força , só por ter sujeito  
O coração a quem soube vence-la , )  
A estas criancinhas tem respeito ;  
Pois o não tens á morte escura della :  
Mova-te a piedade sua , e minha ,  
Pois te não move a culpa que não tinha.

## CXXVIII.

E se vencendo a Maura resistencia ,  
A morte sabes dar com fogo e ferro ,  
Sabe tambem dar vida com clemencia  
A quem para perde-la não fez erro.  
Mas se to assi merece esta innocencia ,  
Poem-me em perpetuo e misero desterro ,  
Na Scythia fria , ou lá na Libya ardente ,  
Onde em lagrimas viva eternamente.

## CXXIX.

Poem-me onde se use toda a feridade,  
 Entra leões e tigres, e verei  
 Se nelles achar posso a piedade  
 Que entre peitos humanos não achei:  
 Alli co'o amor intrinseco, e vontade,  
 Naquelle por quem mouro, criarei  
 Estas reliquias suas que aqui viste,  
 Que refrigerio sejam da mãe triste.

## CXXX.

Queria perdoar-lhe o Rei benino,  
 Movido das palavras que o magoam;  
 Mas o pertinaz povo, e seu destino  
 ( Que desta sorte o quiz ) lhe não perdoam.  
 Arrancam das espadas de aço fino,  
 Os que por bom tal feito alli apregoam.  
 Contra huma dama, ó peitos carneiros,  
 Feros vos amostrais, e cavalleiros?

## CXXXI.

Qual contra a linda moça Polyxena,  
 Consolação extrema da mãe velha,  
 Porque a sombra de Achilles a condena,  
 Co'o ferro o duro Pyrrho se aparelha:  
 Mas ella os olhos, com que o ar serena,  
 ( Bem como paciente, e mansa ovelha )  
 Na misera mãe postos, que endoudece,  
 Ao duro sacrificio se offerece:

## CXXXII.

Taes contro Ignez os brutos matadores,  
No collo de alabastro, que sostinha  
As obras com que amor matou de amores  
Aquelle que depois a fez Rainha,  
As espadas banhando, e as brancas flores,  
Que ella dos olhos seus regadas tinha,  
Se encarniçavam, fervidos e irosos,  
No futuro castigo não cuidadosos.

## CXXXIII.

Bem puderas, ó Sol, da vista destes,  
Teus raios apartar aquelle dia,  
Como da seva mesa de Thyestes,  
Quando os filhos por mão de Atreo comia!  
Vós, o concavos valles, que pudestes  
A voz extrema ouvir da boca fria,  
O nome do seu Pedro que lhe ouvistes,  
Por muito grande espaço repetistes!

## CXXXIV.

Assi como a bonina, que cortada  
Antes do tempo foi, candida e bella,  
Sendo das mãos lascivas maltratada  
Da menina, que a trouxe na capella,  
O cheiro traz perdido, e a cor murchada;  
Tal está morta a pallida donzella,  
Seccas do rosto as rosas, e perdida  
A branca e viva cor, co'a doce vida.

## CXXXV.

As filhas do Mondego a morte escura  
Longo tempo chorando memoraram;  
E por memoria eterna, em fonte pura  
As lagrimas choradas transformaram:  
O nome lhe puzeram, que inda dura,  
Dos amores de Ignez, que alli passaram.  
Vede que fresca fonte rega as flores,  
Que lagrimas são a agua, e o nome amores.

## CXXXVI.

Não correo muito tempo que a vingança  
Não visse Pedro das mortaes feridas;  
Que em tomando do Reino a governança,  
A tomou dos fugidos homicidas:  
Do outro Pedro cruissimo os alcança;  
Que ambos imigos das humanas vidas,  
O concerto fizeram duro e injusto,  
Que com Lepido, e Antonio fez Augusto.

## CXXXVII.

Este, castigador foi rigoroso  
De latrocinios, mortes e adulterios:  
Fazer nos maos cruezas, fero e iroso,  
Eram os seus mais certos refrigerios.  
As cidades guardando, justicoso,  
De todos os soberbos vituperios,  
Mais ladrões castigando á morte deo,  
Que o vagabundo Alcides, ou Theseo.

## CXXXVIII.

Do justo, e duro Pedro nasce o brando,  
 ( Vede da natureza o desconcerto ! )  
 Remisso, e sem cuidado algum, Fernando,  
 Que todo o reino poz em muito aperto :  
 Que vindo o Castelhana devastando  
 As terras sem defeza, esteve perto  
 De destruir-se o Reino totalmente ;  
 Que hum fraco Rei faz fraca a forte gente.

## CXXXIX.

Ou foi castigo claro do peccado  
 De tirar Leonor a seu marido,  
 E casar-se com ella, de enlevado  
 N'hum falso parecer mal entendido ;  
 Ou foi que o coração sujeito e dado  
 Ao vicio vil, de quem se vio rendido,  
 Molle se fez, e fraco ; e bem parece,  
 Que hum baixo amor os fortes enfraquece.

## CXL.

Do peccado tiveram sempre a pena  
 Muitos, que Deos o quiz, e permittio ;  
 Os que foram roubar a bella Helena ;  
 E com Apio tambem Tarquino o vio :  
 Pois por quem David sancto se condena ?  
 Ou quem o Tribu illustre destruiu  
 De Benjamin ? Bem claro no-lo ensina  
 Por Sara Pharaó, Sichem por Dina.



## CCLI.

E pois se os peitos fortes enfraquece  
 Hum inconcesso amor desatinado,  
 Bem no filbo de Alcmena se parece,  
 Quando em Omphale andava transformado.  
 De Marco Antonio a fama se escurece  
 Com ser tanto a Cleopatra affeiçoado.  
 Tu tambem Pæno prospero o sentiste,  
 Depois que hu'a moça vil na Apulia viste!

## CXLII.

Mas quem pode livrar-se por ventura  
 Dos laços que Amor arma brandamente  
 Entre as rosas, e a neve humana pura,  
 O ouro, e o alabastro transparente?  
 Quem de huma peregrina formosurá,  
 De hum vulto de Medusa propriamente,  
 Que o coração converte que tem preso,  
 Em pedra não; mais em desejo acceso?

## CXLIII.

Quem vio hum olhar seguro, hum gesto brando,  
 Huma suave, e angelica excellencia,  
 Que em si está sempre as almas transformando,  
 Que tivesse contra ella resistencia?  
 Desculpado por certo está Fernando,  
 Para quem tem de amor experiencia:  
 Mas antes tendo livre a phantasia,  
 Por muito mais culpado o julgaria.

---

# Os Lusíadas.

---

## CANTO QUARTO.

### I.

**D**ESPOIS de procellosa tempestade,  
Nocturna sombra, e sibilante vento,  
Traz a manhã serena claridade,  
Esperança de porto, e salvamento:  
Aparta o Sol a negra escuridade,  
Removendo o temor ao pensamento:  
Assi no reino forte aconteeo,  
Despois que o Rei Fernando falleceo.

### II.

Porque se muito os nossos desejaram,  
Quem os damnos e offensas vá vingando  
Naquelles, que tão bem se aproveitaram  
Do descuido remisso de Fernando;  
Despois de pouco tempo o alcançaram,  
Joanne sempre illustre levantando  
Por Rei, como de Pedro unico herdeiro,  
( Aindaque bastardo ) verdadeiro.

## III.

Ser isto ordenação dos Ceos divina,  
Por signaes muito claros se mostrou,  
Quando em Evora a voz de huma menina,  
Ante tempo fallando, o nomeou;  
E como cousa em fim que o Ceo destina,  
No berço o corpo, e a voz alevantou:  
Portugal, Portugal, alçando a mão,  
Disse, pelo Rei novo, Dom João.

## IV.

Alteradas então do Reino as gentes,  
Co'o odio que occupado os peitos tinha,  
Absolutas cruezas, e evidentes  
Faz do povo o furor, por onde vinha:  
Matando vão amigos, e parentes  
Do adultero Conde, e da Rainha,  
Com quem sua incontinencia desbonesta  
Mais, depois de viuva, manifesta.

## V.

Mas elle em fim, com causa deshonrado,  
Diante della, a ferro frio morre,  
De outros muitos na morte acompanhado;  
Que tudo o fogo erguido queima, e corre:  
Quem como Astyanax precipitado  
( Sem lhe valerem ordens ) de alta torre;  
A quem ordens, nem aras, nem respeito;  
Quem nu por ruas, e em pedaços feito.

## VI.

Podem-se pôr em longo esquecimento  
As cruezas mortaes, que Roma vio,  
Feitas do feroz Mario, e do cruento  
Sylla, quando o contrario lhe fugio.  
Por isso Leonor, que o sentimento  
Do morto Conde ao mundo descobrio,  
Faz contra Lusitania vir Castella,  
Dizendo ser sua filha herdeira della.

## VII.

Beatriz era a filha, que casada  
Co'o Castelhana está, que o Reino pede,  
Por filha de Fernando reputada,  
Se a corrompida fama lho concede.  
Com esta voz Castella alevantada,  
Dizendo que esta filha ao pai succede,  
Suas forças ajunta para as guerras,  
De varias regiões, e varias terras.

## VIII.

Vem de toda a provincia, que de hum Brigo,  
Se foi, já teve o nome derivado;  
Das terras que Fernando, e que Rodrigo,  
Ganharam do tyranno e Mauro estado.  
Não estimam das armas o perigo  
Os que cortando vão co'o duro arado  
Os campos Leonezes, cuja gente  
Co'os Mouros foi nas armas excellente.

## IX.

Os Vandalos, na antigua valentia  
Ainda confiados, se ajuntavam  
Da cabeça de toda Andaluzia,  
Que do Guadalquivir as aguas lavam.  
A nobre ilha tambem se apercebia,  
Que antiguamente os Tyrios habitavam,  
Trazendo, por insignias verdadeiras,  
As Herculeas columnas nas bandeiras.

## X.

Tambem vem lá do reino de Toledo,  
Cidade nobre e antigua, a quem cercando  
O Tejo em torno vai suave e ledado,  
Que das serras de Conca vem mauando.  
A vós outros tambem não tolhe o medo,  
Ó sordidos Gallegos, duro bando,  
Que para resistirdes, vos armastes,  
Aquelles cujos golpes já provastes.

## XI.

Tambem movem da guerra as negras furias  
A gente Biscainha, que carece  
De polidas razões, e que as injurias  
Muito mal dos estranhos compadece.  
A terra de Guipuscua, e das Asturias,  
Que com minas de ferro se ennobrece,  
Armou delle os soberbos matadores,  
Para ajudar na guerra a seus seuhores.

## XII.

Joanne, a quem do peito o esforço crece,  
Como a Samsão Hebréo da guedelha,  
Postoque tudo pouco lhe parece,  
Co'os poucos de seu reino se aparelha:  
E não porque conselho lhe fallece,  
Co'os principaes senhores se aconselha;  
Mas só por ver das gentes as sentenças,  
Que sempre houve entre muitos differenças.

## XIII.

Não falta com razões quem desconcerte  
Da opinião de todos, na vontade,  
Em quem o esforço antigo se converte  
Em desusada e má deslealdade;  
Podendo o temor mais, gelado, inerte,  
Que a propria e natural fidelidade:  
Negam o Rei, e a patria; e se convem,  
Negarão, como Pedro, o Deos que tem.

## XIV.

Mas nunca foi que este erro se sentisse  
No forte Dom Nuno Alvares: mas antes,  
Postoque em seus irmãos tão claro o visse,  
Reprovando as vontades inconstantes;  
Áquellas duvidosas gentes disse,  
Com palavras mais duras que elegantes,  
A mão na espada, irado, e não facundo,  
Ameaçando a terra, o mar, e o mundo.

## XV.

Como ? Da gente illustre Portugueza ,  
Ha de haver quem refuse o Patrio marte ?  
Como ? Desta provincia , que princeza  
Foi das gentes na guerra em toda parte ,  
Ha de sahir quem negue ter defeza ,  
Quem negue a fé , o amor , o esforço e arte  
De Portuguez ; e por nenhum respeito ,  
O proprio Reino queira ver sujeito ?

## XVI.

Como ? Não sois vós inda os descendentes  
Daquelles , que debaixo da bandeira  
Do grande Henriques , feros et valentes ,  
Vencestes esta gente tão guerreira :  
Quando tantas bandeiras , tantas gentes ,  
Puzeram em fugida , de maneira ,  
Que sete illustres Condes lhe trouxeram  
Presos , afora a presa que tiveram ?

## XVII.

Com quem foram contino sopeados  
Estes , de quem o estais agora vós ,  
Por Diniz , e seu filho , sublimados ,  
Senão co'os vossos fortes pais , e avós ?  
Pois se com seus descuidos , ou peccados ,  
Fernando em tal fraqueza assi vos poz ,  
Torne-vos vossas forças o Rei novo ;  
Se he certo que co'o Rei se muda o povo.

## XVIII.

Rei tendes tal, que se o valor tiverdes  
Igual ao Rei que agora alevantastes,  
Desbaratareis tudo o que quizerdes,  
Quanto mais a quem já desbaratastes :  
E se com isto em fim vos não moverdes  
Do penetrante medo que tomastes,  
Atai as mãos a vosso vão receio,  
Que eu só resistirei ao jugo alheio.

## XIX.

Bu só com meus vassallos, e com esta,  
(E dizendo isto arranca meia espada)  
Defenderei da força dura, e infesta,  
A terra nunca de outrem subjugada :  
Em virtude do Rei, da Patria mesta,  
Da lealdade já por vós negada,  
Vencerei, não só estes adversarios,  
Mas quantos a meu Rei forem contrarios.

## XX.

Bem como entre os mancebos recolhidos  
Em Canusio, reliquias sós de Cannas,  
Já para se entregar, quasi movidos,  
Á fortuna das forças Africanas ;  
Cornelio moço os faz, que compellidos  
Da sua espada jurem, que as Romanas  
Armas não deixarão, em quanto a vida  
Os não deixar, ou nellas for perdida :



## XXI.

Dest' arte a gente força, e esforça Nuno,  
 Que com lhe ouvir as ultimas razões,  
 Removem o temor frio, importuno,  
 Que gelados lhe tinha os corações:  
 Nos animaes cavalgam de Neptuno,  
 Brandindo, e volteando arremessões;  
 Vão correndo e gritando, á boca aberta:  
 « Viva o famoso Rei que nos liberta. »

## XXII.

Das gentes populares, huns approvam  
 A guerra com que a patria se sostinha;  
 Huns as armas alimpam, e renovam,  
 Que a ferrugem da paz gastadas tinha;  
 Capacetes estofam, peitos provam,  
 Arma-se cada hum como convinha;  
 Outros fazem vestidos de mil cores,  
 Com letras e tenções de seus amores.

## XXIII.

Com toda esta lustrosa companhia,  
 Joanne forte sahe da fresca Abrantes;  
 Abrantes, que tambem da fonte fria  
 Do Tejo logra as aguas abundantes.  
 Os primeiros armigeros regia,  
 Quem para reger era os mui possantes  
 Orientaes exercitos, sem conto,  
 Com que passava Xerxes o Hellesponto:

## XXIV.

Dom Nuno Alvares digo, verdadeiro  
Açoute de soberbos Castelhanos,  
Como já o forte Hunno o foi primeiro  
Para Francezes, para Italianos.  
Outro também famoso cavalleiro,  
Que a ala direita tem dos Lusitanos,  
Apto para manda-los, e rege-los,  
Mem Rodrigues se diz de Vasconcellos.

## XXV.

E da outra ala, que a esta corresponde,  
Antão Vasques de Almada he capitão,  
Que depois foi de Abranches nobre Conde,  
Das gentes vai regendo a sestra mão.  
Logo na retaguarda não se esconde  
Das quinas e castellos o pendão,  
Com Joanne Rei forte em toda parte,  
Que escurecendo o preço vai de Marte.

## XXVI.

Estavam pelos muros temerosas,  
E de hum alegre medo quasi frias,  
Rezando as mãis, irmãs, damas, e esposas,  
Promettendo jejuns, e romarias.  
Já chegam as esquadras bellicosas,  
Defronte das imigas companhias,  
Que com grita grandissima os recebem;  
E todas grande duvida concebem.

## XXVII.

Respondem as trombetas mensageiras ,  
Pifaros sibilantes , e atambores ;  
Alferезes volteam as bandeiras ,  
Que variadas são de muitas cores.  
Era no secco tempo , que nas eiras  
Ceres o fructo deixa aos lavradores ;  
Entra em Astrea o Sol , no mez de Agosto ;  
Baccho das uvas tira o doce mosto.

## XXVIII.

Deo signal a trombeta Castelhana  
Horrendo , fero , ingente , e temeroso :  
Ouvio-o o monte Artabro ; e Guadiana  
Atraz tournou as ondas de medroso :  
Ouvio-o o Douro , e a terra Transtagana ;  
Correo ao mar o Tejo duvidoso :  
E as mãis , que o som terribil escuitaram ,  
Aos peitos os filhinhos apertaram.

## XXIX.

Quantos rostos alli se vem sem cor ,  
Que ao coração acode o sangue amigo ;  
Que nos perigos grandes , o temor  
He maior muitas vezes que o perigo :  
E se o não he , parece-o ; que o furor  
De offender , ou vencer o duro imigo ,  
Faz não sentir que he perda grande e rara ,  
Dos membros corporaes , da vida chara.

## XXX.

Começa-se a travar a incerta guerra ;  
De ambas partes se move a primeira ala ;  
Huns leva a defensão da propria terra ,  
Outros as esperanças de ganha-la :  
Logo o grande Pereira , em quem se encerra  
Todo o valor , primeiro se assinala ;  
Derriba , e encontra , e a terra em fim semea  
Dos que a tanto desejam , sendo alhea.

## XXXI.

Já pelo espesso ar os estridentes  
Farpões , settas , e varios tiros voam :  
Debaixo dos pés duros dos ardentes  
Cavallos , treme a terra , os valles soam :  
Espedaçam-se as lanças ; e as frequentes  
Quedas , co'as duras armas tudo atroam :  
Recrescem os imigos sobre a pouca  
Gente do fero Nuno , que os apouca ,

## XXXII.

Eis alli seus irmãos contra elle vão :  
Caso feo e cruel ! Mas não se espanta ;  
Que menos he querer matar o irmão ,  
Quem contra o Rei , e a Patria se alevanta :  
Destes arrenegados muitos são  
No primeiro esquadrão , que se adianta  
Contra irmãos e parentes : caso estranho !  
Quaes nas guerras civís de Julio Magno ,

## XXXIII.

Ó tu Sertorio, ó nobre Coriolano,  
Catilina, e vós outros dos antigos,  
Que contra vossas patrias, com profano  
Coração, vos fizestes inimigos;  
Se lá no reino escuro de Sumano  
Receberdes gravissimos castigos,  
Dizei-lhe que tambem dos Portuguezes  
Alguns traidores houve algumas vezes.

## XXXIV.

Rompem-se aqui dos nossos os primeiros;  
Tantos dos inimigos a elles vão :  
Está alli Nuno, qual pelos outeiros  
De Ceita está o fortissimo leão,  
Que cercado se vê dos cavalleiros,  
Que os campos vão correr de Tetaão;  
Perseguem-no co'as lanças, e elle iroso,  
Torvado hum pouco está, mas não medroso.

## XXXV.

Com torva vista os vê, mas a natura  
Ferina, e a ira não lhe compadecem  
Que as costas dê, mas antes na espessura  
Das lanças se arremessa, que recrecem.  
Tal está o cavalleiro, que a verdura  
Tinge co'o sangue alheio : alli perecem  
Alguns dos seus; que o animo valente  
Perde a virtude contra tanta gente.

## XXXVI.

Sentio Joanne a affronta que passava  
 Nuno; que como sabio capitão,  
 Tudo corria, e via, e a todos dava,  
 Com presença e palavras, coração.  
 Qual parida leoa, fera e brava,  
 Que os filhos, que no ninho sós estão,  
 Sentio que em quanto pasto lhe buscara,  
 O pastor de Massylia lhos furtara:

## XXXVII.

Corre raivosa, e freme, e com bramidos  
 Os montes Sete-Irmãos atroa, e abala:  
 Tal Joanne, com outros escolhidos  
 Dos seus, correndo acode á primeira ala.  
 Ó fortes companheiros, ó subidos  
 Cavalleiros, a quem nenhum se iguala,  
 Defendei vossas terras; que a esperança  
 Da liberdade está na vossa lança!

## XXXVIII.

Vedes-me aqui Rei vosso, e companheiro,  
 Que entre as lanças, e settas, e os arnezes  
 Dos inimigos corro, e vou primeiro:  
 Pelejai verdadeiros Portuguezes.  
 Isto disse o magnanimo guerreiro;  
 E sopesando a lança quatro vezes,  
 Com força tira, e deste unico tiro,  
 Muitos lançaram o ultimo suspiro.

## XXXIX.

Porque eis os seus accesos novamente  
 D' huma nobre vergonha, e honroso fogo,  
 Sobre qual mais com animo valente  
 Perigos vencerá do marcio jogo,  
 Porfiar : tinge o ferro o fogo ardente,  
 Rompem malhas primeiro, e peitos logo :  
 Assi recebem junto, e dão feridas,  
 Como a quem já não doe perder as vidas.

## XL.

A muitos mandam ver o Estygio lago,  
 Em cujo corpo a morte, e o ferro entrava :  
 O Mestre morre alli de Sanct-Iago,  
 Que fortissimamente pelejava :  
 Morre tambem, fazendo grande estrago,  
 Outro Mestre cruel de Calatrava ;  
 Os Pereiras tambem arrenegados  
 Morrem, arrenegando o Ceo, e os fados.

## XLI.

Muitos tambem do vulgo vil sem nome  
 Vão, e tambem dos nobres, ao profundo ;  
 Onde o trifauce cão perpetua fome  
 Tem das almas que passam deste mundo :  
 E porque mais aqui se amanse, e dome  
 A soberba do imigo furibundo,  
 A sublime bandeira Castelhana  
 Foi derribada aos pés da Lusitana.

## XLII.

Aqui a fera batalha se encruoece,  
Com mortes, gritos, sangue, e cutiladas;  
A multidão da gente que perece,  
Tem as flores da propria cor mudadas:  
Já as costas dão, e as vidas; já fallece  
O furor, e sobejam as lançadas;  
Já de Castella o Rei desbaratado  
Se vê, e de seu proposito mudado.

## XLIII.

O campo vai deixando ao vencedor,  
Contente de lhe não deixar a vida:  
Seguem-no os que ficaram; e o temor  
Lhe dá, não pés, mas azas á fugida.  
Encobrem no profundo peito a dor  
Da morte, da fazenda despendida,  
Da magoa, da deshonra, e triste nojo  
De ver outrem triumphar de seu despojo.

## XLIV.

Alguns vão maldizendo, e blasphemando  
Do primeiro que guerra fez no mundo;  
Outros a sede dura vão culpando  
Do peito cobiçoso, e sitibundo;  
Que por tomar o alheio, o miserando  
Povo aventura ás penas do profundo;  
Deixando tantas mãis, tantas esposas,  
Sem filhos, sem maridos, desditosas.



## XLV.

O vencedor Joanne esteve os dias  
Costumados no campo, em grande gloria:  
Com offertas depois, e romarias,  
As graças deo a quem lhe deo victoria.  
Mas Nuno, que não quer por outras vias  
Entre as gentes deixar de si memoria,  
Senão por armas sempre soberanas,  
Para as terras se passa Transtaganas.

## XLVI.

Ajuda-o seu destino de maneira,  
Que fez igual o effeito ao pensamento;  
Porque a terra dos Vandalos fronteira  
Lhe concede o despojo, e o vencimento.  
Já de Sevilla a Betica bandeira,  
E de varios senhores, n' hum momento  
Se lhe derriba aos pés, sem ter defeza,  
Obrigados da força Portugueza.

## XLVII.

Destas e outras victorias longamente  
Eram os Castelhanos opprimidos;  
Quando a paz, desejada já da gente,  
Deram os vencedores aos vencidos;  
Depois que quiz o Padre omnipotente  
Dar os Reis inimigos por maridos  
Ás duas illustrissimas Inglezas,  
Gentis, formosas, inclytas Princezas.

## XLVIII.

Não soffre o peito forte, usado á guerra,  
 Não ter imigo já a quem faça dano;  
 E assi não tendo a quem vencer na terra,  
 Vai commetter as ondas da Oceano.  
 Este he o primeiro Rei que se desterra  
 Da patria, por fazer que o Africano  
 Conheça pelas armas, quanto excede  
 A lei de Christo á lei de Mafamede.

## XIX.

Eis mil nadantes aves pelo argento  
 Da furiosa Thetis inquieta,  
 Abrindo as pandas azas vão ao vento,  
 Para onde Alcides poz a extrema meta.  
 O monte Abyla, e o nobre fundamento  
 De Ceita toma, e o torpe Mahometa  
 Deita fóra; e segura toda Hespanha  
 Da Juliana, má, e desleal manha.

## L.

Não consentio a morte tantos annos  
 Que de Heroe tão ditoso se lograsse  
 Portugal, mas os coros soberanos  
 Do Ceo supremo quiz que povoasse:  
 Mas para defensão dos Lusitanos  
 Deixou quem o levou, quem governasse,  
 E augmentasse a terra mais que d'antes,  
 Inclyta geração, altos Infantes.

## LI.

Não foi do Rei Duarte tão ditoso  
O tempo que ficou na summa alteza ;  
Que assi vai alternando o tempo iroso  
O bem co' o mal , o gosto co' a tristeza.  
Quem vio sempre hum estado deleitoso ?  
Ou quem vio em fortuna haver firmeza ?  
Pois inda neste reino , e neste Rei ,  
Não usou ella tanto desta lei.

## LII.

Vio ser captivo o sancto irmão Fernando ,  
Que a tão altas empresas aspirava ,  
Que por salvar o povo miserando  
Cercado , ao Sarraceno s' entregava.  
Só por amor da patria está passando  
A vida de senhora feita escrava ,  
Por não se dar por elle a forte Ceita :  
Mais o publico bem que o seu respeita.

## LIII.

Codro , porque o inimigo não vencesse ,  
Deixou antes vencer da morte a vida :  
Regulo , porque a patria não perdesse ,  
Quiz mais a liberdade ver perdida.  
Este , porque se Hespanha não temesse ,  
A captiveiro eterno se convida :  
Codro , nem Curcio , ouvido por espanto ,  
Nem os Decios leaes fizeram tanto.

## LIV.

Mas Afonso, do Reino unico herdeiro,  
Nome em armas ditoso, em nossa Hesperia,  
Que a soberba do barbaro fronteiro  
Tornou em baixa e humillima miseria,  
Fora por certo invicto cavalleiro,  
Senão quizera ir ver a terra Iberia:  
Mas Africa dirá ser impossibil,  
Poder ninguem vencer o Rei terribil.

## LV.

Este pode colher as maçãs de ouro,  
Que somente o Tyrinthio colher pode:  
Do jugo que lhe poz, o bravo Mouro  
A cerviz inda agora não sacode.  
Na frente a palma leva, e o verde louro  
Das victorias do barbaro, que acode  
A defender Alcacer, forte villa,  
Tangere populoso, e a dura Arzilla.

## LVI.

Porém ellas em fim por força entradas,  
Os muros abaixaram de diamante  
Às Portuguezas forças, costumadas  
A derribarem quanto acham diante.  
Maravilhas em armas estremadas,  
E de escriptura dignas elegante,  
Fizeram cavalleiros nesta empreza,  
Mais affinando a fama Portugueza.

## LVII.

Porém despois tocado de ambição,  
E gloria de mandar, amara e bella,  
Vai commetter Fernando de Aragão,  
Sobre o potente reino de Castella.  
Ajunta-se a inimiga multidão  
Das soberbas e varias gentes della,  
Desde Caliz ao alto Pyreneo,  
Que tudo ao Rei Fernando obedeceo.

## LVIII.

Não quiz ficar nos reinos ocioso  
O mancebo Joanne; e logo ordena  
De ir ajudar o pai ambicioso,  
Que então lhe foi ajuda não pequena.  
Sabio-se em fim do trance perigoso,  
Com fronte não torvada, mas serena,  
Desbaratado o pai sanguinolento:  
Mas ficou duvidoso o vencimento.

## LIX.

Porque o filho sublime e soberano,  
Gentil, forte, animoso cavalleiro,  
Nos contrarios fazendo immenso dano,  
Todo hum dia ficou no campo inteiro.  
Desta arte foi vencido Octaviano,  
E Antonio vencedor, seu companheiro,  
Quando daquelles que Cesar mataram,  
Nos Philippicos campos se vingaram.

## LX.

Porém depois que a escura noite eterna  
 Afonso aposentou no Ceo sereno,  
 O Principe que o reino então governa,  
 Foi Joanne segundo, e Rei trezeno.  
 Este, por haver fama sempiterna,  
 Mais do que tentar pode homem terreno,  
 Tentou; que foi buscar da roxa Aurora  
 Os terminos, que eu vou buscando agora.

## LXI.

Manda seus mensageiros, que passaram  
 Hespanha, França, Italia celebrada;  
 E lá no illustre Porto se embarcaram,  
 Onde já foi Parthenope enterrada;  
 Napoles, onde os fados se mostraram,  
 Fazendo-a a varias gentes sobjugada,  
 Pola illustrar no fim de tantos annos,  
 Co'o senhorio de inclytos Hispanos.

## LXII.

Pelo mar alto Siculo navegam;  
 Vão-se ás praias de Rhodes arenosas;  
 E dalli ás ribeiras altas chegam,  
 Que com morte de Magno são famosas.  
 Vão a Memphis, e ás terras que se regam  
 Das enchentes Niloticas undosas;  
 Sobem á Ethioëpia, sobre Egypto,  
 Que de Christo lá guarda o sancto rito.

## LXIII.

Passam tambem as ondas Erythreas,  
Que o povo de Israel sem nao passou;  
Ficam-lhe atraz as serras Nabatheas,  
Que o filho de Ismael co' o nome ornou.  
As costas odoriferas Sabeas,  
Que a mãi do bello Adonis tanto honrou,  
Cercam, com toda a Arabia descoberta  
Feliz, deixando a Petrea, e a Deserta.

## LXIV.

Entram no estreito Persico, onde dura  
Da confusa Babel inda a memoria:  
Alli co' o Tigre o Euphrates se mistura,  
Que as fontes onde nascem tem por gloria.  
Dalli vão em demanda da agua pura,  
Que causa inda será de larga historia,  
Do Indo, pelas ondas do Oceano,  
Onde não se atreueo passar Trajano.

## LXV.

Viram gentes incognitas e estranhas,  
Da India, da Carmania, e Gedrosia,  
Vendo varios costumes, varias manhas,  
Que cada região produz e cria.  
Mas de vias tão asperas, tamanhas,  
Tornar-se facilmente não podia:  
Lá morreram em fim, e lá ficaram;  
Que á desejada patria não tornaram.

## LXVI.

Parece que guardava o claro Ceo  
A Manoel, e seus merecimentos,  
Esta empreza tão ardua, que o moveo  
A subidos e illustres movimentos:  
Manoel, que a Joanne succedeo  
No reino, e nos altivos pensamentos,  
Logo como tomou do reino cargo,  
Tomou mais a conquista do mar largo.

## LXVII.

O qual, (como do nobre pensamento  
Daquella obrigação, que lhe ficara  
De seus antepassados, cujo intento  
Foi sempre accrescentar a terra chara,  
Não deixasse de ser hum só momento  
Conquistado : ) no tempo que a luz clara  
Foge, e as estrellas nitidas que sahem,  
A repouso convidam quando cahem ;

## LXVIII.

Estando já deitado no aureo leito,  
Onde imaginações mais certas são;  
Revolvendo contino no conceito,  
De seu officio, e sangue a obrigação;  
Os Olhos lhe occupou o somno acceito,  
Sem lhe desoccupar o coração;  
Porque tanto que lasso se adormece,  
Morpheo em varias formas lhe apparece.



## LXIX.

Aqui se lhe apresenta que subia  
 Tão alto que tocava á prima esphera ,  
 Donde diante varios mundos via ,  
 Nações de muita gente estranha , e fera :  
 E là bem junto donde nasce o dia ,  
 Depois que os olhos longos estendera ,  
 Vio de antigos , longinquos , e altos montes ,  
 Nascerem duas claras e altas fontes .

## LXX.

Aves agrestes , feras , e alimarias ,  
 Pelo monte selvatico habitavam :  
 Mil arvores silvestres , e hervas varias  
 O passo , e o trato ás gentes atalhavam .  
 Estas duras montanhas adversarias  
 De mais conversação , por si mostravam ,  
 Que desde Adão peccou aos nossos annos ,  
 Não as romperam nunca pés humanos .

## LXXI.

Das aguas se lhe antolha que sabiam ,  
 Por elle os largos passos inclinando ,  
 Dous homens , que mui velhos pareciam ,  
 De aspeito , inda que agreste , venerando :  
 Das pontas dos cabellos lhe cahiam  
 Gottas , que o corpo todo vão banhando ;  
 A cor da pelle , baça e denegrida ;  
 A barba hirsuta , intonsa , mas comprida .

## LXXII.

D'ambos de dous a fronte coroada,  
Ramos não conhecidos, eervas tinha:  
Hum delles a presença traz cansada,  
Como quem de mais longe alli caminha:  
E assi a agua, com impeto alterada,  
Parecia que d'outra parte vinha;  
Bem como Alpheo de Arcadia em Syracusa  
Vai buscar os abraços de Arethusa.

## LXXIII.

Este, que era o mais grave na pessoa,  
Dest'arte para o Rei de longe brada:  
Ó tu, a cujos reinos, e coroa,  
Grande parte do mundo está guardada;  
Nós outros, cuja fama tanto voa,  
Cuja cerviz bem nunca foi domada,  
Te avisamos que he tempo que já mandes  
A receber de nós tributos grandes.

## LXXIV.

Eu sou o illustre Ganges, que na terra  
Celeste, tenho o berço verdadeiro:  
Est'outro he o Indo Rei, que nesta serra  
Que vês, seu nascimento tem primeiro.  
Custar-te-bemos com tudo dura guerra;  
Mas insistindo tu, por derradeiro,  
Com não vistas victorias, sem receio,  
A quantas gentes vês porás o freio.

## LXXV.

Não disse mais o rio illustre, e santo;  
Mas ambos desaparecem n'hum momento:  
Acorda Manoel c'hum novo espanto,  
E grande alteração de pensamento.  
Estendeo nisto Phebo o claro manto,  
Pelo escuro Hemispherio somnolento;  
Veio a manhã no ceo pintando as cores  
De pudibunda rosa, e roxas flores.

## LXXVI.

Chama o Rei os senhores a conselho,  
E propoem-lhe as figuras da visão;  
As palavras lhe diz do sancto velho,  
Que a todos foram grande admiração.  
Determinam o nautico apparelho,  
Para que com sublime coração  
Vá a gente que mandar cortando os mares,  
A buscar novos climas, novos ares.

## LXXVII.

Eu que bem mal cuidava que em effeito  
Se pozesse o que o peito me pedia;  
Que sempre grandes cousas deste geito  
Presago o coração me promettia;  
Não sei porque razão, porque respeito,  
Ou porque bom signal que em mi se via,  
Me poem o inclyto Rei nas mãos a chave  
Deste commettimento grande, e grave.

## LXXVIII.

E com rogo, e palavras amorosas,  
 Que he hum mando nos Reis que a mais obriga,  
 Me disse: As cousas arduas e lustrosas  
 Se alcançam com trabalho, e com fadiga.  
 Faz as pessoas altas e famosas  
 A vida que se perde, e que periga;  
 Que quando ao medo infame não se rende,  
 Então, se menos dura, mais se estende.

## LXXIX.

Eu vos tenho entre todos escolhido  
 Para humna empreza, qual a vós se deve;  
 Trabalho illustre, duro, e esclarecido;  
 O que eu sei, que por mi vos será leve.  
 Não soffri mais, mas logo: Ó Rei subido,  
 Aventurar-me a ferro, a fogo, a neve,  
 He tão pouco por vós, que mais me pena  
 Ser esta vida cousa tão pequena

## LXXX.

Imaginai tamanhas aventuras,  
 Quaes Eurystheo a Alcides inventava;  
 O leão Cleonéo, Harpyas duras,  
 O porco de Erymantho, a Hydra brava:  
 Descer em fim ás sombras vãs, e escuras,  
 Onde os campos de Dite a Estyge lava;  
 Porque a maior perigo, a mór affronta,  
 Por vós, ó Rei, o espirito, e carne he pronta.

## LXXXI.

Com mercês sumptuosas me agradece,  
E com razões me louva esta vontade;  
Que a virtude louvada vive e crece,  
E o louvor altos casos persuade.  
A acompanhar-me logo se offerece,  
Obrigado d'amor, e d'amizade,  
Não menos cobiçoso de honra, e fama,  
O charo meu irmão, Paulo da Gama.

## LXXXII.

Mais se me ajunta Nicolao Coelho,  
De trabalhos mui grande soffredor;  
Ambos são de valia, e de conselho,  
D'experiencia em armas, e furor.  
Já de manceba gente me apparelho,  
Em que cresce o desejo do valor;  
Todos de grande esforço, e assi parece  
Quem a tamanhas cousas se offerece.

## LXXXIII.

Foram de Manoel remunerados,  
Porque com mais amor se apercebessem,  
E com palavras altas animados  
Para quantos trabalhos succedessem.  
Assi foram os Minyas ajuntados,  
Para que o veo dourado combatessem,  
Na fatidica nao, que ousou primeira  
Tentar o mar Euxino, aventureira.

## LXXXIV.

E já no porto da inclyta Ulyssea,  
C' hum alvoroço nobre, e c' hum desejo,  
(Onde o licor mistura, e branca areia,  
Co' o salgado Neptuno o doce Tejo : )  
As naos prestes estão : e não refrea  
Temor nenhum o juvenil despejo,  
Porque a gente maritima, e a de Marte  
Estão para seguir-me a toda parte.

## LXXXV.

Pelas praias vestidos os soldados,  
De varias cores vem, e varias artes;  
E não menos de esforço aparelhados  
Para buscar do mundo novas partes.  
Nas fortes naos os ventos socegados  
Ondeam os aerios estandartes :  
Ellas promettem vendo os mares largos,  
De ser no Olympo estrellas, como a de Argos.

## LXXXVI.

Depois de aparelhados desta sorte,  
De quanto tal viagem pede e manda,  
Aparelhamos a alma para a morte,  
Que sempre aos nautas ante os olhos anda.  
Para o summo Poder, que a etherea corte  
Sustenta só co' a vista veneranda,  
Imploramos favor que nos guiasse,  
E que nossos começos aspirasse.

## LXXXVII.

Partimos-nos assi do sancto templo,  
Que nas praias do mar está assentado,  
Que o nome tem da terra, para exemplo,  
Donde Deos foi em carne ao mundo dado.  
Certifico-te, ó Rei, que se contemplo  
Como fui destas praias apartado,  
Cheio dentro de duvida, e receio,  
Que apenas nos meus olhos ponho o freio.

## LXXXVIII.

A gente da cidade aquelle dia,  
Huns por amigos, outros por parentes,  
Outros por ver somente, concorria,  
Saudosos na vista, e descontentes:  
E nós co'a virtuosa companhia  
De mil Religiosos diligentes,  
Em procissão solemne a Deos orando,  
Para os bateis viemos caminhando.

## LXXXIX.

Em tão longo caminho, e duvidoso,  
Por perdidos as gentes nos julgavam;  
As mulheres c'hum choro piedoso,  
Os homens com suspiros que arrancavam:  
Mães, esposas, irmãs, que o temeroso  
Amor mais desconfia, accrescentavam  
A desesperação, e frio medo  
De já nos não tornar a ver tão cedo.

## XC.

Qual vai dizendo : Ó filho , a quem eu tinha  
Só para refrigerio , e doce amparo  
Desta cansada já velhice minha ,  
Que em choro acabará penoso , e amaro ;  
Porque me deixas misera , e mesquinha ?  
Porque de mi te vás , ó filho charo ,  
A fazer o funereo enterramento ,  
Onde sejas de peixes mantimento ?

## XCI.

Qual em cabello : Ó doce e amado esposo ,  
Sem quem não quiz amor que viver possa ;  
Porque is aventurar ao mar iroso  
Essa vida , que he minha , e não he vossa ?  
Como por hum caminho duvidoso  
Vos esquece a affeição tão doce nossa ?  
Nosso amor , nosso vão contentamento  
Quereis que com as velas leve o vento ?

## XCII.

Nestas e outras palavras que diziam  
De amor , e de piedosa humanidade ,  
Os velhos , e os meninos os seguiam ,  
Em quem menos esforço poem a idade.  
Os montes de mais perto respondiam ,  
Quasi movidos de alta piedade :  
A branca areia as lagrimas banhavam ,  
Que em multidão com ellas se igualavam.



## XCIII.

Nós outros, sem a vista alevantarmos  
 Nem á mãe, nem á esposa, neste estado,  
 Por nos não magoarmos, ou mudarmos  
 Do proposito firme começado :  
 Determinei de assi nos embarcarmos  
 Sem o despedimento costumado ;  
 Que postoque he de amor usança boa,  
 A quem se aparta, ou fica, mais magoa.

## XCIV.

Mas hum velho d'aspeito venerando,  
 Que ficava nas praias, entre a gente,  
 Postos em nós os olhos, meneando  
 Trez vezes a cabeça, descontente ;  
 A voz pesada hum pouco alevantando,  
 Que nós no mar ouvimos claramente,  
 C'hum saber só d'experiencias feito,  
 Taes palavras tirou do experto peito :

## XCV.

Oh gloria de mandar ! Oh vã cobiça  
 Desta vaidade, a quem chamamos fama !  
 Oh fraudulento gosto, que se atiça  
 C' huma aura popular, que honra se chama !  
 Que castigo tamanho, e que justiça  
 Fazes no peito vão que muito te ama !  
 Que mortes, que perigos, que tormentas,  
 Que crueldades nelles exprimentas !

## XCVI.

Dura inquietação d'alma, e da vida,  
Fonte de desamparos, e adulterios,  
Sagaz consumidora conhecida  
De fazendas, de reinos, e de imperios:  
Chamam-te illustre, chamam-te subida,  
Sendo digna de infames vituperios;  
Chamam-te fama, e gloria soberana,  
Nomes com quem se o povo neacio engana!

## XCVII.

A que novos desastres determinas  
De levar estes reinos, e esta gente?  
Que perigos, que mortes lhe destinás,  
Debaixo d'algum nome preeminente?  
Que promessas de reinos, e de minas  
D'ouro, que lhe farás tão facilmente?  
Que famas lhe prometterás? Que historias?  
Que triumphos, que palmas, que victorias?

## XCVIII.

Mas ó tu geração daquelle insano,  
Cujos peccado, e desobediencia,  
Não somente do reino soberano  
Te poz neste desterro, e triste ausencia:  
Mas inda d'outro estado mais que humano  
Da quieta, e da simples innocencia,  
Idade d'ouro, tanto te privou,  
Que na de ferro, e d'armas te deitou:

## XCIX.

Já que nesta gostosa vaidade  
 Tanto enlevas a leve phantasia,  
 Já que á bruta crueza, e feridade  
 Puzeste nome, esforço, e valentia;  
 Já que prezas em tanta quantidade  
 O desprezo da vida, que devia  
 De ser sempre estimada, pois que já  
 Temeo tanto perde-la quem a dá :

## C.

Não tens junto comtigo o Ismaelita,  
 Com quem sempre terás guerras sobejas?  
 Não segue elle do Arabio a lei maldita,  
 Se tu pola de Christo só pelejas?  
 Não tem cidades mil, terra infinita,  
 Se terras, e riqueza mais desejas?  
 Não he elle por armas esforçado,  
 Se queres por victorias ser louvado?

## CI.

Deixas criar ás portas o inimigo  
 Por ires buscar outro de tão longe,  
 Por quem se despovoe o reino antigo,  
 Se enfraqueça, e se vá deitando a longe!  
 Buscas o incerto, e incognito perigo,  
 Porque a fama te exalte, e te lisonge,  
 Chamando-te senhor, com larga copia,  
 Da India, Persia, Arabia, e da Ethiopia!

## CII.

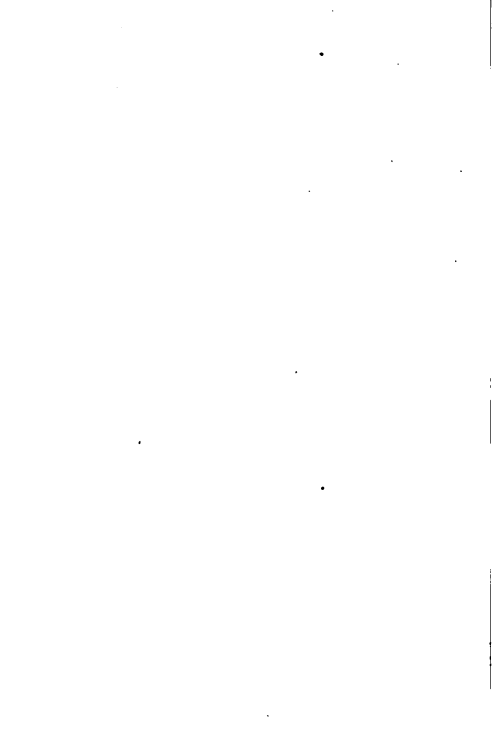
Oh maldito o primeiro que no mundo  
Nas ondas vela poz em secco lenho !  
Digno da eterna pena do profundo ,  
Se he justa a justa lei que sigo e tenho.  
Nunca juizo algum alto e profundo ,  
Nem cithara sonora , ou vivo engenho ,  
Te dê por isso fama , nem memoria ;  
Mas countigo se acabe o nome , e a gloria !

## CIII.

Trouxe o filho de Japeto do ceo  
O fogo , que ajuntou ao peito humano ;  
Fogo , que o mundo em armas accendeo ,  
Em mortes , em deshonnas : grande engano !  
Quanto melhor nos fora , Prometheo ,  
E quanto para o mundo menos dano ,  
Que a tua estatua illustre não tivera  
Fogo de altos desejos , que a movera !

## CIV.

Não commettera o moço miserando  
O carro alto do pai , nem o ar vazio  
O grande architector , co'o filho , dando  
Hum , nome ao mar , e o outro , fama ao rio :  
Nenhum commettimento alto , e nefando ,  
Por fogo , ferro , agua , calma , e frio ,  
Deixa intentado a humana geração.  
Misera sorte ! Estranha condição !



# Os Lusíadas.

## CANTO QUINTO.

I.

**E**STAS sentenças taes o velho honrado  
Vociferando estava, quando abrimos  
As azas ao sereno e socegado  
Vento, e do porto amado nos partimos :  
E como he já no mar costume usado,  
A vela desfraldando, o ceo ferimos,  
Dizendo; Boa viagem : logo o vento  
Nos troncos fez o usado movimento.

II.

Entrava neste tempo o eterno lume  
No animal Neméo truculento ;  
E o mundo, que com tempo se consume,  
Na sexta idade andava enfermo, e lento :  
Nella vê, como tinha por costume,  
Cursos do Sol quatorze vezes cento,  
Com mais noventa e sete, em que corria,  
Quando no mar a armada se estendia.

## III.

Já a vista pouco e pouco se desterra  
Daquelles patrios montes que ficavam :  
Ficava o charo Tejo , e a fresca serra  
De Cintra, e nella os olhos se alongavam.  
Ficava-nos tambem na amada terra  
O coração, que as magoas lá deixavam ;  
E já depois que toda se escondeo ,  
Não vimos mais em fim que mar, e ceo.

## IV.

Assi fomos abrindo aquelles mares  
Que geração alguma não abrio ,  
As novas ilhas vendo, e os novos ares ,  
Que o generoso Henrique descobrio :  
De Mauritania os montes, e lugares ,  
Terra que Antheo n' hum tempo possuio ,  
Deixando á mão esquerda; que á direita  
Não ha certeza d' outra, mas suspeita.

## V.

Passamos a grande ilha da Madeira ,  
Que do muito arvoredo assi se chama ;  
Das que nós povoamos a primeira ,  
Mais celebre por nome, que por fama :  
Mas nem por ser do mundo a derradeira  
Se lhe avantajam quantas Venus ama ;  
Antes sendo esta sua, se esquecera  
De Cypro , Gnido , Paphos , e Cythera.

## VI.

Deixamos de Massylia a esteril costa,  
Onde seu gado os Azenegues pastam;  
Gente que as frescas aguas nunca gosta,  
Nem as hervas do campo bem lhe abastam:  
A terra a nenhum fructo emfim disposta,  
Onde as aves no ventre o ferro gastam,  
Padecendo de tudo extrema inopia,  
Que aparta a Barbaria de Ethiopia.

## VII.

Passamos o limite aonde chega  
O Sol, que para o Norte os carros guia,  
Onde jazem os povos, a quem nega  
O filho de Clymene a cor do dia.  
Aqui gentes estranhas lava, e rega  
Do negro Sanagá a corrente fria,  
Onde o cabo Arsinario o nome perde,  
Chamando-se dos nossos Cabo-verde.

## VIII.

Passadas tendo já as Canarias ilhas,  
Que tiveram por nome Fortunadas,  
Entramos navegando pelas filhas  
Do velho Hesperio, Hesperidas chamadas;  
Terras por onde novas maravilhas  
Andaram vendo já nossas armadas:  
Alli tomamos porto com bom vento,  
Por tomarmos da terra mantimento.



## IX.

Áquella ilha aportamos, que tomou  
 O nome do guerreiro Sanct-Iago;  
 Sancto, que os Hespanhoes tanto ajudou  
 A fazerem nos Mouros bravo estrago.  
 Daqui, tanto que Boreas nos ventou,  
 Tornamos a cortar o immenso lago  
 Do salgado Oceano, e assi deixamos  
 A terra, onde o refresco doce achamos,

## X.

Por aqui rodeando a larga parte  
 De Africa, que ficava ao Oriente,  
 A provincia Jalofo, que reparte  
 Por diversas nações a negra gente;  
 A mui grande Mandinga, por cuja arte  
 Logramos o metal rico e luzente,  
 Que do curvo Gambea as aguas bebe,  
 As quaes o largo Atlantico recebe:

## XI.

As Dorçadas passamos, povoadas  
 Das irmãs, que outro tempo alli viviam,  
 Que de vista total sendo privadas,  
 Todas tres d'hum só olho se serviam.  
 Tu só, tu cujas tranças encrespadas  
 Neptuno lá nas aguas accendiam,  
 Tornada já de todas a mais fea,  
 De viboras encheste a ardente arca!

## XII.

Sempre em fim para o Austro a aguda proa ,  
No grandissimo golfam nos mettemos,  
Deixando a serra asperrima Leoa ,  
Co' o cabo , a quem das Palmas nome demos :  
O grande rio , onde batendo soa  
O mar nas praias notas , que alli temos ,  
Ficou , co' a ilha illustre que tomou  
O nome d'hum , que o lado a Deos tocou.

## XIII.

Alli o mui grande reino está de Congo ,  
Por nós já convertido á fé de Christo ,  
Por onde o Zaire passa claro e longo ,  
Rio pelos antigos nunca visto.  
Por este largo mar em fim me alongo  
Do conhecido polo de Callisto ,  
Tendo o termino ardente já passado ,  
Onde o meio do mundo he limitado.

## XIV.

Já descoberto tinhamos diante ,  
Lá no novo hemispherio , nova estrella ,  
Não vista de outra gente , que ignorante  
Alguns tempos esteve incerta della :  
Vimos a parte menos rutilante ,  
E por falta d'estrellas mehos bella ,  
Do polo fixo , onde inda se não sabe  
Que outra terra comece , ou mar acabe.

## XV.

Assi passando aquellas regiões ,  
Por onde duas vezes passa Apolo ,  
Dous invernos fazendo , e dous verões ,  
Em quanto corre d' hum ao outro polo ;  
Por calmas , por tormentas , e oppressões ,  
Que sempre faz no mar o irado Eolo ,  
Vimos as Ursas , a pezar de Juno ,  
Banharem-se nas aguas de Neptuno.

## XVI.

Contar-te longamente as perigosas  
Cousas do mar , que os homens não entendem ,  
Subitas trovoadas , temerosas ,  
Relampagos , que o ar em fogo accendem ;  
Negros chuueiros , noites tenebrosas ,  
Bramidos de trovões , que o mundo fendem ,  
Não menos he trabalho , que grande erro ,  
Aindaque tivesse a voz de ferro.

## XVII.

Os casos vi , que os rudos marinheiros ,  
Que tem por mestra a longa experiencia ,  
Contam por certos sempre , e verdadeiros ,  
Julgando as cousas só pela apparencia ;  
E que os que tem juizos mais inteiros ,  
Que só por puro engenho , e por sciencia ,  
Vem do mundo os segredos escondidos ,  
Vulgam por falsos , ou mal entendidos.

## XVIII.

Vi claramente visto o lume vivo  
Que a maritima gente tem por santo,  
Em tempo de tormenta, e vento esquivo,  
De tempestade escura, e triste pranto.  
Não menos foi a todos excessivo  
Milagre, e cousa certo de alto espanto,  
Ver as nuvens do mar, com largo cano,  
Sorver as altas aguas do Oceano.

## XIX.

Eu o vi certamente (e não presumo  
Que a vista me enganava) levantar-se  
No ar hum vaporzinho, e subtil fumo,  
E do vento trazido, rodear-se:  
De aqui levado hum cano ao polo summo  
Se via, tão delgado, que enxergar-se  
Dos olhos facilmente não podia;  
Da materia das nuvens parecia.

## XX.

Hia-se pouco e pouco accrescentando,  
E mais que hum largo mastro se engrossava;  
Aqui se estreita, aqui se alarga, quando  
Os golpes grandes de agua em si chupava:  
Estava-se co' as ondas ondeando;  
Em cima delle hu' a nuvem se espessava,  
Fazendo-se maior, mais carregada  
Co' o cargo grande d'agua em si tomada.

## XXI.

Qual roxa sanguesuga se veria  
Nos beiços da alimaria ( que imprudente  
Bebendo a recolheo na fonte fria )  
Fartar co' o sangue alheio a sede ardente :  
Chupando mais e mais se engrossa , e cria ;  
Alli se enche , e se alarga grandemente ;  
Tal a grande columna , enchendo augmenta  
A si , e a nuvem negra que sustenta .

## XXII.

Mas depois que de todo se fartou ,  
O pé que tem no mar a si recolhe ,  
E pelo ceo chovendo em fim voou ,  
Porque co' a agua a jacente agua molhe :  
Ás ondas torna as ondas que tomou ;  
Mas o sabor do sal lhe tira , e tolhe .  
Vejam agora os sabios na escriptura ,  
Que segredos são estes de natura .

## XXIII.

Se os antigos philosophos , que andaram  
Tantas terras por ver segredos dellas ,  
As maravilhas que eu passei , passaram ,  
A tão diversos ventos dando as velas ;  
Que grandes escripturas que deixaram !  
Que influença de signos , e de estrellas !  
Que estranhezas , que grandes qualidades !  
E tudo sem mentir , puras verdades .

## XXIV.

Mas já o planeta, que no ceo primeiro  
Habita, cinco vezes apressada,  
Agora meio rosto, agora inteiro  
Mostrara, em quanto o mar cortava a armada;  
Quando da etherea gavea hum marinheiro,  
Prompto co' a vista, Terra, Terra, brada:  
Salta no bordo alvoroçada a gente,  
Co' os olhos no horizonte do Oriente.

## XXV.

Á maneira de nuvens se começam  
A descobrir os montes que enxergamos;  
As ancoras pesadas se adereçam,  
As velas já chegados amainamos:  
E para que mais certas se conheçam  
As partes tão remotas onde estamos,  
Pelo novo instrumento do Astrolabio,  
Invenção de subtil juizo, e sabio;

## XXVI.

Desembarcamos logo na espaçosa  
Parte, por onde a gente se espalhou,  
De ver cousas estranhas desejava,  
Da terra que outro povo não pizou:  
Porem eu co' os pilotos, na arenosa  
Praia, por vermos em que parte estou,  
Me detenho em tomar do sol a altura,  
E compassar a universal pintura.

## XXVII.

Achamos ter de todo já passado  
Do Semicapro peixe a grande meta,  
Estando entre elle, e o circulo gelado  
Austral, parte do mundo mais secreta.  
Eis de meus companheiros rodeado,  
Vejo hum estranho vir de pelle preta,  
Que tomaram por força, em quanto apanha  
De mel os doces favos na montanha.

## XXVIII.

Torvado vem na vista, como aquelle  
Que não se vira nunca em tal extremo;  
Nem elle entende a nós, nem nós a elle,  
Selvagem mais que o bruto Polyphemo:  
Começo-lhe a mostrar da rica pelle  
De Colchos o gentil metal supremo,  
A prata fina, a quente especiaria;  
A nada disto o bruto se movia.

## XXIX.

Mando mostrar-lhe peças mais somenos,  
Contas de crystallino transparente,  
Alguns soantes cascaveis pequenos,  
Hum barrete vermelho, cor contente.  
Vi logo por signaes e por acenos,  
Que com isto se alegra grandemente:  
Mando-o soltar com tudo; e assi caminha  
Para a povoação, que perto tinha.

## XXX.

Mas logo ao outro dia seus parcosiros,  
Todos nus, e da cor da escura treva,  
Descendo pelos asperos outeiros,  
As peças vem buscar que est' outro leva:  
Domesticos já tanto, e companheiros  
Se nos mostram, que fazem que se atreva  
Fernão Velloso a ir ver da terra o trato,  
E partir-se com elles pelo mato.

## XXXI.

He Velloso no braço confiado,  
E de arrogante cré que vai seguro;  
Mas, sendo hum grande espaço já passado,  
Em que algum bom signal saber procuro,  
Estando, a vista alçada, co' o cuidado  
No aventureiro, eis pelo monte duro  
Apparece, e segundo ao mar caminha,  
Mais apressado do que fora, vinha.

## XXXII.

O batal de Coelho foi depressa  
Polo tomar, mas antes que chegasse,  
Hum Ethiope ousado se arremessa  
A elle, porque não se lhe escapasse:  
Outro e outro lhe sabem; ve-se em pressa  
Velloso, sem que alguem lhe alli ajudasse;  
Acudo eu logo, e em quanto o remo aperto,  
Se mostra hum bando negro descoberto.



## XXXIII.

Da espessa nuvem settas, e pedradas  
 Chovem sobre nós outros sem medida;  
 E não foram ao vento em vão deitadas,  
 Que esta perna trouxe eu dalli ferida:  
 Mas nós como pessoas magoadas,  
 A resposta lhe demos tão tecida,  
 Que em mais que nos barretes se suspeita  
 Que a cor vermelha levam desta feita.

## XXXIV.

E sendo já Velloso em salvamento,  
 Logo nos recolhemos para a armada,  
 Vendo a malicia fea, e rudo intento  
 Da gente bestial, bruta, e malvada:  
 De quem nenhum melhor conhecimento  
 Pudemos ter da India desejada,  
 Que estarmos inda muito longe della;  
 E assi tornei a dar ao vento a vela.

## XXXV.

Disse então a Velloso hum companheiro,  
 (Começando-se todos a sorrir)  
 Oulá, Velloso amigo, aquelle outeiro  
 He melhor de descer, que de subir.  
 Si he, responde o ousado aventureiro;  
 Mas quando eu para cá vi tantos vir  
 Daquelles cães, depressa hum pouco vim,  
 Por me lembrar que estaveis cá sem mim.

## XXXVI.

Contou então que tanto que passaram  
Aquelle monte, os negros de quem fallo ,  
Avante mais passar o não deixaram ,  
Querendo , senão torna, alli mata-lo :  
E tornando-se , logo se emboscaram ,  
Porque sahindo nós para toma-lo ,  
Nos podessem mandar ao reino escuro ,  
Por nos roubarem mais a seu seguro.

## XXXVII.

Porém já cinco soes eram passados  
Que dalli nos partiramos , cortando  
Os mares nunca d' outrem navegados ,  
Prosperamente os ventos assoprando ;  
Quando huma noite estando descuidados ,  
Na cortadora proa vigiando ,  
Huma nuvem , que os ares escurece ,  
Sobre nossas cabeças apparece.

## XXXVIII.

Tão temerosa vinha , e carregada ,  
Que poz nos corações hum grande medo :  
Bramindo o negro mar , de longe brada ,  
Como se dêsse em vão n'algum rochedo.  
Ó Potestade , disse , sublimada !  
Que ameaço divino , ou que segredo ,  
Este clima , e este mar nos apresenta ,  
Que mór cousa parece que tormenta ?

## XXXIX.

Não acabava , quando huma figura  
 Se nos mostra no ar , robusta e valida ,  
 De disforme e grandissima estatura ,  
 O rosto carregado , a barba esqualida :  
 Os olhos encovados , e a postura  
 Medonha e má , e a cor terrena e pallida ,  
 Cheios de terra , e crespos os cabellos ,  
 A boca negra , os dentes amarellos.

## XL.

Tão grande era de membros , que bem posso  
 Certificar-te , que este era o segundo  
 De Rhodes estranhissimo colosso ,  
 Que hum dos sete milagres foi do mundo :  
 C' hum tom de voz nos falla horrendo e' grosso ,  
 Que pareceo sahir do mar profundo :  
 Arrepiam-se as carnes e o cabelo  
 A mi , e a todos , só de ouvi-lo e ve-lo.

## XLI.

E disse : Ó gente ousada mais que quantas  
 No mundo commetteram grandes cousas ;  
 Tu que por guerras cruas , taes e tantas ,  
 E por trabalhos vãoos nunca repousas :  
 Pois os vedados terminos quebrantas ,  
 E navegar meus longos mares ousas ,  
 Que eu tanto tempo ha que guardo , e tenho ,  
 Nunca arados d'estranho , ou proprio lenho :

## XLII.

Pois vens ver os segredos escondidos  
Da natureza, e do humido elemento,  
A nenhum grande humano concedidos  
De nobre ou de immortal merecimento:  
Ouve os danos de mi, que apercebidos  
Estão, a teu sobejo atrevimento,  
Por todo o largo mar, e pela terra,  
Que inda has de subjugar com dura guerra.

## XLIII.

Sabe que quantas naos esta viagem  
Que tu fazes, fizerem de atrevidas,  
Inimiga terão esta paragem,  
Com ventos, e tormentas desmedidas:  
E da primeira armada, que passagem  
Fizer por estas ondas insoffridas,  
Eu farei d' improviso tal castigo,  
Que seja mór o damno, que o perigo.

## XLIV.

Aqui espero tomar, senão me engano,  
De quem me descobrio summa vingança;  
E não se acabará só nisto o dano  
De vossa pertinace confiança:  
Antes em vossas naos vereis cada anno  
(Se he verdade o que meu juizo alcança)  
Naufragios, perdições de toda sorte,  
Que o menor mal de todos seja a morte.

## XLV.

E do primeiro illustre, que a ventura  
Com fama alta fizer tocar os ceos,  
Serei eterna, e nova sepultura,  
Por juizos incognitos de Deos:  
Aqui porá da Turca armada dura  
Os soberbos e prosperos tropheos;  
Comigo de seus damnos o ameaça  
A destruida Quiloa com Mombaça.

## XLVI.

Outro tambem virá de honrada fama,  
Liberal, cavalleiro, enamorado,  
E comsigo trará a formosa dama,  
Que Amor por grão mercé lhe terá dado:  
Triste ventura, e negro fado os chama  
Neste terreno meu, que duro e irado,  
Os deixará d' hum cru naufragio vivos,  
Para verem trabalhos excessivos.

## XLVII.

Verão morrer com fome os filhos charos,  
Em tanto amor gerados e nascidos;  
Verão os Cafres asperos e avaros  
Tirar á linda dama seus vestidos:  
Os crystallinos membros, e preclaros,  
Á calma, ao frio, ao ar verão despídos,  
Depois de ter pizada longamente,  
Co' os delicados pés, a area ardente.

## XLVIII.

E verão mais os olhos que escaparem  
 De tanto mal, de tanta desventura,  
 Os duos amantes miseros ficarem  
 Na fervida e implacabil espessura.  
 Alli, depois que as pedras abrandarem  
 Com lagrimas de dor, de magoa pura,  
 Abraçados as almas soltarão  
 Da formosa e miserrima prisão.

## XLIX.

Mais hia por diante o monstro horrendo  
 Dizendo nossos fados, quando alçado  
 Lhe disse eu : Quem es tu ? que esse estupendo  
 Corpo, certo me tem maravilhado.  
 A boca, e os olhos negros retorcendo,  
 Edando hum espantoso e grande brado,  
 Me respondeo com voz pezada e amara,  
 Como quem da pergunta lhe pezara :

## L.

Eu sou aquelle occulto, e grande Cabo,  
 A quem chamais, vós outros, Tormentorio;  
 Que nunca a Ptolemeo, Pomponio, Strabo,  
 Plinio, e quantos passaram, fui notorio :  
 Aqui toda a Africana costa acabo  
 Neste meu nunca visto promontorio,  
 Que para o polo Antartico se estende,  
 A quem vossa ousadia tanto offende.

## LI.

Fui dos filhos asperrimos da terra,  
 Qual Encelado, Egeo, e o Centimano;  
 Chamei-me Adamastor, e fui na guerra  
 Contra o que vibra os raios de Vulcano:  
 Não que puzesse serra sobre serra,  
 Mas conquistando as ondas do Oceano,  
 Fui capitão do mar, por onde andava  
 A armada de Neptuno, que eu buscava.

## LII.

Amores da alta esposa de Peleo  
 Me fizeram tomar tamanha empreza;  
 Todas as deosas desprezei do ceo,  
 Por amar das aguas a princeza:  
 Hum dia a vi, co'as filhas de Nereo,  
 Sahir nua na praia; e logo preza  
 A vontade senti, de tal maneira,  
 Que inda não sinto cousa que mais queira.

## LIII.

Como fosse impossibil alcança-la  
 Pela grandeza fea de meu gesto,  
 Determinei por armas de toma-la,  
 E a Doris este caso manifesto:  
 De medo a deosa então por mi lhe falla;  
 Mas ella c'hum formoso riso honesto,  
 Respondeo; qual será o amor bastante  
 De nympha que sustente o d'hum gigante?

## LIV.

Com tudo por livrarmos o Oceano  
De tanta guerra, eu buscarei maneira,  
Com que com minha honra escuse o dano;  
Tal resposta me torna a mensageira.  
Eu que cahir não pude neste engano,  
( Que he grande dos amantes a cegueira )  
Encheram-me com grandes abundanças  
O peito de desejos, e esperanças.

## LV.

Já nescio, já da guerra desistindo,  
Huma noite de Doris promettida,  
Me apparece de longe o gesto lindo  
Da branca Thetis unica despida :  
Como doudo corri de longe, abrindo  
Os braços, para aquella que era vida  
Deste corpo, e começo os olhos bellos  
A lhe beijar, as faces, e os cabellos.

## LVI.

Oh que não sei de nojo como o conte!  
Que crendo ter nos braços quem amava,  
Abraçado me achei c' hum duro monte  
De aspero mato, e de espessura brava :  
Estando c' hum penedo fronte a fronte,  
Que eu polo rosto angelico apertava,  
Não fiquei homem não, mas mudo e quedo,  
E junto d' hum penedo outro penedo.



## LVII.

Ó nympha a mais formosa do Oceano,  
Já que minha presença não te agrada,  
Que te custava ter-me neste engano,  
Ou fosse monte, nuvem, sonho, ou nada?  
Daqui me parto irado, e quasi insano  
Da magoa, e da deshonra alli passada,  
A buscar outro mundo, onde não visse  
Quem de meu pranto e de meu mal se risse.

## LVIII.

Eram já neste tempo meus irmãos  
Vencidos, e em miseria extrema postos;  
E, por mais segurar-se os deoses vãos,  
Alguns a varios montes sotopostos:  
E como contra o ceo não valem mãos,  
Eu que chorando andava meus desgostos,  
Comecei a sentir do fado imigo  
Por meus atrevimentos o castigo.

## LIX.

Converte-se-me a carne em terra dura,  
Em penedos os ossos se fizeram;  
Estes membros que vês e esta figura,  
Por estas longas aguas se estenderam:  
Em fim, minha grandissima estatura  
Neste remoto cabo converteram  
Os deoses, e por mais dobradas magoas,  
Me anda Thetis cercando destas agoas.

## LX.

Assi contava, e c'hum medonho choro  
Subito d'ante os olhos se apartou;  
Desfez-se a nuvem negra, e c'hum sonoro  
Bramido, muito longe o mar soou.  
Eu, levantando as mãos ao sancto coro  
Dos Anjos, que tão longe nos guiou,  
A Deos pedi que removesse os duros  
Casos, que Adamastor contou futuros.

## LXI.

Já Phlegon, e Pyrois vinham tirando  
Co'os outros dous o carro radiante,  
Quando a terra alta se nos foi mostrando,  
Em que foi convertido o grão gigante.  
Ao longo desta costa, começando  
Já de cortar as ondas do Levante,  
Por ella abaixo hum pouco navegamos,  
Onde segunda vez terra tomamos.

## LXII.

A gente que esta terra possuía,  
Postoque todos Ethíopes eram,  
Mais humana no trato parecia,  
Que os outros, que tão mal nos receberam.  
Com bailes, e com festas de alegria,  
Pela praia arenosa a nós vieram;  
As mulheres comsigo, e o manso gado,  
Que apascentavam, gordo e bem criado.

## LXIII.

As mulheres queimadas vem em cima  
Dos vagarosos bois, alli sentadas,  
Animaes que elles tem em mais estima,  
Que todo o outro gado das manadas :  
Cantigas pastoris, ou prosa, ou rima,  
Na sua lingua cantam concertadas,  
Co' o doce som das rusticas avenas,  
Imitando de Tityro as Camenas.

## LXIV.

Estes como na vista prazenteiros  
Fossem, humanamente nos trataram,  
Trazendo-nos gallinhas, e carneiros,  
A troco d'outras peças que levaram :  
Mas como nunca em fim meus companheiros  
Palavra sua alguma lbe alcançaram,  
Que desse algum signal do que buscamos,  
Ás velas dando, as ancoras levamos.

## LXV.

Já aqui tinhamos dado hum grão rodeio  
Á costa negra de Africa, e tornava  
A proa a demandar o ardente meio  
Do ceo, e o polo Antartico ficava :  
Aquelle ilheo deixamos, onde veio  
Outra armada primeira, que buscava  
O Tormentorio cabo, e descoberto,  
Naquelle ilheo fez seu limite certo.

## LXVI.

Daqui fomos cortando muitos dias,  
Entre tormentas tristes e bonanças,  
No largo mar fazendo novas vias,  
Só conduzidos de arduas esperanças :  
Co' o mar hum tempo andamos em porfias ;  
Que como tudo nelle são mudanças,  
Corrente nelle achamos tão possante,  
Que passar não deixava por diante.

## LXVII.

Era maior a força em demasia,  
Segundo para traz nos obrigava,  
Do mar, que contra nós alli corria,  
Que por nós a do vento que assoprava :  
Injuriado Noto da porfia  
Em que co' o mar, parece, tanto estava,  
Os assopros esforça iradamente,  
Com que nos fez vencer a grão corrente.

## LXVIII.

Trazia o Sol o dia celebrado,  
Em que tres Reis das partes do Oriente  
Foram buscar hum Rei de pouco nado,  
No qual Rei outros tres ha juntamente :  
Neste dia outro porto foi tomado  
Por nós, da mesma já contada gente,  
N'hum largo rio, ao qual o nome demos  
Do dia em que por elle nos mettemos.

## LXIX.

Desta gente refresco algum tomamos,  
E do rio fresca agua; mas com tudo  
Nenhum signal aqui da India achamos  
No povo, com nós outros quasi mudo.  
Ora vê, Rei, quamanha terra andamos,  
Sem sahir nunca deste povo rudo,  
Sem vermos nunca nova, nem signal,  
Da desejada parte Oriental.

## LXX.

Ora imagina agora quão coitados  
Andariamos todos, quão perdidos,  
De fomes, de tormentas quebrantados,  
Por climas, e por mares não sabidos:  
E do esperar comprido tão cansados,  
Quanto a desesperar já compellidos,  
Por ceos não naturaes, de qualidade  
Inimiga de nossa humanidade.

## LXXI.

Corrupto já e damnado o mantimento,  
Damnosos e maos ao fraco corpo humano,  
E alem disso nenhum contentamento,  
Que se-quer da esperança fosse engano:  
Crês tu que se este nosso ajuntamento  
De soldados, não fora Lusitano,  
Que durara elle tanto obediente  
Por ventura a seu Rei, e a seu regente?

## LXXII.

Crês tu que já não foram levantados  
Contra seu capitão, se os resistira,  
Fazendo-se piratas, obrigados  
De desesperação, de fome, de ira?  
Grandemente por certo estão provados,  
Pois que nenhum trabalho grande os tira  
Daquella Portugueza alta excellencia  
De lealdade firme, e obediencia.

## LXXIII.

Deixando o porto em fim do doce rio,  
E tornando a cortar a agua salgada,  
Fizemos desta costa algum desvio,  
Deitando para o pego toda a armada:  
Porque ventando Noto manso e frio,  
Não nos sphanhasse a agua da enseada,  
Que a costa faz alli daquella banda,  
Donde a rica Sofala o ouro manda.

## LXXIV.

Esta passada, logo o leve leme  
Encommendado ao sacro Nicolao,  
Para onde o mar na costa brada e geme,  
A proa inclina d'huma, e d'outra nao:  
Quando indo o coração que espera e teme,  
E que tanto fiou d'hum fraco pao,  
Do que esperava já desesperado,  
Foi d'huma novidade alvoroçado.

## LXXV.

E foi, que estando já da costa perto,  
Onde as praias, e valles bem se viam,  
N' hum rio, que alli sahe ao mar aberto,  
Bateis á vela entravam, e sabiam.  
Alegria mui grande foi por certo  
Acharmos já pessoas que sabiam  
Navegar; porque entr' ellas esperamos  
De achar novas algumas, como achamos.

## LXXVI.

Ethiopes são todos, mas parece  
Que com gente melhor communicavam;  
Palavra alguma Arabia se conhece  
Entre a linguagem sua que fallavam:  
E com panno delgado, que se tece  
De algodão, as cabeças apertavam;  
Com outro, que de tinta azul se tinge,  
Cada hum as vergonhosas partes cinge.

## LXXVII.

Pela Arabica lingua que mal fallam,  
E que Fernão Martins mui bem entende,  
Dizem, que por naos que em grandeza igualam  
As nossas, o seu mar se corta e fende:  
Mas que lá donde sahe o Sol, se abalam  
Para onde a costa ao Sul se alarga e estende,  
E do Sul para o Sol; terra onde havia  
Gente assi como nós da cor do dia.

## LXXVIII.

Mui grandemente aqui nos alegramos  
Co'a gente, e com as novas muito mais :  
Pelos signaes que neste rio achamos,  
O nome lhe ficou dos Bons-Signais :  
Hum padrão nesta terra alevantamos;  
Que para assignalar lugares tais  
Trazia alguns; o nome tem do bello  
Guiador de Tobias a Gabelo.

## LXXIX.

Aqui de limos, cascas, e d' ostrinhos,  
Nojosa criação das agnas fundas,  
Alimpamos as naos, que dos caminhos  
Longos do mar, vem sordidas e immundas.  
Dos hospedes que tinhamos visinhos,  
Com mostras apraziveis e jucundas,  
Houvemos sempre o usado mantimento,  
Limpos de todo o falso pensamento.

## LXXX.

Mas não foi, da esperança grande e immensa  
Que nesta terra havemos, limpa e pura  
A alegria; mas logo a recompensa  
A Rhamnusia com nova desventura.  
Assi no Ceo sereno se dispensa;  
Com esta condição pezada e dura  
Nascemos; o pezar terá firmeza,  
Mas o bem logo muda a natureza.



## LXXXI.

E foi que de doença crua e feia,  
 A mais que eu nunca vi, desampararam  
 Muitos a vida, e em terra estranha e alheia  
 Os ossos para sempre sepultaram.  
 Quem haverá que sem o ver o creia?  
 Que tão disformemente alli lhe incharam  
 As gengivas na boca, que crescia  
 A carne, e juntamente apodrecia.

## LXXXII.

Apodrecia c' hum fetido e bruto  
 Cheiro, que o ar visinho inficionava :  
 Não tínhamos alli medico astuto,  
 Cirurgião subtil menos se achava :  
 Mas qualquer neste officio pouco instructo  
 Pela carne já podre assi cortava,  
 Como se fora morta; e bem convinha,  
 Pois que morto ficava quem a tinha.

## LXXXIII.

Em fim que nesta incognita espessura  
 Deixamos para sempre os companheiros,  
 Que em tal caminho, e em tanta desventura,  
 Foram sempre comnosco aventureiros.  
 Quão facil he ao corpo a sepultura!  
 Quaesquer ondas do mar, quaesquer oiteiros  
 Estranhos, assi mesmo como aos nossos,  
 Receberão de todo o illustre os ossos.

## LXXXIV.

Assi que deste porto nos partimos  
Com maior esperança, e mór tristeza,  
E pela costa abaixo o mar abrimos,  
Buscando algum signal de mais firmeza :  
Na dura Moçambique, em fim, surgimos,  
De cuja falsidade, e má vileza,  
Já serás sabedor, e dos enganos  
Dos povos de Mombaça pouco humanos.

## LXXXV.

Até que aqui no teu seguro porto,  
Cuja brandura, e doce tratamento,  
Dará saude a hum vivo, e vida a hum morto,  
Nos trouxe a piedade do alto assento :  
Aqui repouso, aqui doce conforto,  
Nova quietação do pensamento  
Nos deste : e ves-aqui, se attento ouviste,  
Te contei tudo quanto me pediste.

## LXXXVI.

Julgas agora, Rei, se houve no mundo  
Gentes, que taes caminhos commettessem ?  
Crês tu que tanto Eneas, e o facundo  
Ulysses, pelo mundo se estendessem ?  
Ousou algum a ver do mar profundo,  
Por mais versos que delle se escrevessem,  
Do que eu vi, a poder d'esforço e de arte,  
E do que inda hei de ver, a oitava parte ?

## LXXXVII.

Esse que bebo tanto da agua Aonia ,  
 Sobre quem tem contenda peregrina ,  
 Entre si , Rhodes , Smyrna , e Colophonia ,  
 Athenas , Ios , Argo , e Salamina :  
 Ess' outro que esclarece toda a Ausonia ,  
 A cuja voz altisona e divina  
 Ouvindo , o patrio Mincio se adormece ,  
 Mas o Tybre co'o som se ensoberbece ,

## LXXXVIII.

Cantem , louvem , e escrevam sempre extremos  
 Desses seus semideoses , e encareçam ,  
 Fingindo magas , Circes , Polyphemos ,  
 Sirenas que co'o canto os adormeçam :  
 Dem-lhe mais navegar á vela e remos  
 Os Cicones , e a terra onde se esqueçam  
 Os companheiros , em gostando o loto ;  
 Dem-lhe perder nas aguas o piloto ;

## LXXXIX.

Ventos soltos lhe finjam e imaginem  
 Dos odres , e Calypsos namoradas ,  
 Harpyas , que o manjar lhe contaminem ,  
 Descer ás sombras nuas já passadas :  
 Que por muito , e por muito que se affinem  
 Nestas fabulas vãas , tão bem souhadas ,  
 A verdade que eu conto nua e pura  
 Vence toda grandiloqua escriptura.

## XC.

Da boca do facundo capitão  
Pendendo estavam todos embebidos,  
Quando deo fim á longa narração  
Dos altos feitos grandes, e subidos.  
Louva o Rei o sublime coração  
Dos Reis em tantas guerras conhecidos:  
Da gente louva a antiga fortaleza,  
A lealdade d' animo, e nobreza.

## XCI.

Vai recontando o povo, que se admira,  
O caso cada qual que mais notou:  
Nenhum delles da gente os olhos tira,  
Que tão longos caminhos rodeou.  
Mas já o mancebo Delio as redeas vira,  
Que o irmão de Lampécia mal guiou,  
Por vir a descançar nos Thetios braços;  
E el Rei se vai do mar aos nobres paços.

## XCII.

Quão doce he o louvor, e a justa gloria  
Dos proprios feitos, quando são soados!  
Qualquer nobre trabalha, que em memoria  
Vença, ou iguale os grandes já passados.  
As invejas da illustre e alheia historia  
Fazem mil vezes feitos sublimados.  
Que quem valerosas obras exercita,  
Louvor alheio muito o esperta, e incita.

## XCIII.

Não tinha em tanto os feitos gloriosos  
De Achilles, Alexandro na peleja,  
Quanto de quem o canta, os numerosos  
Versos; isso só louva, isso deseja.  
Os tropheos de Miltiades famosos,  
Themistocles despertam só de inveja;  
E diz, que nada tañto o deleitava,  
Como a voz que seus feitos celebrava.

## XCIV.

Trabalha por mostrar Vasco da Gama  
Que essas navegações, que o mundo canta,  
Não merecem tamanha gloria, e fama,  
Como a sua, que o ceo e a terra espanta.  
Si; mas aquelle Heroe, que estima, e ama  
Com dous, mercés, favores, e honra tanta  
A lyra Mantuana, faz que soe  
Eneas, e a Romana gloria voe.

## XCV.

Dá a terra Lusitana Scipiões,  
Cesares, Alexandros, e dá Augustos;  
Mas não lhe dá com tudo aquelles dóes,  
Cuja falta os faz duros, e robustos:  
Octavio, entre as maiores oppressões,  
Compunha versos doutos, e venustos.  
Não dirá Fulvia certo que he mentira,  
Quando a deixava Antonio por Glaphyra.

## XCVI.

Vai Cesar subjugando toda França,  
 E as armas não lhe impedem a sciencia;  
 Mas n'humã mão a penna, e n'outra a lança,  
 Igualava de Cicero a eloquencia :  
 O que de Scipião se sabe, e alcança,  
 He nas comedias grande experiencia :  
 Lia Alexandro a Homero de maneira,  
 Que sempre se lhe sabe á cabeceira.

## XCVII.

Em fim não houve forte capitão,  
 Que não fosse tambem douto, e sciente,  
 Da Lacia, Grega, ou barbara nação,  
 Senão da Portugueza tansomente.  
 Sem vergonha o não digo, que a razão  
 D'algum não ser por versos excellente,  
 He não se ver prezado o verso, e rima,  
 Porque quem não sabe a arte, non-a estima.

## XCVIII.

Por isso, e não por falta de natura,  
 Não ha tambem Virgilios, nem Homeros;  
 Nem haverá, se este costume dura,  
 Pios Eneas, nem Achilles ferros.  
 Mas o peor de tudo he, que a ventura  
 Tão asperos os fez, e tão austeros,  
 Tão rudos, e de engenho tão remisso,  
 Que a muitos lhe dá pouco, ou nada disso.

## XCIX.

Às Musas agradeça o nosso Gama  
O muito amor da patria, que as obriga  
A dar aos seus na lyra nome, e fama  
De toda a illustre e bellica fadiga :  
Que elle, nem quem na estirpe seu se chama,  
Calliope não tem por tão amiga,  
Nem as filhas do Tejo, que deixassem  
As telas d'ouro fino, e que o cantassem.

## C.

Porque o amor fraterno, e puro gosto  
De dar a todo o Lusitano feito  
Seu louvor, he somente o presupposto  
Das Tagides gentis, e seu respeito :  
Porém não deixe em fim de ter disposto  
Ninguem a grandes obras sempre o peito ;  
Que por esta, ou por outra qualquer via,  
Não perderá seu preço, e sua valia.



---

# Os Lusíadas.

---

## CANTO SEXTO.

### I.

**N**ÃO sabia em que modo festejasse  
O Rei pagão os fortes navegantes,  
Para que as amizades alcançasse  
Do Rei christão, das gentes tão possantes :  
Peza-lhe que tão longe o aposentasse  
Das Europeas terras abundantes  
A ventura, que non-o fez visinho  
Donde Hercules ao mar abriu o caminho.

### II.

Com jogos, danças, e outras alegrias,  
Asegundo a policia Melindana,  
Com usadas e ledas pescarias,  
Com que a Lageia Antonio alegra, e engana,  
Este famoso Rei, todos os dias,  
Festeja a companhia Lusitana,  
Com banquetes, manjares desusados,  
Com fructas, aves, carnes, e pescados.



## III.

Mas vendo o Capitão que se detinha .  
Já mais do que devia, e o fresco vento  
O convida que parta, e tome asinha  
Os pilotos da terra, e mantimento,  
Não se quer mais deter, que ainda tinha  
Muito para cortar do salso argento;  
Já do Pagão benigno se despede,  
Que a todos amizade longa pede.

## IV.

Pede-lhe mais, que aquelle porto seja  
Sempre com suas frotas visitado;  
Que nenhum outro bem maior deseja,  
Que dar a taes Barões seu reino e estado :  
E que em quanto seu corpo o espirito reja,  
Estará de contino aparelhado  
A pôr a vida, e reino totalmente,  
Por tão bom Rei, por tão sublime gente.

## V.

Outras palavras taes lhe respondia  
O Capitão, e logo ás velas dando,  
Para as terras da Aurora se partia,  
Que tanto tempo ha já que vai buscando.  
No piloto que leva não havia  
Falsidade, mas antes vai mostrando  
A navegação certa, e assi caminha  
Já mais seguro do que d'antes vinha.

## VI.

As ondas navegavam do Oriente  
Já nos mares da India, e enxergavam  
Os thalamos do Sol, que nasce ardente;  
Já quasi seus desejos se acabavam.  
Mas o mao de Thyoneo, que na alma sente  
As venturas, que então se aparelhavam  
Á gente Lusitana, dellas dina,  
Arde, morre, blasphema, e desatina.

## VII.

Via estar todo o Ceo determinado  
De fazer de Lisboa nova Roma;  
Non-o pode estorvar, que destinado  
Está d'outro poder que tudo doma.  
Do Olympo desce em fim desesperado,  
Novo remedio em terra busca, e toma;  
Entra no humido reino, e vai-se á corte  
Daquelle a quem o mar cahio em sorte.

## VIII.

No mais interno fundo das profundas  
Cavernas altas, onde o mar se esconde,  
Lá donde as ondas sabem furibundas,  
Quando ás iras do vento o mar responde,  
Neptuno mora, e moram as jucundas  
Nereidas, e outros deoses do mar, onde  
As aguas campo deixam ás cidades,  
Que habitam estas humidas deidades.

## IX.

Descobre o fundo nunca descoberto  
As areas alli de prata fina;  
Torres altas se vem no campo aberto  
Da transparente massa crystallina :  
Quanto se chegam mais os olhos perto,  
Tanto menos a vista determina  
Se he crystal o que vê, se diamante,  
Que assi se mostra claro e radiante.

## X.

As portas d'ouro fino, e marchetadas  
Do rico aljofar que nas conchas nace,  
De esculptura formosa estão lavradas,  
Na qual do irado Baccho a vista paze :  
E vê primeiro em cores variadas  
Do velho chaos a tão confusa face;  
Vem-se os quatro elementos trasladados  
Em diversos officios occupados.

## XI.

Alli sublime o Fogo estava em cima,  
Que em nenhuma materia se sustinha;  
Daqui as cousas viyas sempre anima,  
Depois que Prometheo furtado o tinha.  
Logo após elle leve se sublima  
O invisibil Ar, que mais asinha  
Tomou lugar, e nem por quente, ou frio,  
Algum deixa no mundo estar vazio.

## XII.

Estava a Terra em montes revestida  
De verdes hervas, e arvores floridas,  
Dando pasto diverso, e dando vida  
Ás alimarias nella produzidas.  
A clara forma alli estava esculpida  
Das Aguas entre a terra desparzidas,  
De pescados criando varios modos,  
Com seu humor mantendo os corpos todos.

## XIII.

N' outra parte esculpida estava a guerra  
Que tiveram os deoses co'os gigantes;  
Está Typhæo debaixo da alta serra  
De Ethna, que as flammæ lança crepitanes:  
Esculpido se vê ferindo a' terra  
Neptuno, quando as gentes ignorantes,  
Delle o cavallo houveram, e a primeira  
De Minerva pacifica oliveira.

## XIV.

Pouca tardança faz Lyco irado  
Na vista destas cousas; mas entrando  
Nos paços de Neptuno, que avisado  
Da vinda sua, o estava já aguardando,  
Ás portas o recebe, acompanhado  
Das nymphas, que se estão maravillando  
De ver que commettendo tal caminho,  
Entre no reino d'agua o rei do vinho.

## XV.

Ó Neptuno, lhe disse, não te espantes  
De Baccho nos teus reinos receberes,  
Porque também co'os grandes e possantes  
Mostra a fortuna injusta seus poderes:  
Manda chamar os deoses do mar, antes  
Que falle mais, se ouvir-me o mais quizeres;  
Verão da desventura grandes modos,  
Ouçam todos o mal que toca a todos.

## XVI.

Julgando já Neptuno que seria  
Estranho caso aquelle, logo manda  
Tritão, que chame os deoses da agua fria,  
Que o mar habitam d'huma e d'outra banda;  
Tritão, que de ser filho se gloria  
Do Rei, e de Salacia veneranda,  
Era mancebo grande, negro e feio,  
Trombeta de seu pai, e seu correio.

## XVII.

Os cabellos da barba, e os que decem  
Da cabeça nos hombros, todos eram  
Huns limos prenhes d'agua, e bem parecem  
Que nunca brandó pente conheceram:  
Nas pontas pendurados não fallecem  
Os negros misilhões, que alli se geram;  
Na cabeça por gorra tinha posta  
Huma mui grande casca de lagosta.

## XVIII.

O corpo nu, e os membros genitais,  
Por não ter ao nadar impedimento,  
Mas porém de pequenos animais  
Do mar, todos cobertos cento e cento :  
Camarões, e cangrejos, e outros mais  
Que recebem de Phebe crescimento ;  
Ostras, e breguições do musco sujos,  
As costas com a casca os caramujos.

## XIX.

Na mão a grande concha retorcida  
Que trazia, com força já tocava ;  
A voz grande canora foi ouvida  
Por todo o mar, que longe retumbava.  
Já toda a companhia apercebida  
Dos deoses, para os paços caminhava  
Do deos, que fez os muros de Dardania,  
Destruídos depois da Grega insania.

## XX.

Vinha o padre Oceano acompanhado  
Dos filhos, e das filhas que gerara ;  
Vem Nereo, que com Doris foi casado,  
Que todo o mar de nymphas povoara :  
O propheta Proteo deixando o gado  
Maritimo pascer pela agua amara,  
Alli veio tambem ; mas já sabia  
O que o padre Lyeo no mar. queria.

## XXI.

Vinha por outra parte a linda esposa  
De Neptuno, de Celo, e Vesta filha,  
Grave, e leda no gesto, e tão formosa,  
Que se amansava o mar de maravilha;  
Vestida huma camisa preciosa  
Trazia de delgada beutilha,  
Que o corpo crystallino deixa ver-se;  
Que tanto bem não he para esconder-se :

## XXII.

Amphitrite, formosa como as flores,  
Neste caso não quiz que fallecesse;  
O Delphim traz consigo, que aos amores  
Do Rei lhe aconselhou que obedecesse;  
Co'os olhos, que de tudo são senhores,  
Qualquer parecerá que o Sol vencesse :  
Ambas vem pelo mão; igual partido;  
Pois ambas são esposas d'hum marido.

## XXIII.

Aquella, que das furias de Athamante  
Fugindo, veio a ter divino estado,  
Comsigo traz o filho, bello infante,  
No numero dos deoses relatado :  
Pela praia brincando vem diante  
Com as lindas conchinhas, que o salgado  
Mar sempre cria; e ás vezes pela area  
No collo o toma a bella Panopea.

## XXIV.

E o deos que foi n'hum tempo corpo humano,  
E por virtude da herva poderosa  
Foi convertido em peixe, e deste dano  
Lhe resultou deidade gloriosa,  
Inda viuha chorando o feo engano  
Que Circé tinha usado co'a formosa  
Scylla, que ella ama, desta sendo amado,  
Que a mais obriga amor mal empregado.

## XXV.

Já finalmente todos assentados  
Na grande sala, nobre e divinal;  
As deosas em riquissimos estrados,  
Os deoses em cadeiras de crystal;  
Foram todos do Padre agasalhados,  
Que co'o Thebano tinha assento igual :  
De fumos enche a casa a rica massa  
Que no mar nasce, e Arabia em cheiro passa.

## XXVI.

Estando socegado já o tumulto  
Dos deoses, e de seus recebimentos,  
Começa a descobrir do peito occulto  
A causa o Thyoneo de seus tormentos :  
Hum pouco carregando-se no vulto,  
Dando mostra de grandes sentimentos,  
Só por dar aos de Luso triste morte  
Co'o ferro alheio, falla desta sorte :



## XXVII.

Principe, que de juro senhoreas  
 D'hum polo ao outro polo o mar irado;  
 Tu, que as gentes da terra toda enfreas  
 Que não passem o termo limitado :  
 E tu, padre Oceano, que rodeas  
 O mundo universal, e o tens cercado,  
 E com justo decreto assi permittes  
 Que dentro vivam só de seus limites :

## XXVIII.

E vós, deoses do mar, que não soffreis  
 Injuria alguma em vosso reino grande,  
 Que com castigo igual vos não vingueis  
 De quem quer que por elle corra, e ande :  
 Que descuido foi este em que viveis?  
 Quem pode ser que tanto vos abrande  
 Os peitos, com razão endurecidos  
 Contra os humanos fracos, e atrevidos?

## XXIX.

Vistes que com grandissima ousadia  
 Foram já commetter o ceo supremo ;  
 Vistes aquella iusana phantasia  
 De tentarem o mar com vela, e remo :  
 Vistes; e ainda vemos cada dia,  
 Soberbas, e insolencias taes, que temo  
 Que do mar e do ceo, em poucos annos,  
 Venham deoses a ser, e nós humanos.

## XXX.

Vedes agora a fraca geração  
Que d'hum vassallo meu o nome toma,  
Com soberbo, e altivo coração;  
A vós, e a mi, e o mundo todo doma:  
Vedes, o vosso mar cortando vão,  
Mais do que fez a gente alta de Roma:  
Vedes, o vosso reino devassando,  
Os vossos estatutos vão quebrando.

## XXXI.

Eu vi, que contra os Minyas, que primeiro  
No vosso reino este caminho abriram,  
Boreas injuriado, e o companheiro  
Aquila, e os outros todos resistiram:  
Pois se do ajuntamento aventureiro  
Os ventos esta injuria assi sentiram,  
Vós, a quem mais compete esta vingança,  
Que esperais? Porque a pondeis em tardança?

## XXXII.

E não consinto, deoses, que cuideis  
Que por amor de vós do ceo descí,  
Nem da magoa da injuria que soffreis,  
Mas da que se me faz tambem a mi:  
Que aquellas grandes honras, que sabeis  
Que no mundo ganhei, quando venci  
As terras Indianas do Oriente,  
Todas vejo abatidas desta gente.

## XXXIII.

Que o grão Senhor , e fados que destinam ,  
Como lhe bem parece , o baixo mundo ,  
Famas móres que nunca determinam  
De dar a estes Barões no mar profundo :  
Aqui vereis , ó deoses , como ensinam  
O mal tambem a deoses , que asegundo  
Se vê , ninguem já tem menos valia ,  
Que quem com mais razão valer devia.

## XXXIV.

E por isso do Olympto já fugi ,  
Buscando algum remedio a meus pezares ,  
Por ver o preço , que no ceo perdi ,  
Se por dita acharei nos vossos mares .  
Mais quer dizer ; e não passou daqui ,  
Porque as lagrimas já correndo a pares  
Lhe saltaram dos olhos , com que logo  
Se accendem as deidades d'agua em fogo.

## XXXV.

A ira , com que subito alterado  
O coração dos deoses foi n'hum ponto ,  
Não soffreo mais conselho bem cuidado ,  
Nem dilação , nem outro algum desconto .  
Ao grande Eolo mandam já recado  
Da parte de Neptuno , que sem conto  
Solte as furias dos ventos repugnantes ,  
Que não haja no mar mais navegantes .

## XXXVI.

Bem quizera primeiro alli Proteo  
Dizer neste negocio o que sentia ;  
E segundo o que a todos pareceo ,  
Era alguma profunda prophecia :  
Porém tanto o tumulto se moveo  
Subito na divina companhia ,  
Que Tethys indignada lhe bradou ;  
« Neptuno sabe bem o que mandou. »

## XXXVII.

Já lá o soberbo Hippotades soltava  
Do carcere fechado os furiosos  
Ventos , que com palavras animava  
Contra os Barões audaces , e animosos.  
Subito o ceo sereno se obumbrava ,  
Que os ventos mais que nunca impetuosos  
Começam novas forças a ir tomando ,  
Torres, montes, e casas derribando.

## XXXVIII.

Em quanto este conselho se fazia  
No fundo aquoso , a leda lassa frota  
Com vento socegado proseguia  
Pelo tranquillo mar a longa rota.  
Era no tempo quando a luz do dia  
Do Eoo hemispherio está remota ;  
Os do quartº da prima se deitavam ,  
Para o segundo os outros despertavam.

## XXXIX.

Vencidos vem do somno e mal despertos,  
 Bocejando a miude, se encostavam  
 Pelas antenas, todos mal cobertos  
 Contra os agudos ares que assopravam:  
 Os olhos contra seu querer abertos  
 Mas estregando, os membros estiravam:  
 Remedios contra o somno buscar querem,  
 Historias contam, casos mil referem.

## XL.

Com que melhor podemos, hum dizia,  
 Este tempo passar, que he tão pezado,  
 Senão com algum conto de alegria,  
 Com que nos deixe o sono carregado?  
 Responde Leonardo, que trahe a  
 Pensamentos de firme namorado.  
 Que contos poderemos ter melhores  
 Para passar o tempo, que de amores.

## XLI.

Não he, disse Velloso, cousa justa  
 Tratar branduras em tanta aspereza;  
 Que o trabalho do mar, que tanto custa,  
 Não soffre amores, nem delicadeza:  
 Ante de guerra fervida, e robusta,  
 A nossa historia seja, pois dureza  
 Nossa vida ha de ser, segundo entendo,  
 Que o trabalho por vir mo está dizendo.

## XLII.

Consentem nisto todos, e encoummendam  
 A Velloso, que conte isto que approva.  
 Contarei, disse, sem que me reprimam  
 De contar cousa fabulosa, ou nova:  
 E porque os que me ouvirem daqui aprendam  
 A fazer feitos grandes de alta prova,  
 Dos nascidos direi na nossa terra;  
 E estes sejam os doze de Inglaterra.

## XLIII.

No tempo que do reino a redea leve  
 João, filho de Pedro, moderava;  
 Depois que socegado e livre o teve  
 Do visinho poder que o molestava;  
 Lá na grande Inglaterra, que da neve  
 Boreal sempre abunda, semeava  
 A fera Erinny's dura e má zizania,  
 Que lustre fosse á nossa Lusitania.

## XLIV.

Entre as damas gentis da corte Inglesa,  
 E nobres cortezãos, acaso hum dia  
 Levantou Discordia em ira accessa,  
 Foi opinião, ou foi porfia.  
 Cortezãos, a quem tão pouco pesa  
 Dar palavras graves de ousadia,  
 Sem que provarão, que honras e fomas  
 Para as damas não ha, para ser damas.

## XLV.

E que se houver alguém com lança e espada  
Que queira sustentar a parte sua,  
Que elles em campo razo, ou estacada,  
Lhe darão fea infamia, ou morte crua.  
A feminil fraqueza pouco usada,  
Ou nunca, a opprobrios taes, vendo-se nua  
De forças naturaes convenientes,  
Soccorro pede a amigos, e parentes.

## XLVI.

Mas como fossem grandes, e possantes,  
No reino os inimigos, não se atrevem  
Nem parentes, nem fervidos amantes,  
A sustentar as damas, como devem.  
Com lagrimas formosas, e bastantes  
A fazer que em soccorro os deoses levem  
De todo o Ceo, por rostos de alabastro,  
Se vão todas ao Duque de Alencastro.

## XLVII.

Era este Inglez potente, e militar  
Co'os Portuguezes já contra Castella,  
Onde as forças magnanimas provara  
Dos companheiros, e benigna estrella:  
Não menos nesta terra exprimentara  
Namorados affeitos, quando nella  
A filha vio, que tanto o peito doma  
Do forte Rei, que por mulher a toma.

## XLVIII.

Este que soccorrer-lhe não queria,  
Por não causar discordias intestinas,  
Lhe diz : Quando o direito pretendia  
Do reino lá das terras Iberinas,  
Nos Lusitanos vi tanta ousadia,  
Tanto primor, e partes tão divinas,  
Que elles sós poderiam, se não erro,  
Sustentar vossa parte a fogo e ferro.

## XLIX.

E se, aggravadas damas, sois servidas,  
Por vós lhe mandarei embaixadores,  
Que por cartas discretas, e polidas,  
De vosso aggravado os façam sabedores.  
Tambem por vossa parte encarecidas  
Com palavras d'affagos, e d'amores,  
Lhe sejam vossas lagrimas, que eu creio,  
Que alli tereis soccorro, e forte esteio.

## L.

Desta arte as aconselha o Duque experto,  
E logo lhe nomea doze fortes,  
E porque cada dama hum tenha certo,  
Lhe manda que sobre elles lancem sortes;  
Que ellas só doze são : e descoberto  
Qual a qual tem cahido das consortes,  
Cada huma escreve ao seu por varios modos;  
E todas a seu Rei, e o Duque a todos.



## LI.

Já chega a Portugal o mensageiro ;  
Toda a corte alvoroça a novidade :  
Quizera o Rei sublime ser primeiro ,  
Mas não lho soffre a Regia magestade.  
Qualquer dos cortezãos aventureiro  
Deseja ser , com fervida vontade ;  
E só fica por bemaventurado  
Quem já vem pelo Duque nomeado.

## LII.

Lá na leal cidade donde teve  
Origem (como he fama) o nome eterno  
De Portugal, armar madeiro leve  
Manda o que tem o leme do governo.  
Apercebem-se os doze em tempo breve  
D'armas, e roupas de uso mais moderno ,  
De elmos, cimeiras, letras, e primores ,  
Cavallos, e concertos de mil cores.

## LIII.

Já do seu Rei tomado tem licença ,  
Para partir do Douro celebrado ,  
Aquelles que escolhidos por sentença  
Foram do Duque Inglez experimentado.  
Não ha na companhia differença  
De cavalleiro, destro, ou esforçado ;  
Mas hum só, que Magriço se dizia,  
Desta arte fallia á forte companhia :

## LIV.

Fortissimos consocios, eu desejo,  
Ha muito já, de andar terras estranhas,  
Por ver mais aguas, que as do Douro, e Tejo,  
Varias gentes, e leis, e varias manhas.  
Agora que apparelho certo vejo,  
(Pois que do mundo as cousas são tamanhas)  
Quero, se me deixais, ir só por terra,  
Porque eu serei comvosco em Inglaterra.

## LV.

E quando caso for, que eu impedido  
Por quem das cousas he ultima linha,  
Não for comvosco ao prazo instituido,  
Pouca falta vos faz a falta minha.  
Todos por mi fareis o que he devido;  
Mas se a verdade o espirito me adivinha,  
Rios, montes, fortuna, ou sua inveja,  
Não farão que eu comvosco lá não seja.

## LVI.

Assi diz; e abraçados os amigos,  
E tomada licença, em fim se parte:  
Passa Leão, Castella, vendo antigos  
Lugares, que ganhara o patrio Marte;  
Navarra, co' os altissimos perigos  
Do Pyreneo, que Hespanha, e Gallia parte:  
Vistas em fim de França as cousas grandes,  
No grande imperio foi parar de Frandes.

## LVII.

Alli chegado , ou fosse caso , ou manha ,  
 Sem passar se deteve muitos dias ;  
 Mas dos onze a illustrissima companhia  
 Cortam do mar do Norte as ondas frias.  
 Chegados de Inglaterra á costa estranha ,  
 Para Londres já fazem todos vias :  
 Do Duque são com festa agasalhados ,  
 E das damas servidos , e animados.

## LVIII.

Chega-se o prazo , e dia assignalado ,  
 De entrar em campo já co' os doze Inglezes ,  
 Que pelo Rei já tinham segurado :  
 Armam-se d' elmos , grevas , e de arnezes :  
 Já as damas tem por si fulgente , e armado  
 O Mavorte feroz dos Portuguezes :  
 Vestem-se ellas de cores , e de sedas  
 De ouro , e de joias mil , ricas , e ledas.

## LIX.

Mas aquella , a quem fora em sorte dado  
 Magriço , que não vinha , com tristeza  
 Se veste , por não ter quem nomeado  
 Seja seu cavalleiro , nesta empreza :  
 Bem que os onze apregoam , que acabado  
 Será o negocio assi na corte Ingleza ,  
 Que as damas vencedoras se conheçam ,  
 Postoque dous e tres dos seus falleçam.

## LX.

Já n'hum sublime , e publico theatro  
Se assenta o Rei Inglez com toda a corte:  
Estavam tres e tres, e quatro e quatro ,  
Bein como a cada qual coubera em sorte.  
Não são vistos do Sol , do Tejo ao Bactro ,  
De força , esforço, e d'animo mais forte ,  
Outros doze sahir como os Inglezes  
No campo contra os onze Portuguezcs.

## LXI.

Mastigam os cavallos escumando  
Os aureos freos com feroz sembrante :  
Estava o Sol nas armas rutilando  
Como em crystal , ou rigido diamante.  
Mas enxerga-se n'hum e n'outro bando  
Partido desigual , e dissonante ,  
Dos onze contra os doze : quando a gente  
Começa a alvoroçar-se geralmente.

## LXII.

Viram todos o rosto aonde havia  
A causa principal do reboliço :  
Eis entra hum cavalleiro , que trazia  
Armas , cavallo , ao bellico serviço :  
Ao Rei , e ás damas falla , e logo se hia  
Para os onze , que este era o grão Magriço ;  
Abraça os companheiros como amigos ,  
A quem não falta certo nos perigos.

## LXIII.

A dama, como ouvio que este era aquelle  
 Que vinha a defender seu nome, e fama,  
 Se alegre, e veste alli do animal de Helle,  
 Que a gente bruta mais que virtude ama.  
 Já dão signal, e o som da tuba impelle  
 Os bellicosos animos que inflamma:  
 Picam d'esporas, largam redeas logo,  
 Abaixam lanças, fere a terra fogo.

## LXIV.

Dos cavallos o estrepito parece  
 Que faz que o chão debaixo todo treme:  
 O coração no peito, que estremece  
 De quem os olha, se alvoroça, e teme:  
 Qual do cavallo voa, que não dece;  
 Qual co' o cavallo em terra dando, geme;  
 Qual vermelhas as armas faz de braucas,  
 Qual co' os penachos do elmo açouta as ancas.

## LXV.

Algun dalli tomou perpetuo sono,  
 E fez da vida ao fim breve intervallo:  
 Correndo algum cavallo vai sem dono,  
 E n'outra parte o dono sem cavallo:  
 Cahe a soberba Ingleza de seu throno;  
 Que dous, ou tres já fóra vão do vallo:  
 Os que de espada vem fazer batalha,  
 Mais acham já que arnez, escudo, e malha.

## LXVI.

Gastar palavras em contar extremos .  
De golpes feros , cruas estocadas ,  
He desses gastadores , que sabemos  
Maos do tempo , com fabulas sonhadas ;  
Basta por fim do caso , que entendemos  
Que com finezas altas e affamadas ,  
Co' os nossos fica a palma da victoria ,  
E as damas vencedoras , e com gloria.

## LXVII.

Recolhe o Duque os doze vencedores  
Nos seus paços , com festas e alegria :  
Cozinheiros occupa , e caçadores ,  
Das damas a formosa companhia ;  
Que querem dar aos seus libertadores  
Banquetes mil , cada hora , e cada dia ,  
Em quanto se detem em Inglaterra ,  
Até tornar á doce , e chara terra.

## LXVIII.

Mas dizem , que com tudo o grão Magriço  
Desejoso de ver as cousas grandes ,  
Lá se deixou ficar , onde hum serviço  
Notavel á Condessa fez de Frandes :  
E como quem não era já noviço  
Em todo trance , onde tu Marte mandes ,  
Hum Francez mata em campo , que o destino  
Lá teve de Torquato , e de Corvino.

## LXIX.

Outro tambem dos doze em Alemanha  
Se lança, e teve hum fero desafio  
C' hum Germano enganoso, que com manha  
Não devida o quiz pôr no extremo fio.  
Contando assi Velloso, já a companhia  
Lhe pede que não faça tal desvio  
Do caso de Magriço, e vencimento;  
Nem deixe o de Alemanha em esquecimento.

## LXX.

Mas neste passo assi promptos estando,  
Eis o mestre, que olhando os ares anda,  
O apito toca; acordam despertando  
Os marinheiros d'huma e d'outra banda:  
E porque o vento vinha refrescando,  
Os traquetes das gaveas tomar manda:  
Alerta, disse, estai, que o vento crece  
Daquella nuvem negra que apparece.

## LXXI.

Não eram os traquetes bem tomados,  
Quando dá a grande, e subita procella:  
Amaina, disse o mestre a grandes brados,  
Amaina, disse, amaina a grande vela!  
Não esperam os ventos indignados  
Que amainassem; mas juntos dando nella,  
Em pedaços a fazem, c' hum ruido  
Que o mundo pareceo ser destruido.

## LXXII.

O ceo fere com gritos nisto a gente ,  
Com subito temor, e desacordo ,  
Que no romper da vela, a nao pendente  
Toma grão somma d'agua pelo bordo.  
Alija, disse o mestre rijamente,  
Alija tudo ao mar, não falte acôrdo ;  
Vão outros dar á bomba, não cessando :  
« Á bomba, que nos imos alagando. »

## LXXIII.

Correm logo os soldados animosos  
Á dar á bomba, e tanto que cbegaram,  
Os balanços que os mares temerosos  
Deram á nao, n'hum bordo os derribaram ;  
Tres marinheiros duros, e forçosos,  
A manear o leme não bastaram ;  
Talhas lhe punham d' huma e d'outra parte,  
Se' aproveitar dos homens força, e arte.

## LXXIV.

Os ventos eram taes, que não puderam  
Mostrar mais força d'impeto cruel,  
Se para derribar então vieram  
A fortissima torre de Babel :  
Nos altissimos mares, que cresceram,  
A pequena grandura d' hum batel  
Mostra a possante nao, que move espanto,  
Vendo que se sostem nas ondas tanto.



## LXXV.

A nao grande em que vai Paulo da Gama  
 Quebrado leva o mastro pelo meio,  
 Quasi toda alagada: a gente chama  
 Aquelle que a salvar o mundo veio.  
 Não menos gritos vão ao ar derrama  
 Toda a nao de Coelho, com reccio;  
 Com quanto teve o mestre tanto tento,  
 Que primeiro amainou, que desse o vento.

## LXXVI.

Agora sobre as nuvens os subiam  
 As ondas de Neptuno furibundo:  
 Agora a ver parece que desciam  
 Às intimas entranhas do profundo.  
 Noto, Austro, Boreas, Aquilo queriam  
 Arruinar a machina do mundo:  
 A noite negra, e fea se allumia  
 Co' os raios em que o polo todo ardia.

## LXXVII.

As Halcyoneas aves triste canto  
 Junto da costa brava levantaram,  
 Lembrando-se de seu passado pranto,  
 Que as furiosas aguas lhe causaram.  
 Os delphins namorados entretanto  
 Lá nas covas maritimas entraram,  
 Fugindo á tempestade, e ventos duros,  
 Que nem no fundo os deixa estar seguros.

## LXXVIII.

Nunca tão vivos raios fabricou  
Contra a fera soberba dos gigantes  
O grão ferreiro sordido, que obrou  
Do enteado as armas radiantes:  
Nem tanto o grão Tonante arremessou  
Relampagos ao mundo fulminantes,  
No grão diluvio, donde sós viveram  
Os dous, que em gente as pedras converteram.

## LXXIX.

Quantos montes então que derribaram  
As ondas que batiam denodadas!  
Quantas arvores velhas arrancaram  
Do vento bravo as furias indignadas!  
As forçosas raizes não cuidaram  
Que nunca para o ceo fossem viradas;  
Nem as fundas areas que podessem  
Tanto os mares, que em cima as revolvessem.

## LXXX.

Vendo Vasco da Gama, que tão perto  
Do fim de seu desejo se perdia;  
Vendo ora o mar até o inferno aberto,  
Ora com nova furia ao ceo subia:  
Confuso de temer, da vida incerto,  
Onde nenhum remedio lhe valia,  
Chama aquelle remedio sancto, e forte,  
Que o impossibil pode, desta sorte:

## LXXXI.

Divina Guarda , angelica , celeste ,  
 Que os ceos , o mar, e terra senhoreas ;  
 Tu , que a todo Israel refugio déste ,  
 Por metade das aguas Erythreas :  
 Tu , que livraste Paulo , e defendeste  
 Das syrtes arenosas , e ondas feas ,  
 E guardaste co' os filhos o segundo  
 Povoador do alagado e vacuo mundo :

## LXXXII.

Se tenho novos medos perigosos  
 D' outro Scylla , e Charybdis já passados ,  
 Outras syrtes , e baixos arenosos ,  
 Outros Acroceraunios infamados ;  
 No fim de tantos casos trabalhosos ,  
 Porque somos de ti desamparados ,  
 Se este nosso trabalho não te offende ,  
 Mas antes teu serviço só pretende ?

## LXXXIII.

Oh ditosos aquelles que puderam  
 Entre as agudas lanças Africanas  
 Morrer, em quanto fortes sostiveram  
 A sancta Fé, nas terras Mauritanas :  
 De quem feitos illustres se souberam ,  
 De quem ficam memorias soberanas ,  
 De quem se ganha a vida com perde-la ,  
 Doce fazendo a morte as honras della !

## LXXXIV.

Assi dizendo , os ventos que lutavam ,  
Como touros indomitos bramando ,  
Mais e mais a tormenta accrescentavam ,  
Pela miuda enxarcia assoviando :  
Relampagos medonhos não cessavam ,  
Feros trovões , que vem representando  
Cahir o ceo dos eixos sobre a terra ,  
Comsigo os elementos terem guerra.

## LXXXV.

Mas já a amorosa estrella scintillava  
Diante do Sol claro , no horizonte  
Mensageira do dia , e visitava  
A terra , e o largo mar , com leda fronte :  
A deosa que nos ceos a governava ,  
De quem foge o ensífero Oriente ,  
Tanto que o mar , e a chara armada vira ,  
Tocada junto foi de medo , e de ira.

## LXXXVI.

Estas obras de Baccho são por certo ,  
Disse , mas não será que avante leve  
Tão damnada tenção ; que descoberto  
Me será sempre o mal a que se atreve :  
Isto dizendo , desce ao mar aberto ,  
No caminho gastando espaço breve ,  
Em quanto manda as nymphas amorosas  
Grinaldas nas cabeças pôr de rosas.

## LXXXVII.

Grinaldas manda pôr de varias cores,  
 Sobre cabellos louros á porfia.  
 Quem não dirá, que nascem roxas flores  
 Sobre ouro natural, que amor enfia?  
 Abrandar determina por amores  
 Dos ventos a nojosa companhia,  
 Mostrando-lhe as amadas nymphas bellas,  
 Que mais formosas vinham que as estrellas.

## LXXXVIII.

Assi foi, porque tanto que chegaram  
 Á vista dellas, logo lhe fallecem  
 As forças com que d' antes pelejaram,  
 E já como rendidos lhe obedecem:  
 Os pés, e mãos parece que lhe ataram  
 Os cabellos que os raios escurecem.  
 A Boreas, que do peito mais queria,  
 Assi disse a bellissima Orithya:

## LXXXIX.

Não creas, fero Boreas, que te creio,  
 Que me tiveste nunca amor constante;  
 Que brandura he de amor mais certo arreio,  
 E não convem furor a firme amante:  
 Se já não poens a tanta insania freio,  
 Não esperes de mi daqui em diante,  
 Que possa mais amar-te, mas temer-te;  
 Que amor contigo em medo se converte.

## XC.

Assi mesmo a formosa Galatea  
 Dizia ao fero Noto, que bem sabe  
 Que dias ha que em ve-la se recrea,  
 E bem cre que com elle tudo acabe.  
 Não sabe o bicho tanto bem se o crea;  
 Que o coração no peito lhe não cabe:  
 De contente de ver que a dama o manda,  
 Pouco cuida que faz, se logo abranda.

## XCI.

Desta maneira as outras amansavam  
 Subitamente os outros amadores;  
 E logo á linda Venus se entregavam,  
 Amansadas as iras, e os furores:  
 Ella lhe prometteo, vendo que amavam,  
 Sempiterno favor em seus amores,  
 Nas bellas mãos tomando-lhe homenagem  
 De lhe serem leaes esta viagem.

## XCII.

Já a manhã clara dava nos outeiros,  
 Por onde o Ganges murmurando soa,  
 Quando da celsa gavea os marinheiros  
 Enxergaram terra alta pela proa.  
 Já fóra de tormenta, e dos primeiros  
 Mares, o temor vão do peito voa;  
 Disse alegre o Piloto Melindano,  
 « Terra he de Calecut, » se não me engano.

## XCIII.

Esta he por certo a terra que buscais  
Da verdadeira India, que apparece;  
E se do mundo mais não desejais,  
Vosso trabalho longo aqui fenece.  
Soffrer aqui não pode o Gama mais  
De ledo em ver que a terra se conhece;  
Os giolhos no chão, as mãos ao ceo,  
A mercé grande a Deos agradeceo.

## XCIV.

As graças a Deos dava, e razão tinha,  
Que não somente a terra lhe mostrava,  
Que com tanto temor buscando vinha,  
Por quem tanto trabalho experimentava:  
Mas via-se livrado tão asinha  
Da morte, que no mar lhe apparelhava  
O vento duro, fervido, e medonho;  
Como quem despertou de horrendo sonho.

## XCV.

Por meio destes horridos perigos,  
Destes trabalhos graves, e temores,  
Alcançam os que são de fama amigos  
As honras immortaes, e graos maiores:  
Não encostados sempre nos antigos  
Troncos nobres de seus antecessores;  
Não nos leitos dourados, entre os finos  
Animaes de Moscovia zebellinos;

## XCVI.

Não co' os manjares novos e exquisitos,  
Não co' os passeios molles e ociosos,  
Não co' os varios deleites e infinitos,  
Que affeminam os peitos generosos;  
Não co' os nunca vencidos appetitos,  
Que a fortuna tem sempre tão mimosos,  
Que não soffre a nenhum, que o passo mude  
Para alguma obra heroica de virtude :

## XCVII.

Mas com buscar co' o seu forçoso braço  
As honras, que elle chame proprias suas;  
Vigiando, e vestindo o forjado aço,  
Soffrendo tempestades, e ondas cruas;  
Vencendo os torpes frios no regaço  
Do Sul, e regiões de abrigo nuas;  
Engolindo o corrupto mantimento,  
Temperado c' hum arduo soffrimento :

## XCVIII.

E com forçar o rosto, que se enfia,  
A parecer seguro, ledó, inteiro,  
Para o pelouro ardente, que assovia,  
E leva a perna ou braço ao companheiro.  
Desta arte, o peito hum callo honroso cria,  
Desprezador das honras, e dinheiro;  
Das honras, e dinheiro, que a ventura  
Forjou, e não virtude justa, e dura.



## XCIX.

Desta arte, se esclarece o entendimento,  
Que experiencias fazem repousado;  
E fica vendo, como de alto assento,  
O baixo trato humano embaraçado:  
Este, onde tiver força o regimento  
Direito, e não de affeitos occupado,  
Subirá (como deve) a illustre mando,  
Contra vontade sua, e não rogando.



---

# Os Lusíadas.

---

## CANTO SEPTIMO.

### I.

**J**A se viam chegados junto á terra,  
Que desejada já de tantos fora,  
Que entre as correntes Indicas se encerra,  
E o Ganges, que no ceo terreno mora.  
Ora sus, gente forte, que na guerra  
Quereis levar a palma vencedora;  
Já sois chegados, já tendes diante  
A terra de riquezas abundante.

### II.

A vós, o geração de Luso, digo,  
Que tão pequena parte sois no mundo;  
Não digo inda no mundo, mas no amigo  
Curral de quem governa o ceo rotundo:  
Vós, a quem não somente algum perigo  
Estorva conquistar o povo immundo;  
Mas nem cobiça, ou pouca obediencia  
Da Madre, que nos Ceos está em essencia:

## III.

Vós, Portuguezes poucos, quanto fortes,  
Que o fraco poder vosso não pesais;  
Vós, que á custa de vossas varias mortes  
A Lei da vida eterna dilatais:  
Assi do ceo deitadas são as sortes,  
Que vós por muito poucos que sejais,  
Muito façais na sancta Christandade:  
Que tanto, ó Christo, exaltas a humildade!

## IV.

Vede-los Alemães, soberbo gado,  
Que por tão largos campos se apascenta,  
Do successor de Pedro, rebellado,  
Novo pastor, e nova seita inventa:  
Vede-lo em feas guerras occupado,  
Que inda co' o cego error se não contenta;  
Não contra o superbissimo Othomano,  
Mas por sahir do jugo soberano.

## V.

Vede-lo duro Inglez, que se nomea  
Rei da velha e sanctissima Cidade,  
Que o torpe Ismaelita senhorea,  
(Quem vio honra tão longe da verdade!)  
Entre as Boreaes neves se recrea,  
Nova maneira faz de Christandade;  
Para os de Christo tem a espada nua,  
Não por tomar a terra que era sua.

## VI.

Guarda-lhe por entanto hum falso Rei  
A cidade Hierosolyma terrestre,  
Em quanto elle não guarda a sancta lei  
Da cidade Hierosolyma celeste.  
Pois de ti, Gallo indigno, que direi?  
Que o nome Christianissimo quizeste,  
Não para defende-lo, nem guarda-lo,  
Mas para ser contra elle, e derriba-lo.

## VII.

Achas que tens direito em senhorios  
De Christãos, sendo o teu tão largo e tanto;  
E não contra o Cinypho e Nilo, rios  
Inimigos do antigo nome santo?  
Alli se hão de provar da espada os fios,  
Em quem quer reprovár da Igreja o canto.  
De Carlos, de Luis, o nome e a terra  
Herdaste, e as causas não da justa guerra!

## VIII.

Pois que direi daquelles, que em delicias,  
Que o vil ocio no mundo traz comsigo,  
Gastam as vidas, logram as divicias,  
Esquecidos de seu valor antigo?  
Nascem da tyrannia inimicias,  
Quo o povo forte tem de si inimigo:  
Comtigo Italia fallo, já submersa  
Em vicios mil, e de ti mesma adversa,

## IX.

Ó miseros Christãos : pela ventura ,  
 Sois os dentes de Cadmo desparzidos ,  
 Que huns aos outros se dão a morte dura ,  
 Sendo todos de hum ventre produzidos ?  
 Não vedes a divina sepultura  
 Possuida de cães , que sempre unidos  
 Vos vem tomar a vossa antigua terra ,  
 Fazendo-se famosos pela guerra ?

## X.

Vedes que tem por uso , e por decreto ,  
 Do qual são tão inteiros observantes ,  
 Ajuntarem o exercito inquieto ,  
 Contra os povos que são de Christo amantes :  
 Entre vós nunca deixa a fera Aleto  
 De semear zizánias repugnantes :  
 Olhai se estais seguros de perigos ,  
 Que elles e vós , sois vossos inimigos.

## XI.

Se cobiça de grandes senhorios  
 Vos faz ir conquistar terras alheas ,  
 Não vedes que Pactolo e Hermo rios ,  
 Ambos vovem auríferas areas ?  
 Em Lydia , Assyria , lavram de ouro os fios ;  
 Africa esconde em si luzentes veas :  
 Mova-vos já se quer riqueza tanta ,  
 Pois mover-vos não pode a Casa santa.

## XII.

Aquellas invenções feras , e novas ,  
De instrumentos mortaes da artilheria ,  
Já devem de fazer as duras provas  
Nos muros de Byzancio , e de Turquia.  
Fazei que torne lá ás sylvestres covas  
Dos Caspios montes , e da Scythia fria ,  
A Turca geração , que multiplica  
Na policia da vossa Europa rica.

## XIII.

Gregos , Thraces , Armenios , Georgianos ,  
Bradando-vos estão , que o povo bruto  
Lhe obriga os charos filhos aos profanos  
Preceitos do Alcorão : duro tributo !  
Em castigar os feitos inhumanos  
Vos gloriai de peito forte , e astuto ;  
E não queirais louvores arrogantes  
De serdes contra os vossos mui possantes.

## XIV.

Mas em tanto que cegos , e sedentos  
Andais de vosso sangue , ó gente insana ,  
Não faltarão Christãos 'atrevimentos  
Nesta pequena casa Lusitana.  
De Africa tem maritimos assentos ;  
He na Asia mais que todas soberana ;  
Na quarta parte nova os campos ara ;  
E se mais mundo houvera , lá chegara.

## XV.

E vejamos em tanto que acontece  
Áquelles tão famosos navegantes ,  
Despois que a branda Venus enfraquece  
O furor vão dos ventos repugnantes ;  
Despois que a larga terra lhe apparece ,  
Fim de suas porfias tão constantes ,  
Onde vem semear de Christo a lei ,  
E dar novo costume , e novo Rei.

## XVI.

Tanto que á nova terra se chegaram ,  
Leves embarcações de pescadores  
Acharam , que o caminho lhe mostraram  
De Calecut , onde eram moradores.  
Para lá logo as proas se inclinaram ;  
Porque esta era a cidade das melhores  
Do Malabar melhor , onde vivia  
O Rei , que a terra toda possuía.

## XVII.

Alem do Indo jaz , e aquem do Gange ,  
Hum terreno mui grande , e assaz famoso ,  
Que pela parte Austral'o mar abrange ,  
E'para o Norte o Emodio cavernoso.  
Jugo de Reis diversos o constringe  
A varias leis ; alguns o vicioso  
Mafoma , alguns os idolos adoram ,  
Alguns os animaes , que entre elles moram.

## XVIII.

Lá bem no grande monte, que cortando  
Tão larga terra, toda Asia discorre,  
Que nomes tão diversos vai tomando,  
Segundo as regiões por onde corre;  
As fontes sahem, donde vem manando  
Os rios, cuja grão corrente morre  
No mar Indico, e cercam todo o peso  
Do terreno, fazendo-o Chersoneso.

## XIX.

Entre hum e o outro rio, em grande espaço,  
Sabe da larga terra hu' a longa ponta,  
Quasi pyramidal, que no regaço  
Do mar, com Ceilão insula confronta:  
E junto donde nasce o largo braço  
Gangetico, o rumor antigo conta,  
Que os visinhos, da terra moradores,  
Do cheiro se mantem das finas flores.

## XX.

Mas agora de nomes, e de usança,  
Novos e varios são os habitantes;  
Os Delijs, os Patanes, que em possança  
De terra, e gente, são mais abundantes:  
Decanis, Oriás, que a esperança  
Tem de sua salvação nas resonantes  
Aguas do Gange; e a terra de Bengala,  
Fertil de sorte, que outra não lhe iguala.



## XXI.

O reino de Cambaia bellicoso,  
( Dizem que foi de Poro, Rei potente; )  
O reino de Narsinga, poderoso  
Mais de ouro e pedras, que de forte gente:  
Aqui se enxerga, lá do mar undoso,  
Hum monte alto, que corre longamente,  
Servindo ao Malabar de forte muro,  
Com que do Canará vive seguro.

## XXII.

Da terra os naturaes lhe chamam Gate,  
Do pé do qual pequena quantidade  
Se estende hu' a fralda estreita, que combate  
Do mar a natural ferocidade:  
Aqui de outras cidades, sem debate,  
Calecut tem a illustre dignidade  
De cabeça de imperio rica, e bella:  
Samorim se intitula o senhor della.

## XXIII.

Chegada a frota ao rico senhorio,  
Hum Portuguez mandado logo parte,  
A fazer sabedor o Rei gentio  
Da vinda sua a tão remota parte.  
Entrando o mensageiro pelo rio,  
Que alli nas ondas entra, a não vista arte,  
A cor, o gesto estranho, o traje novo,  
Fez concorrer a ve-lo todo o povo.

## XXIV.

Entre a gente que a ve-lo concorria,  
Se chega hum Mahometa, que nascido  
Fora na região da Barbaria,  
Lá onde fora Anteo obedecido:  
Ou pela visinhança já teria  
O reino Lusitano conhecido,  
Ou foi já assignalado de seu ferro;  
Fortuna o trouxe a tão longo desterro.

## XXV.

Em vendo o mensageiro com jucundo  
Rosto, como quem sabe a lingua Hispana,  
Lhe disse: Quem te trouxe a est' outro mundo,  
Tão longe da tua patria Lusitana?  
Abrindo, lhe responde, o mar profundo,  
Por onde nunca veio gente humana,  
Vimos buscar do Indo a grão corrente,  
Por onde a Lei divina se accrescente.

## XXVI.

Espantado ficou da grão viagem  
O Mouro, que Monçaide se chamava,  
Ouvindo as oppressões que na passagem  
Do mar, o Lusitano lhe contava.  
Mas vendo em fim, que a força da mensagem  
Só para o Rei da terra relevava,  
Lhe diz, que estava fóra da cidade,  
Mas de caminho pouca quantidade.

## XXVII.

E que em tanto que a nova lhe chegasse  
De sua estranha vinda, se queria,  
Na sua pobre casa reponsasse,  
E do manjar da terra comeria:  
E depois que se hum pouco recreasse,  
Com elle para a armada tornaria;  
Que alegria não pode ser tamanha,  
Que achar gente visinha em terra estranha.

## XXVIII.

O Portuguez acceita de voutade  
O que o ledo Monçaide lhe offerece;  
Como se longa fora já a amizade,  
Com elle come e bebe, e lhe obedece:  
Ambos se tornam logo da cidade  
Para a frota, que o Mouro bem conhece;  
Sobem á capitaina; e toda a gente  
Monçaide recebeo benignamente.

## XXIX.

O Capitão o abraça em cabo ledo,  
Ouvindo clara a lingua de Castella;  
Junto de si o assenta, e prompto e quedo,  
Pela terra pergunta, e cousas della.  
Qual se ajuntava em Rhodope o arvoredo,  
Só por ouvir o amante da donzella  
Burydice, tocando a lyra de ouro,  
Tal a gente se ajunta a ouvir o Mouro.

## XXX.

Elle começa : Ó gente , que a natura  
Visinha fez de meu paterno ninho ;  
Que destino tão grande , ou que ventura ,  
Vos trouxe a commetterdes tal caminho ?  
Não he sem causa , não , occulta e escura ,  
Vir do longinquo Tejo , e ignoto Minho ,  
Por mares nunca d' outro lenho arados ,  
A reinos tão remotos e apartados.

## XXXI.

Deos por certo vos traz , porque pretende  
Algum serviço seu , por vós obrado :  
Por isso só vos guia , e vos defende  
Dos inimigos , do mar , do vento irado.  
Sabei , que estais na India , onde se estende  
Diverso povo , rico , e prosperado ,  
De ouro luzente , e fina pedraria ,  
Cheiro suave , ardente especiaria.

## XXXII.

Esta provincia , cujo porto agora  
Tomado tendes , Malabar se chama :  
Do culto antigo os idolos adora ,  
Que cá por estas partes se derrama :  
De diversos Reis he , mas d' hum só fora  
N' outro tempo , segundo a antiga fama :  
Saramá Perimal foi derradeiro  
Rei , que este reino teve unido , e inteiro.

## XXXIII.

Porém como a esta terra então viessem ,  
De lá do seio Arabico, outras gentes ,  
Que o culto Mahometico trouxessem ,  
No qual me instituiram meus parentes ,  
Succedeo , que prégando convertessem  
O Perimal, de sabios , e eloquentes ;  
Fazem-lhe a lei tomar com fervor tanto ,  
Que presuppoz de nella morrer santo.

## XXXIV.

Naos arma , e nellas mette curioso  
Mercadoria, que offereça , rica ,  
Para ir nellas a ser religioso ,  
Onde o propheta jaz , que a lei publica :  
Antes que parta , o reino poderoso  
Co' os seus reparte , porque não lhe fica  
Herdeiro proprio ; faz os mais acceitos ,  
Ricos de pobres , livres de sujeitos.

## XXXV.

A hum Cochim , e a outro Cananor ,  
A qual Chalé , a qual a ilha da Pimenta ,  
A qual Coulão , a qual dá Cranganor ,  
E os mais , a quem o mais serve , e contenta.  
Hum só moço , a quem tinha muito amor ,  
Despois que tudo deo , se lhe apresenta :  
Para este Calecut somente fica ,  
Cidade já por trato nobre , e rica.

## XXXVI.

Esta lhe dá co' o titulo excellente  
De Imperador, que sobre os outros mande.  
Isto feito, se parte diligente  
Para onde em sancta vida acabe, e ande,  
E daqui fica o nome de potente  
Samorim, mais que todos digno e grande,  
Ao moço, e descendentes, donde vem  
Este que agora o imperio manda e tem,

## XXXVII.

A lei da gente toda, rica e pobre,  
De fabulas composta se imagina :  
Andam nus, e somente hum panno cobre  
As partes, que a cobrir natura ensina :  
Dous modos ha de gente; porque a nobre  
Naires chamados são; e a menos dina  
Poleás tem por nome, a quem obriga  
A lei não misturar a casta antiga.

## XXXVIII.

Porque os que usaram sempre hum mesmo officio  
D' outro não podem receber consorte;  
Nem os filhos terão outro exercicio,  
Senão o de seus passados, até morte.  
Para os Naires he certo grande vicio  
Destes serem tocados, de tal sorte,  
Que quando algum se toca, por ventura,  
Com ceremonias mil se alimpa, e apura.

## XXXIX.

Desta sorte o Judaico povo antigo  
 Não tocava na gente de Samaria :  
 Mais estranhezas inda das que digo  
 Nesta terra vereis de usança varia :  
 Os Naires sós são dados ao perigo  
 Das armas; sós defendem da contraria  
 Banda o seu Rei, trazendo sempre usada  
 Na esquerda a adarga, e na direita a espada.

## XL.

Brahmenes são os seus religiosos,  
 Nome antigo, e de grande preeminencia :  
 Observam os preceitos tão famosos  
 D'hum, que primeiro poz nome á sciencia :  
 Não matam cousa viva, e temerosos,  
 Das carnes tem grandissima abstinencia :  
 Somente no venereo ajuntamento  
 Tem mais licença, e menos regimento.

## XLI.

Geraes são as mulheres; mas somente  
 Para os da geração de seus maridos :  
 Ditosa condição, ditosa gente  
 Que não são de ciumes offendidos !  
 Estes, e outros costumes variamente  
 São pelos Malabares admittidos :  
 A terra he grossa em trato, em tudo aquillo,  
 Que as ondas podem dar da China ao Nilo.

## XLII.

Assi contava o Mouro : mas vagando  
Andava a fama já pela cidade,  
Da vinda desta gente estranha, quando  
O Rei saber mandava da verdade :  
Já vinham pelas ruas caminhando,  
Rodeados de todo sexo, e idade,  
Os principaes, que o Rei buscar mandara  
O capitão da armada que chegara.

## XLIII.

Mas elle, que do Rei já tem licença  
Para desembarcar, acompanhado  
Dos nobres Portuguezes, sem detença  
Parte, de ricos pannos adornado :  
Das cores a formosa differença  
A vista alegre ao povo alvoroçado :  
O remo compassado fere frio  
Agora o mar, depois o fresco rio.

## XLIV.

Na praia hum regedor do reino estava,  
Que na sua lingua Catual se chama,  
Rodeado de Naires, que esperava  
Com desusada festa o nobre Gama :  
Já na terra nos braços o levava,  
E n' hum portatil leito hu'a rica cama  
Lhe offerece em que vá, (costume usado)  
Que nos hombros dos homens he levado.



## XLV.

Dest' arte o Malabar, dest' arte o Luso,  
Caminham lá para onde o Rei o espera :  
Os outros Portuguezes vão ao uso  
Que infantaria segue, esquadra fera :  
O povo que concorre vai confuso  
De ver a gente estranha, e bem quizera  
Perguntar; mas no tempo já passado,  
Na torre de Babel lhe foi vedado.

## XLVI.

O Gama, e o Catual hiam fallando  
Nas cousas que lhe o tempo offercia;  
Monçaide entr'elles vai interpretando  
As palavras que de ambos entendia.  
Assi pela cidade caminhando,  
Onde huma rica fabrica se erguia  
De hum sumptuoso templo, já chegavam,  
Pelas portas do qual juntos entravam.

## XLVII.

Alli estão das deidades as figuras  
Esculpidas em pao, e em pedra fria;  
Varios de gestos, varios de pinturas,  
Asegundo o demonio lhe fingia :  
Vem-se as abominaveis esculpturas;  
Qual a Chimera em membros se varia :  
Os Christãos olhos, a ver Deos usados  
Em forma humana, estão maravilhados.

## XLVIII.

Hum na cabeça cornos esculpidos,  
Qual Jupiter Hammon em Libya estava ;  
Outro n'hum corpo rostos tinha unidos,  
Bem como o antigo Jano se pintava ;  
Outro com muitos braços divididos,  
A Briareo parece que imitava ;  
Outro fronte canina tem de fóra,  
Qual Anubis Memphitico se adora.

## XLIX.

Aqui feita do barbaro Gentio  
A supersticiosa adoração,  
Direitos vão sem outro algum desvio,  
Para onde estava o Rei do povo vão :  
Engrossando-se vai da gente o fio,  
Co'os que vem ver o estranho Capitão :  
Estão pelos telhados, e janellas,  
Velhos e moços, donas e donzellas.

## L.

Já chegam perto, e não com passos lentos,  
Dos jardins odoriferos, formosos,  
Que em si escondem os regios aposentos,  
Altos de torres não, mas sumptuosos :  
Edificam-se os nobres seus assentos,  
Por entre os arvoredos deleitosos :  
Assi vivem os Reis daquella gente,  
No campo, e na cidade juntamente.

## LI.

Pelos portaes da cerca a subtileza  
Se enxerga da Dedalea faculdade,  
Em figuras mostrando por nobreza,  
Da India a mais remota antiguidade :  
Affiguradas vão com tal viveza  
As historias daquella antiqua idade,  
Que quem dellas tiver noticia inteira,  
Pela sombra conhece a verdadeira.

## LII.

Estava hum grande exercito que pisa  
A terra Oriental, que o Hydaspe lava ;  
Rege-o hum capitão de fronte lisa,  
Que com frondentes thyrsos pelejava :  
Por elle edificada estava Nysa  
Nas ribeiras do rio, que manava ;  
Tão proprio, que se alli estiver Semele,  
Dirá por certo, que he seu filho aquelle.

## LIII.

Mais avante bebendo secca o rio  
Mui grande multidão da Assyria gente,  
Sujeita a feminino senhorio  
De huma tão bella, como incontinente :  
Alli tem junto ao lado nunca frio,  
Esculpido o feroz ginete ardente,  
Com quem teria o filho competencia :  
Amor nefando, bruta incontinencia !

## LIV.

Daqui mais apartadas tremolavam  
As bandeiras de Grecia gloriosas,  
Terceira monarchia, e subjugavam  
Até as aguas Gangeticas undosas:  
D' hum capitão mancebo se guiavam,  
De palmas rodeado valerosas,  
Que já não de Philippo, mas sem falta,  
De progenie de Jupiter se exalta.

## LV.

Os Portuguezes vendo estas memorias,  
Dizia o Catual ao Capitão:  
Tempo cedo virá, que outras victorias,  
Estas que agora olhais abaterão:  
Aqui se escreverão novas historias  
Por gentes estrangeiras que virão;  
Que os nossos sabios magos o alcançaram,  
Quando o tempo futuro especularam.

## LVI.

E diz-lhe mais a magica sciencia,  
Que para se evitar força tamanha,  
Não valerá dos homens resistencia,  
Que contra o Ceo não val da gente manha:  
Mas tambem diz, que a bellica excellencia  
Nas armas, e na paz, da gente estranha  
Será tal, que será no mundo ouvido  
O vencedor, por gloria do vencido.

## LVII.

Assi fallando entravam já na sala,  
Onde aquelle potente Imperador  
N' huma camilha jaz, que não se iguala  
De outra alguma no preço, e no lavor :  
No recostado gesto se assignala  
Hum venerando e prospero senhor :  
Hum panno de ouro cinge, e na cabeça  
De preciosas gemmas se adereça.

## LVIII.

Bem junto delle hum velho reverente,  
Co' os gíolhos no chão, de quando em quando  
Lhe dava a verde folha da herva ardente,  
Que a seu costume estava ruminando.  
Hum Brahmene, pessoa preeminente,  
Para o Gama vem com passo brando,  
Para que ao grande príncipe o apresente,  
Que diante lhe acena que se assente.

## LIX.

Sentado o Gama junto ao rico leito,  
Os seus mais affastados, prompto em vista  
Estava o Samorim na trajo, e geito  
Da gente, nunca de antes delle vista :  
Lançando a grave voz do sabio peito,  
Que grande autoridade logo aquista  
Na opinião do Rei, e do povo todo,  
O Capitão lhe falla deste modo :

## LX.

Hum grande Rei de lá das partes, onde  
O ceo volubil, com perpetua roda,  
Da terra a luz solar co' a terra esconde,  
Tingindo a que deixou de escura nodá;  
Ouvindo do rumor que lá responde  
O ecco, como em ti da India toda  
O principado está, e a magestade,  
Vinculo quer contigo de amizade.

## LXI.

E por longos rodeios a ti manda,  
Por te fazer saber, que tudo aquillo  
Que sobre o mar, que sobre as terras anda  
De riquezas, de lá do Tejo ao Nilo,  
E desde a fria plaga de Zelanda,  
Até bem donde o Sol não muda o estylo  
Nos dias, sobre a gente de Ethiopia,  
Tudo tem no seu reino em grande copia.

## LXII.

E se queres com pactos, e lianças  
De paz, e de amizade sacra e nua,  
Commercio consentir das abundanças  
Das fazendas da terra sua, e tua;  
Porque cresçam as rendas, e abastanças  
(Por quem a gente mais trabalha e sua)  
De vossos reinos, será certamente  
De ti proveito, e delle gloria ingente.

## LXIII.

E sendo assi que o nó desta amizade  
Entre vós firmemente permaneça,  
Estará prompto a toda adversidade,  
Que por guerra a teu reino se offereça,  
Com gente, armas, e naos; de qualidade  
Que por irmão te tenha, e te conheça:  
E da vontade em ti sobre isto posta  
Me dês a mi certissima resposta.

## LXIV.

Tal embaixada dava o Capitão,  
A quem o Rei gentio respondia,  
Que em ver embaixadores de nação  
Tão remota, grão gloria recebia:  
Mas neste caso a ultima tenção  
Com os de seu conselho tomaria,  
Informando-se certo de quem era  
O Rei, e a gente, e terra que dissera.

## LXV.

E que em tanto podia do trabalho  
Passado ir repousar, e em tempo breve  
Daria a seu despacho hum justo talho,  
Com que à seu Rei rêsposta alegre leve.  
Já nisto punha a noite o usado atalho  
Às humanas canseiras, porque ceve  
De doce somno os membros trabalhados,  
Os olbos occupando ao ocio dados.

## LXVI.

Agasalhados foram juntamente  
 O Gama e Portuguezes no aposento  
 Do nobre regedor da Indica gente,  
 Com festas, e geral contentamento.  
 O Catual, no cargo diligente  
 De seu Rei, tinha já por regimento  
 Saber da gente estranha donde vinha,  
 Que costumes, que lei, que terra tinha.

## LXVII.

Tanto que os igneos carros do formoso  
 Mancebo Delio vio, que a luz renova,  
 Manda chamar Monçaide, desejoso  
 De poder-se informar da gente nova.  
 Já lhe pergunta prompto e curioso,  
 Se tem noticia inteira, e certa prova  
 Dos estranhos quem são; que ouvido tinha  
 Que he gente de sua patria mui visinha.

## LXVIII.

Que particularmente alli lhe dêsse  
 Informação mui larga, pois fazia  
 Nisso serviço ao Rei, porque soubesse  
 O que neste negocio se faria.  
 Monçaide torna: Postoque eu quizesse  
 Dizer-te disto mais, não saberia;  
 Somente sei, que he gente lá de Hespanha,  
 Onde o meu ninho, e o Sol no mar se banha.



## LXIX.

Tem a lei d'hum Propheta, que gerado  
 Foi sem fazer na carne detrimento  
 Da Mãi; tal que por bafo está approvedo  
 Do Deos, que tem do mundo o regimento.  
 O que entre meus antigos he vulgado  
 Delles, he que o valor sanguinolento  
 Das armas, no seu braço resplandece,  
 O que em nossos passados se parece.

## LXX.

Porque elles, com virtude sobrehumana,  
 Os deitaram dos campos abundosos  
 Do rico Tejo, e fresca Guadiana,  
 Com feitos memoraveis, e famosos:  
 E não contentes inda, e na Africana  
 Parte, cortando os mares procellosos,  
 Nos não querem deixar viver seguros,  
 Tomando-nos cidades, e altos muros.

## LXXI.

Não menos tem mostrado esforço, e manha,  
 Em quaesquer outras guerras que aconteçam,  
 Ou das gentes belligeras de Hespanha,  
 Ou lá d'alguns que do Pyrene deçam:  
 Assi que nunca em fim com lança estranha  
 Se tem, que por vencidos se coubeçam;  
 Nem se sabe inda, não, te affirmo e assello,  
 Para estes Annibaes nenhum Marcello.

## LXXII.

E se esta informação não for inteira,  
Tanto quanto convem, delles pretende  
Informar-te, que he gente verdadeira,  
A quem mais falsidade enoja, e offende:  
Vai ver-lhe a frota, as armas, e a maneira  
Do fundido metal, que tudo rende;  
E folgarás de veres a policia  
Portugueza na paz, e na milicia.

## LXXIII.

Já com desejos o Idolatra ardia  
De ver isto que o Mouro lhe contava:  
Manda esquipar bateis, que ir ver queria  
Os lenhos em que o Gama navegava:  
Ambos partem da praia, a quem seguia  
A Naira geração, que o mar coalhava;  
Á capitaina sobem forte e bella,  
Onde Paulo os recebe a bordo della.

## LXXIV.

Purpureos são os toldos, e as bandeiras  
Do rico fio são, que o bicho gera;  
Nellas estão pintadas as guerreiras  
Obras, que o forte braço já fizera  
Batalhas tem campaes, aventureiras,  
Desafios crueis, pintura fera,  
Que tanto que ao Gentio se apresenta,  
A tento nella os olhos apascenta.

## LXXV.

Pelo que vê pergunta : mas o Gama  
Lhe pedia primeiro que se assente,  
E que aquelle deleite que tanto ama  
A seita Epicurea experimente.  
Dos espumantes vasos se derrama  
O licor, que Noé mostrara á gente :  
Mas comer o Gentio não pretende ;  
Que a seita que seguia lho defende.

## LXXVI.

A trombeta, que em paz no pensamento  
Imagem faz de guerra, rompe os ares :  
Co' o fogo, o diabolico instrumento  
Se faz ouvir no fundo lá dos mares.  
Tudo o Gentio nota ; mas o intento  
Mostrava sempre ter nos singulares  
Feitos dos homens, que em retrato breve  
A muda poesia alli descreve.

## LXXVII.

Alça-se em pé, com elle os Gamas, junto  
Coelho de outra parte ; e o Mauritano  
Os olhos poem no bellico transunto  
De hum velho branco, aspeito venerando ;  
Cujo nome não pode ser defunto,  
Em quanto houver no mundo trato humano :  
No traje a Grega usança está perfeita ;  
Hum ramo por insiguia na direita....

## LXXVIII.

Hum ramo na mão tinha... Mas ó cego  
 Eu, que commetto insano, e temerario,  
 Sem vós, Nymphas do Tejo, e do Mondego,  
 Por caminho tão arduo, longo, e vario!  
 Vosso favor invoco, que navego  
 Por alto mar, com vento tão contrario,  
 Que se não me adjudais, hei grande medo,  
 Que o meu fraco batel se alague cedo.

## LXXIX.

Olhai que ha tanto tempo, que cantando  
 O vosso Tejo, e os vossos Lusitanos,  
 A fortuna me traz peregrinando,  
 Novos trabalhos vendo, e novos danos:  
 Agora o mar, agora exprimentando  
 Os perigos Mavorcios inhumanos;  
 Qual Canace, que á morte se condena,  
 N' huma mão sempre a espada, e n' outra a penna.

## LXXX.

Agora com pobreza aborrecida,  
 Por hospícios alheios degradado;  
 Agora da esperança já adquirida,  
 De novo mais que nunca derribado;  
 Agora ás costas escapando a vida,  
 Que d' hum fio pendia tão delgado,  
 Que não menos milagre foi salvar-se,  
 Que para o Rei Judaico accrescentar-se.

Esta he por certo a terra  
 Da verdadeira India, que  
 E se do mundo mais não ha  
 Vosso trabalho longo e  
 Soffrer aqui não pode  
 De ledo em ver que a terra  
 Os gíolhos no chão, a  
 A mercé grande a Deo

As graças a Deos day  
 Que não somente a terra  
 Que com tanto temor  
 Por quem tanto trabalho  
 Mas via-se livrado  
 Da morte, que no mar  
 O vento duro, fervido  
 Como quem despertou

Por meio destes horrores  
 Destes trabalhos grandes  
 Alcançam os que são  
 As honras immortaes  
 Não encostados sem  
 Troncos nobres de  
 Não nos leitos de  
 Animaes de Moscov

## LXXXIV.

phas, não, que fama dêsse  
 humum, e do seu Rei,  
 poro interesse,  
 humana lei:  
 que quizesse  
 legos, cantarei,  
 porpes exercicios  
 de seus vicios:

## LXXXV.

seu poder bastante,  
 sejo feio;  
 ao vulgo errante  
 figuras que Proteio.  
 cubem cuideis que cante  
 honesto e grave, veio,  
 rei no officio novo,  
 a pobre povo.

## LXXXVI.

he justo, e que he direito,  
 Rei severamente,  
 justo, e bom respeito,  
 da servil gente:  
 com pouco experto peito  
 e cuida que he prudente,  
 rapace, e escassa,  
 os: que não passa.

## LXXXI.

E ainda, nymphas minhas, não bastava  
Que tamanhas miserias me cercassem ;  
Senão que aquelles que eu cantando andava,  
Tal premio de meus versos me tornassem :  
A troco dos descansos que esperava,  
Das capellas de louro que me honrassem ,  
Trabalhos nunca usados me inventaram,  
Com que em tão duro estado me deitaram.

## LXXXII.

Vede , Nymphas, que engenhos de senhores  
O vosso Tejo cria valerosos ,  
Que assi sabem prezar com taes favores  
A quem os faz cantando gloriosos !  
Que exemplos a futuros escriptores,  
Para espertar engenhos curiosos ,  
Para pôrem as cousas em memoria,  
Que merecerem ter eterna gloria !

## LXXXIII.

Pois logo em tantos males he forçado ,  
Que só vosso favor me não falleça ,  
Principalmente aqui, que sou chegado  
Onde feitos diversos engrandeça :  
Dai-mo vós sós, que eu tenho já jurado,  
Que non-o empregue em quem o não mereça ,  
Nem por lisonja louve algum subido,  
Sob pena de não ser agradecido.

## LXXXIV.

Nem creias, Nymphas, não, que fama dêsse  
A quem ao bem commum, e do seu Rei,  
Antepuzer seu proprio interesse,  
Imigo da divina e humana lei :  
Nenhum ambicioso, que quizesse  
Subir a grandes cargos, cantarei,  
Só por poder com torpes exercicios  
Usar mais largamente de seus vicios :

## LXXXV.

Nenhum que use de seu poder bastante ,  
Para servir a seu desejo feio ;  
E que por comprazer ao vulgo errante  
Se muda em mais figuras que Proteio.  
Nem, Camenas, tambem cuideis que cante  
Quem com habito honesto e grave, veio,  
Por contentar ao Rei no officio novo,  
A despir, e roubar o pobre povo.

## LXXXVI.

Nem quem acha que he justo, e que he direito,  
Guardar-se a lei do Rei severamente,  
E não acha que he justo, e bom respeito,  
Que se pague o suor da servil gente :  
Nem quem sempre com pouco experto peito  
Razões apprende, e cuida que he prudente,  
Para taixar com mão rapace, e escassa,  
Os trabalhos alheios : que não passa.



## LXXXVII.

Aquelles sós direi, que aventuraram  
Por seu Deos, por seu Rei, a amada vida,  
Onde perdendo-a, em fama a dilataram,  
Tão bem de suas obras merecida.  
Apollo, e as Musas, que me acompanharam,  
Me dobrarão a furia concedida,  
Em quanto eu tomo alento descansado,  
Por tornar ao trabalho, mais folgado.



# Os Lusíadas.

## CANTO OITAVO.

### I.

**N**A primeira figura se detinha  
O Catual, que vira estar pintada,  
Que por divisa hum ramo na mão tinha,  
A barba branca, longa, e penteada :  
« Quem era, e porque causa lhe convinha  
« A divisa que tem na mão tomada? »  
Paulo responde, cuja voz discreta  
O Mauritano sabio lhe interpreta.

### II.

Estas figuras todas que apparecem,  
Bravos em vista, e feros nos aspeitos;  
Mais bravos e mais feros se conhecem,  
Pela fama, nas obras e nos feitos :  
Antiguos são, mas inda resplandecem  
Co' o nome, entre os engenhos mais perfeitos :  
Este que vês he Luso, donde a fama  
O nosso reino Lusitania chama.

## III.

Foi filho e companheiro do Thebano,  
Que tão diversas partes conquistou :  
Parece vindo ter ao ninho Hispano ,  
Seguindo as armas que contino usou :  
Do Douro , Guadiana , o campo ufano ,  
Já dito Elysio , tanto o contentou ,  
Que alli quiz dar , aos já cansados ossos  
Eterna sepultura , e nome aos nossos.

## IV.

O ramo que lhe vês para divisa ,  
O verde thyrsos foi de Baccho usado ,  
O qual á nossa idade amostra e avisa ,  
Que foi seu companheiro , e filho amado.  
Vês outro que do Tejo a terra pisa ,  
Despois de ter tão longo mar arado ,  
Onde muros perpetuos edifica ,  
E templo a Pallas , que em memoria fica :

## V.

Ulysses he o que faz a sancta casa  
Á deosa , que lhe dá lingua facunda ;  
Que se lá na Asia Troia insigne abrasa ,  
Cá na Europa Lisboa ingente funda.  
Quem será est' outro cá , que o campo arrasa  
De mortos , com presença furibunda ?  
Grandes batalhas tem desbaratadas ,  
Que as águias nas bandeiras tem pintadas.

## VI.

Assi o Gentio diz : responde o Gama :  
Este que vês , pastor já foi de gado ;  
Viriato sabemos que se chama ,  
Destro na lança mais , que no cajado :  
Injuriada tem de Roma a fama ,  
Vencedor invencibil, affamado ;  
Não tem com elle , não , nem ter puderam  
O primor que com Pyrrho já tiveram.

## VII.

Com força não , com manha vergonhosa ,  
A vida lhe tiraram , que os espanta :  
Que o grande aperto em gente , inda que honrosa ,  
Às vezes leis magnanimas quebranta.  
Outro está aqui , que contra a patria irosa  
Degradado comnosco se levanta :  
Escolheo bem com quem se levantasse ,  
Para que eternamente se illustrasse.

## VIII.

Vês , comnosco tambem vence as bandeiras  
Dessas aves de Jupiter validas ;  
Que já naquelle tempo as mais guerreiras  
Gentes de nós souberam ser vencidas :  
Olha tão subtis artes , e maneiras ,  
Para adquirir os povos , tão fingidas ;  
A fatidica Cerva que o avisa ;  
Elle he Sertorio , e ella a sua divisa.

## IX.

Olha est' outra bandeira, e vê pintado  
O grão progenitor dos Reis primeiros :  
Nós Hungaro o fazemos , porém nado  
Crem ser em Lotharingia os estrangeiros :  
Despois de ter os Mouros superado ,  
Gallegos e Leonezes cavalleiros ,  
Á Casa sancta passa o sancto Henrique ,  
Porque o tronco dos Reis se sanctifique.

## X.

Quem he, me dize, est' outro que me espanta,  
(Pergunta o Malabar maravilhado)  
Que tantos esquadrões, que gente tanta,  
Com tão pouca, tem roto e destroçado?  
Tantos muros asperrimos quebranta,  
Tantas batalhas dá, nunca cansado,  
Tantas coroas tem por tantas partes  
A seus pés derribadas, e estandartes?

## XI.

Este he o primeiro Afonso, disse o Gama,  
Que todo Portugal aos Mouros toma,  
Por quem, no Estygio lago jura a Fama  
De mais não celebrar nenhum de Roma :  
Este he aquelle zeloso, a quem Deos ama,  
Com cujo braço o Mouro imigo doma;  
Para quem de seu reino abaixa os muros,  
Nada deixando já para os futuros.

## XII.

Se Cesar, se Alexandre Rei, tiveram  
Tão pequeno poder, tão pouca gente,  
Contra tantos inimigos, quantos eram  
Os que desbaratava este excellente;  
Não creas que seus nomes se estenderam  
Com glorias immortaes tão largamente:  
Mas deixa os feitos seus inexplicaveis,  
Vé que os de seus vassallos são notaveis.

## XIII.

Este que vés olhar com gesto irado,  
Para o rompido alumno mal soffrido,  
Dizendo-lhe que o exercito espalhado  
Recolha, e torne ao campo defendido:  
Torna o moço do velho acompanhado,  
Que vencedor o torna de vencido:  
Egas Moniz se chama o forte velho,  
Para leaes vassallos claro espelho.

## XIV.

Ve-lo cá vai co'os filhos a entregar-se,  
A corda ao collo, nn de seda e panno,  
Porque não quiz o moço sujeitar-se,  
Como elle promettera ao Castelhana:  
Fez, com siso e promessas, levantar-se  
O cerco, que já estava soberano:  
Os filhos, e mulher obriga á pena:  
Para que o senhor salve, a si condena.

## XV.

Não fez o consul tanto , que cercado  
Foi nas forcas Caudinas , de ignorante ;  
Quando a passar por baixo foi forçado  
Do Samnitico jugo triumphante :  
Este , polo seu povo injuriado ,  
A si se entrega só , firme e constante ;  
Est' outro a si , e os filhos naturais ,  
E a consorte , sem culpa ; que doe mais !

## XVI.

Vês este que sahindo da cilada  
Dá sobre o Rei , que cerca a villa forte ;  
Já o Rei tem preso , e a villa descercada :  
Illustre feito , digno de Mavorte !  
Ve-lo cá vai pintado nesta armada ,  
No mar tambem aos Mouros dando a morte ,  
Tomando-lhe as galés , levando a gloria  
Da primeira maritima victoria :

## XVII.

He Dom Fuas Roupinho , que na terra ,  
E no mar resplandece juntamente ,  
Co' o fogo que accendeo , junto da serra  
De Abyla , nas galés da Maura gente .  
Olha como em tão justa e sancta guerra ,  
De acabar pelejando está contente :  
Das mãos dos Mouros entra a felice alma  
Triumphando nos Ceos , com justa palma .

## XVIII.

Não vês hu' ajuntamento de estrangeiro  
 Trajo , sahir da grande armada nova ,  
 Que ajuda a combater o Rei primeiro  
 Lisboa , de si dando sancta prova ?  
 Olha Henrique , famoso cavalleiro ,  
 A palma que lhe nasce junto á cova :  
 Per elles mostra Deos milagre visto :  
 Germanos são os martyres de Christo.

## XIX.

Hum Sacerdote vê brandindo a espada  
 Contra Arronches que toma , por vingança  
 De Leiria , que de antes foi tomada  
 Per quem por Mafamede enresta a lança ;  
 He Theotonio , Prior. Mas vê cercada  
 Santarem , e verás a segurança  
 Da figura nos muros , que primeira  
 Subindo ergueo das quinas a bandeira :

## XX.

Ve-lo cá donde Sancho desbarata  
 Os Mouros de Vandalia em fera guerra ,  
 Os imigos rompendo , o alferes mata ,  
 E Hispalico pendão derriba em terra :  
 Mem Moniz he , que em si o valor retrata ,  
 Que o sepulchro , do pai co' os ossos , cerra ;  
 Digno destas bandeiras , pois sem falta  
 A contraria derriba , e a sua exalta.



## XXI.

Olha aquelle que desce pela lança  
Com as duas cabeças dos vigias,  
Onde a cilada esconde, com que alcança  
A cidade por manhas, e ousadias.  
Ella por armas toma a semelhança  
Do cavalleiro, que as cabeças frias  
Na mão levava : feito nunca feito !  
Giraldo Sem-pavor he o forte peito.

## XXII.

Não vés hum Castelhana, que aggravado  
De Afonso nono Rei, pelo odio antigo  
Dos de Lara, co'os Mouros he deitado,  
De Portugal fazendo-se inimigo?  
Abrantes villa toma, acompanhado  
Dos duros infieis que traz consigo ;  
Mas vé que hum Portuguez com pouca gente  
O desbarata, e o prende ousadamente :

## XXIII.

Martim Lopes se chama o cavalleiro,  
Que destes levar pode a palma, e o louro.  
Mas olha hum ecclesiastico guerreiro,  
Que em lança de aço torna o bago de ouro :  
Ve-lo entre os duvidosos tão inteiro,  
Em não negar batalha ao bravo Mouro ;  
Olha o signal no ceo que lhe apparece,  
Com que nos poucos seus o esforço crece.

## XXIV.

Vês , vão os Reis de Cordova , e Sevilha ,  
Rotos , co' os outros dous , e não de espaço ;  
Rotos ? mas antes mortos. Maravilha  
Feita de Deos , que não de humano braço !  
Vês , já a villa de Alcacere se humilha ,  
Sem lhe valer defeza , ou muro de aço ,  
A Dom Mattheus , o Bispo de Lisboa ,  
Que a coroa de palma alli coroa.

## XXV.

Olha hum Mestre que desce de Castella ,  
Portuguez de nação , como conquista  
A terra dos Algarves , e já nella  
Não acha quem por armas lhe resista :  
Com manha , esforço , e com benigna estrella ,  
Villas , castellos toma á escala vista.  
Vês Tavila tomada aos moradores ,  
Em vingança dos sete caçadores :

## XXVI.

Vês , com bellica astucia ao Mouro ganha  
Sylves , que elle ganhou com força ingente :  
He Dom Paio Correa , cuja manha ,  
E grande esforço faz inveja á gente.  
Mas não passes os tres que em França , e Hespanha  
Se fazem conhecer perpetuamente ,  
Em desafios , justas e torneos ,  
Nellas deixando publicos tropheos.

## XXVII.

Ve-los, co' o nome vem de aventureiros  
A Castella, onde o preço sós levaram  
Dos jogos de Bellona verdadeiros,  
Que com damno de alguns se exercitaram.  
Vê mortos os soberbos cavalleiros,  
Que o principal dos tres desafiaram,  
Que Gonçalo Ribeiro se nomea.  
Que pode não temer a lei Lethea.

## XXVIII.

Attenta n' hum que a fama tanto estende,  
Que de nenhum passado se contenta,  
Que a patria que de hum fraco fio pende,  
Sobre seus duros hombros a sustenta.  
Non o vês tinto de ira, que reprende  
A vil desconfiança inerte e lenta  
Do povo, e faz que tome o doce freio  
Do Rei seu natural, e não de alheio?

## XXIX.

Olha por seu conselho, e ousadia  
De Deos guiada só, e de sancta estrella,  
Só pode, o que impossibil parecia,  
Vencer o povo ingente de Castella.  
Vês por industria, esforço, e valentia,  
Outro estrago, e victoria clara e bella,  
Na gente, assi feroz como infinita,  
Que entre o Tartesso, e o Guadiana habita.

## XXX.

Mas não vés quasi já desbaratado  
 O poder Lusitano, pela ausencia  
 Do capitão devoto, que apartado  
 Orando invoca a summa e trina Essencia ?  
 Ve-lo com pressa já dos seus achado,  
 Que lhe dizem que falta resistencia  
 Contra poder tamanho, e que viesse,  
 Porque consigo esforço aos fracos dêsse.

## XXXI.

Mas olha com que sancta confiança,  
 Que inda não era tempo, respondia;  
 Como quem tinha em Deos a segurança  
 Da victoria, que logo lhe daria:  
 Assi Pompilio, ouvindo que a possança  
 Dos imigos a terra lhe corria,  
 A quem lhe a dura nova estava dando,  
 Pois eu, responde, estou sacrificando.

## XXXII.

Se quem com tanto esforço em Deos se atreve,  
 Ouvir quizeres como se nomea,  
 Portuguez Scipion chamar-se deve,  
 Mas mais de Dom Nuno Alvares se arrea.  
 Ditosa patria que tal filho teve!  
 Mas antes pai; que em quanto o Sol rodea  
 Este globo de Ceres, e Neptuno,  
 Sempre suspirará por tal alumno.

## XXXIX.

Outros muitos verias que os pintores  
Aqui tambem por certo pintariam ;  
Mas falta-lhe pincel , faltam-lhe cores ,  
Honra , premio , favor , que as artes criam :  
Culpa dos viciosos successores ,  
Que degeneram certo , e se desviam  
Do lustre , e do valor dos seus passados ,  
Em gostos e vaidades atolados .

## XL.

Aquelles pais illustres que já deram  
Principio á geração que delles pende ,  
Pela virtude muito então fizeram ,  
E por deixar a casa que descende .  
Cegos ! Que dos trabalhos que tiveram ,  
Se alta fama , e rumor delles se estende ,  
Escuros deixam sempre seus menores ,  
Com lhe deixar descansos corruptores .

## XLI.

Outros tambem ha grandes e abastados ,  
Sem nenhum tronco illustre donde venham ;  
Culpa de Reis , que ás vezes a privados  
Dão mais que a mil , que esforço , e saber tenham :  
Estes os seus não querem ver pintados ,  
Crendo que cores vãs lhe não convenham ;  
E como a seu contrario natural ,  
Á pintura que falla querem mal .

## XLII.

Não nego que ha com tudo descendentes  
De generoso tronco , e casa rica ,  
Que com costumes altos e excellentes ,  
Sustentam a nobreza que lhe fica :  
E se a luz dos antigos seus parentes  
Nelles mais o valor não clarifica ,  
Não falta ao menos , nem se faz escura ;  
Mas destes acha poucos a pintura.

## XLIII.

Assi está declarando os grandes feitos  
O Gama , que alli mostra a varia tinta ,  
Que a douta mão tão claros , tão perfeitos ,  
Do singular artifice alli pinta :  
Os olhos tinha promptos e direitos  
O Catual na historia bem distinta ;  
Mil vezes perguntava , e mil ouvia  
As gostosas batalhas que alli via.

## XLIV.

Mas já a luz se mostrava duvidosa ,  
Porque a alampada grande se escondia  
Debaixo do horizonte , e luminosa  
Levava aos antipodas o dia ;  
Quando o Gentio , e a gente generosa  
Dos Naires , da nao forte se partia  
A buscar o repouso , que descansa  
Os lassos animaes , na noite mansa.

## XLV.

Entretanto os haruspices famosos  
Na falsa opinião, que em sacrificios  
Antevem sempre os casos duvidosos,  
Por signaes diabolicos, e indicios;  
Mandados do Rei proprio, estudiosos  
Exercitavam a arte e seus officios,  
Sobre esta vinda desta gente estranha,  
Que ás suas terras vem da ignota Hespanha.

## XLVI.

Signal lhe mostra o Demo verdadeiro,  
De como a nova gente lhe seria  
Jugo perpetuo, eterno captiveiro,  
Destruição de gente, e de valia.  
Vai-se espantado o attouito agoureiro  
Dizer ao Rei (segundo o que entendia)  
Os signaes temerosos, que alcançara  
Nas entranhas das victimas que olhara.

## XLVII.

A isto mais se ajunta, que hum devoto  
Sacerdote da lei de Mafamede,  
Dos odios concebidos não remoto,  
Contra a divina Fé, que tudo excede;  
Em forma do propheta falso e noto,  
Que do filho da escrava Agar procede,  
Baccho odioso em sonhos lhe apparece,  
Que de seus odios inda se não dece.

## XLVIII.

E diz-lhe assi : Guardai-vos, gente minha,  
 Do mal que se aparelha pelo imigo,  
 Que pelas aguas humidas caminha,  
 Antes que esteis mais perto do perigo.  
 Isto dizendo, acorda o Mouro asinha,  
 Espantado do sonho : mas consigo .  
 Cuida que não he mais que sonho usado,  
 Torna a dormir quieto, e socegado.

## XLIX.

Torna Baccho, dizendo : Não conheces  
 O grão legislador, que a teus passados  
 Tem mostrado o preceito a que obedeces,  
 Sem o qual foreis muitos baptizados?  
 Eu por ti rudo, velo; e tu adormeces?  
 Pois saberás, que aquelles que chegados  
 De novo são, serão mui grande dano  
 Da lei que eu dei ao nescio povo humano.

## L.

Em quanto he fraca a força desta gente,  
 Ordena como em tudo se resista;  
 Porque quando o Sol sahe, facilmente  
 Se pode nelle pôr a aguda vista :  
 Porém depois que sobe claro e ardente  
 Se agudeza dos olhos o conquista,  
 Tão cega fica, quanto ficareis  
 Se raizes criar lhe não tolheis.



## LI.

Isto dito, elle, e o somno se despede ;  
 Tremendo fica o attonito Agareno,  
 Salta da cama, lume aos servos pede,  
 Lavrando nelle o fervido veneno.  
 Tanto que a nova luz, que ao Sol precede,  
 Mostrara rosto angelico e sereno,  
 Convoca os principaes da torpe seita,  
 Aos quaes do que sonhou dá conta estreita.

## LII.

Diversos pareceres, e contrarios  
 Alli se dão, segundo o que entendiam ;  
 Astutas traições, enganos varios:  
 Perfidias inventavam, e teciam :  
 Mas deixando conselhos temerarios,  
 Destruição da gente pretendiam,  
 Por manhas mais subtis, e ardis melhores,  
 Com peitas adquirindo os regedores.

## LIII.

Com peitas, ouro, e dadas secretas,  
 Conciliam da terra os principaes ;  
 E com razões notaveis e discretas,  
 Mostram ser perdição dos naturaes ;  
 Dizendo que são gentes inquietas,  
 Que os mares percorrendo Occidentaes,  
 Vivem só de piraticas rapinas,  
 Sem Rei, sem leis humanas, ou divinas.

## LIV.

Oh quanto deve o Rei que bem governa,  
De olhar que os conselheiros, ou privados,  
De consciencia, e de virtude interna,  
E de sincero amor sejam dotados !  
Porque como estè posto na superna  
Cadeira, pode mal dos apartados  
Negocios ter noticia mais inteira,  
Do que lhe der a lingua conselheira.

## LV.

Nem tam pouco direi que tome tanto  
Em grosso a consciencia limpa e certa,  
Que se enleve n' hum pobre e humilde manto,  
Onde ambição a caso ande encoberta.  
E quando hum bom em tudo he justo, e santo,  
Em negocios do mundo pouco acerta;  
Que mal com elles poderá ter conta  
A quieta innocencia, em só Deos pronta.

## LVI.

Mas aquelles avaros Catuais,  
Que o Gentilico povo governavam,  
Induzidos das gentes infernais,  
O Portuguez despacho dilatavam.  
Mas o Gama, que não pretende mais,  
De tudo quanto os Mouros ordenavam,  
Que levar a seu Rei hum signal certo  
Do mundo, que deixava descoberto :

## LVII.

Nisto trabalha só, quem bem sabia,  
 Que depois que levasse esta certeza,  
 Armas, e naos, e gente mandaria  
 Manoel, que exercita a summa alteza,  
 Com que a seu jugo e lei submetteria  
 Das terras, e do mar a redondeza;  
 Que elle não era mais que hum diligente  
 Descobridor das terras do Oriente.

## LVIII.

Fallar ao Rei gentio determina,  
 Porque com seu despacho se tornasse;  
 Que já sentia em tudo da malina  
 Gente impedir-se quanto desejasse.  
 O Rei que da noticia falsa e indina  
 Não era d'espantar se s'espantasse,  
 Que tão credulo era em seus agouros,  
 E mais sendo affirmados pelos Mouros:

## LIX.

Este temor lhe esfria o baixo peito:  
 Por outra parte a força da cobiça,  
 A quem por natureza está sujeito;  
 Hum desejo immortal lhe accende, e atiça:  
 Que bem vê que grandissimo proveito  
 Fará, se com verdade, e com justiça,  
 O contrato fizer por longos annos,  
 Que lhe commette o Rei dos Lusitanos.

## LX.

Sobre isto nos conselhos que tomava,  
Achava mui contrarios pareceres :  
Que naquelles com quem se aconselhava,  
Executa o dinheiro seus poderes.  
O grande Capitão chamar mandava ;  
A quem chegado disse : Se quizeres  
Confessar-me a verdade limpa e nua,  
Perdão alcançarás da culpa tua.

## LXI.

Eu sou bem informado, que a embaixada  
Que de teu Rei me déste, que he fingida ;  
Porque nem tu tens Rei, nem patria amada ;  
Mas vagabundo vás passando a vida :  
Que quem da Hesperia ultima alongada,  
Rei, ou senhor, de insania desmedida,  
Ha de vir commetter com naos e frotas,  
Tão incertas viagens, e remotas ?

## LXII.

E se de grandes reinos poderosos  
O teu Rei tem a regia magestade,  
Que presentes me trazes valerosos,  
Signaes de tua incognita verdade ?  
Com peças, e dons altos sumptuosos,  
Se lia dos Reis altos a amizade :  
Que signal nem penhor não he bastante,  
As palavras d' hum vago navegante.

## LXIII.

Se por ventura vindes desterrados,  
Como já foram homens d'alta sorte,  
Em meu reino sereis agasalhados;  
Que toda a terra he patria para o forte:  
Ou se piratas sois ao mar usados,  
Dizei-mo sem temor de infamia, ou morte;  
Que por se sustentar em toda idade,  
Tudo faz a vital necessidade.

## LXIV.

Isto assi dito, o Gama, que já tinha  
Suspeitas das insidias que ordenava  
O Mahometico odio, donde vinha  
Aquillo que tão mal o Rei cuidava;  
C' huma alta confiança, que convinha,  
Com que seguro credito alcançava,  
Que Venus Acidalia lhe influia,  
Taes palavras do sabio peito abria:

## LXV.

Se os antigos delictos, que a malicia  
Humana commetteo na prisca idade,  
Não causaram que o vaso da iniquicia,  
Açoute tão cruel da Christandade,  
Viera por perpetua inimicicia  
Na geração de Adão, co' a falsidade;  
Ó poderoso Rei, da torpe seita,  
Não conceberas tu tão má suspeita!

## LXVI.

Mas porque nenhum grande bem se alcança,  
Sem grandes oppressões, e em todo o feito  
Segue o temor os passos da esperança,  
Que em suor vive sempre de seu peito,  
Me mostras tu tão pouca confiança  
Desta minha verdade; sem respeito  
Das razões em contrario, que acharias  
Se não cresses a quem não crer devias.

## LXVII.

Porque se eu de rapinas só vivesse,  
Undivago, ou da patria desterrado,  
Como crês que tão longe me viesse  
Buscar assento incognito e apartado?  
Porque esperanças, ou porque interesse,  
Viria experimentando o mar irado,  
Os Antarcticos frios, e os ardores  
Que soffrem do Carneiro os moradores?

## LXVIII.

Se com grandes presentes d'alta estima  
O credito me pedes do que digo,  
Eu não vim mais que a achar o estranho clima,  
Onde a natura poz teu reino antigo;  
Mas se a fortuna tanto me sublima,  
Que eu torne á minha patria, e reino amigo,  
Então veras o dom soberbo e rico,  
Com que minha tornada certifico.

## LXIX.

Se te parece inopinado feito,  
Que Rei da ultima Hesperia a ti me mande,  
O coração sublime, o regio peito,  
Nenhum caso possibil tem por grande.  
Bem parece que o nobre, e grão conceito  
Do Lusitano espirito demande  
Maior credito, e fé de mais alteza,  
Que crea delle tanta fortaleza.

## LXX.

Sabe que ha muitos annos, que os antigos  
Reis nossos firmemente propuzeram  
De vencer os trabalhos, e perigos,  
Que sempre ás grandes cousas se oppuzeram:  
E descobrindo os mares inimigos  
Do quieto descanso, pretenderam  
De saber que fim tinham, e onde estavam  
As derradeiras praias que lavavam.

## LXXI.

Conceito digno foi do ramo claro  
Do venturoso Rei, que arou primeiro  
O mar, por ir deitar do ninho charo  
O morador de Abyla derradeiro:  
Este, por sua industria, e engenho raro,  
N'hum madeiro ajuntando outro madeiro,  
Descobrir pôde a parte, que faz clara  
De Argos, da Hydra a luz, da Lebre, e da Ara.

## LXXII.

Crescendo co' os successos bons primeiros  
No peito as ousadias, descobriram  
Pouco e pouco caminhos estrangeiros,  
Que huns succedendo aos outros proseguiram.  
De Africa os moradores derradeiros  
Austraes, que nunca as sete flammas viram,  
Foram vistos de nós, atraz deixando  
Quantos estão os Tropicos queimando.

## LXXIII.

Assi com firme peito, e com tamanho  
Proposito vencemos á Fortuna,  
Até que nós no teu terreno estranho  
Viemos pôr a ultima coluna:  
Rompendo a força do liquido estanho,  
Da tempestade horrifica, e importuna,  
A ti chegamos, de quem só queremos  
Signal, que ao nosso Rei de ti levemos.

## LXXIV.

Esta he a verdade, Rei: que não faria  
Por tão incerto bem, tão fraco premio,  
Qual, não sendo isto assi, esperar podia,  
Tão longo, tão fingido, e vão proemio:  
Mas antes descansar me deixaria  
No nunca descansado e fero gremio  
Da madre Thetis, qual pirata inico,  
Dos trabalhos alheios feito rico.



## LXXV.

Assi que, ó Rei, se minha grão verdade  
 Tens por qual he, sincera e não dobrada ;  
 Ajunta-me ao despacho brevidade ,  
 Não me impidas o gosto da tornada :  
 E se inda te parece falsidade ,  
 Cuida bem na razão que está provada ,  
 Que com claro juizo pode ver-se ,  
 Que facil he a verdade d'entender-se.

## LXXVI.

Attento estava o Rei na segurança ,  
 Com que provava o Gama o que dizia ;  
 Concebe delle certa confiança ,  
 Credito firme , em quanto proferia :  
 Pondera das palavras a abastança ,  
 Julga na autoridade grão valia ;  
 Começa de julgar por enganados  
 Os Catuaes corruptos ; mal julgados!

## LXXVII.

Juntamente a cobiça do proveito ,  
 Que espera do contracto Lusitano ,  
 O faz obedecer , e ter respeito  
 Co' o Capitão , e não co' o Mauro engano.  
 Em fim , ao Gama manda que direito  
 Ás naos se vá , e seguro d'algum dano  
 Possa á terra mandar qualquer fazenda ,  
 Que pela especiaria troque , e venda.

## LXXVIII.

Que mande da fazenda em fim lhe manda,  
 Que nos reinos Gangeticos falleça;  
 Se alguma traz idonea, lá da banda  
 Donde a terra se acaba, e o mar começa.  
 Já da Real presença veneranda,  
 Se parte o Capitão para onde peça  
 Ao Catual, que delle tinha cargo,  
 Embarcação, que a sua está de largo.

## LXXIX.

Embarcação que o leve ás naos lhe pede:  
 Mas o mau regedor, que novos laços  
 Lhe machinava, nada lhe concede,  
 Interpondo tardanças e embaraços:  
 Com elle parte ao caes, porque o arrede  
 Longe quanto puder dos regios paços;  
 Onde, sem que seu Rei tenha noticia,  
 Faça o que lhe ensinar sua malicia.

## LXXX.

Lá bem longe lhe diz, que lhe daria  
 Embarcação bastante, em que partisse;  
 Ou que para a luz crastina do dia  
 Futuro, sua partida differisse:  
 Já com tantas tardanças entendia  
 O Gama, que o Gentio consentisse  
 Na má tenção dos Mouros, torpe e fera,  
 O que delle até-li não entendera,

## LXXXI.

Era este Catual hum dos que estavam  
 Corruptos pela Ma'ometana gente,  
 O principal por quem se governavam  
 As cidades do Samorim potente :  
 Delle somente os Mouros esperavam  
 Efeito a seus enganos torpemente.  
 Elle, que no concerto vil conspira,  
 De suas esperanças não delira.

## LXXXII.

O Gama com instancia lhe requere  
 Que o mande pôr nas naos, e não lhe val ;  
 E que assi lho mandara, lhe refere,  
 O nobre successor de Perimal.  
 « Porque razão lhe impede, e lhe differe  
 « A fazenda trazer de Portugal ;  
 « Pois aquillo que os Reis já tem mandado,  
 « Não pode ser por outrem derogado ? »

## LXXXIII.

Pouco obedece o Catual corruto  
 A taes palavras, antes revolvendo  
 Na phantasia algum subtil, e astuto  
 Engano diabolico, e estupendo ;  
 Ou como banhar possa o ferro bruto  
 No sangue aborrecido, estava vendo ;  
 Ou como as naos em fogo lhe abrazasse,  
 Porque nenhuma á patria mais tornasse.

## LXXXIV.

Que nenhum torne á patria só pretende  
O conselho infernal dos Ma'ometanos ,  
Porque não saiba nunca onde se estende  
A terra Eoa o Rei dos Lusitanos.  
Não parte o Gama em fim , que lho defende  
O regedor dos barbaros profanos :  
Nem sem licença sua ir-se podia ,  
Que as almadias todas lhe tolhia.

## LXXXV.

Aos brados e razões do Capitão ,  
Responde o Idololatra , que mandasse  
Chegar á terra as naos , que longe estão ,  
Porque melhor dalli fosse , e tornasse :  
Signal he de inimigo , e de ladrão ,  
Que lá tão longe a frota se alargasse ,  
Lhe diz , porque do certo e fido amigo  
He não temer do seu nenhum perigo.

## LXXXVI.

Nestas palavras o discreto Gama  
Enxerga bem , que as naos deseja perto  
O Catual , porque com ferro , e flamma ,  
Lhas assalte , por odio descoberto.  
Em varios pensamentos se derrama :  
Phantasiando está remedio certo ,  
Que dêsse a quanto mal se lhe ordenava ;  
Tudo temia , tudo em fim cuidava.

## LXXXVII.

Qual o reflexo lume do polido  
 Espelho de aço, ou de crystal formoso,  
 Que do raio solar sendo ferido,  
 Vai ferir n' outra parte luminoso;  
 E sendo da ociosa mão movido  
 Pela casa do moço curioso,  
 Anda pelas paredes, e telhado,  
 Tremulo, aqui e alli, dessocegado :

## LXXXVIII.

Tal o vago juizo fluctuava  
 Do Gama preso, quando lhe lembrara  
 Coelho, se por caso o esperava  
 Na praia co' os bateis, como ordenara;  
 Logo secretamente lhe mandava,  
 Que se tornasse á frota, que deixara,  
 Não fosse salteado dos enganos,  
 Que esperava, dos feros Ma'ometanos.

## LXXXIX.

Tal ha de ser, quem quer co' o dom de Marte  
 Imitar os illustres, e iguala-los:  
 Voar co' o pensamento a toda parte,  
 Adivinhar perigos, e evita-los:  
 Com militar engenho, e subtil arte,  
 Entender os inimigos, e engana-los;  
 Crer tudo em fim; que nunca louvarei  
 O capitão que diga: Não cuidei.

## XC.

Insiste o Malabar em te-lo preso,  
Se não mandà chegar á terra a armada;  
Elle constante, e de ira nobre acceso,  
Os ameaços seus não teme nada:  
Que antes quer sobre si tomar o peso  
De quanto mal a vil malicia ousada  
Lhe andar armando, que pôr em ventura  
A frota de seu Rei, que tem segura.

## XCI.

Aquella noite esteve alli detido,  
E parte do outro dia, quando ordena  
De se tornar ao Rei: mas impedido  
Foi da guarda que tinha não pequena.  
Commette-lhe o Gentio outro partido,  
Temeudo de seu Rei castigo, ou pena,  
Se sabe esta malicia; a qual asinha  
Saberá, se mais tempo alli o detinha.

## XCII.

Diz-lhe que mande vir toda a fazenda  
Vendibil, que trazia, para terra,  
Para que de vagar se troque e venda;  
Que quem não quer commercio busca guerra.  
Postoque os maos propositos entenda  
O Gama, que o damnado peito encerra,  
Consente; porque sabe por verdade,  
Que compra co' a fazenda a liberdade.

## XCIII.

Concertam-se que o negro mande dar  
Embarcações idoneas com que venha ;  
Que os seus bateis não quer aventurar  
Onde lhos tome o imigo, ou lhos detenha :  
Partem as almadias a buscar  
Mercadoria Hispana, que convenha :  
Escreve a seu irmão que lhe mandasse  
A fazenda, com que se resgatasse.

## XCIV.

Vem a fazenda á terra, aonde logo  
A agasalhou o infame Catual :  
Com ella ficam Alvaro e Diogo ,  
Que a podessem vender pelo que val.  
Se mais que obrigação, que mando e rogo  
No peito vil, o premio pode e val,  
Bem o mostra o Gentio a quem o entenda,  
Pois o Gama soltou pela fazenda.

## XCV.

Por ella o solta, crendo que alli tinha  
Penhor bastante, donde recebesse  
Interesse maior do que lhe vinha,  
Se o Capitão mais tempo detivesse.  
Elle vendo que já lhe não convinha  
Tornar á terra, porque não podesse  
Ser mais retido, sendo ás naos chegado  
Nellas estar se deixa descansado.

## XCVI.

Nas naos estar se deixa vagaroso ,  
Até ver o que o tempo lhe descobre ;  
Que não se fia já do cobiçoso  
Regedor corrompido , e pouco nobre.  
Veja agora o juizo curioso  
Quanto no rico , assi como no pobre ,  
Pode o vil interesse , e sede imiga  
Do dinheiro , que a tudo nos obriga.

## XCVII.

A Polydoro mata o Rei Threício ,  
Só por ficar senhor do grão thesouro :  
Entra pelo fortissimo edificio  
Com a filha de Acrisio a chuva d'ouro :  
Pode tanto em Tarpeia avaro vicio ,  
Que a troco do metal luzente , e louro ,  
Entrega aos inimigos a alta torre ,  
Do qual quasi affogada em pago morre.

## XCVIII.

Este rende munidas fortalezas ,  
Faz traidores , e falsos os amigos :  
Este a mais nobres faz fazer vilezas ,  
E entrega capitães aos inimigos :  
Este corrompe virginaes purezas ,  
Sem temer de honra ou fama alguns perigos.  
Este deprava ás vezes as sciencias ,  
Os juizos cegando , e as consciencias.



## XCIX.

Este interpreta mais que subtilmente  
Os textos : este faz , e desfaz leis :  
Este causa os perjurios entre a gente :  
E mil vezes tyrannos torna os Reis.  
Até os que só a Deos Omnipotente  
Se dedicam , mil vezes ouvireis ,  
Que corrompe este encantador , e illude ;  
Mas não sem cor , com tudo , de virtude.



---

# Os Lusíadas.

---

## CANTO NONO.

### I.

**T**IVERRAM longamente na cidade  
Sem vender-se a fazenda os dous feitores ,  
Que os infieis por manha , e falsidade ,  
Fazem que não lha comprem mercadores :  
Que todo seu proposito , e vontade ,  
Era deter alli os descobridores  
Da India , tanto tempo , que viessem  
De Meca as naos , que as suas desfizessem.

### II.

Lá no seio Erythreo , onde fundada  
Arsinoe foi do Egyptio Ptolemeo ,  
Do nome da irmãa sua assi chamada ,  
Que depois em Suez se converteo ;  
Não longe o porto jaz da nomeada  
Cidade Meca , que se engrandecio  
Com a superstição falsa , e profana ,  
Da religiosa agua Ma'ometana.

## III.

Gidá se chama o porto , aonde o trato  
De todo o Roxo mar mais florescia ,  
De que tinha proveito grande , e grato ,  
O Soldão , que esse reino possuía.  
Daqui os Malabares , por contrato  
Dos infieis , formosa companhia  
De grandes naos , pelo Indico Oceano ,  
Especiaria vem buscar cada anno.

## IV.

Por estas naos os Mouros esperavam,  
Que como fossem grandes e possantes,  
Aquellas , que o commercio lhe tomavam,  
Com flammabrazassem crepitantes.  
Neste soccorro tanto confiavam,  
Que já não querem mais dos navegantes,  
Senão que tanto tempo alli tardassem,  
Que da famosa Meca as naos chegassem.

## V.

Mas o Governador dos ceos , e gentes ,  
Que para quanto tem determinado ,  
De longe os meios dá convenientes ,  
Por onde vem a effeito o fim fadado ;  
Influo piedosos accidentes  
De affeição em Monçaide ; que guardado  
Estava para dar ao Gama aviso ,  
E merecer por isso o Paraizo.

## VI.

Este, de quem se os Mouros não guardavam,  
Por ser Mouro como elles, antes era  
Participante em quanto machinavam, .  
A tenção lhe descobre torpe e fera :  
Muitas vezes as naos que longe estavam  
Visita, e com piedade considera  
O damno, sem razão, que se lhe ordena  
Pela maligna gente Sarracena.

## VII.

Informa o cauto Gama das armadas  
Que de Arabica Meca vem cada anno,  
Que agora são dos seus tão desejadas,  
Para ser instrumento deste dano :  
Diz-lhe, que vem de gente carregadas,  
E dos trovões horrendos de Vulcano ;  
E que pode ser dellas opprimido,  
Segundo estava mal apercebido.

## VIII.

O Gama, que tambem considerava  
O tempo, que para a partida o chama,  
E que despacho já não esperava  
Melhor do Rei, que os Ma'ometanos ama ;  
Aos feitores, que em terra estão, mandava  
Que se tornem ás naos : e porque a fama  
Desta subita vinda os não impida,  
Lhe manda que a fizessem escondida.

## IX.

Porém não tardou muito, que voando  
Hum rumor não soasse, com verdade,  
Que foram presos os feitores, quando  
Foram sentidos vir-se da cidade.  
Esta fama as orelhas penetrando  
Do sabio Capitão, com brevidade  
Faz represalia n' huns, que ás naos vieram  
A vender pedraria que trouxeram.

## X.

Eram estes, antigos mercadores  
Ricos em Calecut, e conhecidos;  
Da falta delles, logo entre os melhores  
Sentido foi, que estão no mar retidos.  
Mas já nas naos os bons trabalhadores  
Volvem o cabrestante, e repartidos  
Pelo trabalho, huns puxam pela amarra,  
Outros quebram co' o peito duro a barra.

## XI.

Outros pendem da verga, e já desatam  
A vela, que com grita se soltava;  
Quando com maior grita ao Rei relatam  
A pressa, com que a armada se levava:  
As mulheres, e filhos, que se matam,  
Daquelles que vam presos, onde estava  
O Samorim, se aqueixam que perdidos  
Huns tem os pais, as outras os maridos.

## XII.

Manda logo os feitores Lusitanos -  
Com toda sua fazenda livremente,  
A pezar dos imigos Ma'ometanos,  
Porque lhe torne a sua presa gente;  
Desculpas manda o Rei de seus enganos:  
Recebe o Capitão de melhor mente  
Os presos, que as desculpas; e tornando  
Alguns negros, se parte ás velas dando.

## XIII.

Parte-se costa abaixo, porque entende  
Que em vão co' o Rei gentio trabalhava  
Em querer delle paz, a qual pretende  
Por firmar o commercio que tratava.  
Mas como aquella terra, que se estende  
Pela Aurora, sabida já deixava,  
Com estas novas torna á patria chara,  
Certos signaes levando do que achara.

## XIV.

Leva alguns Malabares, que tomou  
Por força, dos que o Samorim mandara,  
Quando os presos feitores lhe tornou;  
Leva pimenta ardente, que comprara:  
A secca flor de Banda não ficou,  
A noz, e o negro cravo, que faz clara  
A nova ilha Maluco, co' a canella,  
Com que Ceilão he rica, illustre, e bella.

## XV.

Isto tudo lhe houvera a diligencia  
De Monçaide fiel, que tambem leva,  
Que inspirado de angelica influencia,  
Quer no livro de Christo que se escreva.  
Oh ditoso Africano, que a clemencia  
Divina assi tirou d'escura treva,  
E tão longe da patria achou maneira  
Para subir á patria verdadeira!

## XVI.

Apartadas assi da ardente costa  
As venturosas naos, levando a proa  
Para onde a natureza tinha posta  
A meta Austrina da esperança boa;  
Levando alegres novas, e resposta  
Da parte Oriental para Lisboa;  
Outra vez commettendo os duros medos  
Do mar incerto, tímidos e ledos.

## XVII.

O prazer de chegar á patria chara,  
A seus penates charos, e parentes,  
Para contar a peregrina, e rara  
Navegação, os varios ceos, e gentes;  
Vir a lograr o premio que ganhara  
Por tão longos trabalhos, e accidentes,  
Cada hum, tem por gosto tão perfeito,  
Que o coração para elle he vaso estreito.

## XVIII.

Porém a deosa Cypria, que ordenada  
Era para favor dos Lusitanos  
Do Padre eterno, e por bom genio dada,  
Que sempre os guia já de longos annos,  
A gloria por trabalhos alcançada,  
Satisfação de bem soffridos danos,  
Lhe andava já ordenando, e pretendia  
Dar-lhe nos mares tristes alegria.

## XIX.

Depois de ter hum pouco revolvido  
Na mente o largo mar que navegaram,  
Os trabalhos que pelo Deos nascido  
Nas Amphioneas Thebas se causaram;  
Já trazia de longe no sentido,  
Para premio de quanto mal passaram,  
Buscar-lhe algum deleite, algum descanso,  
No reino de crystal liquido, e manso:

## XX.

Algun repouso em fim, com que pudesse  
Refocilar a lassa humanidade  
Dos navegantes seus, como interesse  
Do trabalho, que encurta a breve idade.  
Parece-lhe razão que conta dêsse  
A seu filho, por cuja potestade  
Os deoses faz descer ao vil terreno,  
E os humanos subir ao ceo sereno.



## XXI.

Isto bem revolvido, determina  
De ter-lhe apparelhada lá no meio  
Das agnas, alguma insula divina,  
Ornada d' esmaltado e verde arreo :  
Que muitas tem no reino que confina  
Da Priméira co' o terreno seio,  
Afora as que possue soberanas,  
Para dentro das portas Herculanás.

## XXII.

Alli quer que as aquaticas donzellas  
Esperem os fortissimos Barões,  
Todas as que tem titulo de bellas,  
Gloria dos olhos, dor dos corações,  
Com danças, e choreas; porque nellas  
Influirá secretas affeições,  
Para com mais vontade trabalharem  
De contentar a quem se affeiçoarem.

## XXIII.

Tal manha buscou já, para que aquelle  
Que de Anchises pario, bem recebido  
Fosse no campo, que a bovina pelle  
Tomou de espaço, por subtil partido :  
Seu filho vai buscar, porque só nelle  
Tem todo seu poder, fero Cupido;  
Que assi como naquella empreza antiga  
A ajudou já, nest' outra a ajude, e siga.

## XXIV.

No carro ajunta as aves , que na vida  
Vam da morte as exequias celebrando ,  
E aquellas em que já foi convertida  
Peristera , as boninas apanhando.  
Em derredor da deosa já partida ,  
No ar lascivos beijos se vão dando :  
Ella por onde passa , o ar, e o vento  
Serenos faz , com brando movimento.

## XXV.

Já sobre os Idalios montes pende ,  
Onde o filho frecheiro estava então ,  
Ajuntando outros muitos , que pretende  
Fazer huma famosa expedição  
Contra o mundo rebelde , porque emende  
Erros grandes , que ha dias nelle estão ,  
Amendo cousas , que nos foram dadas ,  
Não para ser amadas , mas usadas.

## XXVI.

Via Acteon na caça tão austero ,  
De cego na alegria bruta , insana ,  
Que por seguir hum feo animal fero ,  
Foge da gente , e bella forma humana :  
E por castigo quer , doce e severo ,  
Mostrar-lhe a formosura de Diana ;  
E guarde-se não seja inda comido  
Desses cães , que agora ama , e consumido.

## XXVII.

E vê do mundo todo os principais ,  
Que nenhum no bem publico imagina ;  
Vê nelles , que não tem amor a mais ,  
Que a si somente , e a quem Philaucia ensina :  
Vê que esses que frequentam os reais  
Paços , por verdadeira e sãa doutrina  
Vendem adulação , que mal consente  
Mondar-se o novo trigo florecente.

## XXVIII.

Vê que aquelles que devem á pobreza  
Amor divino , e ao povo charidade ,  
Amam somente mandos , e riqueza ,  
Simulando justiça , e integridade.  
Da fea tyrannia , e de aspereza ,  
Fazem direito , e vãa severidade :  
Leis em favor do Rei se estabelecem ;  
As em favor do povo só perecem.

## XXIX.

Vê em fim , que ninguem ama o que deve ,  
Senão o que somente mal deseja :  
Não quer que tanto tempo se releve  
O castigo que duro , e justo seja.  
Seus ministros ajunta , porque leve  
Exercitos conformes á peleja  
Que espera ter co' a mal regida gente ,  
Que lhe não for agora obediente.

## XXX.

Muitos destes meninos voadores  
Estam em varias obras trabalhando ,  
Huns amolando ferros passadores ,  
Outros hasteas de settas delgaçando ;  
Trabalhando , cantando estam de amores ,  
Varios casos em verso modulando ,  
Melodia sonora , e concertada ,  
Suave a letra , angelica a soada .

## XXXI.

Nas fragoas immortaes , onde forjavam  
Para as settas as pontas penetrantes ,  
Por lenha , corações ardendo estavam ,  
Vivas entranhas inda palpitantes :  
As aguas onde os ferros temperavam ,  
Lagrims são de miseros amantes ;  
A viva flamma , o nunca morto lume ,  
Desejo he só que queima , e não consume .

## XXXII.

Alguns exercitando a mão andavam ,  
Nos duros corações da plebe ruda ;  
Crebros suspiros pelo ar soavam ,  
Dos que feridos vam da setta aguda :  
Formosas nymphas são as que curavam  
As chagas recebidas , cuja ajuda  
Não somente dá vida aos mal feridos ;  
Mas poem em vida os inda não nascidos .

## XXXIII.

Formosas são algumas , e outras feas ,  
Segundo a qualidade for das chagas ;  
Que o veneno espalhado pelas veas  
Curan-o ás vezes asperas triagas.  
Alguns ficam ligados em cadeas ,  
Por palavras subtis de sabias magas ;  
Isto acontece ás vezes , quando as settas  
Acertam de levar hervas secretas.

## XXXIV.

Destes tiros assi desordenados ,  
Que estes moços mal destros vam tirando ,  
Nascem amores mil desconcertados  
Entre o povo ferido , miserando :  
E tambem nos heroes de altos estados  
Exemplos mil se vem de amor nefando ;  
Qual o das moças , Bibli , e Cinyrea :  
Hum mancebo de Assyria ; hum de Judea.

## XXXV.

E vós , ó poderosos , por pastoras  
Muitas vezes ferido o peito vedes ;  
E por baixos e rudos , vós senhoras ,  
Tambem vos tomam nas Vulcaneas redes.  
Huns esperando andais nocturnas horas ,  
Outros subis telhados e paredes :  
Mas eu creio que deste amor indino ,  
He mais culpa a da mai , que a do menino .

## , XXXVI.

Mas já no verde prado o carro leve  
 Punham os brancos cysnes mansamente;  
 E Dioné, que as rosas entre a neve  
 No rosto traz, descia diligente.  
 O frecheiro, que contra o ceo se atreve,  
 A recebe-la vem, ledo e contente;  
 Vem todos os Cupidos servidores  
 Beijar a mão á deosa dos amores.

## XXXVII.

Ella, porque não gaste o tempo em vão,  
 Nos braços tendo o filho, confiada  
 Lhe diz : Amado filho, em cuja mão  
 Toda minha potencia está fundada,  
 Filho, em quem minhas forças sempre estão;  
 Tu que as armas Typheas tens em nada,  
 A soccorrer-me a tua potestade  
 Me traz especial necessidade.

## XXXVIII.

Bem vês as Lusitanicas fadigas,  
 Que eu já de muito longe favoreço,  
 Porque das Parcas sei minhas amigas,  
 Que me hão de venerar, e ter em preçõ.  
 E porque tanto imitam as antigas  
 Obras de meus Romanos, me offereço  
 A lhe dar tanta ajuda em quanto posso,  
 A quanto se estender o poder. nosso.

## XXXIX.

E porque das insidias do odioso  
 Baccho foram na India molestados,  
 E das injurias sós do mar undoso,  
 Puderam mais ser mortos, que cansados:  
 No mesmo mar, que sempre temeroso  
 Lhe foi, quero que sejam repousados;  
 Tomando aquelle premio, e doce gloria,  
 Do trabalho que faz clara a memoria.

## XL.

E para isso queria que feridas  
 As filhas de Nereo, no ponto fundo,  
 D'amor dos Lusitanos incendidas  
 Que vem de descobrir o novo mundo;  
 Todas n' huma ilha juntas, e subidas,  
 Ilha, que nas entranhas do profundo  
 Oceano, terei apparelhada,  
 De dons de Flora, e Zephyro adornada:

## XLI.

Alli com mil refrescos e manjares,  
 Com vinhos odoriferos, e rosas,  
 Em crystallinos paços singulares,  
 Formosos leitos, e ellas mais formosas;  
 Em fim, com mil deleites não vulgares,  
 Os esperem as nymphas amorosas;  
 D'amor feridas, para lhe entregarem  
 Quanto dellas os olhos cobiçarem.

## XLII.

Quero que haja no reino Neptunino ,  
Onde eu nasci , pro genie forte e bella ;  
E tome exemplo o mundo vil , malino ,  
Que contra tua potencia se rebella ,  
Porque entendam que muro adamantino ,  
Nem triste hypocrisia val contra ella :  
Mal haverá na terra quem se guarde ,  
Se teu fogo immortal nas aguas arde .

## XLIII.

Assi Venus propoz , e o filho inico  
Para lhe obedecer já se apercebe ;  
Manda trazer o arco eburneo , rico ,  
Onde as settas de ponta de ouro embebe .  
Com gesto ledo a Cypria , e impudico ,  
Dentro no carro o filho seu recebe ;  
A redea larga ás aves , cujo canto  
A Phaetontea morte chorou tanto .

## XLIV.

Mas diz Cupido , que era necessaria  
Huma famosa e celebre terceira ,  
Que postoque mil vezes lhe he contraria ,  
Outras muitas a tem por companheira :  
A deosa Gigantea , temeraria ,  
Jactante , mentirosa , e verdadeira ,  
Que com cem olhos vê , e por onde voa ,  
O que vê , com mil bocas apregoa .



## XLV.

Van-a buscar, e mandan-a diante,  
Que celebrando vá com tuba clara,  
Os louvores da gente navegante,  
Mais do que nunca os d' outrem celebrara :  
Já murmurando a Fama penetrante  
Pelas fundas cavernas se espalhara ;  
Falla verdade, havida por verdade ;  
Que junto a deosa traz Credulidade.

## XLVI.

O louvor grande, o rumor excellente  
No coração dos deoses, que indignados  
Foram por Baccho contra a illustre gente,  
Mudando os fez hum pouco affeiçoados.  
O peito feminil, que levemente  
Muda quaesquer propositos tomados,  
Já julga por mau zelo, e por crueza  
Desejar mal a tanta fortaleza.

## XLVII.

Despede nisto o fero moço as settas  
Huma após outra, geme o mar co' os tiros :  
Direitas pelas ondas inquietas  
Algumas vam, e algumas fazem giros :  
Cahem as nymphas, lançam das secretas  
Entranhas ardentissimos suspiros,  
Cabe qualquer, sem ver o vulto que ama ;  
Que tanto como a vista pode a fauna.

## XLVIII.

Os cornos ajuntou da eburnea lua,  
 Com força o moço indomito excessiva,  
 Que Tethys quer ferir mais que nenhuma,  
 Porque mais que nenhuma lhe era esquiua.  
 Já não fica na aljava setta alguma,  
 Nem nos equoreos campos nympha viva;  
 E se feridas inda estão vivendo,  
 Será para sentir que vão morrendo.

## XLIX.

Dai lugar, altas e ceruleas ondas,  
 Que, vedes, Venus traz a medicina,  
 Mostrando as brancas velas, e redondas,  
 Que vem por cima da agua Neptunina:  
 Para que tu reciproco respondas,  
 Ardente Amor, á flamma feminina,  
 He forçado que a pudicicia honesta  
 Faça quanto lhe Venus admoesta.

## L.

Já todo o bello coro se apparelha  
 Das Nereidas; e junto caminhava  
 Em choreas gentis, usança velha,  
 Para a ilha, a que Venus os guiava:  
 Alli a formosa deosa lhe aconselha  
 O que ella fez mil vezes, quando amava;  
 Ellas, que vão do doce amor vencidas,  
 Estão a seu conselho offercidas.

## LI.

Cortando vam as naos a larga via  
Do mar ingente, para a patria amada,  
Desejando prover-se de agua fria,  
Para a grande viagem prolongada:  
Quando juntas, com subita alegria,  
Houveram vista da ilha namorada;  
Rompendo pelo ceo a m<sup>ã</sup>i formosa  
De Memnonio, suave e deleitosa.

## LII.

De longe a ilha viram fresca e bella;  
Que Venus pelas ondas lha levava,  
(Bem como o vento leva branca vela)  
Para onde a forte armada se enxergava:  
Que porque n<sup>ã</sup>o passassem, sem que nella  
Tomassem porto, como desejava,  
Para onde as naos navegam a movia  
A Acidalia, que tudo em fim podia.

## LIII.

Mas firme a fez e immobil, como vio  
Que era dos nautas vista, e demandada;  
Qual ficou Delos, tanto que pario  
Latona Phebo, e a deosa á caça usada.  
Para lá logo a proa o mar abriu,  
Onde a costa fazia huma enseada  
Curva e quieta, cuja branca area  
Pintou de ruivas conchas Cytherea.

## LIV.

Tres formosos outeiros se mostravam  
Erguidos com soberba graciosa,  
Que de gramineo esmalte se adornavam,  
Na formosa ilha alegre, e deleitosa :  
Claras fontes , e limpidas manavam  
Do cume, que a verdura tem viçosa ;  
Por entre pedras alvas se deriva  
A sonora lymphá fugitiva.

## LV.

N' hum valle ameno, que os outeiros fende,  
Vinham as claras aguas ajuntar-se,  
Onde huma mesa fazem, que se estende  
Tão bella, quanto pode imaginar-se :  
Arvoredo gentil sobre ella pende,  
Como que prompto está para affeitar-se,  
Vendo-se no crystal resplandecente,  
Que em si o está pintando propriamente.

## LVI.

Mil arvores estão ao ceo subindo,  
Com pomos odoriferos e bellos :  
A lorangeira tem no fructo lindo  
A cor, que tinha Daphne nos cabellos ;  
Encosta-se no chão, que está cahindo  
A cidreira co' os pezos amarellós ;  
Os formosos limões, alli cheirando,  
Estam virgineas tetas imitando.

## LVII.

As arvores agrestes, que os outeiros  
 Tem com frondente coma ennobrecidos,  
 Aemos são de Alcides, e os loureiros  
 Do louro deos amados, e queridos:  
 Myrtos de Cytherea, co' os pinheiros  
 De Cybele, por outro amor vencidos;  
 Está apontando o agudo cypariso  
 Para onde he posto o ethereo paraíso.

## LVIII.

Os dons que dá Pomona, alli natura  
 Produze differentes nos sabores,  
 Sem ter necessidade de cultura,  
 Que sem ella se dam muito melhores:  
 As cerejas purpureas na pintura;  
 As amoras, que o nome tem de amores;  
 O pomo, que da patria Persia veio,  
 Melhor tornado no terreno alheio.

## LIX.

Abre a romãa, mostrando a rubicunda  
 Cor com que tu, rubi, teu preço perdes,  
 Entre os braços do-ulmeiro está a jucunda  
 Vide, c' huns cachos roxos, e outros verdes:  
 E vós se na vossa arvore fecunda,  
 Peras pyramidaes, viver quizerdes,  
 Entregai-vos ao damno que co' os bicos  
 Em vos fazem os passaros inicos.

## LX.

Pois a tapeçaria bella e fina ,  
 Com que se cobre o rustico terreno ,  
 Faz ser a de Achemenia menos dina ,  
 Mas o sombrio valle mais ameno .  
 Alli a cabeça a flor Cephisia inclina  
 Sob'e-lo tanque lucido e sereno ;  
 Florece o filho e neto de Cinyras ,  
 Por quem tu, deosa Paphia, inda suspiras.

## LXI.

Para julgar difficil cousa fora ,  
 No ceo vendo, e na terra as mesmas cores ,  
 Se dava ás flores cor a bella Aurora ,  
 Ou se lha dam a ella as bellas flores .  
 Pintando estava alli Zephyro , e Flora ,  
 As violas, da cor dos amadores ;  
 O lirio roxo, a fresca rosa bella ,  
 Qual reluze nas faces da donzella :

## LXII.

A candida cecem, das matutinas  
 Lagrimas rociada, e a mangerona ;  
 Vem-se as letras nas flores Hyacinthinas ,  
 Tão queridas do filho de Latona :  
 Bem se enxerga nos pomos, e boninas ,  
 Que competia Chloris com Pomona :  
 Pois se as aves no ar cantando voam ,  
 Alegres animaes o chão povoam.

## LXIII.

A longo da agua o niveo cysne canta ,  
Responde-lhe do ramo philomela ;  
Da sombra de seus cornos não se espanta  
Acteon n' agua crystallina e bella :  
Aqui a fugace lebre se levanta  
Da espessa mata , ou timida gazella ;  
Alli no bico traz ao charo ninho  
O mantimento o leve passarinho.

## LXIV.

Nesta frescura tal desembarcavam  
Já das naos os segundos Argonautas ,  
Onde pela floresta se deixavam  
Andar as bellas deosas , como incautas ;  
Algumas doces citharas tocavam ,  
Algumas harpas , e sonoras frautas ,  
Outras co' os arcos de ouro se fingiam  
Seguir os animaes , que não seguiam.

## LXV.

Assi lho aconselhara a mestra experta ,  
Que andassem pelos campos espalhadas ;  
Que vista dos Barões a presa incerta ,  
Se fizessem primeiro desejadas.  
Algumas , que na forma descoberta  
Do bello corpo estavam confiadas ,  
Posta a artificiosa formosura ,  
Nuas lavar se deixam na agua pura.

## LXVI.

Mas os fortes mancebos, que na praia  
Punham os pés de terra cobiçosos ;  
Que não ha nenhum delles , que não saia  
De acharem caça agreste desejosos ;  
Não cuidam que sem laço, ou redes , caia  
Caça naquelles montes deleitosos ,  
Tão suave, domestica, e benina ,  
Qual ferida lha tinha já Erycina.

## LXVII.

Alguns que em espingardas, e nas béstas,  
Para ferir os cervos se fiavam,  
Pelos sombrios matos, e florestas,  
Determinadamente se lançavam :  
Outros nas sombras, que das altas sestas  
Defendem a verdura, passeavam  
Ao longo da agua, que suave, e queda,  
Por alvas pedras corre á praia leda.

## LXVIII.

Começam de enxergar subitamente  
Por entre verdes ramos varias cores ;  
Cores de quem a vista julga, e sente,  
Que não eram das rosas, ou das flores ;  
Mas da lã fina, e seda differente,  
Que mais incita a força dos amores,  
De que se vestem as humanas rosas,  
Fazendo-se por arte mais formosas.



## LXIX.

Dá Velloso espantado hum grande grito:  
Senhores, caça estranha, disse, he esta:  
Se inda dura o Gentio antiguo rito,  
A deosas he sagrada esta floresta:  
Mais descobrimos do que humano espirito  
Dezejou nunca; e bem se manifesta,  
Que são grandes as cousas, e excellentes,  
Que o mundo encobre aos homens imprudentes.

## LXX.

Sigamos estas deosas, e vejamos  
Se phantasticas são, se verdadeiras.  
Isto dito: veloces mais que ganos,  
Se lançam a correr pelas ribeiras.  
Fugindo as nymphas vam por entre os ramos;  
Mas mais industriosas, que ligeiras,  
Pouco e pouco sorrindo, e gritos dando,  
Se deixam ir dos galgos alcançando.

## LXXI.

De huma os cabellos de ouro o vento leva  
Correndo, e da outra as fraldas delicadas:  
Accende-se o desejo, que se ceva  
Nas alvas carnes subito mostradas:  
Huma de industria cabe, e já releva  
Com mostras mais macias, que indignadas,  
Que sobre ella empecendo tambem caia  
Quem a seguio pela arenosa praia.

## LXXII.

Outros por outra parte vam topar  
Com as deosas despidas, que se lavam ;  
Ellas começam subito a gritar ,  
Como que assalto tal não esperavam.  
Humas fingindo menos estimar  
A vergonha que a força, se lançavam  
Nuas por entre o mato , aos olhos dando  
O que ás mãos cobiçosas vam negando.

## LXXIII.

Outra, como acudindo mais depressa  
Á vergonha da deosa caçadora ,  
Esconde o corpo n' agua ; outra se apressa  
Por tomar os vestidos , que tem fóra.  
Tal dos mancebos ha , que se arremessa  
Vestido assi, e calçado, (que co' a mora  
De se despir, ha medo que inda tarde)  
A matar na agua o fogo que nelle arde.

## LXXIV.

Qual cão de caçador , sagaz e ardido ,  
Usado a tomar na agua a ave ferida ,  
Vendo ao rosto o ferreo cano erguido ,  
Para a garcenha, ou pata conhecida ,  
Antes que soe o estouro, mal soffrido  
Salta n' agua , e da presa não duvida ,  
Nadando vai, e latindo ; assi o mancebo  
Remette á que não era irmã de Phebo,

## LXXV.

Leonardo, soldado bem disposto,  
 Manhoso, cavalleiro, e namorado,  
 A quem amor não dera hum só desgosto,  
 Mas sempre fora d'elle maltratado;  
 E tinha já por firme presupposto  
 Ser com amores mal affortunado,  
 Porém não que perdesse a esperança  
 De inda poder seu fado ter mudança:

## LXXVI.

Quiz aqui sua ventura, que corria  
 Após Ephyre, exemplo de belleza,  
 Que mais caro que as outras dar queria  
 O que deo para dar-se a natureza.  
 Já cansado correndo lhe dizia:  
 Ó fúmosura indigna de aspereza,  
 Pois desta vida te concedo a palma,  
 Espera hum corpo de quem levas a alma.

## LXXVII.

Todas de correr cansam, nympha pura,  
 Rendendo-se á vontade do inimigo;  
 Tu só de mi só foges na espessura?  
 Quem te disse, que eu era o que te sigo?  
 Se to tem dito já aquella ventura,  
 Que em toda a parte sempre anda comigo,  
 Ó non a creas, porque eu quando a cria,  
 Mil vezes cada hora me mentia.

## LXXVIII.

Não cansas ; que me cansas : e se queres  
 Fugir-me, porque não possa tocar-te,  
 Minha ventura he tal , que inda que esperes ,  
 Ella fará que não possa alcançar-te.  
 Espera : quero ver , se tu quizeres ,  
 Que subtil modo busca de escapar-te,  
 E notarás no fim deste successo ,  
 « Tra la spiga e la man qual muro è messo. »

## LXXIX.

Ó não me fujas ! Assi nunca o breve  
 Tempo fuja de tua formosura !  
 Que só com refrear o passo leve  
 Vencerás da fortuna a força dura.  
 Que Imperador , que exercito se atreve ,  
 A quebrantar a furia da ventura ;  
 Que em quanto desejei me vai seguindo ?  
 O que tu só farás não me fugindo.

## LXXX.

Pões-te da parte da desdita minha ?  
 Fraqueza he dar ajuda ao mais potente.  
 Levas-me hum coração , que livre tinha !  
 Solta-mo , e correrás mais levemente.  
 Não te carrega essa alma tão mesquinha ,  
 Que nesses fios de ouro reluzente  
 Atada levas ? Ou despois de presa  
 Lhe mudaste a ventura , e menos pesa ?

## LXXXI.

Nesta esperança só te vou seguindo ;  
 Que ou tu não soffrerás o peso della ,  
 Ou na virtude de teu gesto lindo ,  
 Lhe mudarás a triste e dura estrella :  
 E se se lhe mudar , não vás fugindo ,  
 Que amor te ferirá , gentil donzella ;  
 E tu me esperarás , se amor te fere ;  
 E se me esperas , não ha mais que espere.

## LXXXII.

Já não fugia a bella nympha , tanto  
 Por se dar cara ao triste que a seguia ,  
 Como por ir ouvindo o doce canto ,  
 As namoradas magoas que dizia.  
 Volvendo o rosto já sereno e santo ,  
 Toda banhada em riso , e alegria ,  
 Cahir se deixa aos pés do vencedor ,  
 Que todo se desfaz em puro amor.

## LXXXIII.

Oh que famintos beijos na floresta !  
 E que mimoso choro que soava !  
 Que affagos tão suaves ! Que ira honesta ,  
 Que em risinhos alegres se tornava !  
 O que mais passam na manhã , e na sesta ,  
 Que Venus com prazeres inflammava ,  
 Melhor he exprimenta-lo que julga-lo ,  
 Mas julgue-o quem não pode exprimenta-lo.

## LXXXIV.

D'esta arte em fim conformes já as formosas  
 Nymphas, co'os seus amados navegantes,  
 Os ornam de capellas deleitosas,  
 De louro, e de ouro, e flores abundantes;  
 As mãos alvas lhe davam como esposas :  
 Com palavras formaes, e estipulantes  
 Se promettem eterna companhia  
 Em vida e morte, de honra e alegria.

## LXXXV.

Huma dellas maior, a quem se humilha  
 Todo o coro das nymphas, e obedece,  
 (Que dizem ser de Celo e Vesta filha,  
 O que no gesto bello se parece,  
 Enchendo a terra, e o mar de maravilha),  
 O Capitão illustre, que o merece,  
 Recebe alli com pompa honesta e regia,  
 Mostrando-se senhora grande e egregia :

## LXXXVI.

Que depois de lhe ter dito quem era,  
 C' hum alto exordio de alta graça ornado;  
 Dando-lhe a entender, que alli viera  
 Por alta influença do immobil fado:  
 Para lhe descobrir da unida esphera,  
 Da terra immensa, e mar não navegado  
 Os segredos, por alta prophecia,  
 O que esta sua nação só merecia :

## LXXXVII.

Tomando-o pela mão o leva, e guia,  
Para o cume d' hum monte alto e divino,  
No qual hu' a rica fabrica se erguia  
De crystal toda, e de ouro puro, e fino.  
A maior parte aqui passam do dia  
Em doces jogos, e em prazer contino :  
Ella nos paços logra seus amores,  
As outras pelas sombras entre as flores.

## LXXXVIII.

Assi a formosa, e a forte companhia,  
O dia quasi todo estão passando,  
N' huma alma, doce, incognita alegria,  
Os trabalhos tão longos compensando.  
Porque dos feitos grandes, da ousadia  
Forte e famosa, o mundo está guardando  
O premio lá no fim bem merocado,  
Com fama grande, e nome alto e subido.

## LXXXIX.

Que as nymphas do Oceano tão formosas,  
Tethys, e a ilha angelica pintada,  
Outra cousa não he, que as deleitosas  
Honras, que a vida fazem sublimada :  
Aquellas preeminencias gloriosas,  
Os triumphos, a fronte coroadada  
De palma e louro, a gloria e maravilha,  
Estes são os deleites desta ilha.

## XC.

Que as immortalidades que fingia  
A antiguidade, que os illustres ama,  
Lá no estellante Olympo, a quem subia  
Sobre as azas inclytas da fama;  
Por obras valorosas que fazia,  
Pelo trabalho immenso, que se chama  
Caminho da virtude alto e fragoso,  
Mas no fim doce, alegre, e deleitoso :

## XCI.

Não eram senão premios, que reparte  
Por feitos immortaes e soberanos  
O mundo co' os barões, que esforço e arte  
Divinos os fizeram, sendo humanos :  
Que Jupiter, Mercurio, Phebo, e Marte,  
Eneas, e Quirino, e os duos Thebanos,  
Ceres, Pallas, e Juno, com Diana,  
Todos foram de fraca carne humana.

## XCII.

Mas a fama, trombeta de obras tais,  
Lhe deo no mundo nomes tão estranhos,  
De Deoses, Semideoses immortais,  
Indigetes, Heroicos, e de Magnos.  
Por isso, ó vós que as famas estimais,  
Se quizerdes no mundo ser tamanhos,  
Despertai já do somno do ocio ignavo,  
Que o animo de livre faz escravo.



## XCIII.

E ponde na cobiça hum freio duro,  
 E na ambição tambem, que indignamente  
 Tomais mil vezes, e no torpe e escuro  
 Vicio da tyrannia infame, e urgente :  
 Porque essas honras vãs, esse ouro puro,  
 Verdadeiro valor não dam á gente :  
 Melhor he merece-los sem os ter,  
 Que possui-los sem os merecer

## XCIV.

Ou dai na paz as leis iguaes, constantes,  
 Que aos grandes não dem o dos pequenos;  
 Ou vos vesti nas armas rutilantes,  
 Contra a lei dos inimigos Sarracenos :  
 Fareis os reinos grandes e possantes,  
 E todos tereis mais, e nenhum menos;  
 Possuireis riquezas merecidas,  
 Com as honras, que illustrem tanto as vidas.

## XCV.

E fareis claro o Rei que tanto amais,  
 Agora co'os conselhos bem cuidados,  
 Agora co'as espadas, que immortais  
 Vos farão, como os vossos já passados :  
 Impossibilidades não façais,  
 Que quem quiz sempre pode : e numerados  
 Sereis entre os Heroes esclarecidos,  
 E nesta ilha de Venus recebidos.

---

# Os Lusíadas.

---

## CANTO DECIMO.

### I.

**M**AS já o claro amador da Larissea  
Adultera, inclinava os animaes  
Lá para o grande logo, que rodea  
Temistitão, nos fins Occidentaes :  
O grande ardor do Sol Favonio enfrea,  
Co' o sopro, que nos tanques naturaes  
Encrespa a agua serena, e despertava  
Os lirios e jasmins que a calma aggrava.

### II.

Quando as formosas nymphas co' os amantes  
Pela mão, já conformes e contentes,  
Subiam para os paços radiantes,  
E de metaes ornados reluzentes ;  
Mandados da Rainha, que abundantes  
Mesas d'altos manjares, excellentes,  
Lhe tinha apparelhadas, que a fraqueza  
Restaurem da cansada natureza.

## III.

Alli em cadeiras ricas, crystallinas,  
 Se assentam dous e dous, amante, e dama;  
 N' outras, á cabeceira, d'ouro finas,  
 Está co' a bella deosa o claro Gama.  
 De iguarias suaves e divinas,  
 A quem não chega a Egyptia antiga fama,  
 Se accumulam os pratos de fulvo ouro,  
 Trazidos lá do Atlantico thesouro :

## IV.

Os vinhos odoriferos (que acima  
 Estam não só do Italico Falerno,  
 Mas da Ambrosia, que Jove tanto estina,  
 Com todo o ajuntamento sempiterno)  
 Nos vasos, onde em vão trabalha a lima,  
 Crespas escumas erguem, que no interno  
 Coração movem subita alegria,  
 Saltando co' a mistura d'agua fria.

## V.

Mil praticas alegres se tocavam,  
 Risos doces, subtis, e argutos ditos,  
 Que entre hum, e outro manjar se alevantavam,  
 Despertando os alegres appetitos.  
 Musicos instrumentos não faltavam,  
 Quaes no profundo reino os nus espiritos  
 Fizeram descansar da eterna pena,  
 C' huma voz d' huma angelica Sirena.

## VI.

Cantava a bella nympha, e co' os accentos,  
Que pelos altos paços vam soando,  
Em consonancia igual, os instrumentos  
Suaves vem a hum tempo conformando :  
Hum subito silencio enfrea os ventos,  
E faz ir docemente murmurando  
As aguas, e nas casas naturaes  
Adormecer os brutos animaes.

## VII.

Com doce voz está subindo ao ceo  
Altos barões, que estam por vir ao mundo,  
Cujas claras ideas vio Proteo  
N' hum globo vão, diaphano, rotundo;  
Que Jupiter em dom lho concedeo  
Em sonhos : e depois no reino fundo  
Vaticinando o disse; e na memoria  
Recolheo logo a nympha a clara historia.

## VIII.

Materia he de cothurno, e não de socco,  
A que a nympha aprendeo no immenso lago,  
Qual Iopas não soube, ou Demodoco,  
Entre os Pheaces hum, outro em Carthago.  
Aqui minha Calliope te invoco  
Neste trabalho extremo, porque em pago  
Me tornes, do que escrevo, e em vão pretendo,  
O gosto de escrever, que vou perdendo.

## IX.

Vam os annos descendo, e já do estio  
 Ha pouco que passar até o outono;  
 A fortuna me faz o engenho frio,  
 Do qual já não me jacto, nem me abono;  
 Os desgostos me vam levando ao rio  
 Do negro esquecimento, e eterno sono:  
 Mas, tu me dá que cumpira, ó grão Rainha  
 Das Musas, co'o que quero á nação minha!

## X.

Cantando a bella deosa, que viriam  
 Do Tejo, pelo mar que o Gama abriira,  
 Armadas que as ribeiras venceriam,  
 Por onde o Oceano Indico suspira:  
 E que os gentios Reis, que não dariam  
 A cerviz sua ao jugo, o ferro e ira  
 Provariam do braço duro e forte,  
 Até render-se a elle, ou logo á morte:

## XI.

Cantava d' hum, que tem nos Malabares  
 Do summo sacerdocio a dignidade,  
 Que só por não quebrar co'os singulares  
 Barões os nós que dera d'amizade,  
 Soffrerá suas cidades, e lugares,  
 Com ferro, incendios, ira, e crueldade,  
 Ver destruir do Samorim potente:  
 Que taes odios terá co'a nova gente.

## XII.

Encanta como lá se embarcaria  
Em Belem o remedio deste dano,  
Sem saber o que em si ao mar traria  
O grão Pacheco, Achilles Lusitano:  
O peso sentirão, quando entraria  
O curvo lenho, e o fervido Oceano,  
Quando mais n'agua os troncos, que gemerem,  
Contra sua natureza se metterem.

## XIII.

Mas já chegado aos fins Orientaes,  
E deixado em ajuda do gentio  
Rei de Cochim, com poucos naturaes,  
Nos braços do salgado e curvo rio;  
Desbaratará os Naires infernaes  
No passo Cambalão, tornando frio  
De espanto o ardor immenso do Oriente,  
Que verá tanto obrar tão pouca gente.

## XIV.

Chamará o Samorim mais gente nova;  
Virão Reis de Bipur, et de Tanor,  
Das serras de Narsinga, que alta prova  
Estarão promettendo a seu senhor:  
Fará que todo o Naire em fim se mova,  
Que entre Calecut jaz, e Cananor,  
D'ambas as leis inimigas, para a guerra,  
Mouros per mar, Gentios pela terra.

## XV.

E todos outra vez desbaratando,  
Per terra e mar, o grão Pacheco ousado,  
A grande multidão, que irá matando,  
A todo o Malabar terá admirado.  
Cometterá outra vez, não dilatando,  
O Gentio os combates apressado,  
Injuriando os seus, fazendo votos  
Em vão aos deoses vãos, surdos, e immotos.

## XVI.

Já não defenderá somente os passos,  
Mas queimar-lhe-ha lugares, templos, casas.  
Acceso de ira o cão, não vendo lassos  
Aquelles que as cidades fazem rasas,  
Fará que os seus, de vida pouco escassos,  
Commettam o Pacheco, que tem asas,  
Por dous passos n'hum tempo: mas voando  
D'hum n'outro, tudo irá desbaratando.

## XVII.

Virá alli o Samorim, porque em pessoa  
Veja a batalha, e os seus esfôrce, e anime;  
Mas hum tiro, que com zonido voa,  
De sangue o tingirá no andor sublime,  
Já não verá remedio, ou manha boa,  
Nem força, que o Pacheco muito estime:  
Inventará traições, e vãos venenos;  
Mas sempre (o Ceo querendo) fará menos.

## XVIII.

Que tornará a vez septima , cantava ,  
Pelejar com o invicto e forte Luso ,  
A quem nenhum trabalho pesa , e agrava ,  
Mas com tudo este só o fará confuso ,  
Trará para a batalha horrenda e brava ,  
Machinas de madeiros fóra de uso ,  
Para lhe abalroar as caravelas ,  
Que atelli vão lhe fora commette-las.

## XIX.

Pela agua levará serras de fogo  
Para abraçar-lhe quanta armada tenha :  
Mas a militar arte, e engenho, logo  
Fará ser vã a braveza com que venha.  
Nenhum claro barão no Marcio jogo ,  
Que nas azas da fama se sustenha ,  
Chega a este , que a palma a todos toma :  
E perdoe-me a illustre Grecia , ou Roma.

## XX.

Porque tantas batalhas sustentadas  
Com muito pouco mais de cem soldados ;  
Com tantas manhas , e artes inventadas ,  
Tantos cães não imbelles profligados ;  
Ou parecerão fabulas sonhadas ,  
Ou que os celestes coros invocados  
Descerão a ajuda-lo , e lhe darão  
Esforço , força , ardil , e coração.



## XXI.

Aquelle que nos campos Marathonios  
 O grão poder de Dario estrue , e rende ;  
 Ou quem com quatro mil Lacedemonios  
 O passo de Thermopylas defende ;  
 Nem o mancebo Cocles dos Ausonios ,  
 Que com todo o poder Tusco contende  
 Em defensa da ponte , ou Quinto Fabio ,  
 Foi como este na guerra forte e sabio .

## XXII.

Mas neste passo a nympha o som canoro  
 Abaixando , fez ronco , e entristecido ,  
 Cantando em baixa vos , envolta em choro ,  
 O grande esforço mal agradecido .  
 Ó Belizario a ÷ disse , que no coro  
 Das Musas serás sempre engrandecido ;  
 Se em ti viste abatido o bravo Marte ,  
 Aqui tens com quem podes consolar-te !

## XXIII.

Aqui tens companheiro , assi nos feitos ,  
 Como no galardão injusto e duro :  
 Em ti , e nelle veremos altos peitos ,  
 A baixo estado vir , humilde , e escuro :  
 Morrer nos hospitaes , em pobres leitos ,  
 Os que ao Rei , e á lei servem de muro !  
 Isto fazem os Reis , cuja vontade  
 Manda mais que a justiça , e que a verdade .

## XXIV.

Isto fazem os Reis, quando embebidos  
N' huma apparencia branda que os contenta,  
Dan-os premios, de Aiace merecidos,  
À lingua vãa de Ulysses fraudulenta.  
Mas vingo-me, que os bens mal repartidos  
Por quem só doces sombras apresenta,  
Se non os dam a sabios cavalleiros,  
Dan-os logo a avarentos lisongeiros.

## XXV.

Mas tu, de quem ficou tão mal pagado  
Hum tal vassallo, ó Rei só nisto inico,  
Se não es para dar-lhe honroso estado,  
He elle para dar-te hum reino rico.  
Em quanto for o mundo rodeado  
Dos Apollineos raios, eu te fico,  
Que elle seja entre a gente illustre e claro,  
E tu nisto culpado por avaro.

## XXVI.

Mas eis outro, cantava, intitulado  
Vem com nome Real, e traz consigo  
O filho, que no mar será illustrado,  
Tanto como qualquer Romano antigo.  
Ambos darão com braço forte, armado,  
A Quiloa fertil aspero castigo,  
Fazendo nella Rei leal e humano,  
Deitado fóra o perfido Tyranno.

## XXVII.

Tambem farão Mombaça , que se arrea  
De casas sumptuosas e edificios ,  
Co'o ferro e fogo seu , queimada e fea ,  
Em pago dos passados maleficios.  
Despois na costa da India , andando chea  
De lenhos inimigos , e artificios ,  
Contra os Lusos , com velas e com remos ,  
O mancebo Lourenço fará extremos.

## XXVIII.

Das grandes naos do Samorim potente ,  
Que encherão todo o mar , co'a ferrea pella  
Que sahe com trovão do cobre ardente ,  
Fará pedaços leme , mastro , vela ;  
Despois , lançando arpeos ousadamente  
Na capitaina imiga ; dentro nella  
Saltando , a fará só com lança e espada ,  
De quatro centos Mouros despejada.

## XXIX.

Mas de Deos a escondida providencia ,  
Que ella só sabe o bem de que se serve ,  
O porá onde esforço , nem prudencia ,  
Poderá haver , que a vida lhe reserve.  
Em Chaul , onde em sangue , e resistencia ,  
O mar todo com fogo e ferro ferve ,  
Lhe farão que com vida se não saia  
As armadas de Egypto , e de Cambaia.

## XXX.

Alli o poder de muitos inimigos,  
Que o grande esforço só com força rende,  
Os ventos que faltaram, e os perigos  
Do mar, que sobejaram, tudo o offende.  
Aqui resurjam todos os antigos  
A ver o nobre ardor, que aqui se apprende :  
Outro Sceva verão, que espedaçado  
Não sabe ser rendido, nem domado.

## XXXI.

Com toda hu' a coxa fóra, que em pedaços  
Lhe leva hum cego tiro que passara,  
Se serve inda dos animosos braços,  
E do grão coração que lhe ficara :  
Até que outro pelouro quebra os laços,  
Com que co' a alma o corpo se liara :  
Ella solta voou da prisão fóra,  
Onde subito se acha vencedora.

## XXXII.

Vai-te, alma, em paz da guerra turbulenta,  
Na qual tu mereceste paz serena !  
Que o corpo, que em pedaços se apresenta  
Quem o gerou vingança já lhe ordena :  
Que eu ouço retumbar a grão tormenta,  
Que vem já dar a dura e eterna pena,  
De esperas, basiliscos, e trabucos,  
A Cambaicos crueis, e a Mamelucos.

## XXXIII.

Eis vem o pai com animo estupendo,  
Trazendo furia, e magoa por antolhos,  
Com que o paterno amor lhe está movendo  
Fogo no coração, agua nos olhos:  
A nobre ira lhe vinha promettendo,  
Que o sangue fará dar pelos giolhos  
Nas inimigas naos: senti-lo-ha o Nilo,  
Pode-lo-ha o Indo ver, e o Gange ouvi-lo

## XXXIV.

Qual o touro cioso, que se ensaia  
Para a crua peleja, os cornos tenta  
No tronco d' hum carvalho, ou alta faia,  
E o ar ferindo, as forças exprimenta:  
Tal, antes que no seio de Cambaia  
Entre Francisco irado, na opulenta  
Cidade de Dabul a espada affia,  
Abaixando-lhe a tumida ousadia.

## XXXV.

E logo entrando fero na enseada  
De Dio, illustre em cercos e batalhas,  
Fará espalhar a fraca e grande armada  
De Calecut, que remos tem por malhas:  
A de Melique Yaz acautelada,  
Co'os pelouros que tu Vulcano espalhas,  
Fará ir ver o frio e fundo assento,  
Secreto leito do humido elemento.

## XXXVI.

Mas a de Mir-Hocem, que abalroanda  
 A furia esperará dos vingadores,  
 Verá braços, e pernas ir nadando,  
 Sem corpos, pelo mar, de seus senhores :  
 Raios de fogo irão representando  
 No cego ardor os bravos domadores :  
 Quanto alli sentirão olhos, e ouvidos,  
 He fumo, ferro, flammas, e alaridos,

## XXXVII.

Mas ah, que desta prospera victoria,  
 Com que despois virá ao patrio Tejo,  
 Quasi lhe roubará a famosa gloria  
 Hum successo que triste, e negro vejo !  
 O cabo Tormentorio, que a memoria  
 Co'os ossos guardará, não terá pejo  
 De tirar deste mundo aquelle espirito,  
 Que não tiraram toda a India, e Egyto.

## XXXVIII.

Alli Cafres selvages poderão  
 O que destros imigos não puderam ;  
 E rudos paos tostados sós farão  
 O que arcos, e pelouros não fizeram:  
 Occultos os juizos de Deos são !  
 As gentes vãas, que non os entenderam,  
 Chamam-lhe fado mao, fortuna escura,  
 Sendo só providencia de Deos pura,

## XXXIX.

Mas oh , que luz tamanha que abrir sinto ,  
 Dizia a nympha , e a voz alevantava ,  
 Lá no mar de Melinde em sangue tinto  
 Das cidades de Lamo , de Oja , e Brava ,  
 Pelo Cunha tambem , que nunca extinto  
 Será seu nome em todo o mar que lava  
 As ilhas do Austro , e praias , que se chamam  
 De San' Lourenço , e em todo o Sul se afamam !

## XL.

Esta luz he do fogo , e das luzentes  
 Armas , com que o Albuquerque irá amansando  
 De Ormuz os Parseos , por seu mal valentes ,  
 Que refusam o jugo honroso , e brandos .  
 Alli verão as settas estridentes  
 Reciprocarse , a ponta no ar virando  
 Contra quem as tirou , que Deos peleja  
 Por quem estende a fé da madre Igreja .

## XLI.

Alli de sal os montes não defendem  
 De corrupção os corpos no combate ,  
 Que mortos pela praia , e mar se estendem  
 De Gerum , de Mascate , e Calayate :  
 Até que á força só de braço apprendem  
 A abaixar a cerviz , onde se lhe ate  
 Obrigação de dar o reino inico  
 Das perlas de Barem tributo rico .

## XLII.

Que gloriosas palmas tecer vejo ,  
Com que victoria a fronte lhe coroa ,  
Quando sem sombra vãa de medo , ou pejo ,  
Toma a ilha illustrissima de Goa !  
Depois , obedecendo ao duro ensejo ,  
A deixa , e occasião espera boa ,  
Com que a torne a tomar ; que esforço , e arte ,  
Vencerão a fortuna , e o proprio Marte.

## XLIII.

Eis já sobre ella torna , e vai rompendo  
Por muros , fogo , lanças , e pelouros ,  
Abrindo com a espada o espesso , e horrendo  
Esquadrão de Gentios , e de Mouros.  
Irão soldados inclytos fazendo  
Mais que leões famelicos , e touros ,  
Na luz que sempre celebrada , e dina  
Será da Egypcia Sancta Catharina.

## XLIV.

Nem tu menos fugir poderás deste ,  
Postoque rica , e postoque assentada  
Lá no gremio da Aurora onde nasceste ,  
Opalenta Malaca nomeada !  
As settas venenosas que fizeste ,  
Os crises com que já te vejo armada ,  
Malaios namorados , Jaos valentes ,  
Todos farás ao Luso obedientes.



## XLV.

Mais estanças cantara esta Sirena  
Em louvor do illustrissimo Albuquerque ,  
Mas alembrou-lhe huma ira que o condena ,  
Postoque a fama sua o mundo cerque.  
O grande capitão , que o fado ordena  
Que com trabalhos gloria eterna merque ,  
Mais ha de ser hum brando companheiro  
Para os seus, que juiz cruel, e inteiro.

## XLVI.

Mas em tempo que fomes, e asperezas,  
Doenças, frechas, e trovões ardentes,  
A sazão, e o lugar fazem cruezas  
Nos soldados a tudo obedientes;  
Parece de selvaticas brutezas,  
De peitos inhumanos, e insolentes,  
Dar extremo supplicio pela culpa  
Que a fraca humanidade, e Amor desculpa.

## XLVII.

Não será a culpa abominoso incesto,  
Nem violento estupro em virgem pura,  
Nem menos adulterio deshonesto,  
Mas c' huma escrava vil, lasciva, e escura.  
Se o peito, ou de cioso, ou de modesto,  
Ou de usado a crueza fera e dura,  
Co' os seus huma ira inçana não refrea,  
Põe na fama alva, nota negra e fea.

## XLVIII.

Vio Alexandre Apelles namorado  
Da sua Campaspe, e deo-lha alegremente,  
Não sendo seu soldado experimentado,  
Nem vendo-se n' hum cerco duro e urgente.  
Sentio Cyro que andava já abrazado  
Araspas de Panthea, em fogo ardente,  
Que elle tomara em guarda, e promettia  
Que nenhum mau desejo o venceria.

## XLIX.

Mas vendo o illustre Persa, que vencido  
Fora de amor, que em fim não tem defesa,  
Levemente o perdoa, e foi servido  
Delle n' hum caso grande em recompensa.  
Por força, de Juditha foi marido  
O ferreo Baldovino; mas dispensa  
Carlos pai della, posto em cousas grandes,  
Que viva, e povoador seja de Frandes.

## L.

Mas proseguindo a nympha o longo canto,  
De Soares cantava, que as bandeiras  
Faria tremolar, e pôr espanto  
Pelas roxas Arabicas ribeiras.  
Medina abominabil teme tanto,  
Quanto Meca, e Gidá, co' as derradeiras  
Praias de Abassia: Barborá se teme  
Do mal de que o emporio Zeila geme.

## LI.

A nobre ilha tambem de Taprobana ,  
Já pelo nome antigo tão famosa ,  
Quanto agora soberba e soberana ,  
Pela cortiça calida , cheirosa ;  
Della dará tributo á Lusitana  
Bandeira , quando excelsa , e gloriosa ,  
Vencendo se erguerá na torre erguida ,  
Em Columbo , dos proprios tão temida .

## LII.

Tambem Sequeira , as ondas Erythreas  
Dividindo , abrirá novo caminho ,  
Para ti grande imperio , que te arreas  
De seres de Candace e Sabá ninho .  
Maçná , com cisternas de agua cheas ,  
Verá , e o porto Arquico alli visinho ,  
E fará descobrir remotas ilbas ,  
Que dam ao mundo novas maravilhas .

## LIII.

Virá depois Meneses , cujo ferro  
Mais na Africa , que cá terá provado :  
Castigará de Ormuz soberba o erro  
Com lhe fazer tributo dar dobrado .  
Tambem , tu Gama , em pago do desterro  
Em que estás , e serás inda tornado ,  
Co' os titulos de Conde , e d' honras nobres ,  
Virás mandar a terra que descobres .

## LIV.

Mas aquella fatal necessidade,  
 De quem ninguem se exime dos humanos,  
 Illustrado co' a Regia dignidade,  
 Te tirará do mundo, e seus enganosa.  
 Outro Meneses logo, cuja idade  
 He maior na prudencia que nos annos,  
 Governará, e fará o ditoso Henrique,  
 Que perpetua memoria delle fique.

## LV.

Não vencerá somente os Malabares,  
 Destruindo Panane, com Coulete,  
 Commettendo as bombardas, que nos ares  
 Se vingam só do peito que as commette;  
 Mas com virtudes certo singulares,  
 Vence os inimigos d'alma todos sete:  
 De cobiça triumpho, e incontinnencia;  
 Que em tal idade he summa de excellencia,

## LVI.

Mas depois que as estrellas o chamarem,  
 Succederás, ó forte Mascarenhas;  
 E se injustos o mando te tomarem,  
 Prometto-te que fama eterna tenhas!  
 Para teus inimigos confessarem  
 Teu valor alto, o fado quer que venhas  
 A mandar, mais de palmas coroado,  
 Que de fortuna justa acompanhado.

## LVII.

No reino de Bintão , que tantos danos  
 Terá a Malaca muito tempo feitos ,  
 N' hum só dia as injurias de mil annos  
 Vingarás , co' o valor de illustres peitos :  
 Trabalhos e perigos inhumanos ,  
 Abrolhos ferreos mil , passos estreitos ,  
 Tranqueiras , baluartes , lanças , settas ,  
 Tudo fico que rompas , e submettas.

## LVIII.

Mas na India cobiça e ambição ,  
 Que claramente poem aberto o rosto  
 Contra Deos e justiça , te farão  
 Vituperio nenhum , mas só desgosto.  
 Quem faz injuria vil , e semrazão ,  
 Com forças e poder , em que está posto ,  
 Não vence ; que a victoria verdadeira ,  
 He saber ter justiça nua e inteira.

## LIX.

Mas com tudo não nego que Sampaio  
 Será no esforço illustre e assinalado ,  
 Mostrando-se no mar hum fero raio ,  
 Que de inimigos mil verá coalhado.  
 Em Bacanor fará cruel ensaio  
 No Malabar , para que amedrontado  
 Depois a ser vencido delle venha  
 Cutiale , com quanta armada tenha.

## LX.

E não menos de Dio a fera frota ,  
Que Chaul temerá , de grande e ousada ,  
Fará co' a vista só perdida e rota ,  
Por Heitor da Sylveira , e destroçada :  
Por Heitor Portuguez , de quem se nota ,  
Que na costa Cambaica sempre armada ,  
Será aos Guzarates tanto dano ,  
Quanto já foi aos Gregos o Troiano.

## LXI.

A Sampaio feroz succederá  
Cunha , que longo tempo tem o leme ;  
De Chale as torres altas erguerá ,  
Em quanto Dio illustre delle treme :  
O forte Baçaïm se lhe dará ,  
Não sem sangue porém , que nelle geme  
Melique , porque á força' só de espada  
A tranqueira soberba vê tomada.

## LXII.

Traz este vem Noronha , cujo auspicio  
De Dio os Rumes feros affugenta ;  
Dio , que o peito e bellico exercicio  
De Antonio da Sylveira bem sustenta.  
Fará em Noronha a morte o usado officio ,  
Quando hum teu ramo , ó Gama , se exprimenta  
No governo do imperio ; cujo zelo  
Com medo o Roxo mar fará amarello.

## LXIII.

Das mãos do teu Estevam vem tomar  
As redeas hum, que já será illustrado  
No Brasil, com vencer e castigar  
O pirata Francez, ao mar usado.  
Despois Capitão mór do Indico mar,  
O muro de Damão soberbo, e armado,  
Escala, e primeiro entra a porta aberta  
Que fogo e frechas mil terão coberta.

## LXIV.

A este o Rei Cambaico soberbissimo  
Fortaleza dará na rica Dio,  
Porque contra o Mogor poderosissimo  
Lhe ajude a defender o senhorio:  
Despois irá com peito esforçadissimo  
A tolher que não passe o Rei gentio  
De Calecut, que assi com quantos veio  
O fará retirar de sangue cheio.

## LXV.

Destruirá a cidade Repelím,  
Pondo o seu Rei com muitos em fugida:  
E despois junto ao cabo Comorim  
Huma façanha faz esclarecida;  
A frota principal do Samorim,  
Que destruir o mundo não duvida,  
Vencerá co' o furor do ferro e fogo;  
Em si verá Beadala o marcio jogo.

## LXVI.

Tendo assi limpa a India dos imigos ,  
Virá despois com sceptro a governa-la ,  
Sem que ache resistencia , nem perigos ,  
Que todos tremem delle , e nenhum fala .  
Só quiz provar os asperos castigos  
Baticalá , que vira já Beadala :  
De sangue e corpos mortos ficou chea ,  
E de fogo e trovões desfeita , e fea .

## LXVII.

Este será Martinho , que de Marte  
O nome tem co' as obras derivado ;  
Tanto em armas illustre em toda parte ,  
Quanto em conselho sabio , e bem cuidado .  
Succeder-lhe-ha alli Castro , que o estandarte  
Portuguez terá sempre levantado ;  
Conforme successor ao succedido ,  
Que hum ergue Dio , outro o defende erguido .

## LXVIII.

Persas feroces , Abassis , e Rumes  
Que trazido de Roma o nome tem ,  
Varios de gestos , varios de costumes ;  
Que mil nações ao cerco feras vem ;  
Farão dos ceos ao mundo vãos queixumes ,  
Porque huns poucos a terra lhe detem ;  
Em sangue Portuguez juram descridos  
De banhar os bigodes retorcidos .



## LXIX.

Basiliscos medonhos, e leões,  
Trabucos feros, minas encobertas,  
Sustenta Mascarenhas co' os barões,  
Que tão ledos as mortes tem por certas:  
Até que nas maiores oppressões  
Castro libertador, fazendo offertas  
Das vidas de seus filhos, quer que fiquem  
Com fama eterna, e a Deos se sacrificuem.

## LXX.

Fernando hum delles, ramo da alta planta,  
Onde o violento fogo com ruido,  
Em pedaços os muros no ar levanta,  
Será alli arrebatado, e ao ceo subido.  
Alvaro, quando o inverno o mundo espanta,  
E tem o caminho humido impedido,  
Abrindo-o, vence as ondas, e os perigos,  
Os ventos, e depois os inimigos.

## LXXI.

Eis vem depois o pai, que as ondas corta  
Com restante da gente Lusitana;  
E com força, e saber que mais importa,  
Batalha dá felice, e soberana:  
Huns paredes subindo escusam porta,  
Outros a abrem na fera esquadra insana:  
Feitos farão tão dignos de memoria,  
Que não caibam em verso, ou larga historia.

## LXXII.

Este depois em campo se apresenta  
 Vencedor forte e intrepido ao possante  
 Rei de Cambaia, e a vista lhe amedrenta  
 Da fera multidão quadrupedante.  
 Não menos suas terras mal sustenta  
 O Hydalcham do braço triumphante,  
 Que castigando vai Dabul na costa ;  
 Nem lhe escapou Pondá, no sertão posta.

## LXXIII.

Estes e outros barões, por varias partes,  
 Dignos todos de fama e maravilha,  
 Fazendo-se na terra bravos Martes,  
 Virão lograr os gostos desta ilha ;  
 Varrendo triumphantes estandartes,  
 Pelas ondas que corta a aguda quilha ;  
 E acharão estas nymphas, e estas mesas,  
 Que glorias et honras são de arduas empresas.

## LXXIV.

Assi cantava a nympha ; e as outras todas  
 Com sonoro applauso vozes davam,  
 Com que festejam as alegres vodas,  
 Que com tanto prazer se celebravam.  
 « Por mais que da fortuna andem as rodas, »  
 N' huma consona voz todas soavam,  
 « Não vos hão de faltar, gente famosa,  
 « Honra, valor, e fama gloriosa ! »

## LXXV.

Despois que a corporal necessidade  
 Se satisfez do mantimento nobre,  
 E na harmonia, e doce suavidade  
 Viram os altos feitos, que descobre;  
 Tethys, de graça ornada e gravidade,  
 Para que com mais alta gloria dobre  
 As festas deste alegre e claro dia,  
 Para o felice Gama assi dizia:

## LXXVI.

Faz-te mercé, Barão, a Sapiencia  
 Suprema, de co' os olhos corporais  
 Veres o que não pode a vã sciencia  
 Dos errados, e miseros mortais!  
 Sigue-me firme e forte, com prudencia,  
 Por este monte espesso, tu co' os mais.  
 Assi lhe diz: e o guia por hum mato  
 Arduo, difficil, duro a humano trato.

## LXXVII.

Não andam muito, que no erguido cume  
 Se acharam, onde hum campo se esmaltava  
 De esmeraldas, rubis taes que presume  
 A vista, que divino chão pizava.  
 Aqui hum globo vem no ar, que o lume  
 Clarissimo por elle penetrava,  
 De modo que o seu centro está evidente,  
 Como a sua superficie, claramente.

## LXXVIII.

Qual a materia seja não se enxerga ,  
Mas enxerga-se bem que está composto  
De varios orbes , que a divina verga  
Compoz , e hum centro a todos só tem posto:  
Volvendo , ora se abaixe , agora se erga ,  
Nunca s'ergue, ou se abaixa; e hum mesmo rosto  
Por toda parte tem , e em toda parte  
Começa e acaba , em fim por divina arte :

## LXXIX.

Uniforme , perfeito , em si sustido ,  
Qual em fim o Archetypo , que o creou.  
Vendo o Gama este globo , commovido  
De espanto e de desejo alli ficou.  
Diz-lhe a deosa : O transumpto reduzido  
Em pequeno volume aqui te dou  
Do mundo aos olhos teus , para que vejas  
Por onde vás , e irás , e o que desejas.

## LXXX.

Vês aqui a grande machina do mundo ,  
Etherea , e elemental , que fabricada  
Assi foi do saber alto , e profundo ,  
Que he sem principio , e meta limitada.  
Quem cerca em derredor este rotundo  
Globo , e sua superficie tão limada ,  
He Deos: mas o que he Deos ninguem o entende ,  
Que a tanto o engenho humano não se estende.

## LXXXI.

Este orbe que primeiro vai cercando  
 Os outros mais pequenos, que em si tem ,  
 Que está com luz tão clara radiando ,  
 Que a vista cega , e a mente vil tambem ,  
 Empyreo se nomea ; onde logrando  
 Puras almas estam de aquelle bem ,  
 Tamanho , que elle só se entende e alcança ,  
 De quem não ha no mundo semelhança.

## LXXXII.

Aqui só verdadeiros gloriosos  
 Divos estam : porque eu , Saturno , e Jano ,  
 Jupiter, Jano , fomos fabulosos ,  
 Fingidos de mortal, e cego engano :  
 Só para fazer versos deleitosos  
 Servimos ; e se mais o trato humano  
 Nos pode dar , he só que o nome nosso  
 Nestas estrellas poz o engenho vosso.

## LXXXIII.

E tambem porque a sancta Providencia ,  
 Que em Jupiter aqui se representa ,  
 Por espiritos mil, que tem prudencia ,  
 Governa o mundo todo , que sustenta.  
 Ensina-lo a prophetica sciencia ,  
 Em muitos dos exemplos , que apresenta :  
 Os que são bons , guiando favorecem ;  
 Os maos , em quanto podem nos empecem.

## LXXXIV.

Quer logo aqui a pintura que varia,  
 Agora deleitando, ora ensinando,  
 Dar-lhe nomes, que a antigua poesia  
 A seus deoses já dera, fabulando :  
 Que os Anjos de celeste companhia  
 Deoses o sacro verso está chamando ;  
 Nem nega que esse nome preeminente  
 Tambem aos maos se dá, mas falsamente.

## LXXXV.

Em fim que o summo Deos, que por segundas  
 Causas obra no mundo, tudo manda :  
 E tornando a contar-te das profundas  
 Obras da mão divina veneranda ;  
 Debaixo deste circulo, onde as mundas  
 Almas divinas gozam, que não anda,  
 Outro corre tão leve, e tão ligeiro,  
 Que não se enxerga ; he o Mobile primeiro.

## LXXXVI.

Com este rapto e grande movimento,  
 Vam todos os que dentro tem no seio :  
 Por obra deste, o Sol andando a tento,  
 O dia e noite faz, com curso alheio.  
 Debaxo deste leve anda outro lento,  
 Tão lento, e subjogado a duro freio,  
 Que em quanto Phebo, de luz nunca escasso,  
 Duzentos cursos faz, dá elle hum passo.

## LXXXVII.

Olha est'outro debaxo, que esmaltado  
 De corpos lisos anda, e radiantes  
 Que tambem nelle tem curso ordenado,  
 E nos seus axes correm scintillantes :  
 Bem vês como sé veste e faz ornado  
 Co'o largo cinto d'ouro, que estrellantes  
 Animaes doze traz affigurados,  
 Aposentos de Phebo limitados.

## LXXXVIII.

Olha por outras partes a pintura  
 Que as estrellas fulgentes vam fazendo :  
 Olha a Garreta, attenta a Cynosura,  
 Andromeda, e seu pai, e o Drago horrendo :  
 Vê de Cassiopea a formosura,  
 E do Oriente o gesto turbulento,  
 Olha o Cysne morrendo que suspira,  
 A Lebre, os Cães, a Nao, e a doce Lyra.

## LXXXIX.

Debaxo deste grande firmamento  
 Vês o ceo de Saturno deos antigo;  
 Jupiter logo faz o movimento,  
 E Marte abaxo, bellico inimigo;  
 O claro olho do ceo no quarto assento,  
 E Venus, que os amores traz comsigo;  
 Mercurio de eloquencia soberana;  
 Com tres rostos debaxo vai Diana.

## XC.

Em todos estes orbes differente  
Curso verás, n' huns grave, e n' outros leve :  
Ora fogem do centro longamente,  
Ora da terra estam caminho breve;  
Bem como quiz o Padre Omnipotente,  
Que o fogo fez, e o ar, o vento e neve;  
Os quaes verás que jazem mais a dentro,  
E tem co' o mar a terra por seu centro.

## XCI.

Neste centro, pousada dos humanos,  
Que não somente ousados se contentam  
De soffrerem da terra firme os danos,  
Mas inda o mar instabil experimentam,  
Verás as varias partes, que os insanos  
Mares dividem, onde se aposentam  
Varias nações, que mandam varios Reis,  
Varios costumes seus, e varias leis.

## XCII.

Vês Europa christãa, mais alta e clara,  
Que as outras em policia e fortaleza :  
Vês Africa, dos bens dæ mundo avara,  
Inculca, e toda chea de bruteza;  
Co'o cabo, que atéqui se vos negara,  
Que assentou para o Austro a natureza :  
Olha essa terra toda, que se habita  
Dessa gente sem lei, quasi infinita.



## XCIII.

Vê do Benomotapa o grande imperio ,  
 De selvatica gente, negra e nua ;  
 Onde Gonçalo morte e vituperio  
 Padecerá pela Fé sancta sua :  
 Nasce por este incognito hemispherio  
 O metal porque mais a gente sua :  
 Vê que do lago ; donde se derrama  
 O Nilo, tambem vindo está Cuama.

## XCIV.

Olha as casas dos negros , com os filhos ,  
 Sem portas , confiados em seus ninhos ,  
 Na justiça Real, e defensão ,  
 E na fidelidade dos visinhos :  
 Olha delles a bruta multidão ,  
 Qual bando espesso e negro de estorninhos ,  
 Combaterá em Sofala a fortaleza ,  
 Que defenderá Nhaia com destreza.

## XCV.

Olha lá as alagoas , donde o Nilo  
 Nasce, que não souberam os antigos ;  
 Ve-lo rega, gerando o crocodilo ,  
 Os povos Abassis, de Christo amigos :  
 Olha como sem muros (novo estilo)  
 Se defendem melhor dos inimigos ;  
 Vê Meroe, que ilha foi de antiga fama ,  
 Que ora dos naturaes Nobá se chama.

## XCVI.

Nesta remota terra, hum filho teu  
Nas armas contra os Turcos será claro;  
Ha de ser Dom Christovam o nome seu;  
Mas contra o fim fatal não ha reparo.  
Vê cá a costa do mar, onde te deu  
Melinde hospicio gazaloso e charo;  
O Rapton rio nota, que o romance  
Da terra chama Oby, entra em Quilmance.

## XCVII.

O cabo vê já Aromata chamado,  
E agora Guardafû dos moradores,  
Onde começa a boca do affamado  
Mar Roxo, que do fundo toma as cores.  
Este como limite está lançado,  
Que divide Asia de Africa: e as melhores  
Povoações, que parte Africa tem,  
Maçúá são, Arquico, e Suanquem.

## XCVIII.

Vês o extremo Suez, que antiguamente  
Dizem que foi dos Heroas a cidade;  
Outros dizem que Arsinoe; e ao presente  
Tem das frotas do Egypto a potestade.  
Olha as aguas, nas quaes abrio patente  
Estrada o grão Mouses na antiga idade:  
Asia começa aqui, que se apresenta  
Em terras grande, em reinos opulenta.

## XCIX.

Olha o monte Sinai, que se ennobrece  
 Co' o sepulchro de Sancta Catharina :  
 Olha Toro, e Gidá, que lhe fallece  
 Agua das fontes doce, e crystallina :  
 Olha as portas do estreito, que fenece  
 No reino da secca Adem, que confina  
 Com a serra d'Arzira, pedra viva,  
 Onde chuva dos ceos se não deriva.

## C.

Olha as Arabias tres, que tanta terra  
 Tomam, todas da gente vaga e baça,  
 Donde vem os cavallos para a guerra,  
 Ligeiros, e feroces, de alta raça.  
 Olha a costa que corre até que cerra  
 Outro estreito de Persia, e faz a traça  
 O cabo, que co' o nome se appellida  
 Da cidade Fartaque alli sabida.

## CI.

Olha Dofar insigne, porque manda  
 O mais cheiroso incenso para as aras :  
 Mas attenta já cá de est'outra banda  
 De Roçalgate, e praias sempre avaras,  
 Começa o reino Ormuz, que todo se anda  
 Pelas ribeiras, que inda serão claras,  
 Quando as galés do Turco, e fera armada  
 Virem de Castel-Branco nua a espada.

## CII.

Olha o cabo Asaboro , que chamado  
Agora he Moçandão dos navegantes ,  
Por aqui entra o lago , que he fechado  
De Arabia , e Persias terras abundantes.  
Attenta a ilha Barem , que o fundo ornado  
Tem das suas perlas ricas , e imitantes  
Á cor da Aurora ; e vê na agua salgada  
Ter o Tygris e Euphrates huma entrada.

## CIII.

Olha da grande Persia o imperio nobre ,  
Sempre posto no campo , e nos cavallos ,  
Que se injuria de usar fundido cobre ,  
E de não ter das armas sempre os callos.  
Mas vê a ilha Gerum , como descobre  
O que fazem do tempo os intervallos ,  
Que da cidade Armuzá , que alli esteve ,  
Ella o nome despois , e a gloria teve.

## CIV.

Aqui de Dom Philippe de Menezes  
Se mostrará a virtude em armas clara ,  
Quando com muito poucos Portuguezes  
Os muitos Parseos vencerá de Lara :  
Virão provar os golpes e revezes  
De Dom Pedro de Sousa , que provara  
Já seu braço em Ampaza , que deixada  
Terá por terra a força só de espada.

## CV.

Mas deixemòs o estreito , e o conhecido  
Cabo de Jasque , dito já Carpella ,  
Com todo o seu terreno mal querido  
Da natura , e dos dons usados della :  
Carmania teve já por appellido ;  
Mas vês o formoso Indo , que daquella  
Altura nasce , junto á qual tambem  
D'outra altura correndo o Gange vem.

## CVI.

Olha a terra de Ulcinde fertilissima ,  
E de Jaquete a intima enseada ;  
Do mar a enchente subita grandissima ,  
E a vasante que foge apressurada .  
A terra de Cambaia vê riquissima ,  
Onde do mar o seio faz entrada ;  
Cidades outras mil , que vou passando ,  
A vós outros aqui se estam guardando .

## CVII.

Vês corre a costa celebre Indiana  
Para o Sul , até o cabo Comori ,  
Já chamado Cori , que Taprobana  
(Que ora he Ceilão) defronte tem de si .  
Por este mar a gente Lusitana ,  
Que com armas virá despois de ti ,  
Terá victorias , terras , e cidades ,  
Nas quaes ham de viver muitas idades .

## CVIII.

As provincias, que entre hum e o outro rio  
Vês com varias nações, sam infinitas;  
Hum reino Mahometa, outro Gentio,  
A quem tem o Demonio leis escritas.  
Olha que de Narsinga o senhorio  
Tem as reliquias sanctas e bemitas  
Do corpo de Thomé, varão sagrado,  
Que a Jesu Christo teve a mão no lado.

## CIX.

Aqui a cidade foi, que se chamava  
Meliapor, formosa, grande e rica:  
Os idolos antigos adorava,  
Como inda agora faz, a gente inica:  
Longe do mar naquelle tempo estava,  
Quando a Fé que no mundo se publica,  
Thomé vinha prégando, e já passara  
Provincias mil do mundo, que ensinara.

## CX.

Chegado aqui prégando, e junto dando  
A doentes saude, a mortos vida,  
A caso traz hum dia o mar vagando  
Hum lenho de grandeza desmedida:  
Deseja o Rei, que andava edificando,  
Fazer delle madeira, e não duvida  
Poder tira-lo á terra com possantes  
Forças d'homens, de engenhos, de elephants.

## CXI.

Era tão grande o peso do madeiro ,  
Que só para abalar-se , nada abasta ;  
Mas o nuncio de Christo verdadeiro  
Menos trabalho em tal negocio gasta :  
Ata o cordão que traz por derradeiro  
No tronco , e facilmente o leva , e arrasta  
Para onde faça hum sumptuoso templo ,  
Que ficasse aos futuros por exemplo.

## CXII.

Sabia bem que se com fé formada  
Mandar a hum monte surdo , que se mova ,  
Que obedecerá logo á voz sagrada ,  
Que assi lho ensinou Christo , e elle o prova.  
A gente ficou disto alvoroçada ,  
Os Brahmenes o tem por cousa nova :  
Vendo os milagres , vendo a sanctidade ,  
Ham medo de perder autoridade.

## CXIII.

Sam estes sacerdotes dos Gentios ,  
Em quem mais penetrado tinha inveja ;  
Buscam maneiras mil , buscam desvios  
Com que Thomé não se ouça , ou morto seja.  
O principal , que ao peito traz os fios ,  
Hum caso horrendo faz , que o mundo veja ,  
Que inimiga não ha tão dura , e fera ,  
Como a virtude falsa da sincera.

## CXIV.

Hum filho proprio mata ; logo accusa  
De homicidio Thomé, que era innocente ;  
Dá falsas testemunhas , como se usa ;  
Condemnaran-o á morte brevemente.  
O Sancto , que não vê melhor escusa ,  
Que appellar para o Padre Omnipotente ,  
Quer diante do Rei , e dos senhores ,  
Que se faça hum milagre dos maiores.

## CXV.

O corpo morto manda ser trazido ,  
Que resuscite , e seja perguntado  
Quem foi seu matador ; e será crido  
Por testemunho o seu mais approvedo.  
Viram todos o moço vivo erguido  
Em nome de Jesu crucificado :  
Dá graças a Thomé , que lhe deo vida ,  
E descobre seu pai ser homicida.

## CXVI.

Este milagre fez tamanho espanto ,  
Que o Rei se banha logo na agua santa ,  
E muitos após elle : hum beija o manto ,  
Outro louvor do Deos de Thomé canta.  
Os brahmenes se encheram de odio tanto ,  
Com seu veneno os morde inveja tanta ,  
Que persuadindo a isso o povo rudo ,  
Determinam mata-lo em fim de tudo .



## CXVII.

Hum dia que prégando ao povo estava,  
 Fingiram entre a gente hum arruido :  
 Já Christo neste tempo lhe ordenava  
 Que padecendo fosse ao ceo subido.  
 A multidão das pedras, que voava,  
 No Sancto dá, já a tudo offerecido :  
 Hum dos maos, por fartar-se mais depressa,  
 Com crua lança o peito lhe atravessa.

## CXVIII.

Choraram-te Thomé, o Gange e o Indo ;  
 Chorou-te toda a terra que pizaste ;  
 Mais te choram as almas, que vestindo  
 Se hiam da sancta Fé que lhe ensinaste :  
 Mas os Anjos do ceo cantando, e rindo,  
 Te recebem na gloria que ganhaste.  
 Pedimos-te, que a Deos ajuda peças,  
 Com que os teus Lusitanos favoreças.

## CXIX.

E vós outros que os nomes usurpais  
 De mandados de Deos, como Thomé,  
 Dizei, se sois mandados, como estais  
 Sem irdes a prégár a sancta Fé?  
 Olhai que se sois sal, e vos damnais  
 Na patria, onde propheta ninguem he,  
 Com que se salgarão em nossos dias  
 (Infieis deixo) tantas heresias ?

## CXX.

Mas passo esta materia perigosa,  
E tornemos á costa debuxada.  
Já com esta cidade tão famosa,  
Se faz curva a Gangetica enseada :  
Corre Narsinga rica e poderosa,  
Corre Orixá de roupas abastada,  
No fundo da enseada o illustre rio  
Ganges vem ao salgado senhorio :

## CXXI.

Ganges, no qual os seus habitadores  
Morrem banhados, tendo por certeza,  
Que inda que sejam grandes peccadores,  
Esta agua sancta os lava, e dá pureza.  
Vê Cathigão, cidade das melhores  
De Bengala, provincia que se preza  
De abundante, mas olha que está posta  
Para o Austro daqui virada a costa.

## CXXII.

Olha o reino Arracão, olha o assento  
De Pegu, que já monstros povoaram;  
Monstros filhos do feo ajuntamento  
D' huma mulher e hum cão, que sós se acharam :  
Aqui soante arame no instrumento  
Da geração costumam; o que usaram  
Por manha da Rainha, que inventando  
Tal uso, deitou fóra o error nefando.

## CXXIII.

Olha Tavai cidade , onde começa  
De Siam largo o imperio tão comprido ;  
Tenassari, Quedá , que he só cabeça  
Das que pimenta alli tem produzido.  
Mais avante fareis que se conheça  
Malaca por emporio ennobrecido ,  
Onde toda a provincia do mar grande  
Suas mercadorias ricas mande.

## CXXIV.

Dizem que desta terra , co'as possantes  
Ondas o mar entrando dividio  
A nobre ilha Samatra , que já d' antes  
Juntas ambas a gente antigua vio.  
Chersoneso foi dita , e das prestantes  
Veas d' ouro , que a terra produzio ,  
Aurea por epitheto lhe ajuntaram ;  
Alguns que fosse Ophir imaginaram.

## CXXV.

Mas na ponta da terra Cingapura  
Verás , onde o caminho ás naos se estreita ,  
Daqui tornando a costa á Cynosura ,  
Se encurva , e para a Aurora se endireita :  
Vês Pam , Patane , reinos , e a longura  
De Siam que estes e outros mais sujeita ;  
Olha o rio Menão , que se derrama  
Do grande lago , que Chiamai se chama.

## CXXVI.

Vês neste grão terreno os differentes  
Nomes de mil nações nunca sabidas ;  
Os Laos em terra e numero potentes ,  
Avás, Bramás, por serras tão compridas.  
Vê nos remotos montes outras gentes ,  
Que Gueos se chamam , de selvages vidas ,  
Humana carne comem , mas a sua  
Pintam com ferro ardente ; usança crua !

## CXXVII.

Vês passa por Camboja Mecom rio ,  
Que capitão das aguas se interpreta ;  
Tantas recebe d' outro só no estio ,  
Que alaga os campos largos , e inquieta :  
Tem as enchentes , quaes o Nilo frio ;  
A gente delle crê , como indiscreta ,  
Que pena , e gloria tem despois de morte  
Os brutos animaes de toda sorte.

## CXXVIII.

Este receberá placido , e brando ,  
No seu regaço os Cantos , que molhados  
Vem do naufragio triste , e miserando ,  
Dos procellosos baxos escapados ;  
Das fomes , dos perigos grandes , quando  
Será o injusto mando executado  
Naquelle , cuja lyra sonora  
Será mais afamada que ditosa.

## CXXIX.

Vês corre a costa que Champá se chama ;  
 Cuja mata he do pao cheiroso ornada ;  
 Vês Cauchichina está de escura fama ,  
 E de Ainão vé a incognita enseada :  
 Aqui o soberbo imperio , que se afama  
 Com terras , e riqueza não cuidada ,  
 Da China corre , e occupa o senhorio  
 Desd' o Tropicó ardente ao Cinto frio.

## CXXX.

Olha o muro , e edificio nunca crido ,  
 Que entre hum impeiro , e o outro se edifica ;  
 Certissimo signal , e conhecido ,  
 Da potencia Real , soberba , e rica.  
 Estes o Rei que têm não foi nascido  
 Principe , nem dos pais aos filhos fica ;  
 Mas elegem aquelle que he famoso  
 Por cavalleiro sabio , e virtuoso.

## CXXXI.

Inda outra muita terra se te esconde ,  
 Até que venha o tempo de mostrar-se.  
 Mas não deixes no mar as ilhas , onde  
 A natureza quiz mais afamar-se.  
 Esta meia escondida , que responde  
 De longe á China , donde vem buscar-se,  
 He Japão , onde nasce a prata fina ,  
 Que illustrada será co' a Lei divina.

## CXXXII.

Olha cá pelos mares do Oriente  
 As infinitas ilhas espalhadas :  
 Vê Tidor, e Ternate, co' o fervente  
 Cume, que lança as flammas ondeadas :  
 As arvores verás do cravo ardente,  
 Co' o sangue Portuguez inda compradas ;  
 Aqui ha as aureas aves, que não decem  
 Nunca á terra, e só mortas apparecem.

## CXXXIII.

Olha de Bandá as ilhas, que se esmaltam  
 Da varia cor que pinta o roxo fruto ;  
 As aves variadas, que alli saltam,  
 Da verde noz tomando seu tributo :  
 Olha tambem Borneo, onde não faltam  
 Lagrimas, no licor coalhado, e enxuto  
 Das arvores, que camphora he chamado ;  
 Com que da ilha o nome he celebrado.

## CXXXIV.

Alli tambem Timor, que o lenho manda  
 Sandalo salutifero, e cheiroso ;  
 Olha a Sunda tão larga, que huma banda  
 Esconde para o Sul difficiltoso :  
 A gente do sertão, que as terras anda,  
 Hum rio diz que tem miraculoso,  
 Que por onde elle só sem outro vae,  
 Converte em pedra o pao que nelle cahe.

## CXXXV.

Vê naquella que o tempo tornou ilha ,  
Que tambem flammias tremulas vapora ,  
A fonte que oleo mana, e a maravilha  
Do cheiroso licor , que o tronco chora ;  
Cheiroso mais que quanto estilla a filha  
De Cinyras, na Arabia onde ella mora ;  
E vê que tendo quanto as outras tem ,  
Branda seda , e fino ouro dá tambem.

## CXXXVI.

Olha em Ceilão , que o monte se alevanta  
Tanto , que as nuvens passa , ou a vista engana ;  
Os naturaes o tem por cousa santa ,  
Pela pedra onde está a pégada humana.  
Nas ilhas de Maldiva nasce a planta ,  
No profundo das aguas soberana ,  
Cujo pomo contra o veneno urgente  
He tido por antidoto excellente.

## CXXXVII.

Verás defronte estar do Roxo estreito  
Socotorá , co'o amaro áloéfamosa ;  
Outras ilhas no mar tambem sujeito  
A vós na costa de Africa arenosa ;  
Onde sabe do cheiro mais perfeito  
A massa , ao mundo occulta , e preciosa ;  
De San' Lourenço vê a ilha afamada ,  
Que Madagascar he d' alguns chamada.

## CXXXVIII.

Eis aqui as novas partes do Oriente,  
 Que vós outros agora ao mundo dais,  
 Abrindo a porta ao vasto mar patente,  
 Que com tão forte peito navegais.  
 Mas he tambem razão, que no Ponente  
 D'hum Lusitano hum feito inda vejais,  
 Que de seu Rei mostrando-se aggravado,  
 Caminho ha de fazer nunca cuidado.

## CXXXIX.

Vedes a grande terra que continua  
 Vai de Callisto ao seu contrario polo,  
 Que soberba a fará a luzente mina  
 Do metal, que a cor tem do louro Apollo:  
 Castella, vossa amiga, será dina  
 De lançar-lhe o collar ao rudo collo:  
 Varias provincias tem de varias gentes,  
 Em ritos, e costumes differentes.

## CXL.

Mas cá onde mais se alarga, alli tereis  
 Parte tambem co' o pao vermelho nota;  
 De Sancta-Cruz o nome lhe poreis,  
 Descobri-la ha a primeira vossa frota:  
 Ao longo desta costa que tereis,  
 Irá buscando a parte mais remota  
 O Magalhães, no feito com verdade  
 Portuguez, porém não na lealdade.



## CXXI.

Desque passar a via mais que mea ,  
Que ao Antartico polo vai da Linha ,  
D' huma estatura quasi gigantea  
Homens verá , da terra alli visinha.  
E mais avante o Estreito , que se arrea  
Co'o nome delle agora , o qual caminha  
Para outro mar , e terra , que fica onde  
Com suas frias azas o Austro a esconde.

## CXXII.

Atéqui , Portuguezes , concedido  
Vos he saberdes os futuros feitos ,  
Que pelo mar , que já deixais sabido ,  
Virão fazer barões de fortes peitos.  
Agora , pois que tendes apprendido  
Trabalhos , que vos façam ser acceitos  
Ás eternas esposas , e formosas ,  
Que coroas vos tecem gloriosas :

## CXXIII.

Podeis-vos embarcar , que tendes vento  
E mar tranquillo para a patria amada.  
Assi lhe disse : e logo movimento  
Fazem da ilha alegre e namorada :  
Levam refresco , e nobre mantimento ,  
Levam a companhia desejada  
Das nymphas , que hão de ter eternamente ,  
Por mais tempo que o Sol o mundo aquente.

## CXLIV.

Assi foram cortando o mar sereno  
Com vento sempre manso, e nunca irado,  
Até que houveram vista do terreno  
Em que nasceram, sempre desejado.  
Entraram pela foz do Tejo ameno,  
E á sua patria, e Rei temido e amado,  
O premio e gloria dam, porque mandou,  
E com titulos novos se illustrou.

## CXLV.

No mais, Musa, no mais, que a lyra tenho  
Destemperada, e a voz enrouquecida;  
E não do canto, mas de ver que venho  
Cantar a gente surda, e endurecida.  
O favor com que mais se accende o engenho,  
Non-o dá a Patria, não, que está mettida  
No gosto da cobiça, e na rudeza  
D' huma austera, apagada, e vil tristeza.

## CXLVI.

E não sei porque influxo de destino  
Não tem hum ledo orgulho, e geral gosto,  
Que os animos levanta de contino,  
A ter para trabalhos ledo o rosto.  
Por isso vós, ó Rei, que por divino  
Conselho estais no regio solio posto,  
Olhai que sois (e vede as outras gentes)  
Senhor só de vassallos excellentes!

## CXLVII.

Olhai que ledos vam , por varias vias ,  
 Quaes rompentes leões , e bravos touros ,  
 Dando os corpos a fomes , e vigias ,  
 A ferro , a fogo , a settas , e pelouros :  
 A quentes regiões , a plagas frias ,  
 A golpes de Idolátras , e de Mouros ,  
 A perigos incognitos do mundo ,  
 A naufragios , a peixes , ao profundo :

## CXLVIII.

Por vos servir a tudo aparelhados ,  
 De vós tão longe , sempre obedientes ,  
 A quaesquer vossos asperos mandados ,  
 Sem dar resposta , promptos e contentes :  
 Só com saber que sam de vós olhados ,  
 Demonios infernaes , negros , e ardentes  
 Commetterão comvosco , e não duvido  
 Que vencedor vos façam , não vencido.

## CXLIX.

Favorecei-os logo , e alegrai-os  
 Com a presença , e leda humanidade ;  
 De rigorosas leis desalivai-os ,  
 Que assi se abre o caminho á sanctidade :  
 Os mais experimentados levantai-os ,  
 Se com a experiencia tem bondade ,  
 Para vosso conselho ; pois que sabem  
 O como , o quando , e onde as cousas cabem.

## CL.

Todos favorecei em seus officios ,  
Segundo tem das vidas o talento :  
Tenham , Religiosos , exercicios  
De rogarem por vosso regimento ;  
Com jejuns , disciplina , polos vicios  
Communs ; toda ambição terão por vento ;  
Que o bom Religioso verdadeiro  
Gloria vã não pretende , nem dinbeiro.

## CLL.

Os cavalleiros tende em muita estima ,  
Pois com seu sangue intrepido , e fervente ,  
Estendem não somente a Lei de cima ,  
Mas inda vosso imperio preeminente :  
Pois aquelles que a tão remoto clima  
Vos vam servir com passo diligente ,  
Dous inimigos vencem , huns os vivos ,  
E , o que he mais , os trabalhos excessivos.

## CLII.

Fazei , Senhor , que nunca os admirados  
Alemães , Gallos , Italos , e Inglezes ,  
Possam dizer , que sam para mandados ,  
Mais que para mandar , os Portuguezes.  
Tomai conselhos só d' experimentados ,  
Que viram largos annos , largos mezes ;  
Que postoque em scientes muito cabe ,  
Mais em particular o experto sabe.

## CLIII.

De Phormion philosopho elegante  
 Vereis como Annibal escarnecia,  
 Quando das artes bellicas, diante  
 Delle, com larga voz, tratava e lia.  
 A disciplina militar prestante  
 Não se apprende, Senhor, na phantasia,  
 Sonhando, imaginando, ou estudando;  
 Senão vendo, tratando, e pelejando.

## CLIV.

Mas eu que fallo, humilde, baxo e rudo,  
 De vós não conhecido, nem sonhado?  
 Da boca dos pequenos sei com tudo,  
 Que o louvor sahe ás vezes acabado:  
 Nem me falta na vida honesto estudo,  
 Com longa experiencia misturado,  
 Nem engenho; que aqui vereis presente,  
 Cousas que juntas se acham raramente.

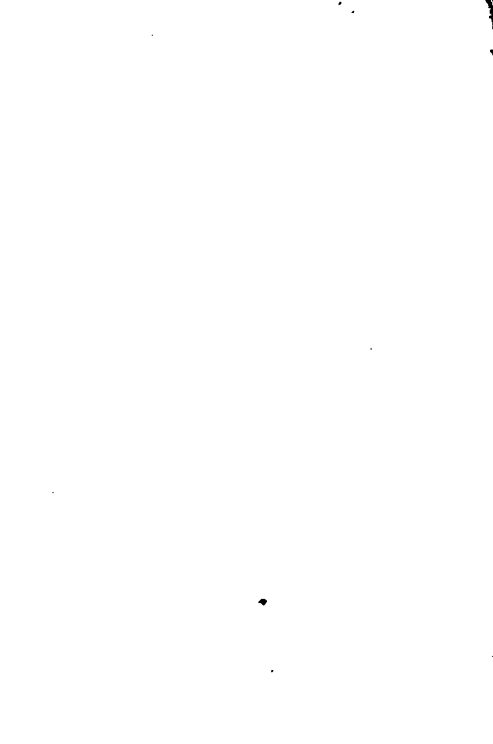
## CLV.

Para servir-vos, braço ás armas feito,  
 Para cantar-vos, mente ás Musas dada,  
 Só me fallece ser a vós acceito,  
 De quem virtude deve ser prezada:  
 Se me isto o ceo concede, e o vosso peito  
 Digna empreza tomar de ser cantada,  
 Como a presaga mente vaticina,  
 Olhando a vossa inclinação divina:

## CLVI.

Ou fazendo que , mais que a de Medusa ,  
A vista vossa tema o monte Atlante ;  
Ou rompendo nos campos de Ampelusa  
Os Mouros de Marrocos , e Trudante :  
A minha já estimada , e leda Musa ,  
Fico que em todo o mundo de vós cante ,  
De sorte que Alexandro em vós se veja ,  
Sem á dita de Achilles ter inveja.





## ERRATA.

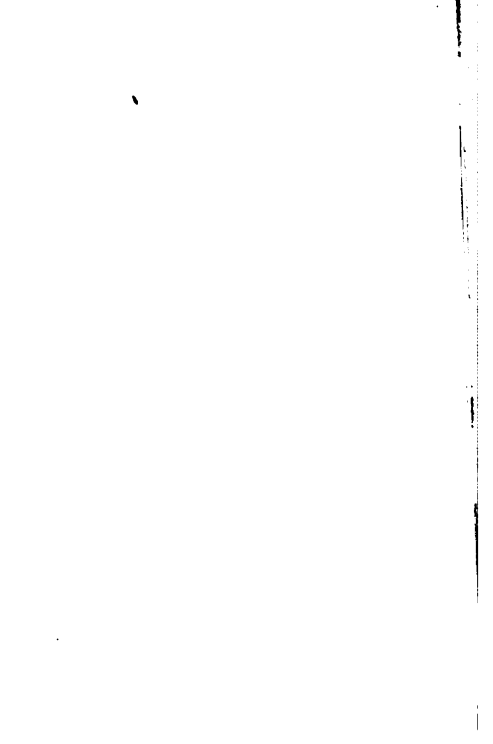
| Pag.       | Stanç.   | Vers. | Erros.   | Correcç. |
|------------|----------|-------|----------|----------|
| 7          | XIII.    | 3     | primei o | primeiro |
| 97         | LXI.     | 3     | du a     | dura     |
| 100        | LXXI.    | 6     | sombria  | sombra   |
| 120        | CXXIX.   | 2     | Entra    | Entre    |
| 131        | XX.      | 7     | deixerão | deixarão |
| 268        | XXVII.   | 7     | nomea.   | nomea ,  |
| <i>ib.</i> | XXVIII.  | 8     | do Rei   | de Rei   |
| 319        | LXXVIII. | 7     | desto    | deste    |
| 325        | I.       | 3     | logo     | lago     |

---



17 - 2





1870  
1871  
1872  
1873  
1874  
1875  
1876  
1877  
1878  
1879  
1880  
1881  
1882  
1883  
1884  
1885  
1886  
1887  
1888  
1889  
1890  
1891  
1892  
1893  
1894  
1895  
1896  
1897  
1898  
1899  
1900



APR 2 1 1932



